



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

THIAGO BRAGA TELES DA ROCHA

**“APELANDO PARA A JUSTIÇA DE DEUS, NA VOZ DA HISTÓRIA”:  
A FABRICAÇÃO DE PASSADOS POR PADRES EM SOBRAL (1922 - 1991)**

Recife

2023

THIAGO BRAGA TELES DA ROCHA

**“APELANDO PARA A JUSTIÇA DE DEUS, NA VOZ DA HISTÓRIA”:  
A FABRICAÇÃO DE PASSADOS POR PADRES EM SOBRAL (1922 - 1991)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História.  
**Área de concentração:** Sociedades, Culturas e Poderes.

**Orientador:** Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Recife

2023

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

- R672a Rocha, Thiago Braga Teles da.  
“Apelando para a justiça de Deus, na voz da História” : a fabricação de passados por padres em Sobral (1922 - 1991). / Thiago Braga Teles da Rocha. – 2023.  
252 f. : il. ; 30 cm.
- Orientador : Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2023.  
Inclui referências.
1. História. 2. Igreja e Estado – Igreja Católica. 3. Historiografia. 4. Padres da Igreja. 5. Sacerdotes. I. Albuquerque Júnior, Durval Muniz de (Orientador). II. Título.

981 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2023-006)

THIAGO BRAGA TELES DA ROCHA

**“APELANDO PARA A JUSTIÇA DE DEUS, NA VOZ DA HISTÓRIA”:  
A FABRICAÇÃO DE PASSADOS POR PADRES EM SOBRAL (1922 - 1991)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História.  
**Área de concentração:** Sociedades, Culturas e Poderes.

**Banca realizada em:** 13 / 02 / 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

**PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

**PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Beatriz Guimarães Neto (Membro Titular Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

**PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro (Membro Titular Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

**PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Prof. Dr. Francisco Dênis Melo (Membro Titular Externo)  
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

**PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Prof. Dr. Temístocles Américo Corrêa Cezar (Membro Titular Externo)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Dedico esta tese ao meu pai, Expedito. Queria que ele pudesse lê-la assim como tantas vezes leu a lembrancinha de colégio que produzi para um “dia dos pais” que trazia em seu dorso: “Papai, te amo. Thiago”.

## AGRADECIMENTOS

Esta tese é produto de uma caminhada que começou bem antes do início do doutorado. Ela traz em si a ajuda, o companheirismo e o amor de muitas pessoas. Sou grato por terem compartilhado comigo um pouco de suas vidas. Obrigado a todos!

Agradeço a minha mãe, Gorete, e ao meu pai, Expedito (*in memoriam*), que sempre sonharam e batalharam para poder me ofertar educação. São muitos anos de esforço, de amor, de carinho e de desafios. Com vocês, aprendi os exemplos a seguir em minha caminhada. Amo vocês.

Agradeço a minha esposa, Laelia, que vivenciou comigo os últimos anos, nos quais passamos por grandes momentos de amor, carinho e companheirismo juntos aos nossos pets, Chardonnay, Fifi e a caçula Bulma. O agradecimento é maior ainda por termos também sofrido juntos com as dores da vida, potencializadas por esse mal da pandemia. Sempre companheira, sempre ao meu lado. Amo você.

Agradeço aos meus avós paternos, Joaquim (*in memoriam*) e Francisca (*in memoriam*), por terem financiado toda minha educação básica, além de todos os momentos que passamos conversando, fazendo com que eu me interessasse, a partir da memória, por coisas do passado. Amo vocês.

Agradeço aos meus avós maternos, José (*in memoriam*) e Marli (*in memoriam*), por todo carinho e exemplo que sempre me deram quando os visitei. Amo vocês.

Agradeço aos meus tios, tias, primos e primas pelo carinho e amor, em especial ao Tio Zezinho (*in memoriam*), que sempre me trouxe acolhimento, e me apresentou a um dos maiores amores que tenho, a Sociedade Esportiva Palmeiras.

Agraço ao meu primo-irmão e afilhado, Matheus, pelo companheirismo que a vida nos deu. Orgulho-me de você a cada dia pela sua humanidade. Amo você.

Agradeço ao meu afilhado Samuel, bem como toda a sua família, por todo amor empreendido em todos esses anos. Amo vocês.

Agradeço a família dos meus compadres Edilberto e Germana, com meu afilhado Bem, meu amigo Heitor e a princesa Lis, por toda acolhida e fraternidade.

Agradeço ao meu amigo Osvaldo pelos conselhos, pelas orientações e pela paciência, nesses tantos anos de amizade, na qual me sinto um irmão mais novo.

Agradeço aos amigos de tempos de Colégio Sobralense, Samuel, Lucas Araújo, Lucas Gadelha e João Filho, pelos mais de vinte anos de companheirismo e paciência.

Agradeço aos amigos que o trabalho me deu ao longo dos anos, Liduína, Cristiane, Gerson e Pauliane, por toda a fraternidade, por todos os diálogos e toda a amizade.

Agradeço ao professor Benedito, amigo de vários anos, que é minha principal referência como educador, que sempre foi um interlocutor amável em tantos momentos dessa vida, e que, muito gentilmente, tirou várias dúvidas sobre o Seminário São José.

Agradeço aos amigos e professores da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, minha primeira casa. Davi, Jaqueline e Tânia, foram sempre meus grandes interlocutores, amigos de viagens e provedores de abrigos nesses tantos anos. Agenor, Viviane, Igor e Christlene sempre foram exemplos de profissionais e de generosidade.

Agradeço aos amigos do Programa de Educação Tutorial do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – PET História UVA, em especial o professor Carlos Augusto e os ex-petianos Adelmo, Daniel, Kim e Aline. A experiência como petiano foi essencial para minha formação como pesquisador.

Agradeço aos amigos do Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará – MAHIS/UECE, representados pela amiga Lia, por todo período que partilhamos.

Agradeço aos amigos do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco – PPGH UFPE, Ewerton, Tereza, Humberto, Agostinho, Giovanni e Hyago, por todo esse período de crescimento que partilhamos em nossas vidas nos últimos anos.

Agradeço ao professor Durval, que sempre foi uma referência de leitura, por ter sido meu orientador, amigo e confidente nesses quatro anos de trabalho. Aprendi muito com suas disciplinas, com suas palestras, com suas conferências, com seus e-mails, com nossas chamadas de vídeo. Foi uma viagem fantástica. Sonhei com ela por anos e sinto-me realizado em ter conseguido vivenciar isso. Obrigado, querido.

Agradeço ao professor Dênis, meu amigo de longa data, que sempre me inspirou e me ajudou, desde os tempos de UVA, e participou de todas as bancas de minha formação até aqui. Quando crescer, quero ser que nem você, Dênis! Prometo lhe devolver os livros, amigo.

Agradeço a professora Regina, por suas doces aulas, sempre com um sorriso no rosto, mas também pelo grande empenho nas artes do ensino, que teve grande paciência em nos ajudar a ler e discutir melhor importantes textos e temas ao longo das aulas do doutorado.

Agradeço ao professor Montenegro, que em nosso contato sempre foi muito acolhedor, destacando profundidades de discussões articuladas por uma metodologia lógica, ministrada com firmeza, mas sem perder a ternura.

Agradeço ao professor Temístocles Cezar, grande inspiração e referência nas leituras, pela simpatia e receptividade, especialmente no Simpósio Temático *Teoria da História e História da Historiografia*, ao longo das últimas edições do Simpósio Nacional de História.

Agradeço ao professor Rezende, por sua amabilidade, por sua receptividade e pela sua sensibilidade que me inspirou em todos os contatos, em especial em nossos almoços partilhados no restaurante do bloco da Artes.

Agradeço a professora Edvanir, por sua generosidade, por sua prontidão e pelos seus conselhos, que me proporcionaram oportunidades de crescimento e amadurecimento em minha trajetória.

Agradeço a Sandra, anjo da guarda de nós no PPGH-UFPE. Em vários momentos, sua agilidade e eficiência, sempre mediadas por grande educação e simpatia, foram vitais para o cumprimento das demandas dessa caminhada.

Agradeço aos amigos da Escola Estadual de Educação Profissional Monsenhor José Aloysio Pinto que sempre me apoiaram durante esse processo de escrita. Mauro, Sérgio, Luvanor, Valéria, Flávio, André, Márcia e demais professores e funcionários da escola que me ajudaram de diferentes formas.

Agradeço aos alunos que fizeram parte da minha caminhada na EEEP Monsenhor José Aloysio Pinto, bem como da Escola de Ensino Médio de Tempo Integral Monsenhor José Gerardo, do Colégio Luciano Feijão, do Colégio Menino Jesus e da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Não faz sentido para mim a pesquisa sem o ensino. Sem vocês, não teria feito este trabalho.

Agradeço ao Governo do Estado do Ceará, do qual sou servidor público, nas pessoas do ex-Governador Camilo Santana e da ex-Governadora Izolda Cela, pelo afastamento concedido entre março de 2019 e agosto de 2021, o que propiciou cursar as disciplinas do doutorado, bem como fazer o levantamento de fontes e a escrita dos rascunhos desta tese.

Enfim, agradeço a você, leitor, que está a se debruçar por este trabalho que tanto consumiu energias por todos esses anos. Rogo que ele tenha relevância social e acadêmica e que em ti provoque deslocamentos.



Jesus morre, morre, e já o vai deixando a vida, quando de súbito o céu por cima da sua cabeça se abre de par em par e Deus aparece, vestido como estivera na barca, e a sua voz ressoa por toda a terra, dizendo, Tu és meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência. Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício, que a sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio, e, subindo-lhe à lembrança o rio de sangue e de sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra, clamou para o céu aberto onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> SARAMAGO, José. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras [Cia de Bolso], 2010. p. 374.

## RESUMO

Ao longo de sua história, a cidade de Sobral foi apresentada por diferentes atores sociais como modelo. Este movimento tem grande relação com as narrativas historiográficas que foram produzidas, especialmente, por clérigos durante o século XX. Neste trabalho, são estudados textos escritos por sacerdotes católicos responsáveis por realizarem fabricações de passados sobre a cidade de Sobral, por meio da historiografia e de outros gêneros, como biografias, genealogias e livros de memórias, publicados entre os anos de 1922 e 1991. Tais textos são tratados como referências para a historiografia contemporânea e para o poder público e foram fundamentais para a construção de identidades e para o ordenamento do tempo em Sobral. Analisa-se o *lugar social*, a *prática* e a *escrita* das obras de cinco clérigos (Fortunato Alves Linhares, Vicente Martins da Costa, dom José Tupinambá da Frota, João Mendes Lira e Francisco Sadoc de Araújo), divididos em duas gerações, problematizando-se, a partir das respectivas operações historiográficas, as definições de arquivos, as construções de conceitos e a consolidação de narrativas historiográficas que proporcionaram a montagem de imagens sobre a cidade de Sobral que foram apropriadas, ao longo do tempo, pelo poder público, consolidando visões idealizadas de uma cidade modelar, católica e branca, que deveria ter seu modelo exportado para outras espacialidades. No primeiro capítulo, estuda-se sobre os protagonistas da escrita da história na cidade, tentando entender o *lugar social* de cada um. No capítulo seguinte, realiza-se uma análise sobre o fazer historiográfico realizado pelos clérigos, adentrando na *prática* e na *escrita* da história. No terceiro capítulo, analisa-se a construção de autoimagens associadas que ajudam a compor o conceito de *sobralidade*, fundamental para a política em Sobral. Por fim, no quarto capítulo, reflete-se sobre a produção de discursos na história, e a utilização destes pelo poder público, acerca das expedições para verificação da Teoria da Relatividade, no ano de 1919.

**Palavras-chave:** sacerdotes; historiografia; Sobral.

## ABSTRACT

Throughout its history, the city of Sobral was presented by different social actors as a model. This movement has a great relation with the historiographical narratives that were produced, especially, by clerics during the 20th century. In this work, we study texts written by Catholic priests responsible for fabricating pasts about the city of Sobral, through historiography and other genres, such as biographies, genealogies and memoirs, published between the years 1922 and 1991. Such texts are treated as references for contemporary historiography and for the public power and were fundamental for the construction of identities and for the ordering of time in Sobral. The *social place*, the *practice* and the *writing* of the works of five clerics (Fortunato Alves Linhares, Vicente Martins da Costa, dom José Tupinambá da Frota, João Mendes Lira and Francisco Sadoc de Araújo), divided into two generations, are analyzed, problematizing, from the respective historiographical operations, the definitions of archives, the constructions of concepts and the consolidation of historiographical narratives that provided the assembly of images about the city of Sobral that were appropriated, over time, by the public power, consolidating idealized visions of a model city, Catholic and white, which should have its model exported to other spatialities. In the first chapter, we study the protagonists of the writing of history in the city, trying to understand the *social place* of each one. In the following chapter, an analysis is carried out on the historiographical work done by the clerics, entering the *practice* and the *writing* of history. In the third chapter, the construction of associated self-images is analysed, which help to compose the concept of *sobralidade*, fundamental to politics in Sobral. Finally, in the fourth chapter, we reflect about the production of discourses in history, and the use of these by the public power, about the expeditions to verify the Theory of Relativity, in the year 1919.

**Keywords:** priests; history of historiography; Sobral.

## RESUMEN

A lo largo de su historia, la ciudad de Sobral fue presentada por diferentes actores sociales como un modelo. Este movimiento tiene una gran relación con las narrativas historiográficas que fueron producidas, especialmente, por clérigos durante el siglo XX. En este trabajo, estudiamos textos escritos por sacerdotes católicos responsables de fabricar pasados sobre la ciudad de Sobral, a través de la historiografía y otros géneros, como biografías, genealogías y memorias, publicados entre los años 1922 y 1991. Tales textos son tratados como referencias para la historiografía contemporánea y para el poder público y fueron fundamentales para la construcción de identidades y para el ordenamiento del tiempo en Sobral. Se analizan *el lugar social*, la *práctica* y la *escritura* de las obras de cinco clérigos (Fortunato Alves Linhares, Vicente Martins da Costa, dom José Tupinambá da Frota, João Mendes Lira y Francisco Sadoc de Araújo), divididos en dos generaciones, problematizando, a partir de las respectivas operaciones historiográficas, las definiciones de archivos, las construcciones de conceptos y la consolidación de narrativas historiográficas que proporcionaron el montaje de imágenes sobre la ciudad de Sobral que fueron apropiadas, a lo largo del tiempo, por el poder público, consolidando visiones idealizadas de una ciudad modelo, católica y blanca, que debería tener su modelo exportado a otras espacialidades. En el primer capítulo, se estudian los protagonistas de la escritura de la historia en la ciudad, intentando comprender el *lugar social* de cada uno. En el capítulo siguiente, se analiza el trabajo historiográfico realizado por los clérigos, adentrándose en la *práctica* y la *escritura* de la historia. En el tercer capítulo, se analiza la construcción de autoimágenes asociadas, que ayudan a componer el concepto de *sobralidade*, fundamental para la política en Sobral. Finalmente, en el cuarto capítulo, se reflexiona sobre la producción de discursos en la historia, y la utilización de éstos por el poder público, sobre las expediciones para verificar la Teoría de la Relatividad, en el año 1919.

**Palabras clave:** sacerdotes; historia de la historiografía; Sobral.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Localização do Município de Sobral no Mapa do Ceará .....	35
Figura 2 -	Trecho de “No passado...”, de Sobral Solar .....	37
Figura 3 -	Sobral “com olhos no futuro”, ou seria no passado? .....	38
Figura 4 -	Modernidade e Tradição .....	38
Figura 5 -	Largo da Catedral da Sé e Mercado Público de Sobral no início do Século XX .....	41
Figura 6 -	Seminário Diocesano São José, em data imprecisa .....	42
Figura 7 -	Centro da cidade de Sobral (1957) .....	43
Figura 8 -	Arco de N.S. de Fátima nos anos 1950 .....	44
Figura 9 -	Padre Fortunato Alves Linhares .....	49
Figura 10 -	Padre Vicente Martins da Costa (1880-1948) .....	52
Figura 11 -	Dom José Tupinambá da Frota (1882-1959) .....	55
Figura 12 -	Padre João Mendes Lira (1925-2005), Fotografia de 1963 .....	58
Figura 13 -	Padre Francisco Sadoc de Araújo (1931) .....	61
Figura 14 -	Reitoria da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (antigo anexo do Seminário São José), com destaque, à direita, para a estátua de dom José Tupinambá da Frota .....	67
Figura 15 -	Dom José com padres formadores e seminaristas, no Seminário São José, Betânia – década de 1940 .....	70
Figura 16 -	Bandeira do Município de Sobral .....	108
Figura 17 -	Brasão da Diocese de Sobral .....	120
Figura 18 -	Monsenhor Fortunato Alves Linhares, Padre Domingos Gusmão, dom José Tupinambá da Frota e o então deputado federal Parsifal Barroso, em 1955 ...	136
Figura 19 -	Ivo Ferreira Gomes e a Estátua de Albert Einstein .....	185
Figura 20 -	Folder “Encontro Internacional Centenário do Eclipse de Sobral” .....	186
Figura 21 -	Material de Divulgação do Evento “Centenário do Eclipse de Sobral” .....	187
Figura 22 -	Monumento ao Eclipse Total do Sol, construído a mando de Henrique Morize (à esquerda) .....	191
Figura 23 -	Monumento em referência ao Eclipse de 1919 construído na década de 1970.....	191
Figura 24 -	Palacete do Cel. Vicente Saboya, local de hospedagem para as comissões inglesa e estadunidense .....	206

Figura 25 -	Placa em menção à hospedagem das comissões científicas .....	207
Figura 26 -	Museu do Eclipse, Praça do Patrocínio .....	208
Figura 27 -	Planetário de Sobral (centro), Igreja do Patrocínio (esquerda) e Museu do Eclipse (direita) .....	209
Figura 28 -	Eclipse Total do Sol de 29 de maio de 1919 .....	219
Figura 29 -	Capa de “Onde a luz fez a curva” .....	221
Figura 30 -	Apresentação da cidade de Sobral por Sobralito .....	222
Figura 31 -	Representação da observação do Eclipse de 1919 na Revista “Onde a luz fez a curva” .....	224
Figura 32 -	Frame da cena de abertura de “Onde a luz fez a curva” .....	226
Figura 33 -	Reprodução de dom José em “Onde a luz fez a curva” .....	226
Figura 34 -	Comissões científicas desembarcando em Camocim .....	227
Figura 35 -	Os supostos apertos de mão entre dom José e membros das comissões .....	228
Figura 36 -	Comissões na Praça do Patrocínio e Redação de Jornal de Sobral .....	229
Figura 37 -	Representação de Einstein falando a jornalistas no Rio de Janeiro e de um jornalista questionando a importância do Brasil para o evento, em 1925 .....	229
Figura 38 -	Projeto vencedor do “Concurso Nacional – Monumento da Luz” .....	235

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	16
1.1	UMA PESQUISA MOVIDA A AFETOS .....	20
1.2	O PORQUÊ DESTA PESQUISA .....	24
1.3	COMO FOI REALIZADA ESTA PESQUISA .....	27
<b>2</b>	<b>“COM OS OLHOS POSTOS NO PASSADO”: SOBRAL E SEUS PADRES FABRICADORES DE PASSADOS</b> .....	31
2.1	SOBRAL SOLAR? IMAGENS DO PASSADO PARA O PRESENTE.....	34
2.2	OS PADRES FABRICADORES DE PASSADOS DE SOBRAL .....	47
<b>2.2.1</b>	<b>A primeira geração de padres produtores de passados</b> .....	49
<b>2.2.2</b>	<b>A segunda geração de padres produtores de passados</b> .....	57
<b>2.2.3</b>	<b>O Seminário Diocesano São José</b> .....	64
2.3	AS “NOTÍCIAS DA FREGUESIA DA CAIÇARA” E A TENTATIVA DE TRANSFORMÁ-LA NA FUNDAÇÃO DA HISTORIOGRAFIA DE SOBRAL ...	74
<b>3</b>	<b>“FAZER A HISTÓRIA DO VALE DO ACARAÚ”: ARQUIVOS, CONCEITOS E ORDEM DO TEMPO NAS OBRAS DOS PADRES FABRICADORES DE PASSADOS DE SOBRAL</b> .....	82
3.1	LIVROS COMO ARQUIVOS OU ARQUITEXTOS: A HISTÓRIA MEDIADA PELOS PADRES EM SOBRAL.....	83
3.2	FAZER HISTÓRIA: PRÁTICAS E VISÕES DE HISTÓRIA DOS PADRES FABRICADORES DE PASSADOS DE SOBRAL.....	95
3.3	A HISTORIOGRAFIA EM SOBRAL COMO PRODUTORA DE UMA ORDEM DO TEMPO .....	105
3.4	MEMÓRIA MANIPULADA: SILENCIAMENTOS NA ESCRITA DA HISTÓRIA EM SOBRAL .....	123
<b>4</b>	<b>“HERÓIS DA CIVILIZAÇÃO E DA FÉ”: SOBRALIDADE E AUTOIMAGENS NA FABRICAÇÃO DE PASSADOS EM SOBRAL</b> .....	133
4.1	A SOBRALIDADE: ENQUADRAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS DO PASSADO PARA UM FUTURO?.....	134
4.2	A GENEALOGIA COMO FORMA DE GARANTIR RAÍZES À “MÃE-FECUNDA” .....	158
4.3	ARQUEOLOGIA DO NARRAR BIOGRÁFICO DOS PADRES DE SOBRAL...	170
<b>4.3.1</b>	<b>As produções de biografias pelos clérigos de Sobral</b> .....	173

4.3.2	As hagiobiografias de Vicente Martins da Costa .....	176
4.3.3	Lira e Sadoç: escritas entre afetos e repetições .....	179
5	<b>“A INTERNACIONALIZAÇÃO DE SOBRAL É UM FATO INCONTESTE”: AS IMAGENS DE SOBRAL, EINSTEIN E DO ECLIPSE DE 1919 E SUAS CONSTANTES RELEITURAS</b> .....	184
5.1	A SOBRAL DE 1919 E A INTERPRETAÇÃO DO EVENTO PELA PRIMEIRA GERAÇÃO DE PADRES FABRICADORES DE PASSADOS: UM EVENTO ESTRANHO?.....	189
5.2	LIRA E SADOÇ: “INTERNACIONALIZAÇÃO” E ORDENAÇÃO DO ECLIPSE .....	194
5.3	MÚLTIPLAS VISÕES OU APENAS UMA PERSPECTIVA?.....	207
5.4	“ONDE A LUZ FEZ A CURVA”: A IMAGEM E O MOVIMENTO.....	218
5.5	“EINSTEIN NO CEARÁ” – A FICÇÃO A SERVIÇO DA HARMONIA DOS DISCURSOS .....	230
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	237
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	242



## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“Life down here is just a strange illusion.”<sup>2</sup>*

Imaginemos um visitante vindo a Sobral. Chegando à cidade, de ônibus, atravessam-se as pontes sobre o Rio Acaraú para adentrar o centro da urbe. Sobre qualquer uma das pontes, seja a mais antiga, Oton de Alencar, ou a mais nova, Prefeito José Euclides, vê-se as imponentes torres de igrejas, junto aos sobrados, convivendo com um ou outro prédio de no máximo três andares, que formam uma imagem, quase que um quadro ensaiado, o que deve ser visto pelo visitante da cidade.

Após desembarcar na rodoviária, logo na saída, vê-se um mapa cultural, apontando os principais pontos que um visitador deve passar por Sobral. Os símbolos da Igreja Católica são os protagonistas. Se visitarmos alguns dos pontos indicados, percebemos que, pelo discurso oficial, a história da cidade parece ser a história da própria Igreja, seja a sua fundação atrelada à presença católica e fundação do primeiro templo em terras doadas da antiga Fazenda Caiçara, seja pelas realizações do primeiro bispo da cidade, sujeito que parece um fantasma onipresente, ou talvez um semióforo, nos discursos políticos contemporâneos, dom José Tupinambá da Frota.

Cresci em meio a esses discursos. Convivi, desde os sete anos, com diversas narrativas sobre a cidade, reproduzidas na escola, na família, na igreja... Na Universidade, uma pergunta foi, então, amadurecendo: como foi fabricada a história de Sobral, que torna a Igreja Católica protagonista e a cidade, um modelo a ser seguido? Percebi que essa história é narrada, basicamente, por padres, que atuavam como historiadores e assim imprimiam a presença da Igreja Católica, sem críticas, como protagonista da cidade. É sobre essa temática que se trata esta tese, o estudo acerca da fabricação de passados por padres sobre a cidade de Sobral.

No processo de fabricação de passados, os clérigos adotaram diferentes personas. Foram memorialistas, biógrafos, genealogistas, cronógrafos, mas sempre flertando com a história. Foram, em especial, historiadores. Padres e historiadores, dois substantivos que se articulam e se combinam na dupla função exercida por esses sujeitos. Não olho para os clérigos que escreveram diversas narrativas sobre a história de Sobral como pessoas que tinham apenas o *hobby* de escrever histórias, tornando esse lugar de autoria como um adendo às suas funções eclesiásticas. Observo-os como autores que, em muitas de suas obras, seguiram métodos de pesquisa, realizaram levantamentos de documentos e bibliografia, fizeram seleções de temas e

---

<sup>2</sup> HARRIS, Steve [Iron Maiden]. *Hallowed Be Thy Name*. Londres: EMI, 1982. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HAQQUDbuudY>. Acesso em: 27 de jan. de 2022.

eventos e escreveram histórias, a partir de seus lugares sociais de produção, para serem consumidas além dos muros da Igreja Católica. Da mesma forma, não observo estes escritores desassociados da filiação institucional, da fé e de interesses religiosos. Eles foram, em grande parte do tempo de suas vidas, historiadores enquanto padres, e padres enquanto historiadores.

Os casos desses clérigos são atravessados pela problemática do que é ser historiador, em diferentes décadas do século XX, em uma cidade média, desarticulada das discussões acadêmicas que aprimoraram o saber historiográfico como disciplina. Certamente, se avaliássemos os trabalhos desses autores deixando de lado o seu local e o seu momento de produção, levando em conta toda a articulação acadêmica contemporânea, sua produção estaria mais distante do que hoje consideramos historiografia. Não havia debate teórico profundo, articulação com autores de outras instituições ou até mesmo uma operação de crítica profunda na elaboração dos enredos e das problemáticas. A história escrita por esses padres não é uma “história problema”. Todavia, tomando como referência os trabalhos dos historiadores Temístocles Cezar, *Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen*<sup>3</sup>, e François Hartog, *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*<sup>4</sup>, podemos defender que a história da historiografia, assim como qualquer outra problemática estudada por um historiador, deve levar em conta as duas principais dimensões da história, *tempo e espaço*, entendendo que as rupturas, mas também as continuidades, atravessam essas dimensões, produzindo diferentes formas de produção da escrita da história.

Além do mais, os padres foram recepcionados pela comunidade de historiadores da época como sendo pares. Foram tomados como referência de pesquisa, de domínio das fontes e de construção de uma ordem do tempo para a história da cidade, mesmo pelos historiadores acadêmicos que os sucederam. É certo que toda a crítica aos conceitos e as formas de produção devem ser feitas, levando em conta o tempo e o espaço de suas produções. Mas as obras aqui estudadas são, em grande parte, histórias, que devem ser problematizadas em razão de seu contexto de produção. Ou seja, elas são frutos de conhecimentos organizados (ou mutilados, como diria Paul Veyne), seguindo métodos de pesquisa, definição de fontes e arquivos bem como obedecendo a certas temáticas definidas por seus autores, ligados a instituições, como a Igreja Católica e o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, mesmo que sem manterem diálogo com a produção historiográfica acadêmica de suas épocas.

---

<sup>3</sup> CEZAR, Temístocles. *Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

<sup>4</sup> HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

Dessa forma, nosso título, “*Apelando para a justiça de Deus, na voz da história*”: a fabricação de passados por padres em Sobral (1922 - 1991), tenta dar conta da problemática central de nosso trabalho, que é como a fabricação de passados, especialmente por meio do gênero historiográfico, que criou uma identidade para a cidade, a partir da visão de um grupo de clérigos, que associaram a história de Sobral à história da Igreja Católica nesse espaço. O título, entre aspas, é uma citação de dom José Tupinambá da Frota (1882-1859), da sua obra *O livro inédito de Dom José Tupinambá da Frota: 1º bispo de Sobral*<sup>5</sup>, publicada após a morte do prelado por outro padre, João Mendes Lira, em 1991, no qual dom José afirmava que, com a história, provaria ter razão em contendas contra rivais contemporâneos, como o Dr. José Saboya de Albuquerque.

A ideia de “fabricação de passados”, em nosso subtítulo, provém da perspectiva de Michel de Certeau de que a atividade do historiador é o *fazer história*. Certeau, em seu famoso texto *A operação historiográfica*, pergunta: “O que *fabrica* o historiador quando ‘faz história’? Para quem trabalha? Que produz?”<sup>6</sup>. A resposta a essa pergunta, de forma resumida, é que o historiador produz um *discurso*, uma escritura, a partir de um dado *lugar social* e mediado por *práticas disciplinares*. A imagem da “máquina”, componente de uma “fábrica”, é utilizada pelo autor para metaforizar a atividade do historiador. Para Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Certeau considera que “A historiografia seria uma maquinaria narrativa que usinaria o passado, buscando dar forma à mecânica que azeitaria os processos que se desenrolaram em dado tempo e espaço”<sup>7</sup>, ainda completando que “para Certeau, as maquinações se davam na hora da fabricação da narrativa histórica”<sup>8</sup>.

No entanto, para Albuquerque Júnior, as imagens fabris utilizadas por Certeau, e por Karl Marx, não são adequadas para figurarem o trabalho realizado pelo historiador. A metáfora sugerida por ele é outra: “O trabalho do historiador me parece ter mais analogia com o trabalho artesanal do que com o trabalho na grande indústria. O historiador me parece habitar mais um ateliê do que um espaço fabril”<sup>9</sup>. Creio que as duas metáforas façam sentido na hora de se pensar o ofício do historiador. Enquanto na visão de Certeau, de fato, a historiografia se assemelharia a uma linha de montagem de discursos, a perspectiva de Albuquerque Júnior enfatiza a

<sup>5</sup> FROTA, dom José Tupinambá da. *O livro inédito de Dom José Tupinambá da Frota: 1º Bispo de Sobral*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1991. p. 7.

<sup>6</sup> CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 65.

<sup>7</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019. p. 27.

<sup>8</sup> *Ibidem*. p. 28.

<sup>9</sup> *Idem*.

dimensão criativa, artística, consoante a sua visão da escrita da história como *arte de inventar o passado*. No meu modo de ver, as duas formas de escrever história são possíveis.

Não obstante, os clérigos que produziram passados para Sobral se comportaram como se estivessem em uma linha de montagem, em que a estética, a criatividade ou a arte são deixadas de lado em prol de uma reprodução incessante de discursos com as mesmas estruturas, que vão de uma obra a outra, de um autor a outro. Os padres que escreveram a história de Sobral realizaram todas as fases de seu processo de produção de passados comandados por um dado *lugar social*, que delimitava suas *práticas* e, em grande medida, definia as composições das *intrigas* que elaboravam, produtos tão assemelhados que parecem ter saído de uma *linha de produção*.

Suas escolhas não se deram graças à atuação da Providência. Como afirma Paul Veyne, “Os historiadores narram tramas, que são tantas quantos forem os itinerários traçados livremente por eles, através do campo factual bem objetivo”<sup>10</sup>. Realizam, portanto, a toda hora escolhas. Ao optarem, em seu processo de criação, por reproduzirem enunciados de autores anteriores, reforçam filiações e uma ideia de continuidade.

De modo geral, as histórias foram articuladas com textos de memórias, com genealogias, com biografias ou com outras formas de fabricação de narrativas sobre o passado. Iremos, no decorrer desta tese, realizar a distinção entre os textos historiográficos e os de outros gêneros que auxiliaram nessa produção, evidenciando que, mesmo ao escreverem de outras formas sobre o passado, os padres continuavam a se ver como historiadores.

Cercando a problemática central, foram formulados problemas que foram definidos ao longo da experiência de pesquisa. Quem eram os padres que escreveram as principais narrativas da história de Sobral? Que arquivos esses clérigos elegeram para suas narrativas? Que seleções fizeram? O que a narrativa produzida almejava? Que usos dessas narrativas foram realizados? Por isso, de maneira geral, objetivamos nesta pesquisa estudar a forma como foram fabricados os livros e artigos dos padres, levando em conta seu lugar social de produção, suas escolhas teóricas e metodológicas, os conceitos trabalhados e os usos que essa historiografia teve ao longo tempo. Todavia, como disse há pouco, não sou um sujeito que desembarca como turista na cidade, sou um praticante dela. O tema, os problemas e os objetivos estão ligados à minha experiência de vida, como sujeito e como pesquisador.

---

<sup>10</sup> VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014. p. 45.

## 1.1 UMA PESQUISA MOVIDA A AFETOS

Começo este texto introdutório refletindo o porquê desta pesquisa. Para além das justificativas sociais e acadêmicas, que oportunamente também citarei, o início se dá com o impulso afetivo. Vivo em Sobral desde pouco antes de completar sete anos de idade. Nasci em Fortaleza, em 1990. Pouco depois fui com meus pais viver em Coreaú (cidade próxima a Sobral) e, quando eu estava prestes a completar três anos, minha família decidiu migrar para São Paulo. Lá, minha mãe tinha oito de seus nove irmãos vivendo como eletricitas, garçons, auxiliares administrativos, cozinheiros, diaristas etc. Parecia pouco, mas era uma realidade melhor que a vivenciada no Ceará, com meus pais desempregados.

Entre os anos de 1993 e 1997, vivemos a maior parte do tempo em Guarujá, cidade litorânea de São Paulo, com meu pai trabalhando como garçom em algumas pizzarias e auxiliar de serviços gerais em uma escola, enquanto minha mãe fazia bicos de faxineira e vendia perfumes, calcinhas, sutiãs e vasilhas. Eles construíram uma casa pequena com muito esforço e, depois de “bater a laje”, meu pai resolveu voltar para sua cidade natal, Sobral. Vendeu-se a casa, arrumou-se as malas e em fevereiro de 1997, depois de uma longa viagem de ônibus, cheguei à cidade que vivo até hoje. Em Sobral, meu pai conseguiu comprar um apartamento com o dinheiro da venda da casa do Guarujá. Ele brincava que trouxe aquela casinha nas costas. As experiências que tive, desde então, explicam um pouco dessa pesquisa.

Meus pais eram bastante católicos. Talvez por conta do alcoolismo do meu pai – que infelizmente foi a causa da sua morte, em 2013, com apenas 53 anos – havia sempre um sentimento de culpa misturado com os de esperança e devoção no seio familiar. Quando sóbrio, meu pai ia à missa ou rezava um terço todos os dias junto à minha mãe. Participaram de comunidades católicas, em especial uma de “renovação carismática”, a *Rainha da Paz*, e como eu sou filho único, acabava sempre por acompanhá-los durante a infância nesses eventos.

Quando eu tinha cerca de dez anos de idade, comecei a ajudar em missas, como coroinha, em uma capelinha privada na esquina da minha rua. O monsenhor Sabino Guimarães Loyola, já nonagenário, afastado de cargos e funções da Igreja Católica, celebrava suas missas diárias em um cômodo da sua casa. Meus pais e eu acabávamos por tê-lo como confessor. Como criança, via nele um velhinho dedicado, firme e muito voltado para sua função como sacerdote. Motivado pela minha mãe, cogitei por certo tempo seguir a carreira sacerdotal, algo logo abandonado ainda na pré-adolescência. Fiquei cerca de um ano ajudando missas do monsenhor Sabino.

Posteriormente, continuei a ser coroinha até os dezessete anos, depois na Capela da Sagrada Família, distante um quarteirão da casa do monsenhor Sabino e, por fim, aos domingos pela manhã, na Igreja de N.S. do Patrocínio. Não à toa, meu apelido na escola era “Padre”. É a alcunha que sou chamado até hoje pelos amigos de escola daquele tempo, em especial quando estamos jogando bola.

Estudei desde a 4ª série do Ensino Fundamental (hoje 5º ano) até o 1º ano do Ensino Médio no Colégio Diocesano Sobralense (2001-2006). Minhas paixões como estudante eram as disciplinas de humanidades, além, especialmente, de jogar futsal no time da escola. Fundado em 1934 por dom José Tupinambá da Frota, o Colégio Sobralense era um colégio para a elite. Meus avós paternos, aposentados, financiaram com esforços esses estudos. Todo ano comemorávamos o aniversário da escola no dia 5 de maio, aniversário do monsenhor José Aloysio Pinto, primeiro diretor da escola, apesar da instituição ter sido fundada em fevereiro. Recebíamos a visita do então bispo, Dom Aldo Di Cillo Pagotto, que inclusive dava nome à biblioteca do Colégio Sobralense. Cresci, assim, nesse contexto de vivência católica em casa, na escola e ajudando em missas. Mas, com cerca de dezessete anos, afastei-me da Igreja Católica. Nessa época estava mais ligado à música, aos flertes e a outros interesses.

Com dezoito, vieram os vestibulares, e assim escolhi o curso que, durante toda a educação básica, encantou-me, a Licenciatura em História, sendo aprovado no vestibular da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Desde criança, eu viajava pelas narrativas do passado, seja nas produções ficcionais (telenovelas, filmes e livros), seja ao ouvir meus avós falarem de sua juventude, seja me encantando pelas aulas na escola. Após um primeiro semestre de disciplinas “básicas”, que cursávamos no Núcleo de Disciplinas Complementares – NDC, entre 2009 e 2013 cursei os oito semestres finais do Curso de História no Centro de Ciências Humanas – CCH. Como a maioria dos estudantes de história, a concepção que eu tinha antes do curso era totalmente diferente da vivenciada na universidade. Logo me encantei, especialmente pela dimensão teórica da história. O contato com os autores sempre me estimulou. A história da historiografia, narrada em conjunto com aspectos teóricos, fazia-me viajar pelas leituras.

Desde o começo do curso éramos motivados a já escolhermos algum objeto de pesquisa, que poderia virar nosso trabalho de conclusão de curso. Escolhi, a princípio, pesquisar uma contradição que me afetava desde a época da escola. Eu estudei em salas de aula que foram instaladas dentro do espaço original da Capela São José do Colégio Sobralense. Ou seja, a capela foi reformada e transfigurada em sala de aula, perdendo sua identidade religiosa internamente, apesar de todos os signos externos se manterem. Quem observava de fora, via

uma capela. Mas, por dentro, aquele lugar tinha outro uso. Era um conjunto de salas de aula. A pesquisa “Não é mais capela” não vingou, mas foi um exercício que mostrava desde o começo do curso que minhas experiências passadas inquietavam meu fazer historiográfico.

No primeiro semestre de 2010, enquanto cursava o terceiro período da graduação, comecei a lecionar em uma pequena escola da cidade, o Colégio Menino Jesus. Desde então, passando por várias escolas, particulares e públicas, divido minhas atenções de pesquisa com as de ensino. No segundo semestre daquele mesmo ano, no quarto período do curso, então, dois acontecimentos foram muito marcantes. Primeiramente, conheci e construí amizade com o professor Francisco Dênis Melo, que estava afastado do Curso de História da UVA para estudos de Doutorado na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Ele ministrou duas oficinas no segundo semestre de 2010 sobre história local. Fiquei encantado. Criamos vínculos e ele passou a ser meu orientador. Foram incontáveis as oportunidades em que ele falava com carinho de seus professores, em especial Rezende, Regina e Montenegro. As narrativas das interações e orientações com o seu orientador, professor Durval Muniz, também me encantavam. Desde logo, quis ter experiências similares àquelas no futuro.

O segundo fato marcante daquele período foi a seleção para a primeira turma do Programa de Educação Tutorial – PET, do Curso de História da UVA, ocorrida em novembro de 2010. Liderado pelo professor tutor Carlos Augusto Pereira dos Santos e em parceria com diversos colegas bolsistas, pude vivenciar o famoso tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão, tendo como foco do PET a preservação documental. Fiquei no PET até junho de 2012 e foi uma experiência fantástica para a minha formação como historiador.

Trabalhei basicamente na catalogação, conservação e digitalização do jornal *Correio da Semana*, fundado pela Diocese de Sobral em 1918 no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica – NEDHIS, vinculado ao Curso de História da UVA. Ao passar pelos jornais dos anos 1940, cruzei muito com artigos de autoria do então padre Sabino Guimarães Loyola. Isso me inquietou. Encontrar nas páginas dos documentos uma outra faceta do clérigo que tanto ajudei em missas me impulsionou a escrever a minha monografia “*Os discursos da boa imprensa: a atuação e os discursos da Igreja Católica em Sobral (1941-43)*”. Dênis me orientou. Apresentei a monografia em maio de 2013 e coleí grau em julho daquele ano.

O contato com a documentação existente no NEDHIS foi fundamental na minha jornada como historiador. Mesmo que optando por uma discussão ligada ao Ensino de História durante minha especialização em Ensino de História do Ceará, entre os anos de 2014 e 16, com o trabalho de conclusão “*E se a Escola fosse à Universidade?: Teoria e Pesquisa em História na experiência educacional da Escola Monsenhor José Gerardo Ferreira Gomes (2015)*”, o

NEDHIS era o palco para o desenlace do trabalho, já que eu narrava justamente a experiência de ter levado minhas turmas de Ensino Médio ao Centro de Ciências Humanas – CCH da UVA e, especificamente, ao NEDHIS, para terem um primeiro contato com um arquivo tradicional.

Ao escolher uma temática para a seleção do mestrado (2015), realizada no programa de Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS-UECE), optei mais uma vez por me debruçar sobre documentações que existiam no NEDHIS (cartas, jornais, planos de implantação da rede elétrica da cidade de Sobral). Elegendo também outros arquivos, como a Hemeroteca da Biblioteca Menezes Pimentel, o acervo de periódicos do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, e a Hemeroteca da Biblioteca Nacional, onde me debrucei novamente em uma pesquisa que tinha a Igreja Católica como protagonista de tensões políticas.

Em *"De quem é Sobral?": as práticas letradas, as tensões políticas e a luta pela temporalidade na Igreja Católica (1945-1953)*, pesquisei acerca de disputas políticas que a Igreja Católica se envolveu em Sobral, tendo dom José e o padre Sabino como protagonistas, a partir da produção discursiva existente principalmente em variados jornais, de circulação local, estadual e nacional, especialmente em oposição ao grupo do ex-juiz Dr. José Saboya de Albuquerque, principal rival do bispo. Apresentei a pesquisa em dezembro de 2017.

Ao longo do ano de 2018, comecei a pensar no que propor para uma pesquisa de doutorado. Sempre partindo da orientação que deveríamos pesquisar o que nos inquietava, passei a rascunhar e transformar em projeto uma inquietação que foi crescendo em mim ao longo de todo esse período de atuação como pesquisador e professor, a de que a historiografia escrita por padres sobre a cidade de Sobral ainda era tratada como hegemônica para o ensino de história da cidade, de políticas públicas e de discursos políticos. Por anos, vi nos arquivos que algumas das informações que estavam contidas nos livros mais citados da historiografia sobre Sobral passavam por um grande processo de manipulação, provocando silenciamentos. Isso me inquietou.

Com um tema começando a ser definido, deveria escolher a universidade para o desenvolvimento do projeto, afinal a pesquisa é indissociável do programa e dos professores que compõem a experiência da pós-graduação. Inspirado, então, por Dênis, escolhi a UFPE como meu norte. Foi uma oportunidade única ter aulas com Montenegro, Regina, Rezende e Durval. Foi especial o apoio e a dedicação de Sandra nesse período. Cresci muito com os colegas, em especial Ewerton, Tereza e Humberto. Sem esses intercessores, o caminhar da pesquisa não teria sido da forma que foi.



Como orientador, dentre o rico colegiado da UFPE, no qual vários foram os tutores dos meus professores de graduação, fui agraciado com a parceria do professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que sem dúvidas foi o autor brasileiro que mais li e citei na minha trajetória como pesquisador. Como brinco com o professor Durval, o que serve também para os meus queridos professores, ele deixou de ser um conjunto de livros na minha estante e passou a ser um amigo próximo, que enriqueceu minhas leituras, meus escritos e minha visão de mundo. Conheci Durval em dezembro de 2009, em um evento em Campina Grande - PB. Desde então, o vi em diferentes eventos e palestras por vários estados da nação. Li suas obras e fiquei encantado com sua perspectiva de fazer história. A ele, sou muito grato pelo aceite como orientando.

Inquestionavelmente, esta pesquisa é movida por afetos. Fui afetado por todas as relações familiares junto à Igreja Católica, por minha trajetória como coroinha, por minhas vivências em um colégio católico, pelas minhas paixões como historiador em formação por teoria e história da historiografia, pelas relações humanas que mantive durante todo esse caminho. Fui afetado, a todo instante, pela cidade que vivo e que estudo sua história. Peço que minha pesquisa seja lida longe de qualquer manual objetivista. Há muito calor humano em minhas linhas, sem esquecer do postulado crítico.

## 1.2 O PORQUÊ DESTA PESQUISA

Para além de todos os afetos que elenquei acima, as motivações desta pesquisa estão relacionadas a minha ação como professor da educação básica na cidade, desde 2010. Seja com turmas do Ensino Fundamental (6º a 9º ano), com turmas do Ensino Médio (1º a 3º ano) ou Cursinhos preparatórios para o vestibular, sempre fiquei inquieto com o ensino de história de Sobral.

Como sabemos, o ensino de história local não é contemplado no currículo e nem pelos livros didáticos. Muitas vezes, ele fica marginalizado ou simplesmente esquecido frente às narrativas clássicas dos grandes períodos, das civilizações, dos eventos, das guerras e das revoluções que ocorreram bem distante de onde os estudantes vivem. Desde o começo da minha trajetória docente, notei que os alunos se interessavam mais por questões próximas do seu cotidiano, das suas vivências e dos espaços em que viviam.

Logo no meu primeiro ano como professor, ensinando no Colégio Menino Jesus, uma pequena escola particular de ensino fundamental com baixas mensalidades que funcionava em casa alugada no centro da cidade, firmei uma parceria com a Casa do Capitão-Mor, na pessoa

do historiador Edilberto Florêncio, que era estagiário lá. O local é um centro de cultura restaurado, que foi no século XVIII a residência do capitão-mor José Xerez de Furna Uchôa, mantido pela Prefeitura de Sobral, e levava minhas primeiras turmas para visitação quando estudávamos a “Administração da América Portuguesa” no currículo do livro didático. Os alunos amavam. As aulas seguintes eram impulsionadas por perguntas. Desde cedo, entendi que ensinar história deveria partir sempre de algo próximo dos alunos, mesmo em temas considerados distantes, seja no aspecto espacial, seja na dimensão cronológica.

Todavia, com o passar do tempo e, principalmente ao começar a ensinar tanto em turmas do ensino fundamental quanto em turmas do ensino médio no Colégio Luciano Feijão, uma das maiores instituições de ensino privado de Sobral, comecei a me questionar se mesmo ao ensinar um pouco de história da cidade em minhas aulas eu não acabava por simplesmente reproduzir uma narrativa que selecionava atores históricos tipificados, tratados como heróis e modelos, em detrimento de outros. A narrativa da história da cidade, até então, era tradicional, baseada especialmente nos principais marcos cronológicos e eventos indicados pela historiografia oficial.

A principal referência, que despertava especialmente a atenção de alunos do ensino médio e dos cursinhos, era o vestibular da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. As questões de tal vestibular – que não eram elaborados pelos professores do Curso de História, e sim por membros de uma comissão para o vestibular – acabavam por privilegiar temas tradicionais da historiografia, com citações, em especial, ao padre Francisco Sadoc de Araújo e a dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo de Sobral.

A impressão que eu tinha, ao preparar o material para aulas voltadas ao vestibular da UVA, era de que a principal universidade da cidade selecionava alunos que consumiam um discurso oficial, mediado por padres para a cidade. Comecei, então, a observar que os discursos políticos, em eventos de inaugurações ou no aniversário da cidade, acabavam indo pelo mesmo caminho.

A partir de 2014, quando comecei a ensinar na Escola de Ensino Médio Monsenhor José Gerardo, uma escola estadual que fica na periferia da cidade, na Cohab 1, no “Grande Sinh  Saboia”<sup>11</sup>, percebi mais nitidamente que esse discurso oficial, que era apregoado pela historiografia oficial e reproduzido nos vestibulares da UVA, atendiam a uma visão excludente de história, que privilegiava apenas fragmentos da elite da cidade, que poderiam se reconhecer como herdeiros dos personagens escolhidos como protagonistas da história de Sobral, pois, ao

---

<sup>11</sup> Conjunto de bairros periféricos de Sobral, que correspondem a Cohab 1, Cohab 2, Parque Santo Antônio e ao próprio Sinh  Sabóia.

contrário de meus alunos da escola privada, os alunos que eu tinha na escola pública não se identificavam com essa narrativa.

Apesar de haver pesquisas acadêmicas que fogem desse discurso oficial, que estudaram outros personagens, eventos e outras dinâmicas da história de Sobral, especialmente a partir da década de 1990 – com a implementação da monografia como trabalho de conclusão de curso para o Curso de História da UVA, além das formações continuadas do colegiado, que cursaram mestrado e doutorado ao longo dos anos 1990 e 2000 –, a popularização em Sobral é, infelizmente, pequena. As mídias, inclusive as sociais, as escolas e o poder público, acabam por ainda consumirem muito do que os padres produtores de passado escreveram no século XX, com uma visão baseada na seleção de eventos de homens brancos, católicos e de origem portuguesa, que são considerados “heróis da civilização” e foram os “fundadores da cidade”.

Sobral é apresentada pelo poder público como uma cidade turística por conta de seu patrimônio material e de sua história. Há o tombamento do centro histórico da cidade pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional – IPHAN. Há alguns museus e centros de cultura, com destaque para o Museu Dom José, a Casa do Capitão-Mor e o Museu do Eclipse. Os aparelhos de cultura ou de turismo se apoiam em uma tradição ensejada pela historiografia produzida pelos clérigos, tratados como referências indiscutíveis dos postulados históricos sobre a cidade. É uma história praticamente imóvel, com heróis e eventos escolhidos a dedo, que é tratada como atrativo turístico.

Entretanto, para poder criticar esse discurso, eu não poderia ficar preso apenas à observação ou à indignação. Em minhas aulas, usava do artifício do tropo da ironia, sempre indicando que qualquer questão ou narrativa partia de um emissor, de um autor, de alguém que tinha interesse que aquela narrativa oficial chegasse aos alunos, mas que aquilo não necessariamente seria a única verdade pensada sobre a história do município. Senti, então, a necessidade de criticar esse discurso de forma mais densa, com a possibilidade de entender como a historiografia foi fabricada, como foi institucionalizada, e como ela é utilizada ainda hoje, direta ou indiretamente.

Por isso, propus-me a ler as obras produzidas pelos padres fabricantes de passados, compreender que arquivos definiram, que fontes trabalharam, que personagens elegeram e marginalizaram. Creio que seja necessária uma pesquisa como essa, analisando as obras tidas como verdadeiras bíblias da historiografia produzida em Sobral, refletindo sobre as escolhas dos padres enquanto historiadores e os efeitos que as obras possibilitaram ao longo do tempo.

### 1.3 COMO FOI REALIZADA ESTA PESQUISA

Dentre todos os professores que tive na vida, sem dúvidas o mais marcante foi o professor Benedito Genésio Ferreira. Ele me deu aula em duas disciplinas no segundo período da graduação (que correspondia, na verdade, ao primeiro período com disciplinas específicas da grade do Curso de História). Fui aluno, então, de Introdução à Filosofia e de Introdução à Sociologia. O professor Benedito me afetou desde a primeira aula. Ele nasceu em Coreaú, cidade de onde grande parte da minha família paterna descende.

Em sua primeira aula, em agosto de 2009, fez-me lembrar instantaneamente do meu avô paterno, falecido três anos antes. Com o passar do tempo, o professor Benedito, que me ensinou quando tinha setenta e dois anos, disse que conheceu também meu bisavô, pai da minha avó paterna. Fiquei encantado e emocionado, mas o grande fator de deslocamento que ele provocou, certamente, foram suas aulas, sempre carregadas de dedicação e energia, apesar de sua idade.

De uma tradição marxista, o professor Benedito dava muita atenção ao método em suas aulas. Explicando de forma bem didática para jovens recém-chegados aos bancos universitários, Benedito queria nos ensinar sobre o passo-a-passo de como construir conhecimento. Não poderíamos fazer nossas atividades sem planejamento e sem reflexão sobre as experiências. Deveríamos sempre escolher o objeto de pesquisa e encontrar a melhor metodologia para podermos cercá-lo.

Foi a partir desses preliminares ensinamentos que perpassei posteriormente pelas disciplinas ligadas à teoria e metodologia da história, tanto na graduação, no mestrado, quanto no doutorado. Obviamente, a grande gama de possibilidades teóricas e metodológicas de se trabalhar um determinado tema ou objeto de estudo se ampliaram. Mas o cerne dos ensinamentos de Benedito se manteve: planejar e refletir da melhor forma para alcançar bons resultados em nossa pesquisa.

Seguindo esses pontos, influenciado obviamente por autores de variadas tradições epistemológicas, como Michel de Certeau, Paul Ricoeur e Michel Foucault, comecei a planejar o “como” fazer esta pesquisa, ou seja, sua metodologia. Inquestionavelmente, o texto *A operação historiográfica*, de Michel de Certeau, lido e relido desde os tempos de graduação, foi um dos principais intercessores nas minhas escolhas de como pesquisar. Ao ler a sua pergunta inicial, “O que fabrica um historiador quando faz história?”, inquietei-me com a ideia de que o próprio fazer historiográfico pode ser objeto de estudo. Parti de uma ideia contida nesse texto, a de que todo historiador parte de um *lugar social de produção*, marcado por diferentes escolhas em sua *prática*, produzindo ao final o que recebemos, ou seja, *uma escrita*.

Essas três fases da operação de escrita da história, que podem ser concomitantes e não necessariamente sequenciais, foram as principais referências para pensar a atividade de escrita da história produzida pelos padres em Sobral.

Primeiramente, identifiquei que padres fabricantes de narrativas sobre o passado eram esses. Notei que cinco clérigos concentraram a maior parte de escritos sobre a história da cidade. Fortunato Alves Linhares (1869-1960), Vicente Martins da Costa (1880-1948), dom José Tupinambá da Frota (1882 – 1959), João Mendes Lira (1925-2005) e Francisco Sadoc de Araújo (1931) escreveram dezenas de obras sobre a cidade de Sobral, mostrando suas preocupações em evidenciar uma cidade modelar, com personagens distintos, atrelando o desenvolvimento da cidade ao protagonismo da Igreja Católica.

Identificados os autores-protagonistas, acatei a sugestão do professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior e realizei a leitura profunda de todas as obras, a fim de encontrar séries, ou seja, a repetição de enunciados nas diferentes obras, indicando a circulação de ideias e objetivos. Parti, então, de uma noção de Michel Foucault, contida na obra *A arqueologia do saber*, na qual ele cita a possibilidade por meio das *redistribuições recorrentes*, deslocadas e rearranjadas em diferentes momentos, produzindo novas visões sobre o passado.

Certamente, a noção de diferença e repetição, advinda de Gilles Deleuze, também foi muito importante, ao entender que toda repetição trazia em si a marca de uma diferença sobre a experiência anterior. Em síntese, ao identificar as repetições de temas, objetos e enunciados nas obras que pesquisamos, podemos entender que elas atenderam a objetivos específicos do momento em que foram produzidas e publicadas, indicando que as repetições traziam diferenças entre si (de autor, de obra, de momento de publicação). Com diferenças entre si, elas, de alguma forma, ajudaram a produzir formas de ver o passado, consolidando interpretações.

O pensamento de Paul Ricoeur também foi muito caro à essa pesquisa até o atual estágio. A trilogia *Tempo e Narrativa*, com todo o conjunto de reflexões sobre a montagem de uma dimensão temporal por meio da escrita da história, foi muito importante para as reflexões que teci. Em *A memória, a história e o esquecimento*, a noção do esquecimento e as seletividades que o acompanham também foram essenciais para entender a escrita da história em Sobral.

Todos esses autores me afetaram. Entretanto, dois merecem um destaque em especial, pois ultrapassaram a fronteira das páginas dos livros. Francisco Dênis Melo, que me acompanhou como orientador e depois como amigo desde a graduação, tem uma produção variada sobre a história de Sobral. Em especial sua tese, *Os intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL – e a invenção da cidade letrada (1943-1973)*, na qual reflete no segundo capítulo sobre a produção da historiografia local ligada à ASEL, foi de suma

importância para identificar problemáticas, criar referências e pavimentar um caminho que pude trilhar com muito mais equilíbrio. Sua compreensão de “testemunhos involuntários”, ideia que remonta a Marc Bloch, impactou a forma que entendi e analisei os textos dos clérigos aqui estudados.

Apesar de termos, a partir da década de 1990, uma grande produção acadêmica ligada ao Curso de História da UVA, com diversas monografias publicadas, bem como dissertações de mestrado e teses de doutorado escritas pelos professores e ex-alunos do curso, apenas o trabalho acima citado de Dênis se dedicou a realizar uma reflexão mais detida sobre a historiografia produzida em Sobral, ligado ao seu tema, a ASEL, tendo como enfoque as primeiras produções historiográficas. A quase totalidade dos trabalhos produzidos desde os anos 1990 trabalha com a historiografia escrita pelos padres como autoridades, que servem como balizas para o desenvolvimento de suas teses.

O outro autor que certamente me afetou foi Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Entender a história também como arte de inventar o passado, que é tecida pelo historiador por meio de uma narrativa, deixando, como um bordado, vazios em contraste com os fios, provocou em mim deslocamentos que propiciaram entender a escrita da história produzida pelos clérigos além de apenas um processo de criação objetiva de textos. Há humanidade por trás de cada historiador na sua operação fabril de tecer o tempo. A escrita também é uma arte, que é motivada não apenas pela ciência, mas também por uma série de intencionalidades que são manifestadas pelo historiador em sua arte de tecer o tempo.

Toda pesquisa também passa por um processo de montagem em sua versão final. Estruturei, em acordo com meu orientador e com as indicações da banca no Exame de Qualificação, esta pesquisa em quatro capítulos. O primeiro, intitulado “‘Com os olhos postos no passado’: Sobral e seus padres fabricantes de passados”, objetiva apresentar um pouco a cidade e os personagens que protagonizam nossa pesquisa. Nele, perpassamos por imagens recentes produzidas sobre a cidade de Sobral, demonstrando a importância da historiografia tradicional nesse processo. Vemos também a trajetória dos clérigos, tentando entender o seu lugar social de produção, mantendo uma atenção ao Seminário São José, que mantém ligação com a maioria dos clérigos que escrevem a história da cidade. Por fim, estudamos ainda no capítulo de abertura a tentativa dos padres, em especial Francisco Sadoc de Araújo, de procurarem uma filiação a padres do passado, na ideia de fundadores da historiografia em Sobral.

No segundo capítulo, “‘Fazer a História do Vale do Acaraú’: arquivos, conceitos e ordem do tempo nas obras dos padres fabricantes de passados de Sobral”, adentramos às obras

escritas pelos padres, entendendo como foram realizadas as escolhas deles em suas obras, entendendo o que definiram como arquivos, quais os principais conceitos que mobilizaram, que organização do tempo construíram em suas obras e que operações de silenciamentos provocaram.

O terceiro capítulo, “‘Heróis da civilização e da fé’: *sobralidade* e autoimagens na fabricação de passados em Sobral”, analisa os conceitos que moldam e tornaram a cidade de Sobral como modelo a ser seguido por outras espacialidades. Homens, brancos e católicos acabam por se tornar os protagonistas da historiografia escrita pelos clérigos, tornando a cidade, segundo o discurso deles, um modelo de civilização, que poderia ser seguido por outras espacialidades. Vemos ainda como as hagiobiografias são essenciais para criarem autoimagens dos próprios clérigos, com destaque para dom José, nas quais estes seriam os exponenciais desta cidade modelar.

Por fim, em “‘A internacionalização de Sobral é um fato incontestável’: as imagens de Sobral, Einstein e do Eclipse de 1919 e suas constantes releituras”, quarto capítulo, refletimos sobre como são construídas as narrativas historiográficas sobre os eventos de 1919, nos quais expedições científicas vieram a Sobral a fim de comprovar a Teoria da Relatividade de Albert Einstein, analisando como a historiografia e as políticas públicas se apropriam do evento tornando-o, discursivamente, “O Eclipse de Sobral”.

Eis o texto!

## 2 “COM OS OLHOS POSTOS NO PASSADO”: SOBRAL E SEUS PADRES FABRICADORES DE PASSADOS

*Lord, light my way  
Fill these withered, careless hands<sup>12</sup>*

Em frente ao computador, reflito como começar este texto, tentando explicar o que me levou à inquietação que motivou esta pesquisa. Viajo pelas minhas memórias. Sou levado, então, à capelinha da residência do monsenhor Sabino Guimarães Loyola (1909-2005), que fica na esquina da minha rua, onde ele celebrava missas, após se aposentar, com mais de noventa anos de idade. Lá, comecei a ajudá-lo a celebrar missas, diariamente, quando eu tinha cerca de dez anos. Era o início da minha ligação com a Igreja Católica. A partir de então, participei da vida comunitária por cerca de sete anos, cumprindo os sacramentos e questionando se deveria ou não seguir o caminho do sacerdócio.

Foi naquela residência, também, que me deparei, pela primeira vez, com uma grande biblioteca. Naquele local, realizei minhas primeiras confissões, contando meus supostos pecados de criança. Tento me lembrar quais eram os livros que estavam organizados naquelas estantes, que eu observava entre a narrativa de um pecado e uma oração de penitência. Não consigo. Não tenho uma memória, seja ela pura ou não, que me aponte quais os livros estavam no alto daquelas prateleiras, quais os privilegiados, de fácil acesso e dos quais o meu confessor mais se orgulhava. Só me resta *imaginar*.

Criando, então, a imagem com maior liberdade, imagino os principais livros e artigos da historiografia local, espalhados por aquelas estantes, todos assinados por homens que foram contemporâneos de Sabino, durante algum momento de sua vida. Celibatários que reproduziram fabrilmente uma versão similar sobre a história da cidade de Sobral, em suas páginas, sempre atravessadas pelo momento em que escreviam. Sabino, pelo que sei, não escreveu sobre a história.

Sua maior contribuição intelectual, além dos inflamados artigos que publicou na imprensa local, é um *Dicionário Litúrgico*<sup>13</sup>, a grande obra intelectual de sua vida, mas que pouco teve relevância fora da cidade de Sobral. Seria essa a sina dos padres de Sobral que se dedicaram a escrita, a de só terem seus escritos notados dentro das fronteiras da urbe que tanto

---

<sup>12</sup> MATOS, Andre. *Lisbon*. São Paulo: Paradoxx Music, 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sEENXY01d-s>. Acesso em: 19 de fev. de 2023.

<sup>13</sup> *Cartas para Dom José*. Pasta 10. Disponível no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica – NEDHIS, vinculado ao Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.



veneravam? Por que não conseguiram a atenção de outros lugares, como fez o padre Ibiapina com a criação de suas casas de caridade?

Queria poder entrevistar o monsenhor Sabino Guimarães Loyola. Inverter a posição, mas sem o peso da atividade litúrgica que o clérigo realizava, pronto a perguntar e ouvir sobre os mais variados temas. O que ele teria a me contar sobre o monsenhor Vicente Martins da Costa (1880-1948), que foi vigário na mesma paróquia onde ele, anos depois, sucedeu-o e onde passou décadas? O que diria do monsenhor Fortunato Alves Linhares (1869-1960), decano dos clérigos da cidade, seu ex-professor, a quem acompanhou até a sua morte? O que diria do bispo dom José Tupinambá da Frota (1882-1959), que tanto lhe delegou funções, a quem ele chamava, carinhosamente, de padrinho<sup>14</sup> nas correspondências privadas, e a quem defendia com ardor e afeto nos embates que travava com os críticos do bispo por meio do jornal católico *Correio da Semana*? O que diria dos padres João Mendes Lira (1925-2005) e Francisco Sadoc de Araújo (1931), clérigos mais jovens, que foram seus contemporâneos de batina? Como ele recebeu seus escritos? A quem se afeiçoava mais? A Lira, que assim como o próprio Sabino, era desafeto de outros padres, com destaque para o padre José Palhano de Sabóia (1922-1982), ou a Sadoc de Araújo, que, como Sabino, foi chefe de outra paróquia importante da cidade e se posicionava costumeiramente a favor do bispo?

Infelizmente, não tenho essas respostas. Essa entrevista é, hoje, impossível. Quem dera apareça um livro de memórias escrito por ele, ou tenhamos acesso aos seus diários, se é que escreveu algum. No entanto, com tristeza, sabemos que nem sua biblioteca existe mais. Após a sua morte, em 2005, ela foi doada ao Seminário São José, onde estudou. Lá, foi perdendo a unidade, o encanto, deixou de ser a biblioteca de Sabino Guimarães Loyola e passou a ser apenas um amontoado de livros dispersos. Triste sina das bibliotecas privadas dos clérigos de Sobral.

Sabino foi apenas um dos intercessores comuns entre os cinco clérigos apresentados acima. Fortunato Alves Linhares, Vicente Martins da Costa, José Tupinambá da Frota, João Mendes Lira e Francisco Sadoc de Araújo compartilharam com ele alguns aspectos de suas trajetórias de vida, mantendo mais ou menos interações comuns, tendo o bispo dom José Tupinambá da Frota como eixo de articulação do grupo, pois o prelado foi chefe eclesiástico de todos, agindo também para a formação clerical dos dois últimos.

---

<sup>14</sup> LOYOLA, Sabino Guimarães. *Dicionário Litúrgico*. Fortaleza: Sabino Loyola, 1995.

Assim como em *Poética* de Vinicius de Moraes<sup>15</sup>, o tempo é criado e recriado por uma incessante ordem que não se cansa de se refazer, que necessita de *espaço* para andar, para ganhar forma, para metamorfosear-se. Assim é o tempo narrado, seja o da poesia ou o da historiografia. A intriga, como bem nos aponta Paul Ricoeur<sup>16</sup>, cria seu tempo próprio, possibilitando a construção dos deslocamentos na narrativa, imprimindo sentido, fazendo nascer, morrer e mobilizando personagens, tempos e espaços conforme a pena e a tinta do narrador. “O relato organiza o espaço”, já nos disse certa vez Michel de Certeau<sup>17</sup>. Que tempos e espaços foram criados a partir da escrita da história dos padres em Sobral? Essa é uma das questões que se colocam para esta pesquisa.

Este primeiro capítulo tem algumas intenções que antecedem a abordagem do tema central da tese: a análise da fabricação de passados sobre a cidade de Sobral de autoria de clérigos. Inicialmente, é necessário apresentar, mesmo que brevemente, a cidade onde os padres escreveram e sobre a qual produziram suas obras. Acompanharemos concisamente as mudanças de cenários (políticos e demográficos) de Sobral, ao longo do século XX. No primeiro tópico, “Sobral Solar? Imagens do passado para o presente”, utilizaremos um dos tantos livros escritos em um passado recente, articulado a outras fontes, para discutir essa cidade em constante movimento e a produção de relatos que organizam seu espaço.

No segundo tópico, “Os padres fabricantes de passados de Sobral”, apresento quem são os escritores da história, que ganharam protagonismo na cidade, sendo produtos e produtores da história da cidade. A tradição historiográfica implantada por esses padres é construída em diferentes momentos. Por isso, apresentaremos de maneira geral seus textos, enquanto nos debruçamos sobre alguns aspectos de suas vidas, com destaque para a relação que a maioria teve diretamente com o Seminário São José.

Por fim, no terceiro tópico, “As ‘Notícias da Freguesia Caiçara’ e a tentativa de transformá-la na fundação da historiografia de Sobral”, abordaremos o texto que dá nome ao tópico, usado tantas vezes como fonte também encarado como fundador da historiografia em Sobral pelo padre Sadoc de Araújo. O escrito, institucional, é tratado como o texto fundador de uma determinada tradição de culto à origem da cidade. É o primeiro relato a organizar um

---

<sup>15</sup> “**Poética** / De manhã escureço / De dia tardo / De tarde anoiteço / De noite ardo. / A oeste a morte / Contra quem vivo / Do sul cativo / O este é meu norte. / Outros que contem / Passo por passo: / Eu morro ontem / Nasço amanhã / Ando onde há espaço: / — Meu tempo é quando”. MORAES, Vinicius. *Antologia Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 272.

<sup>16</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa 3: o tempo narrado*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

<sup>17</sup> CERTEAU, Michel de. *A fábula mística séculos XVI e XVII: volume 1*. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2015. p. 53.

espaço, mas com intenções institucionais próprias da Igreja Católica. João Ribeiro (1729-1787), vigário de Sobral desde 1762, agrimensura o que viria a se tornar Sobral, produzindo uma primeira descrição de seu espaço, em seu texto burocrático, sendo mimetizado pelos clérigos em Sobral a fim de produzir identidades ligando a história da cidade à Igreja Católica.

## 2.1 SOBRAL SOLAR? IMAGENS DO PASSADO PARA O PRESENTE

Sobral é um espaço inventado discursivamente ao longo do tempo. É apresentada, especialmente, como uma cidade modelar, que deve ser seguida, imitada. Sua agrimensura se dá, entre outros dispositivos, pela historiografia, que a cartografa, delimita, e imprime sentidos, preenchendo-a de significados. A cidade sofreu transformações ao longo do tempo que interferiram no processo de escrita feita pelos clérigos, algo próprio da invenção de espaços. Nesse sentido, partimos da perspectiva adotada pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, na qual entendo também que “Um espaço é feito de natureza, de sociedade e de discurso”.<sup>18</sup> O discurso, especialmente o historiográfico, no caso que eu estudo é, dessa forma, fundamental.

Do ponto de vista demográfico, no momento que escrevo, no começo dos anos 2020, Sobral é uma cidade de porte médio, com uma população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 219.030 habitantes, tornando-a a centésima quadragésima segunda maior cidade do Brasil, a quinta do Estado do Ceará e a maior da microrregião noroeste do estado<sup>19</sup>.

Segundo o último censo com dados consolidados<sup>20</sup>, de 2010, sua população é ainda de maioria católica (81,13%), mas distante da hegemonia religiosa de outrora. Além da existência de grandes escolas, que atraem estudantes das regiões próximas, a cidade tem três importantes instituições de ensino superior público funcionando, um polo do Instituto Federal do Ceará – IFCE, um campus da Universidade Federal do Ceará – UFC e a sede da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Os principais hospitais da região, principalmente aqueles que contam

---

<sup>18</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008. p. 108.

<sup>19</sup> Prévia da População dos Municípios com base nos dados do Censo Demográfico 2022 coletados até 25/12/2022, disponível em:

[https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2022/Previa\\_da\\_Populacao/POP2022\\_Municipios.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2022/Previa_da_Populacao/POP2022_Municipios.pdf).

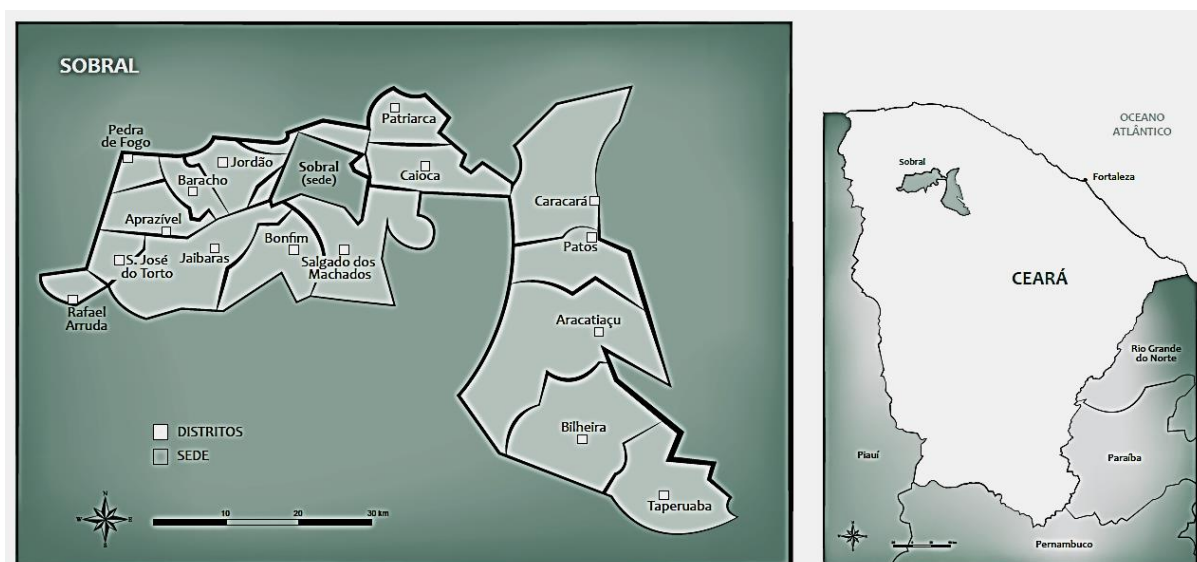
Acesso em: 19 de fev. de 2023.

<sup>20</sup> No momento de publicação desta pesquisa, os dados específicos do Censo 2022 não estavam consolidados e nem tornados públicos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

com unidades de terapia intensiva (UTIs), ficam em Sobral, sendo eles a Santa Casa de Misericórdia de Sobral e o Hospital Regional Norte.

A economia da cidade se divide entre a atividade industrial, com a presença de uma importante fábrica de calçados, a Grendene Calçados S/A, e de uma grande fábrica de cimentos, a Votorantim Cimentos, somadas a pequenas e médias indústrias, como a empresa de laticínio Lassa, a fábrica do Guaraná Delrio e a Fábrica de Biscoitos Coelho, aliadas à atividade comercial e de bens e serviço, que atrai vendedores e compradores de todas as cidades circunvizinhas. Pela prevalência no setor econômico e de bens e serviços, Sobral atrai uma importante interação migratória pendular com as cerca de cinquenta cidades da microrregião.

Figura 1 – Localização do Município de Sobral no Mapa do Ceará



Fonte: VELOSO, Patrícia (Org.). *Sobral Solar*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2013. P. 156.

É comum ouvirmos na cidade que “Sobral é capital da região norte do Ceará”, enunciado dito com orgulho por muitos habitantes. A administração municipal de Sobral também tenta apresentá-la como atração turística, apesar de não contar com praias, grandes parques ou atrativos naturais. O principal argumento é o componente histórico. A presença de museus, o tombamento de parte do centro da cidade, no final dos anos 1990, e as obras dos últimos vinte e cinco anos, realizadas pelo clã político-oligárquico Ferreira Gomes, costumam ser propagandeadas com o os principais atrativos da cidade, nesse discurso.

Um livro da década passada, com enfoque na divulgação turística, ilustra bem essa relação contemporânea de Sobral com a invenção de seu passado: o livro se intitula *Sobral*

*Solar*<sup>21</sup>. De sugestivo nome, indicando uma cidade que “brilha”, o livro publicado em 2013, durante a gestão municipal de Clodoveu (Veveu) de Arruda (2011-2017), tem organização atribuída à fotógrafa Patrícia Veloso, autora de outras obras com o mesmo perfil de divulgação de políticas públicas de turismo, como *Ceará Terra da Luz* e *Viva Fortaleza*. O texto ficou a cargo do pedagogo Joan Edessom de Oliveira. Chama-nos a atenção a escolha de um pedagogo em vez de um historiador para a escrita de um texto basicamente de cunho historiográfico. Talvez uma abordagem crítica da história, comum à prática historiográfica atual, não fosse desejada.

O texto institucional, que aparece ao lado das imagens publicadas pela Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Artes (ECO), ligado à Prefeitura de Sobral, não parece ser novo. Poderia ter sido escrito em meados do século XX. Veicula enunciados similares aos que encontramos na historiografia produzida pelos clérigos, que iremos estudar, especialmente sobre a origem da cidade. Muitas imagens, entre fotografias e desenhos, foram escolhidas por Patrícia Veloso, para a leitura de turistas e sobralenses ávidos pelo emolduramento de seu passado. São duzentas e cinquenta e seis (256) imagens, no total, incluindo imagens de obras ligadas à Igreja Católica, como templos, escolas, museu, ou imagens de santos, que aparecem nas setenta e uma (71) páginas ilustradas. Enquanto as figuras visam mostrar o presente da urbe progressista, os textos de Joan Edessom de Oliveira remetem a cidade para o tempo mítico da origem, para um tempo cristalizado, como se ela não se movesse, se mantivesse presa ao mesmo passado fixo.

Em *Sobral Solar*, a visão contemporânea da cidade é dividida em oito capítulos<sup>22</sup>. Dois deles apresentam temas que são de interesse para nossa pesquisa: o primeiro capítulo, intitulado “No princípio”, apresenta uma série de imagens com destaque para o Rio Acaraú, a Catedral da Sé, o centro da cidade, e o bispo dom José Tupinambá da Frota, sendo que nenhuma delas estão datadas. Sendo fotografias do início até meados do século passado, dividem espaço com um texto que se debruça sobre os séculos anteriores, que fala da ocupação do território pelos portugueses em detrimento dos indígenas, enfocando a famosa doação de terras realizada pelo casal Quitéria Marques de Jesus e Antonio Rodrigues Magalhães para a construção da primeira catedral, núcleo da povoação original; o evento de elevação do povoado à condição de vila (1773) e da vila ao status de cidade (1841), apresentando a galeria dos que seriam os “heróis”

---

<sup>21</sup> VELOSO, Patrícia (Org.). *Sobral Solar*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2013.

<sup>22</sup> “No princípio...”, “Caminhos da fé”, “A feitura de um patrimônio nacional”, “A cultura do povo”, “A construção econômica”, “Para além da cidade”, “Com os olhos postos no futuro” e “Perfil institucional”.

da história da cidade, mas silenciando sobre quase todos os atores políticos do século XX, excluídos das fotografias que ilustram o texto.

Figura 2 – Trecho de “No passado...”, de Sobral Solar

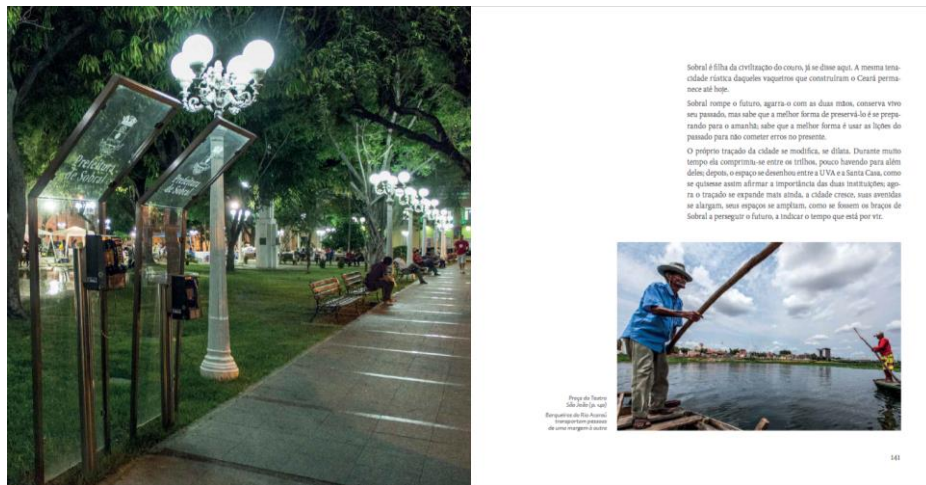


Fonte: VELOSO, Patrícia (Org.). *Sobral Solar*. Op. Cit. pp. 18 e 19.

Complementar ao capítulo “No princípio”, segue o capítulo intitulado “Com os olhos postos no futuro”, no qual podemos identificar a influência de um antigo conceito de história, que trata a história como mestra da vida, afinal, o texto afirma que: “Sobral rompe o futuro, agarra-o com as duas mãos, conserva vivo seu passado, mas sabe que a melhor forma de preservá-lo é se preparando para o amanhã; sabe que a melhor forma é usar as lições do passado para não cometer erros no presente”<sup>23</sup>. Essa é a síntese do que se apresenta no capítulo, a articulação entre o passado e a construção do futuro, com imagens de prédios centenários articulados a novos projetos de intervenção urbana, destacadamente aqueles realizados nas duas últimas décadas. O “antes” e o “depois” alternam os espaços de reprodução de atividades tradicionais, como a do canoeiro, enquadrado em primeiro plano, enquanto, em segundo plano, há a cidade contemporânea, palco da tecnologia.

<sup>23</sup> VELOSO, Patrícia (Org.). *Sobral Solar*. Op. Cit. p. 141.

Figura 3 – Sobral “com olhos no futuro”, ou seria no passado?



Fonte: VELOSO, Patrícia (Org.). *Sobral Solar. Op. Cit.* pp. 140 e 141.

Figura 4 – Modernidade e Tradição



Fonte: VELOSO, Patrícia (Org.). *Sobral Solar. Op. Cit.* pp. 144 e 145.

Vendo a abordagem realizada pela fotógrafa Patrícia Veloso, especializada em produções de divulgação turística institucional, junto ao pedagogo Joan Edessom de Oliveira, especialmente no capítulo de sugestivo título, “Com os olhos postos no futuro”, um texto com um título parecido me vem à mente, *Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto*<sup>24</sup>, da historiadora Sandra Jatahy Pesavento, ensaio teórico no qual ela se refere às diferentes camadas de historicidade depositadas em uma cidade, vista como documento, que traz em suas ruas, seus prédios, seu ordenamento urbano, várias camadas de materialidade sobrepostas, que podem ser escavadas e interpretadas pelo historiador. Segundo Pesavento,

<sup>24</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto*. In.: *Esboços*. Florianópolis, v. 11, nº 11, 2004.

[...] a cidade, enquanto materialidade, é palimpsesto de formas, que remetem à imagem arcaica do tecido ou trama na qual se superpõem várias camadas, mais ou menos aparentes, se não invisíveis de todos. Igualmente, se as formas se alteram, transformadas pelo tempo que se assenhora do espaço, a função também muda de forma evidente<sup>25</sup>.

Um livro como *Sobral Solar* é também a atualização do palimpsesto. Assim como um papiro ou pergaminho que tem seu texto raspado para dar lugar a outro, numa sobreposição de camadas, o livro funciona como a versão mais recente da escrita da história sobre a cidade de Sobral. Se a cidade comporta uma sobreposição de camadas de materialidade, que podem ser lidas pelo historiador, os textos da historiografia também merecem ser observados nessa condição, ao se sobreporem uns aos outros.

Institucionalizado pela Prefeitura de Sobral, *Sobral Solar* diz muito sobre o tempo em que foi escrito. Mostra a consciência de seus autores sobre os interesses que estavam na origem de sua publicação. É uma obra que dá protagonismo à certa visão de história, na qual a relação com o tempo é assim sintetizada: “É impossível não sentir orgulho desse passado, não se orgulhar do presente, não sentir uma ponta de orgulho por um amanhã que ainda se faz, mas cuja semente, regada hoje, foi lançada ao solo há muitos e muitos anos”<sup>26</sup>. O interesse do texto era a de um dia ser considerado uma versão inquestionável da história da cidade, assim como as obras do passado, que foram referidas no capítulo “No início...”, eram vistas.

O arquivo de fotografias do livro é rico. Utilizaremos esse material somado a outras imagens, como portais em nosso texto, a fim de entendermos, mesmo que de forma breve, os cenários onde os padres produziam seus relatos. Vamos a Sobral do começo da década de 1920, quando identificamos as primeiras produções historiográficas aqui estudadas. A cidade onde morava Fortunato Alves Linhares e dom José Tupinambá da Frota, visitada esporadicamente por Vicente Martins, que morava na vizinha cidade de Granja, era um município que tinha, segundo o censo de 1920, quase 40 mil habitantes, embora fosse a menor parte<sup>27</sup> que vivia na urbe. Havia uma importante fábrica de tecidos (Fábrica Ernesto Diocleciano), grandes fazendas e um intenso comércio, pelo fato de a cidade já ser, na época, um ponto de intercessão regional. Havia uma estrada de ferro que a ligava à cidade de Ipu, no sopé da Serra da Ibiapaba, e ao Porto de Camocim. Uma estrada de rodagem, recém-construída, entre Sobral e Fortaleza, aprimorava o contato da cidade com outras regiões. Essa estrada, inclusive, é apontada pela

---

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 27.

<sup>26</sup> VELOSO, Patrícia (Org.). *Sobral Solar*. *Op. Cit.* p. 148.

<sup>27</sup> IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000. Recenseamento de 1920. p. 495.



historiadora Elza Lustosa como símbolo da decadência das elites da cidade, devido à facilidade de interação com a capital, que teria enfraquecido a centralidade de Sobral na região<sup>28</sup>.

Tabela 1 – População do Município de Sobral, com discriminação de habitantes da cidade e porcentagem de católicos ao longo das décadas de 1920 a 1980<sup>29</sup>.

Censo (ano)	População do Município	População da Cidade	Porcentagem de Católicos
1920	38869	-	-
1940	56067	13553	99,99%
1950	70011	22628	99,69%
1960	72511	-	-
1970	102197	50214	98,78%
1980	118024	73.954	98,11%

Fonte: Censos do Brasil de 1920, 1940, 1950, 1960, 1970 e 1980, disponíveis em <https://biblioteca.ibge.gov.br/>, Acesso em: 12 de abr. de 2021.

As torres das igrejas, o Theatro São João, o leito do rio Acaraú, e os sobrados eram os principais componentes da paisagem da cidade, segundo as imagens de época, reproduzidas em *Sobral Solar*. Casas de taipa ou até casas simples de alvenaria, que representavam uma boa parte das moradias da cidade, não aparecem no livro. Se tomarmos as imagens oficiais da cidade, Sobral é branca (casas, roupas, povo), rica e católica. Sobre esse tema, o historiador Agenor Soares e Silva Júnior, em sua tese de doutorado *Cidades Sagradas: da “Roma cearense” à “Jerusalém sertaneja”: A Igreja Católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870 – 1920)*, afirma que:

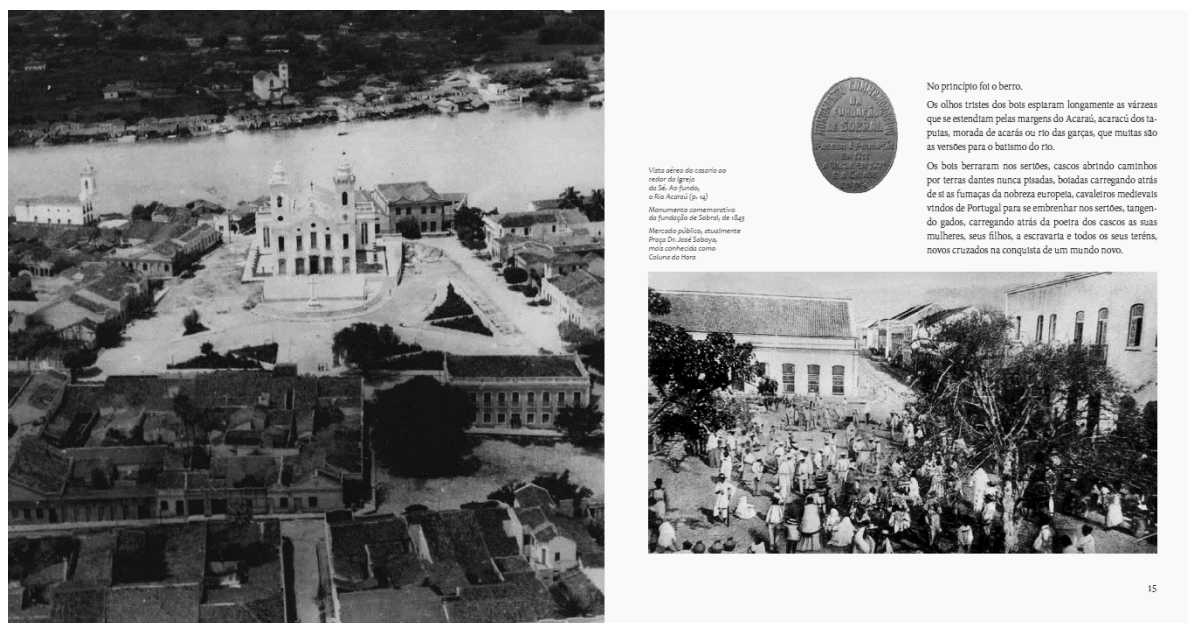
Nos processos de construções ecléticas que dão tom ao patrimônio tombado [em Sobral], as Igrejas de Nossa Senhora da Conceição (Matriz), Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos, Menino Deus e de Nossa Senhora das Dores surgem como os principais marcos arquitetônicos e visuais da cidade, responsáveis por uma de suas características paisagísticas mais marcantes, (re) produzindo uma identidade morfológica a partir do contraste entre a horizontalidade que predomina na massa constituída e os marcos construídos pelos volumes verticais das igrejas<sup>30</sup>.

<sup>28</sup> DA COSTA, Elza Marinho Lustosa. *Sociabilidade e Cultura das elites sobralenses: 1880-1930*. Fortaleza: SECULT/CE, 2011.

<sup>29</sup> Os anos de 1920 e 1960 não contaram com informações acerca da população específica acerca dos habitantes da cidade e nem do percentual de católicos. O ano de 1930 não contou com um censo no Brasil.

<sup>30</sup> SILVA JÚNIOR, Agenor Soares. *Cidades Sagradas: da “Roma cearense” à “Jerusalém sertaneja”: A Igreja Católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870-1920) Sobral e Juazeiro do Norte*. Fortaleza: Sobral: Edições ECOA, 2015.

Figura 5 – Largo da Catedral da Sé e Mercado Público de Sobral no início do Século XX



Fonte: VELOSO, Patrícia (Org.). *Sobral Solar. Op. Cit.* pp. 14 e 15.

Sobral, no entanto, era uma cidade que tinha prédios e dinâmicas além da perspectiva religiosa. Tinha alguns aparelhos urbanos como: teatro (desde 1880), estrada de ferro (desde 1881) e jornais, mas que parecia ainda manter uma dinâmica rural, com carros de boi, animais de tração, pequenas criações, circulando por suas ruas. Uma cidade cercada por grandes fazendas e sendo local de comércio de produtos vindos, em sua maioria, das atividades agrícolas e da pecuária. Possuía uma significativa estrutura burocrática e administrativa: Prefeitura, Câmara Municipal e Fórum, onde era sediada a Comarca de Sobral, simbolizando estes prédios os principais locais de exercício do poder secular.

Do ponto de vista religioso, desde 1916, Sobral era uma diocese dirigida por dom José Tupinambá da Frota. Ao longo da década de 1920, concomitante à publicação de alguns dos principais textos da historiografia local, a inauguração da Santa Casa (1925), do Seminário Diocesano (1925) e a criação do jornal *Correio da Semana* (fundado em 1918), como principal periódico da cidade, meio de divulgação dos ideais católicos, denotam alguns aspectos que indicam que a Igreja Católica era o principal agente de disciplinamento do espaço público<sup>31</sup>, cenário que não sofreu grandes modificações nos anos 1930 e 1940, especialmente com a aproximação política do bispo com o Governador e Interventor do Ceará, Francisco Menezes Pimentel, que administrou o estado entre 1935 e 1945. Segundo a historiadora Chrislene

<sup>31</sup> Para uma pesquisa aprofundada sobre o assunto, ver: SILVA JÚNIOR, Agenor Soares e. “*A Cidade Disciplinada*”: A Igreja Católica e os Trabalhadores Urbanos em Sobral-Ceará (1920-1925). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE: Recife – PE, 2002.

Carvalho dos Santos Pereira Cavalcante, em sua dissertação de mestrado editada em livro, *O espetáculo da cidade: corpo feminino, publicidade e vida urbana em Sobral (1920/1925)*,

[A década de 1920 e as que se seguiram] Era o momento em que a Igreja Católica buscava remar seu poder político de ordenar os valores morais de comportamento, tendo Roma como organizadora dessa doutrina, no processo de romanização, tornando-se um período de crise em que o colapso dos valores e das instituições da civilização liberal se fragiliza com a disputa da Igreja pelo poder.<sup>32</sup>

Já os anos cinquenta, derradeira década do bispado de dom José (falecido em 1959), são marcados pela publicação da única obra editada em vida pelo bispo, sua *História de Sobral* (1952). Naquela década, Fortunato Alves Linhares era um longevo clérigo na cidade, Vicente Martins havia falecido, há poucos anos (1948), em São Paulo, após viver em Sobral por algum tempo. Lira e Sadoc de Araújo caminhavam em diferentes estágios de suas formações sacerdotais, mantendo em comum o fato de terem estudado no Seminário São José, encravado no bairro da Betânia, região da cidade hoje bastante populosa e que recebe, no antigo prédio construído para a formação de sacerdotes, a Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

Figura 6 – Seminário Diocesano São José, em data imprecisa



Fonte: VELOSO, Patrícia (Org.). *Sobral Solar. Op. Cit.* P. 16.

<sup>32</sup> SANTOS, Chrislene Carvalho dos. *O espetáculo da cidade: corpo feminino, publicidade e vida urbana em Sobral (1920/1925)*. Sobral, CE: Instituto ECOA, 2013. p. 45.

Nos anos 1950, o município era o segundo do Ceará em número de habitantes, perdendo apenas para Fortaleza<sup>33</sup>. Sobral estava em ebulição devido a campanha por uma rede competente de energia elétrica na cidade<sup>34</sup>. Automóveis já desfilavam pelas ruas. As transmissoras de rádio concorriam com os sons dos pianos do passado. Enquanto isso, o núcleo urbano se expandia para fora dos limites do trilho do trem e do Rio Acaraú.

Figura 7 – Centro da cidade de Sobral (1957)



Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/historico>. Acesso em: 30 de set. de 2020.

A cidade já gozava de todos os equipamentos construídos pela Igreja Católica: escolas, hospital, seminário, jornal, banco popular, asilo etc. Os *boulevards*, construídos pela Prefeitura, concorriam nas paisagens urbanas com as, ainda imponentes, torres das igrejas. O mercado público havia sido levado para outro endereço, não mais sendo a céu aberto. As agências dos Correios e de bancos não tardariam a se instalar na cidade, bem como outras fábricas, que concorreriam, pelo protagonismo econômico, com a ainda imponente Fábrica de Tecidos Ernesto Diocleciano. Foi nessa década que o Arco de N.S. de Fátima (1954) foi construído, por iniciativa da Diocese de Sobral, após a viagem da imagem peregrina da santa passar pela cidade, transformando-se no principal cartão postal da cidade.

<sup>33</sup> Censo de 1950, p. VII. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/70/cd\\_1950\\_ce.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/70/cd_1950_ce.pdf). Acesso em: 23 de set. de 2020.

<sup>34</sup> Ver: ROCHA, Thiago Braga Teles da. "*De quem é Sobral?*": As práticas Letradas, as Tensões Políticas e a Luta pela Temporalidade na Igreja Católica (1945-1953). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

Figura 8 – Arco de N.S. de Fátima nos anos 1950



Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/historico>. Acesso em: 30 de set. de 2020.

Politicamente, Sobral ainda se fazia influente em relação ao restante do Estado, sendo palco importante da disputa política para Governador do Estado, em 1947, já que o candidato Faustino Albuquerque, era apoiado pelo dr. José Saboya de Albuquerque, chefe da União Democrática Nacional, rico empresário, ex-juiz da cidade e desafeto do bispo, que por seu turno apoiava o General Onofre Muniz<sup>35</sup>. No fim da década, a cidade foi protagonista também na eleição de Parsifal Barroso para o governo do Estado (1959 – 1963). Ele era genro de um dos grandes líderes políticos da cidade, no século XX, o então deputado federal Francisco de Almeida Monte (1895-1963).

Sobral estava se modernizando, alinhada ao desenvolvimento econômico capitalista impulsionado pelos chamados “anos dourados” da presidência de Juscelino Kubitscheck. Concorrendo com isso, o bispo desejava mantê-la olhando para o seu passado, em tom de louvação, valorizando conceitos da tradição católica, em vez da tão propagada ideia de progresso. Atento às mudanças do pós-guerra, com um novo estilo de vida sendo propagandeado, especialmente nas telas do cinema, dom José idealiza a construção de um museu (1951), em pleno palácio episcopal, um templo de culto à memória da Igreja Católica, nomeado inicialmente como Museu Diocesano, hoje Museu Dom José.

---

<sup>35</sup> Ver: ROCHA, Thiago Braga Teles da. “De quem é Sobral?”. *Op. Cit.*

Nos anos 1960, não há publicação de texto historiográfico escrito por clérigos em Sobral. A década que se sucedeu à morte de dom José, em 1959, é marcada por disputas políticas no interior do clero, pela sucessão de prelados e por um luto constante em relação ao primeiro bispo da cidade. É nessa década que é fundada a Faculdade de Filosofia São José (1961), ligada originalmente ao Seminário Diocesano, e à Universidade Vale do Acaraú – UVA (1968), pela administração municipal.

Em comparação aos anos 1950, a cidade das décadas de 1970 e 1980 se mostrava bem diferente. Crescia cada vez mais para suas periferias, com emergência de bairros e populações desamparadas pelo poder público. Cidade ainda pouco verticalizada, eram privilegiadas construções de, no máximo, três andares. Houve grande crescimento demográfico, segundo os Censos de 1970 e 1980, como pudemos notar na tabela reproduzida anteriormente. A paisagem urbana convivía com novas lojas, novos cinemas, clubes e bares, que partilhavam do protagonismo junto ao casario imponente e às igrejas. A fábrica mais importante da cidade não era mais a de tecidos e sim a Votorantim Cimentos, fundada em 1959, que atraía para próximo de seus muros comunidades vulneráveis de trabalhadores.

A Sobral dos padres, do começo do século, onde a “civilização católica” era hegemônica, concorria gradativamente com o crescimento tímido de outras manifestações ideológicas e religiosas. Dos padres, apenas Lira e Sadoc de Araújo ainda eram vivos, empenhados na defesa de um passado cada vez mais distante. Politicamente, Sobral era palco de um duplo movimento de disputas entre os clãs “Prado”, “Barreto” e, em segundo plano, o patriarca do clã “Ferreira Gomes”, José Euclides Ferreira Gomes Jr., pelo poder municipal, que não impactavam diretamente nas tomadas de decisão do executivo cearense, pois todos apoiavam os governadores durante o período ditatorial. A ausência de sobralenses como governadores e a consolidação de Fortaleza como maior potência econômica do estado talvez sejam as principais motivações para a escrita da história realizada por Sadoc de Araújo e, especialmente, por João Mendes Lira, nos anos 1970 e 1980: a de revalorizar a cidade que outrora, na visão dos clérigos, tinha maior relevância no contexto estadual, chegando a concorrer com a capital do estado.

Uma pesquisa importante foi publicada sobre a história política do período: a tese escrita pela historiadora Edvanir Maia da Silveira, intitulada *Três décadas de Prado e Barreto (1963-96): a política municipal em Sobral-CE*<sup>36</sup>. Em tal trabalho, Edvanir avalia que as elites locais

---

<sup>36</sup> SILVEIRA, Edvanir Maia da. *Três décadas de Prado e Barreto (1963-96): a política municipal em Sobral-CE, do golpe à Nova República*. Tese (doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.

foram aliadas dos governadores cearenses ao longo da Ditadura Militar (1964-1985). O Ceará foi governado por militares ou civis apoiados por estes. Virgílio Távora (1963-1966 e 1979-1982), Plácido Castelo (1966-1971), César Cals (1971-1975), Adauto Bezerra (1975-1978) e Gonzaga Mota (1983-1987) protagonizaram esse período, sendo apenas o primeiro governo de Virgílio Távora e o de Gonzaga Mota eleitos por voto popular.

Em todo esse período político, Sobral gozou, segundo Edvanir, de grandes investimentos realizados pelo Governo Estadual, propiciando o desenvolvimento de aspectos infraestruturais e econômicos. O movimento era o de apoio ao governo estadual à medida que as oligarquias rivais, Prados e Barretos, além de José Euclides Ferreira Gomes Júnior, patriarca do clã Ferreira Gomes, mantinham sua fidelidade aos governadores, sendo todos filiados ao partido da Aliança Renovadora Nacional – ARENA, subdividindo-se em ARENA 1 e ARENA 2, nos momentos das eleições.

Apesar de não manifestarem críticas aos militares em seus textos historiográficos, ocupando-se de recortes temporais anteriores à implantação da Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-85), e mesmo com os investimentos que os governos militares realizaram em Sobral, a cidade deixou de ter, na visão da historiografia produzida por padres, o protagonismo de que eles tanto se orgulhavam.

Olhar para o passado e procurar momentos em que o protagonismo de Sobral no Ceará era muito mais decisivo é o movimento escolhido pelos dois padres que escrevem naquelas décadas. Isso especialmente a João Mendes Lira, que faz uma defesa histórica da cidade, de sua importância, de sua influência, com o intuito, talvez, de tornar Sobral protagonista, pelo menos aos seus olhos, novamente.

Esse movimento ganhou força, tornando-se influente gradativamente, com a ascensão de uma nova oligarquia, capitaneada pela família “Ferreira Gomes”, liderada por Cid Ferreira Gomes, que governa Sobral desde o ano de 1997<sup>37</sup>. Um membro desse grupo, Veveu Arruda (2011-17), foi o prefeito responsável pelo financiamento da publicação de obras como *Sobral Solar*, além de importante movimento de publicação de dissertações e teses em forma de livros sobre a história da cidade e a reedições de *Cronologia Sobralense*, de Sadoc de Araújo. As políticas de rememoração empreendidas pela Prefeitura de Sobral, em geral, silenciam sobre os anos posteriores a morte de dom José. *Sobral Solar* é um dos signos dessa tentativa de definir

---

<sup>37</sup> Cid Ferreira Gomes em dois mandatos (1997-2005), Leônidas Cristino também em dois mandatos (2005-2011), Clodoveu Arruda Neto, ex-vice de Leônidas Cristino, (2011-2017) e Ivo Ferreira Gomes (2017...) são os representantes dessa oligarquia, alinhadas geralmente com candidaturas do grupo Ferreira Gomes (vários partidos: PSDB, PPS, PSB, PROS e PDT) e candidatos a vice do Partido dos Trabalhadores (PT).

um passado histórico conveniente para a cidade, articulado e equilibrado com as “luzes” que os clérigos observavam e defendiam no passado.

## 2.2 OS PADRES FABRICADORES DE PASSADOS DE SOBRAL

Houve, no século XX, uma variada publicação de escritos de autoria de clérigos católicos. Essa produção não se resume apenas aos escritos de síntese histórica citados acima. São dezenas de livros ou artigos, lançados ao longo do século XX, compondo uma grande massa documental, marcada por recorrências e regularidades discursivas, aproximações e, em alguns casos, tensões entre os historiadores. Mas uma coisa dá unidade aos textos: a tentativa de inventarem discursivamente uma cidade modelar, que deveria ser notada e copiada por pessoas de outros lugares.

Para entender as relações entre os autores, propomos as seguintes questões: por onde se moviam os protagonistas de nossa pesquisa? Se conheciam pessoalmente? O que em suas trajetórias pessoais era comum? Onde havia rupturas? Creio que problematizar a principal instituição de formação clerical, além de escrever uma pequena biografia de cada padre, observando especialmente sua produção acadêmica e possíveis contatos entre si, seja uma boa alternativa para indicar o perfil desses sujeitos que, mesmo atuando em temporalidades diferentes, compartilharam muitas experiências.

Para uma melhor percepção das relações entre esses clérigos, no Seminário São José e em outros espaços da cidade, ao longo do tempo, opto por dividir a análise da vida dos cinco padres em duas gerações. Tendo a concordar com o historiador Temístocles Cezar que o conceito de “geração” ou de “gerações” traz consigo alguns problemas de definição. Sua conclusão sobre o conceito apresenta bem a problemática que o reveste. Segundo ele,

Não obstante, uma coordenada escapa às sombras e aos silêncios, porquanto incontornável, em todas as produções que se dedicam de um modo ou outro ao tema: o tempo. A geração, as gerações são uma das formas de se calcular, de se normatizar, de se controlar e de se viver o tempo, seja ele o cronológico, seja ele o biológico, seja ele o íntimo, seja ele até mesmo o descontínuo.<sup>38</sup>

Dito isso, entendo que o conceito de geração aqui trabalhado não traz uma fronteira fixa no tempo e nas relações. Serve para nos situar melhor nos grupos que mantinham maiores

---

<sup>38</sup> CEZAR, Temístocles. Geração e/ou gerações? In: *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 13, n. 34, p. 11–15, 2020. DOI: 10.15848/hh.v13i34.1788. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1788>. Acesso em: 5 jul. 2022. p. 13.



interações em momentos de produção similares, com relações sociais parecidas com as mesmas instituições. Classifico como primeira geração dos padres produtores de passados os clérigos que nasceram ainda no século XIX, conviveram e publicaram até meados do século passado. Dessa forma, nessa divisão, Fortunato Alves Linhares e Vicente Martins da Costa, junto a dom José Tupinambá da Frota, compõem o primeiro momento da produção historiográfica sobre o município de Sobral, realizada por clérigos. Esses padres se caracterizam por produzirem uma menor quantidade de textos, com pequena variação temática, mas uma íntima relação com a *Revista do Instituto do Ceará*.

Já a segunda geração, nascida nos anos 1920 e 1930, e educada lendo e convivendo com os clérigos da primeira geração, é formada por João Mendes Lira e Francisco Sadoc de Araújo, que escreveram uma grande variedade de textos, com diferentes temáticas, especialmente Lira, expressando um dever de herança em relação à geração anterior, no trato de algumas problemáticas e ao reescreverem a história da cidade, publicando seus textos em forma de livros, ligados, de uma forma ou outra, à Universidade Vale do Acaraú (UVA).

Independente da geração, todos os padres autores das obras aqui estudadas eram clérigos com importantes funções administrativas e burocráticas ao longo de suas trajetórias. Foram vigários e/ou tiveram carreiras como docentes, especialmente no Seminário Diocesano São José (fundado em 1925 por dom José), ou até na Universidade Estadual Vale do Acaraú. Tiveram, pois, acesso a uma farta documentação, de posse das cúrias ou das paróquias, já que os arquivos de Sobral também são, em sua maioria, de instituições religiosas. A Igreja Católica era o lugar institucional de produção dessas obras e um dos principais delimitadores dos *lugares sociais de produção* dos clérigos.

Lembre-mos de que para Certeau, “[...] toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural”.<sup>39</sup> O historiador não escreve “solto” no tempo e na sociedade. O historiador pertence ao meio social, tendo suas vivências, relações e posições sociais como importantes marcadores de sua produção. “Ela [produção] está, pois, submetida às imposições, ligada a privilégios, enraizada em particularidade”<sup>40</sup>. Como veremos a seguir, a produção desses padres está alinhada com as relações institucionais que eles mantinham, com o lugar que ocupavam na Igreja Católica e eram motivadas até, no caso de João Mendes Lira, pelos ressentimentos que nutria por conta dessas relações.

---

<sup>39</sup> CERTEAU, Michel. *A escrita da história. Op. Cit.* p. 66.

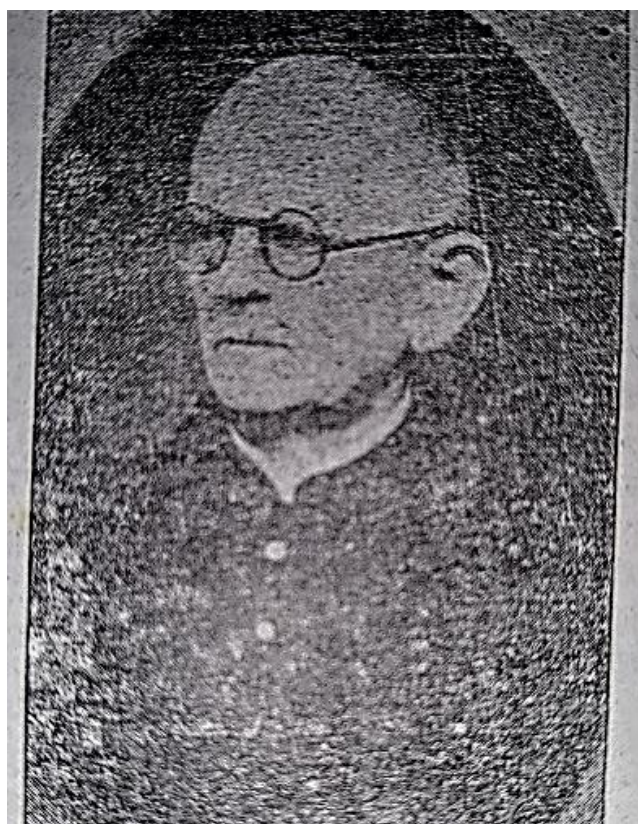
<sup>40</sup> CERTEAU, Michel. *A escrita da história. Op. Cit.* pp. 66 e 67.

### 2.2.1 A primeira geração de padres produtores de passados

Podemos afirmar que o movimento de fundação de uma historiografia por clérigos da Igreja Católica em Sobral tem como instituição autorizadora e legitimadora auxiliar o *Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará*, a partir de sua *Revista*, em atividade desde a década de 1880, por iniciativa do Barão Guilherme Stuart. O *Instituto Histórico*, como é mais conhecido, e a *Revista do Instituto Histórico* compuseram o maior dispositivo de divulgação da produção historiográfica dos clérigos e dos nomeados de historiadores, em geral, ao longo do final do século XIX e começo do século XX.

Publicar na *Revista* era ter seu saber autorizado e reconhecido no campo intelectual de Fortaleza, capital do Ceará. Não à toa, as primeiras publicações dos padres Vicente Martins da Costa e Fortunato Alves Linhares foram concentradas na *Revista do Instituto Histórico*, sendo todos os membros da primeira geração sócios-correspondentes da instituição, até mesmo dom José, que nunca publicou diretamente nela.

Figura 9 – Padre Fortunato Alves Linhares (1869-1960)



Fonte: LINHARES, Fortunato Alves. *Notas históricas da cidade de Sobral: 1712 – 1922*. Sobral, 1945. p. 15

Seguindo uma cronologia de nascimento, o mais velho dos clérigos a publicar textos, no início do século XX, foi Fortunato Alves Linhares. Nascido em Sobral, em 14 de outubro de 1869, e falecido no dia 8 de dezembro de 1960, era filho de uma família tradicional da cidade. Seus pais eram Vicente Alves Linhares e Felismina Idalina de Jesus Linhares. Como gostavam de citar seus biógrafos, tinha linhagem portuguesa, sendo neto, de descendência materna, de Francisco Alves Machado Freire.

Ganhou relatos biográficos em ao menos quatro obras, *Notas biográficas do clero sobralense*, escrita por Vicente Martins da Costa (1920), *Homens e vultos de Sobral*, também de Vicente Martins (1941), *Monsenhor Linhares* (1962), escrita por Mário Linhares e *Dicionário biográfico de sacerdotes sobralenses* (1985), de Sadoc de Araújo.

Na maioria desses textos, ele é biografado como sendo um padre que realiza seus estudos entre Sobral, Fortaleza e Salvador, sendo ordenado em 30 de novembro de 1892, na capital cearense, cumprindo funções sacerdotais como coadjutor entre 1893 e 1894 em Maranguape, e, depois, entre 1894 e 1916, alternando as mesmas funções em Sobral com a de pároco em Aracatiaçu, distrito de Sobral. Foi capelão da Igreja do São Francisco por mais de quarenta anos, entre 1898 e 1939. A partir de 1916, o bispo da cidade, dom José Tupinambá da Frota, designa-o como pároco de Meruoca, estendendo sua atuação por toda região. A ele é atribuído o mérito da construção da estrada de rodagem que liga Sobral àquela cidade.

Manteve carreira sólida no ensino, fundando colégios, como o Externato São Luís, em Sobral, que funcionou entre 1907 e 1925, destacando-se, segundo Vicente Martins<sup>41</sup>, como professor de humanidades, em especial de história. Foi professor ainda do Seminário São José, entre 1925 e 1935. Também teve uma notável carreira política, como vereador e depois como prefeito (intendente) da cidade de Sobral, em 1928.

Como historiador, Fortunato Alves Linhares lança sua primeira versão de uma síntese da história do município de Sobral, em 1922. *Notas históricas sobre a cidade de Sobral*<sup>42</sup> faz um grande apanhado dos fatos religiosos, políticos e jurídicos, além de mapear os prédios, praças e monumentos do sítio urbano, fazendo uma apresentação da cidade progressista para o público leitor, na capital do Estado. A década de 1930 não tem novas publicações dos clérigos.

---

<sup>41</sup> COSTA, Vicente Martins da. *Notas Biográficas do Clero Sobralense*. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano LIV, 1940.

<sup>42</sup> LINHARES, Fortunato Alves. *Notas históricas da Cidade de Sobral*. In: *Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano XXXVI, 1922.

Quase duas décadas depois, em 1941, foi lançado o artigo *Apontamentos para a história e corografia do município e cidade de Sobral*<sup>43</sup>, no qual Linhares segue as regras definidoras do gênero corográfico, que era corrente no século XIX, com uma descrição da composição étnica, demográfica e geográfica do município, tentando justificar aspectos comportamentais dos habitantes de Sobral. Nele, a estratégia de fabricação do passado é outra. É um documento pouco conhecido na historiografia da cidade.

Poucos anos depois, em 1945, Fortunato Alves Linhares publica, em forma de livro, uma edição ampliada do artigo de 1922, intitulado *Notas Históricas da Cidade de Sobral*<sup>44</sup>, alcançando um público regional, gozando, inclusive, de uma apresentação realizada pelo bispo de Sobral, dom José Tupinambá da Frota.

Apesar de ser o mais velho dos clérigos do que nomeio primeira geração dos padres fabricantes de passados de Sobral, Fortunato Alves Linhares teve uma vida longa, falecendo muitos anos depois de Vicente Martins (1948) e um ano após dom José Tupinambá da Frota (1959), que eram, respectivamente, onze e treze anos mais novos que ele, aos noventa e um anos de idade, em 1960.

Todos conviveram por pelo menos três décadas na mesma diocese. Aparentemente, o contato com Vicente Martins, se não parece ser muito próximo – não há referência aos escritos do outro em suas obras -, ao menos não há nenhuma evidência de ser conflituoso, já que ambos foram párocos da recém-criada diocese de Sobral e Vicente Martins não se furtou em escrever relatos biográficos elogiosos sobre o companheiro de batina.

Com dom José Tupinambá da Frota, a proximidade parece ser mais intensa. Fortunato Alves Linhares já era pároco em Aracatiaçu, distrito de Sobral, quando o então padre José é destacado como novo vigário de Sobral, em 1908. Eles mantêm parceria durante anos. Como padre da predileção do bispo, Fortunato foi nomeado vigário, em diferentes momentos, por dom José, quando esse assumiu o bispado, tanto da cidade de Meruoca quanto de Aracatiaçu. Foi, mais que tudo isso, o confessor do bispo<sup>45</sup>. Era o símbolo de grande confiança depositada pelo prelado, ao escolher como confessor Fortunato Linhares.

É marcante também o respeito que ambos nutriam entre si no campo intelectual. Como já dissemos, foi dom José que realizou a apresentação da edição em forma de livro de *Notas*

---

<sup>43</sup> LINHARES, Fortunato Alves. Apontamentos para a história e corografia do município e cidade de Sobral. In: *Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano LV, 1941. pp. 234 a 251. Ver: [https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1941/1941-Apontamentos\\_para\\_a\\_historia\\_e\\_geografia\\_do\\_municipio\\_e\\_cidade\\_de\\_Sobral.pdf](https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1941/1941-Apontamentos_para_a_historia_e_geografia_do_municipio_e_cidade_de_Sobral.pdf). Acesso em: 26 de jul. de 2022.

<sup>44</sup> LINHARES, Fortunato Alves. *Notas históricas da cidade de Sobral*. Sobral, 1945.

<sup>45</sup> LINHARES, Mário. *Monsenhor Linhares*. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert Limitada, 1962. p. 7.

*históricas da cidade de Sobral*, em 1945. Contar com a chancela do bispo indicava sinal de prestígio. Em seis parágrafos, Fortunato Alves Linhares é conceituado como “alma ardente de patriota” e “amante do torrão natal”, que faz extensa pesquisa em “alfarrábios”, selecionando os principais fatos sobre a “civilização cristã” e que prepararam a educação que justifica o “brilhante surto da nossa intellectualidade”<sup>46</sup>. Para dom José, Fortunato era um grande representante dos amantes da terra natal, atributo valioso na historiografia de Sobral.

O prestígio que gozava, junto ao bispo, torna-se mais notável na década seguinte, em 1952, quando é Fortunato quem assina a apresentação de uma obra de dom José, *História de Sobral*, demonstrando a distinção das ligações dele com o bispo, que o avalia como um sujeito que “[...] ama deveras [Sobral], com toda intensidade de amor e afeto, como provam as grandes obras por ele edificadas, merecendo, por isso mesmo, o cognome de 3º fundador desta heráldica SOBRAL [sic]”<sup>47</sup>. Os dois, então, se admiravam como amantes da terra que veneravam e historiavam da mesma maneira.

Certamente, como um dos clérigos mais velhos de Sobral, era um sacerdote respeitado pelos seminaristas, nas décadas de 1940 e 1950. Não à toa, foi citado por Francisco Sadoc de Araújo e por João Mendes Lira com respeito em seus textos.

Figura 10 – Padre Vicente Martins da Costa (1880-1948)



Fonte: <http://paroquiasjgranja.blogspot.com/2011/12/parocosvigarioscuras-e-vacancias.html>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

<sup>46</sup> FROTA, José Tupinambá da. Apresentação. In: LINHARES, Fortunato Alves. *Notas históricas da cidade de Sobral*. Sobral, 1945.

<sup>47</sup> LINHARES, Fortunato Alves. À Guisa de Prólogo. FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. 3ª Ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Estado, 1995.

Vicente Martins da Costa não foi objeto de textos biográficos, nem escreveu sobre si nas obras biográficas que publicou. É o único dos clérigos com obras aqui estudadas a não ter nascido em Sobral. Nasceu em Fortaleza, em 19 de julho de 1880, e faleceu em São Paulo, no dia 27 de março de 1948, para onde tinha ido em busca de tratar sua enfermidade, não especificada em nossas fontes. Era filho do Tenente Coronel João Martins da Costa e de Ursulina Martins da Costa. Em Fortaleza, realizou seus estudos no Seminário da Prainha, sendo ordenado padre em 1903. Inicialmente foi padre coadjutor de Granja (1903-1904) e pároco em Camocim (1904 – 1905).

Entre 25 de janeiro de 1905 e 31 de dezembro de 1935, Vicente Martins foi pároco em Granja<sup>48</sup>, cidade distante cem quilômetros de Sobral, municípios interligados por uma estrada de ferro construída no final do século anterior. Ele passou a responder diretamente ao bispo dom José Tupinambá da Frota, com a sua posse na recém-criada Diocese de Sobral, em 1916. Sua atuação na Paróquia São José rendeu grande influência e respeito em toda a área, chegando ao ponto de um antigo distrito (Angica), então pertencente ao Município de Granja, quando emancipa-se anos depois, homenageá-lo com seu novo nome enquanto cidade: Martinópole<sup>49</sup>.

A partir de 1936, Vicente Martins é transferido para Sobral, se tornando vigário da Paróquia de N.S. do Patrocínio, ficando na administração paroquial até 1945. À frente daquela importante comunidade, fez intervenções no espaço urbano, em especial a construção de um monumento em uma colina próxima à estação ferroviária de Sobral. Mimetizando a construção realizada pelo Cardeal Leme, no Rio de Janeiro, um Cristo Redentor foi erguido em Sobral, compondo a paisagem urbana e influenciando na ocupação da área que, até hoje, correspondendo a um bairro, conhecido como “Alto do Cristo”.

Vicente Martins publicou, além das obras historiográficas, um texto de articulação social e teológica, intitulado *A família, o divórcio e a Eugenia*<sup>50</sup>, publicado pela Editora Vozes, em 1940, o que demonstra prestígio, haja vista a importância que tal editora já mantinha naquele período. Mas a sua escrita foi direcionada para produções de narrativas sobre o passado, especialmente *corografias* e *biografias*. O clérigo era colaborador assíduo da *Revista do Instituto Histórico*, que tinha periodicidade trimestral. Ele publicou, em duas partes, em 1912 e

---

<sup>48</sup> Ver: <http://paroquiasjgranja.blogspot.com/2011/12/parocosvigarioscuras-e-vacancias.html>. Acesso em: 23 de set. de 2020.

<sup>49</sup> Vicente da Costa Martins foi o fundador do distrito, emancipado apenas em 1957. A homenagem ocorreu em 1971. Ver: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/martinopole-festeja-50-anos-de-fundacao-1.561142>. Acesso em: 23 de set. de 2020.

<sup>50</sup> COSTA, Vicente Martins da. *A família, o divórcio e a eugenia*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1940.

1915, *Noticia-Chorographica da Comarca de Granja*<sup>51</sup>, na qual faz uma descrição de aspectos históricos e geográficos próprios do gênero corográfico. Na década de 1920, mais dois artigos foram publicados: o primeiro, em 1920, é intitulado *Notas biográficas do clero sobralense*<sup>52</sup>. Nele, setenta e sete clérigos tiveram suas vidas narradas, com a composição de pequenos verbetes que indicavam, preferencialmente, quando e onde nasceram e morreram, onde estudaram e qual a relevância para a cidade. No artigo, Vicente Martins já anunciava que uma biografia de dom José seria publicada separadamente.

Alguns anos depois, cumprindo sua palavra, Vicente Martins biografa o jovem bispo de forma laudatória. Uma espécie de “hagiobiografia”, misturando elementos puramente exemplares com fatos de sua vida, é publicada na *Revista do Instituto do Ceará*, em 1926<sup>53</sup>. Esse texto, inclusive, se torna o modelo a partir do qual outras biografias do bispo são escritas, na segunda geração de padres historiadores.

Assim como Fortunato Alves Linhares, Vicente Martins passou um longo tempo sem publicar. Essa pausa é rompida somente na década de 1940, com dois textos: a segunda parte do artigo *Notas biográficas do clero sobralense*<sup>54</sup>, segmentado em dois textos publicados em 1940 e 1941, com a narrativa da vida de 63 clérigos, e o livro *Homens e vultos de Sobral*<sup>55</sup>, em 1941, que realizava a biografia de centenas de homens da cidade, considerados notáveis pelo clérigo. O texto principal é antecedido de uma *Resenha histórica da cidade de Sobral*, que conta, assim como outras obras de síntese histórica, os principais fatos da história do município, a partir da óptica dos padres fabricantes de passados.

Vicente Martins da Costa foi um clérigo bem articulado nas relações com seus pares. Além de se manter por mais de quarenta anos como vigário de diferentes paróquias, fez parte da Peregrinação Brasileira a Roma, em 1925. Em 1930, assistiu ao Congresso do Cristo Redentor, na época da inauguração do monumento, depois reproduzido, por sua iniciativa, em Sobral. Além de, em 1934, ter comparecido ao Congresso Eucarístico Internacional de Buenos Aires. Certamente, vendo a ascensão e participação intelectual de um de seus subordinados,

---

<sup>51</sup> COSTA, Vicente Martins da. *Noticia-Chorographica da Comarca de Granja*. In: *Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano XXVI, 1912. pp. 317 a 360. Ver: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1912/1912-NoticiaHistorico-chorographicadaComarcaGranja.pdf>. Acesso em: 26 de jul. de 2022.

<sup>52</sup> COSTA, Vicente Martins da. *Notas biográficas do Clero Sobralense*. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano XXXIV, 1920.

<sup>53</sup> COSTA, Vicente Martins da. Don José Tupynambá 1º bispo de Sobral (Biographia). In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano XL, 1926.

<sup>54</sup> COSTA, Vicente Martins da. *Notas Biográficas do Clero Sobralense*. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano LIV, 1940.

<sup>55</sup> COSTA, Vicente Martins da. *Homens e Vultos de Sobral*. Sobral: [s.n.], 1941.

dom José não hesitou em trazê-lo para próximo de si, a partir de 1936, onde ficou até seu afastamento para tratamento de saúde e falecimento, em 1948.

Figura 11 – Dom José Tupinambá da Frota (1882-1959)



Fonte: <https://correiodasemana.com/site/2019/09/30/dom-jose-tupinamba-da-frota-60-anos-de-sua-morte/>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

O primeiro bispo de Sobral, dom José Tupinambá da Frota, nasceu na cidade em que, por tantos anos, governou a diocese, em 10 de setembro de 1882. Filho primogênito de Manuel Artur da Frota e de Raimunda Artemísia Rodrigues Lima, estudou em Salvador e em Roma, no colégio Pio Latino-Americano, onde foi companheiro de turma do cardeal Leme, arcebispo do Rio de Janeiro de 1930 a 1942. Tinha laços familiares com dom Jerônimo Tomé da Silva, que foi arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, entre 1893 e 1924, o que facilitava algumas de suas relações políticas eclesiásticas. Dom José foi objeto de diferentes biografias ao longo dos anos, destacando-se a já citada, realizada por Vicente Martins, em 1926, e as publicadas por Lira e Sadoc de Araújo, no centenário de seu nascimento, em 1982. Discutiremos essas biografias em tópico específico de nosso terceiro capítulo.

Após lecionar em São Paulo, no ano de 1907, foi vigário de sua terra natal entre 1908 e 1916, e o primeiro bispo da cidade, desde 1916 até sua morte, em 25 de setembro de 1959. Era sócio de diferentes associações intelectuais, apesar de raramente ter publicado alguma obra,



sendo seu principal texto o livro *História de Sobral*<sup>56</sup>, de 1952. O bispo nunca publicou textos autorais na *Revista do Instituto Histórico*, apesar de ser um de seus membros-correspondentes. Todavia, o *Instituto Histórico* se faz influente de outra forma em sua obra, sendo o principal fornecedor dos documentos reproduzidos pelo bispo em *História de Sobral*.

A Diocese de Sobral representava a instituição máxima do poder religioso na região, abarcando um raio de ação de cerca de 150 quilômetros. Foram seus subordinados, em diferentes momentos, todos os outros clérigos com obras estudadas aqui. Enquanto Vicente Martins da Costa e Fortunato Alves Linhares eram contemporâneos do primeiro bispo e vivenciaram a implantação do arcebispado além de sua intervenção inicial na cidade, os outros dois clérigos, João Mendes Lira e Francisco Sadoc de Araújo, deram passos importantes em sua formação e atuação realizadas nos locais e nas instituições religiosas criadas por dom José, em especial o Seminário Diocesano São José.

Enquanto prelado, dom José foi protagonista de ações e práticas que o levou a ser nomeado de “benfeitor” por seus entusiastas biógrafos. Movido pelo *processo de romanização* da Igreja Católica, em voga no Brasil, nas novas dioceses criadas, no início do período republicano<sup>57</sup>, fundou um jornal, um museu, um hospital, um banco, algumas escolas, além de expandir as paróquias da cidade e reformar templos religiosos.

O bispo não foi alheio às relações políticas. O período de maior influência de seu episcopado coincide com a administração de Menezes Pimentel, político alinhado com o catolicismo, que entre o cargo de governador democraticamente eleito e interventor, ficou entre 1935 e 1950 no poder estadual. Na cidade, dom José foi rival político do dr. José Saboya de Albuquerque, juiz e dono da Fábrica de Tecidos Ernesto Diocleciano, principal indústria da cidade. Manteve relações de aproximação com Francisco de Almeida Monte, um dos mais influentes líderes políticos da cidade, rompendo tal aliança apenas nas eleições de 1958, quando o prelado apoiou seu filho adotivo, o candidato vencedor padre José Palhano de Saboya contra o candidato Jacinto Antunes Barbosa, apoiado por Chico Monte.

Analisando a trajetória do bispo, ela teve ao menos três momentos bem distintos. Até os 25 anos, na juventude, há a formação religiosa e intelectual do prelado, que em Roma atinge os títulos de doutor em filosofia e teologia bem como alcança o cargo de vigário em Sobral. Um segundo momento vai até os 63 anos, quando consegue realizar a maioria de suas intervenções materiais na cidade, como vigário e, a partir dos 33 anos, como bispo. Por fim, entre os 63 e os

---

<sup>56</sup> FROTA, dom José Tupinambá da. *História de Sobral*. 3ª ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1995.

<sup>57</sup> Ver: MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira: 1890 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

77 anos, ocorre o seu declínio político, envolvido em diferentes polêmicas, especialmente após a redemocratização política do país, em 1945, quando o bispo passa a lutar pela preservação da memória de suas conquistas e feitos. É no último período de sua trajetória, com quase 72 anos, que lança o livro *História de Sobral*, em 1952.

Como bispo, dom José viveu em dois palacetes. Entre 1916 e 1933, na residência episcopal, que foi a casa opulenta do senador Francisco de Paula Pessoa no século anterior. O prédio foi doado à Congregação Filhas de Sant'Ana, para funcionar como escola para educação feminina, dando origem ao Colégio Sant'Ana, fundado em fevereiro de 1934. Dom José se mudou para um outro sobrado, em 1933, também muito pomposo, construído pelo major João Pedro Bandeira de Melo, na mesma rua e esquina da Praça do Theatro São João, onde hoje existe um busto em sua homenagem. Nessa última residência, alguns clérigos e seminaristas costumavam passar temporadas ou até morar com o bispo. Por lá, passaram seus herdeiros eclesiásticos. Um deles foi o padre João Mendes Lira.

### **2.2.2 A segunda geração de padres produtores de passados**

Após a morte de dom José (1959), Vicente Martins (1948) e Fortunato Alves Linhares (1960), não há produção bibliográfica publicada por clérigos nos anos 1960. Apenas nos anos 1970 temos a retomada da escrita da história da cidade de Sobral por clérigos da cidade. A partir de então, dois padres ganham protagonismo na historiografia local: João Mendes Lira, que começa a publicar a partir de 1971, com os livros *De Caiçara a Sobral*<sup>58</sup> e *Nossa História*<sup>59</sup>, e Francisco Sadoc de Araújo, que inicia suas publicações com *Cronologia Sobralense*<sup>60</sup>, em 1974. As décadas de 1970 e 1980 marcam o ápice da produção dos clérigos da segunda geração, ultrapassando a quantidade de textos publicados pela primeira e não tendo mais necessidade de filiação ao *Instituto do Ceará*.

---

<sup>58</sup> LIRA, João Mendes. *De Caiçara a Sobral*. Sobral: [s.n.], 1971.

<sup>59</sup> LIRA, João Mendes. *Nossa História*. Sobral: [s.n.], 1971.

<sup>60</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense: Séculos XVII e XVIII*. 2. ed. Fortaleza: ECOA, 2015.

Figura 12 – Padre João Mendes Lira (1925-2005), Fotografia de 1963.



Fonte: Arquivo Pessoal.

João Mendes Lira nasceu em Sobral, no dia 25 de janeiro de 1925, falecendo no dia 22 de julho de 2005. Filho de José de Lira Pessoa e Jaci Mendes Lira, estudou em Sobral, Fortaleza, Roma e João Pessoa, sendo ordenado por dom José Tupinambá da Frota, em sua cidade natal, no dia 28 de outubro de 1951. Além de ter sido registrado no *Dicionário de Clérigos Sobralenses*<sup>61</sup>, do padre Sadoc de Araújo, escreveu um livro de memórias, intitulado *O meu encontro com a vida e a morte*<sup>62</sup>, publicado em 1999, no qual há uma rica quantidade de testemunhos.

Segundo esse texto, após ser sagrado padre, em 1951, ele foi destacado como pároco em Frecheirinha, cidade a cinquenta quilômetros de Sobral, na época recém-emancipada politicamente. Ficou lá até 1953, quando solicitou a renúncia, devido a uma enfermidade. Lira narra assim, seu encontro com dom José, para lhe comunicar a sua vontade de renunciar ao cargo: “Primeiro expus a ele as condições em que me encontrava, depois pedi a renúncia da

---

<sup>61</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Dicionário biográfico de sacerdotes sobralenses*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1985.

<sup>62</sup> LIRA, João Mendes. *O meu encontro com a vida e a morte*. Sobral – CE: Sobral Gráfica LTDA, 2002.

Paróquia. Sem fazer objeção, ele me concedeu e convidou-me para morar com ele. As nuvens começaram a se dissipar”<sup>63</sup>.

Retornou a Sobral, passou a integrar o corpo docente do Seminário Diocesano, onde ministrou inicialmente aulas de religião, geografia e história. Essa experiência docente ajuda a explicar a produção historiográfica do padre, nos anos posteriores, especialmente pelo desejo incessante que a população conhecesse a história local. Não à toa, a coluna que ele publicava no *Correio da Semana*, jornal da diocese, era intitulada *Nossa História*.

Em 1971, ele publica duas obras, *Nossa História*<sup>64</sup>, que condensava as colunas que escrevera para o *Correio da Semana*, e a síntese da história do município, a principal obra do autor, *De Caiçara a Sobral*<sup>65</sup>, na qual narrou o que considerava os principais marcos factuais de sua história, mais uma vez colocando a Igreja Católica como a protagonista principal da trajetória do município no tempo. Motivado por isso, publica em 1973, *Sobral dentro da Área de Estudos Sociais*<sup>66</sup>, voltado para crianças e adolescentes.

Em 1975, iniciando um processo de construção de um arquivo historiográfico para a cidade, há a publicação, por Lira, de *Sobral, sua história documental e a personalidade de D. José*<sup>67</sup>, sucedido, em 1976, por *Sobral na História do Ceará e a Personalidade do Padre Ibiapina*<sup>68</sup>. Obras com apelo documental, tentaram colocar outros clérigos de Sobral, como dom José e o Padre Ibiapina, como sujeitos exemplares da história, ensaiando uma historiografia com perspectiva biográfica.

Após a publicação de uma biografia sobre o literato Domingos Olímpio, intitulada *A vida e obra de Domingos Olympio*<sup>69</sup>, em 1977, João Mendes Lira foca seus interesses nas expedições que vieram a Sobral em 1919 para a comprovação da Teoria Geral da Relatividade, de Albert Einstein. Comemorando os sessenta anos do evento, portanto, é publicado, em 1979, um livro intitulado *O Eclipse Total do Sol – visto e observado em Sobral no dia 29 de maio de 1919*<sup>70</sup>, que tinha como característica, assim como a maioria de suas obras, a reprodução de documentos selecionados, que serviriam muito mais como a promoção e divulgação de um arquivo impresso para os leitores, do que como um livro de história que contivesse uma intriga

---

<sup>63</sup> *Ibidem*. p. 35.

<sup>64</sup> LIRA, João Mendes. *Nossa História*. Sobral: [s.n.], 1971.

<sup>65</sup> LIRA, João Mendes. *De Caiçara a Sobral*. Sobral: [s.n.], 1971.

<sup>66</sup> LIRA, João Mendes. *Sobral dentro da Área de Estudos Sociais*. Sobral: [s.n.], 1973.

<sup>67</sup> LIRA, João Mendes. *Sobral, sua história documental e a personalidade de D. José*. Rio de Janeiro: Companhia brasileira de Artes Gráficas, 1975.

<sup>68</sup> LIRA, João Mendes. *Sobral na história do Ceará e a personalidade do Padre Ibiapina*. Rio de Janeiro: Companhia brasileira de Artes Gráficas, 1976.

<sup>69</sup> LIRA, João Mendes. *A vida e obra de Domingos Olympio*. Sobral: [s.n.], 1977.

<sup>70</sup> LIRA, João Mendes. *O Eclipse Total do Sol – visto e observado em Sobral no dia 29 de maio de 1919*. Rio de Janeiro: Companhia brasileira de Artes Gráficas, 1979.

e uma interpretação original da documentação. Com uma perspectiva similar, de composição de um arquivo de documentos publicados, Lira lança, em 1981, o livro *A escravidão e a abolição dos escravos em Sobral*<sup>71</sup>.

Em 1982, com perspectivas conflitantes, mas mantendo uma ligação com o texto de Vicente Martins da Costa, de 1926, tanto Lira quanto Sadoc de Araújo lançam biografias em homenagem a dom José Tupinambá da Frota, por conta do centenário de seu nascimento. *A vida e obra de Dom José Tupinambá da Frota primeiro bispo de Sobral*<sup>72</sup>, de Lira, mantinha um misto de avaliação apologética sobre as obras realizadas pelo bispo na cidade, ao passo que em diversos momentos criticava a personalidade ególatra do bispo, ensaiando uma avaliação psicanalítica do prelado.

Dando continuidade à publicação de obras que reproduziam fontes e forneciam, assim, instrumentos para a escrita da história por outros que o sucedessem, Lira publica, em 1984, *Subsídios para a história política e eclesiástica do Ceará*<sup>73</sup>, em que cita alguns documentos que se relacionam com a vida de clérigos, em especial nascidos em Sobral, que teriam tido atuação de destaque no interior da Igreja Católica.

Em 1986, há a publicação de *Uma visão sócio-histórico-cultural, dos vinte e cinco anos de existência da Faculdade de Filosofia Dom José de Sobral*<sup>74</sup>, a qual oferece uma série de testemunhos e análises acerca da experiência docente. *História do Abrigo Coração de Jesus*<sup>75</sup> é a última obra historiográfica publicada por Lira, em 1988, realizando uma ode ao que considerava a maior obra realizada por dom José. No ano de 1991 o clérigo publica um texto atribuído a dom José, do qual realiza apenas a edição e a apresentação, intitulado *O livro inédito de Dom José Tupinambá da Frota primeiro bispo de Sobral*<sup>76</sup>.

Em suas obras não há menção aos escritos de seu contemporâneo Francisco Sadoc de Araújo. Demonstrando, talvez, alguma rivalidade, esse silêncio pode ser interpretado como uma tentativa de manter o foco nos seus próprios escritos e nas obras da primeira geração de padres fabricantes de passados em Sobral, da qual o clérigo almejava ser herdeiro. Os clérigos da

---

<sup>71</sup> LIRA, João Mendes. *A escravidão e a abolição dos escravos em Sobral*. Rio de Janeiro: Companhia brasileira de Artes Gráficas, 1981.

<sup>72</sup> LIRA, Padre João Mendes. *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota: primeiro Bispo de Sobral*. (1882 – 1982). Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1982.

<sup>73</sup> LIRA, João Mendes. *Subsídios para a história eclesiástica e política do Ceará*. Rio de Janeiro: Companhia brasileira de Artes Gráficas, 1984.

<sup>74</sup> LIRA, João Mendes. *Uma visão sócio-histórico-cultural, dos vinte e cinco anos de existência da Faculdade de Filosofia Dom José de Sobral*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1986.

<sup>75</sup> LIRA, João Mendes. *História do Abrigo Coração de Jesus*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1986.

<sup>76</sup> LIRA, João Mendes. *O livro inédito de Dom José Tupinambá da Frota: 1º Bispo de Sobral*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1991.

primeira geração são tratados com respeito e admiração por Lira, com citações de suas obras em diversos momentos.

Após falecer, em 2005, seus arquivos, livros e pertences foram divididos entre dois locais: o Museu Diocesano dom José, onde existe uma sala em sua homenagem, e o Núcleo de Estudos e Documentação Histórica – NEDHIS, ligado ao Curso de História da UVA. Essa cisão acaba por danificar a integridade e a compreensão de seu arquivo.

Figura 13 – Padre Francisco Sadoc de Araújo (1931)



Fonte: <http://sobralemrevista.com.br/2019/09/16/padre-sadoc-de-araujo-em-respira-sem-ajuda-de-aparelhos-mas-segue-na-uti-do-hospital-do-coracao-de-sobral/>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

O cônego Francisco Sadoc de Araújo nasceu também em Sobral, no dia 17 de dezembro de 1931. Filho de Galdino Urbano de Araújo e Rita Albuquerque Araújo, é o único clérigo que, no momento de escrita dessa pesquisa, ainda é vivo. Mas, enfermo, não tem mais a lucidez de décadas atrás, o que impossibilita uma entrevista. Ele estudou em Sobral, Fortaleza e Roma, onde foi ordenado em 25 de fevereiro de 1956. Retornou ao Brasil, no final do ano, após passar pela Alemanha e pela Bélgica. Em 1957 se transformou em professor do Seminário São José, de Sobral, e do Colégio Santana, onde lecionou até 1972. Em 1964 se tornou reitor do Seminário. Desde 1961 integrou a Faculdade de Filosofia, que veio a ser a semente para a Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, da qual foi o primeiro reitor, a partir de 1968, ficando no cargo até 1990. Sadoc de Araújo valorizava a criação da universidade como sendo uma nova fundação da cidade. Segundo ele,

Há na história de Sobral dois marcos miliários, que, assinalam os dois dias mais memoráveis de toda evolução diacrônica da cronologia da cidade: 5 de julho de 1773 e 23 de outubro de 1968. A primeira data relembra a criação do município, que lhe trouxe a independência política, e a segunda, festeja a criação da Universidade, que lhe trouxe a maioria cultural<sup>77</sup>.

Sadoc de Araújo teve forte participação e influência na administração de instituições educacionais, na cidade. Além de ser reitor da única universidade que, por muito tempo funcionou em Sobral, foi secretário de educação de Sobral e membro do Conselho de Educação do Estado do Ceará. Seu interesse pela ideia de progresso cultural é latente. Em suas funções eclesiásticas, o maior destaque foi o de ter sido vigário da Paróquia do Cristo Ressuscitado (Igreja da Ressureição), desde sua fundação, em 1996, até 2010, onde desenvolveu interessante papel social. Era um clérigo mais alinhado com os interesses da administração eclesiástica, sendo a principal referência em defesa dos interesses da Igreja Católica.

Em *Dicionário biográfico de sacerdotes sobralenses*, de 1985, ele escreve um pequeno relato autobiográfico, no qual realiza uma narrativa de sua genealogia, de seus passos eclesiásticos, de viagens realizadas e publicações intelectuais, exibindo uma lista de livros publicados. Por fim, evidencia prêmios e homenagens que recebeu, destacando, com duvidosa modéstia, que tais títulos foram ofertados “sem merecimento” antes de apresentá-los detalhadamente<sup>78</sup>.

Produziu diversas obras, com destaque para os escritos historiográficos, coincidindo com o período de publicação dos escritos de padre Lira. Se entre 1971 e 1973, Lira lança diferentes sínteses históricas, em 1974 foi a vez de Sadoc de Araújo elaborar uma narrativa factual sobre a história do município, publicando o primeiro volume de *Cronologia Sobralense*<sup>79</sup>, que contou ainda com novos volumes nos anos de 1979, 1983, 1985 e 1990. A *Cronologia*, como exploraremos em um próximo capítulo, assemelha-se a um dicionário de fatos, na qual cada data selecionada como relevante pode ser entendida como um verbete da escrita da história do município.

Em 1978, ele publica *História da Cultura Sobralense*<sup>80</sup>, em que analisa alguns aspectos culturais da cidade, privilegiando fatos ocorridos nos séculos XIX e no início do século XX, que representariam a dimensão intelectual da cidade, com destaque para a reprodução de

<sup>77</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. Jerônimo Prado o herói da UVA. In.: SOARES, José Teodoro (Org.). *Jerônimo Prado e o Ensino Superior em Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2003. p. 15.

<sup>78</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Dicionário biográfico de sacerdotes sobralenses*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1985. p. 61.

<sup>79</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense*, v. 1: séculos XVII e XVIII: 1604-1800. Fortaleza: Graf. Editorial Cearense, 1974.

<sup>80</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *História da Cultura Sobralense*. Sobral, Imprensa Universitária/UVA, 1978.

documentos e reflexões sobre a delegação de cientistas que veio a Sobral acompanhar o eclipse de 1919, que comprovou a Teoria da Relatividade proposta por Albert Einstein.

No ano de 1979, o clérigo lança duas obras historiográficas que versam sobre outros municípios, Meruoca e os componentes da Serra da Ibiapaba, que um dia compuseram a administração eclesiástica centralizada em Sobral. *Estudos Ibiapabanos*<sup>81</sup> e *História religiosa da Meruoca*<sup>82</sup> dão conta de analisar, assim como *Cronologia Sobralense*, a documentação privilegiada ao qual o clérigo tinha acesso, estruturando os marcos cronológicos e factuais desses espaços.

Em 1981 o clérigo experimenta o exercício de uma escrita no gênero biográfico, escrevendo *Ceará – Homens e Livros*<sup>83</sup>, em que faz pequenas biografias de intelectuais cearenses, inspirado por obras semelhantes publicadas pelo *Instituto Histórico*. Essa aventura biográfica é expandida no ano seguinte. Se Lira lança em 1982 uma obra com uma faceta crítica sobre dom José, do outro lado, Sadoc de Araújo escreve os *Traços biográficos de Dom José Tupinambá da Frota*<sup>84</sup>, uma espécie de resposta ao texto de Lira, na qual uma visão puramente apologética do personagem é concebida e publicada, mimetizando quase que totalmente os escritos realizados por Vicente Martins, publicados em 1926.

O ano de 1985 reserva a Sadoc de Araújo duas publicações, também de aspecto biográfico: *Cordeiro de Andrade: jornalista perdido na ficção*<sup>85</sup>, em que o autor realiza um mergulho narrativo em menos de cem páginas sobre a vida do jornalista Cordeiro de Andrade, que publicou importantes romances que se passavam na cidade de Sobral, entre eles *Brejo e Cassacos*, e *Dicionário Biográfico de Sacerdotes Sobralenses*<sup>86</sup>, muito influenciado pelas publicações de Vicente Martins, das décadas de 1920 e 1940, em que elabora a construção da biografia de oitenta clérigos que atuaram em Sobral. Em 1988, publica-se ainda *História religiosa de Guaraciaba do Norte*<sup>87</sup>, cidade da Serra da Ibiapaba.

Em 1991, Sadoc de Araújo publica uma obra importante, *Raízes portuguesas do Vale do Acaraú*<sup>88</sup>, na qual tentava demonstrar as influências da colonização portuguesa em toda a formação social e cultural na região noroeste do Estado, em especial em Sobral, fazendo a

<sup>81</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Estudos ibiapabanos*. Sobral, CE: Imprensa Universitária/UVA, 1979.

<sup>82</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *História religiosa da Meruoca*. Sobral: Imprensa Universitária/UVA, 1979.

<sup>83</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Ceará – Homens e Livros*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1981.

<sup>84</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Traços biográficos de Dom José Tupinambá da Frota*. Sobral: [s.n.], 1982.

<sup>85</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cordeiro de Andrade: jornalista perdido na ficção*. Fortaleza: Associação Cearense de Imprensa, 1985.

<sup>86</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Dicionário biográfico de sacerdotes sobralenses*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1985.

<sup>87</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *História religiosa de Guaraciaba do Norte*. Fortaleza: IOCE, 1988.

<sup>88</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Raízes Portuguesas do Acaraú*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense LTDA., 1991.



genealogia de algumas das principais famílias da região do vale. Publica ainda *História religiosa da Ibiapina*<sup>89</sup>, outra cidade da Serra da Ibiapaba, no ano de 1993. Sua trajetória como autor de livros historiográficos acaba no ano de 1995, com a publicação da biografia *Padre Ibiapina: Peregrino da Caridade*<sup>90</sup>, mostrando mais uma zona de contato e interesse entre ele e João Mendes Lira. Hoje, acometido por cegueira, vive recluso e com constante acompanhamento médico, distante dos livros e da dinâmica da cidade sobre a qual tanto escreveu.

Sadoc de Araújo pouco cita João Mendes Lira em suas obras, demonstrando também preferir silenciar sobre a obra de seu contemporâneo. Sobre a primeira geração de padres fabricantes de passados, enquanto Fortunato Alves Linhares e, especialmente, dom José Tupinambá da Frota são citados em vários momentos com elogios, a obra de Vicente Martins da Costa é silenciada, apesar de ser claramente a principal referência de Sadoc de Araújo para a composição da biografia de dom José.

### 2.2.3 O Seminário Diocesano São José

Há um espaço que parece ser um dos principais palcos nas relações sociais entre os clérigos que escreveram sobre o passado da cidade. Com a exceção de Vicente Martins da Costa, que, quando viveu em Sobral, entre 1936 e 1948, já era clérigo e não fez parte do grupo de professores, o Seminário Diocesano São José foi de grande relevância para os outros quatro clérigos, ajudando a delimitar seu *lugar social* de atuação e de fala.

Dom José Tupinambá da Frota foi o fundador do Seminário, em 1925, e acumulou ainda a função de reitor da instituição até 1927, imprimindo seu tom personalista em mais uma de suas construções.<sup>91</sup> Fortunato Alves Linhares foi um dos primeiros professores do Seminário, com destaque para o ensino de história, disciplina que lecionou por dez anos. João Mendes Lira e, depois, Francisco Sadoc de Araújo, bem mais jovens, iniciaram seus estudos naquela instituição e chegaram a dormir, vez por outra, na casa do bispo, que tinha a tradição de levar, diariamente, um dos seminaristas para lhe fazer companhia na residência episcopal. Eles

---

<sup>89</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *História religiosa de Guaraciaba do Norte*. Fortaleza: IOCE, 1993.

<sup>90</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: Peregrino da Caridade*. Fortaleza: Gráfica Tribuna do Ceará, 1995.

<sup>91</sup> MONT'ALVERNE, Glória Giovana Saboya Mont'Alverne; GOMES, Gonçalo Pinho; ROCHA, Manoel Valdey da. *Centenário da Diocese de Sobral – 1915 – 2015*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015. p. 62.

fizeram uma parceria também na administração do Seminário Diocesano, com Sadoc de Araújo sendo o reitor e Lira o vice, entre os anos de 1964 e 1966.<sup>92</sup>

Mas, afinal, o que é um Seminário para a Igreja? Por que é tão importante? Palavra de origem latina (*seminarium*), que quer dizer etimologicamente “semente” ou “viveiro de plantas”<sup>93</sup>, para o catolicismo, o seminário é “[...] um estabelecimento que visa à formação de sacerdotes, de padres para a manutenção dos quadros hierárquicos da Igreja católica, encarregados do serviço pastoral, profético e sacramental à comunidade católica”.<sup>94</sup>

Desde o Concílio de Trento (antiga cidade de Tridento), que durou de 1545 a 1563, a Igreja Católica tornou como política principal de formação de novos clérigos a educação em seminários, que obedeciam a uma série de regras protocoladas pela Santa Sé. Os Seminários Tridentinos, que ganham esse nome em função de se adequarem às regras impostas pelo Concílio de Trento, multiplicam-se pelo mundo nos séculos seguintes. No Brasil, a fundação de seminários tem uma história marcada por “idas e vindas”. A partir de meados do século XVIII, surgiram instituições como essas na Colônia, quase todos controlados pelos jesuítas, o que provocou uma crise geral na formação sacerdotal com a expulsão dessa ordem, em 1759. O único seminário a manter certa estabilidade, por não ser administrado por jesuítas, foi o do Rio de Janeiro, fundado ainda em 1739, e que também se chama Seminário São José. Na segunda metade do século XVIII, apenas o Seminário de Olinda foi aberto, já no final do século, em 1799.<sup>95</sup> Ao longo do século XIX, vários seminários foram fundados ou reabertos em todo o território nacional, chegando a um número de 1277 seminaristas, em todo o país, no ano de 1872.<sup>96</sup>

Com as mudanças políticas que o Brasil vivenciou no final do século XIX, especialmente com o advento da república, em 1889, e o fim do padroado (regime que unia Igreja e Estado), em 1890, a Igreja Católica teve que reposicionar seu papel de atuação na sociedade e um dos pontos fundamentais era a formação do clero, que virou algo prioritário, especialmente após o Concílio Plenário dos Bispos da América, realizado em 1899<sup>97</sup>. É por ocasião desse concílio que dom José, ainda seminarista, acompanha seu tio, dom Jerônimo

<sup>92</sup> MONT’ALVERNE, Glória Giovana Saboya Mont’Alverne; GOMES, Gonçalo Pinho; ROCHA, Manoel Valdey da. *Centenário da Diocese de Sobral – 1915 – 2015*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015. p. 66.

<sup>93</sup> Ver: <https://www.dicio.com.br/seminario/>. Acesso em: 23 de abr. de 2021.

<sup>94</sup> BENELLI, Sílvio José. O seminário católico e a formação sacerdotal: um estudo psicossocial. *In: Psicol. USP*, vol. 17, Nº 3, São Paulo, julho/setembro. 2006. p. 164.

<sup>95</sup> MENDES, Fábio Raniere da Silva. Seminários católicos no Brasil: uma breve síntese histórica (1747 – 1935). *In: Razão e Fé. UCPEL*. v. 8 n. 2, Pelotas – RS. 2006. pp. 109 e 110.

<sup>96</sup> *Ibidem*, p. 113.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 113.

Tomé da Silva, até Roma, onde se matricula no Colégio Pio Americano.<sup>98</sup> A importância de seminários ganhou ainda mais destaque a partir de 1922, com a Epístola Apostólica *Officiorum Omnium Sanctissimorum*. Como afirma o teólogo Fábio Raniere da Silva Mendes, “[...] nesse documento, fica muito clara, a preocupação da Igreja sobre o ministério sacerdotal, salientando, dentre outros itens, a importância dos estudos de teologia pastoral e a necessidade de se fundar seminários diocesanos, interdiocesanos ou regionais”.<sup>99</sup>

No começo do século XX, no Brasil, a criação de novos seminários para a formação clerical é um dos principais componentes do projeto conhecido como “Romanização”, no qual a Igreja Católica tentava reativar sua influência política após o fim do padroado, em 1890, com a consequente separação entre Igreja e Estado. Na época, por todo o país, a criação de um “[...] seminário diocesano constituía, por assim dizer, um ponto de honra no programa mínimo de realizações episcopais”<sup>100</sup>. Como vimos nos parágrafos anteriores, havia uma orientação do Vaticano para a fundação e manutenção de seminários. Além disso, a construção dos prédios, os dividendos adquiridos, bem como o prestígio envolto na formação clerical e intelectual atraíam as atenções dos prelados, como foi o caso de Sobral. Por isso, “[...] os bispos dessa época não mediram esforço para fazer sobressair suas iniciativas no tocante ao recrutamento e formação de futuros quadros para a organização eclesiástica”<sup>101</sup>. Atendendo a essa premissa, em Sobral, “[...] o Seminário foi organizado segundo os moldes do Colégio Pio Latino Americano de Roma”<sup>102</sup>, e manteve uma organização tridentina. Ou seja, uma série de regras eram atendidas e supervisionadas por padres-visitadores. A rigidez na formação era notória.

Segundo a historiadora Giovana Mont’Alverne Girão e a socióloga Norma Maia Soares, na obra *Sobral: história e vida*,

Em 1918, iniciou a edificação do prédio do Seminário, no Bairro da Betânia. Em seguida, deu início também à construção da Capela do Senhor do Bonfim, anexa ao Seminário, obra concluída em 1922. [...] O prédio do Seminário, mesmo inacabado, foi inaugurado a 15 de fevereiro de 1925, com 29 alunos matriculados, oriundos de várias cidades da Zona Norte do Estado. Somente em 1928, o primeiro prédio do complexo do Seminário da Bethânia estava concluído.<sup>103</sup>

<sup>98</sup> FROTA, José Tupinambá da. *Efemérides da minha vida*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora / Diocese de Sobral, 2019. pp. 33 a 36.

<sup>99</sup> MENDES, Fábio Raniere da Silva. Seminários católicos no Brasil: uma breve síntese histórica (1747 – 1935). In: *Razão e Fé*. UCPEL. v. 8 n. 2, Pelotas – RS. 2006. p. 113.

<sup>100</sup> MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. Op. Cit. p. 152.

<sup>101</sup> *Idem*.

<sup>102</sup> MONT’ALVERNE, Glória Giovana Saboya Mont’Alverne; GOMES, Gonçalo Pinho; ROCHA, Manoel Valdery da. *Centenário da Diocese de Sobral – 1915 – 2015*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015. p. 62.

<sup>103</sup> SOARES, Maria Norma Maia; GIRÃO, Glória Giovana Mont’Alverne. *Sobral: História e Vida*. Sobral: Edições UVA, 1997. p. 42

O bispo de Sobral construiu, então, um imponente prédio, em uma zona até aquele momento afastada do restante da cidade, no que hoje conhecemos como Bairro da Betânia. Ele é localizado depois da Lagoa da Fazenda, região que não estava, na época, dentro dos limites do núcleo urbano da cidade. O terreno era anteriormente, inclusive, tratado como “casa de campo” da Betânia, onde dom José passava folgas e organizava retiros com seus padres. O acesso entre a cidade e o Seminário era ruim, especialmente durante o período de chuvas. Por isso, “[...] foi construída uma estrada, cujo trabalho durou quase dois anos, no período de 28 de julho de 1932 a 14 de fevereiro de 1934”.<sup>104</sup>

A “casa de campo” da Betânia abrigou o seminário Diocesano e, anos depois, a instalação, ao lado dele, do Ginásio Sobralense (1934), prédio onde hoje funciona a reitoria da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. A partir de 1941, os alunos podiam observar uma estátua de seu bispo em frente ao casarão, como se fosse um constante vigilante de seus pupilos. Em 1942, com a mudança da sede da escola para o centro da cidade, todo o complexo da Betânia passou a compor o Seminário Diocesano São José. Hoje, como espaço alugado ao Governo do Estado do Ceará, o prédio funciona como parte do campus central da UVA, mantendo, além da estátua que se impõe em frente à reitoria, a capela, e diversas menções a sua concepção e manutenção por dom José e outros clérigos. É um prédio amplo, com várias salas e vários cômodos, com um grande pátio.

Figura 14 - Reitoria da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (antigo anexo do Seminário São José), com destaque, à direita, para a estátua de dom José Tupinambá da Frota



Fonte: [https://www.google.com/maps/@-3.6761776,-40.3397722,3a,75y,286.14h,92.35t/data=!3m6!1e1!3m4!1sgs5d-R5cLDBwg5S13UH\\_sA!2e0!7i13312!8i6656](https://www.google.com/maps/@-3.6761776,-40.3397722,3a,75y,286.14h,92.35t/data=!3m6!1e1!3m4!1sgs5d-R5cLDBwg5S13UH_sA!2e0!7i13312!8i6656). Acesso em: 22 de abr. de 2021.

<sup>104</sup> MONT'ALVERNE, Glória Giovana Saboya Mont'Alverne; GOMES, Gonçalo Pinho; ROCHA, Manoel Valdey da. *Centenário da Diocese de Sobral – 1915 – 2015*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015. p. 63.

Os relatos sobre o Seminário São José são ricos, inclusive dentro da própria produção dos clérigos, indicando o protagonismo que aquela instituição teve na formação intelectual e social dos clérigos que por ali passaram. Entendo que as diferentes experiências vivenciadas por eles contribuíram, de certa forma, para as posições que também ocuparam na produção historiográfica na cidade.

Vicente Martins, o clérigo mais distante da convivência do Seminário São José entre os cinco clérigos, foi o primeiro a escrever algo sobre a instituição, ainda em 1926, na época da publicação de uma biografia sobre o jovem bispo de Sobral, dom José. Segundo ele: “Em Fevereiro de 1925 com cerca de 30 alumnos abriu o Seminario Episcopal de curso de preparatórios, que ficou funcionando no Palacio Episcopal, até que a chácara Betania tivesse acomodações necessárias para o Seminarios”<sup>105</sup>. O núcleo docente era composto por alguns dos padres que se repetiam em funções da Igreja Católica na cidade. Segundo Norma Soares e Giovana Girão, “Os primeiros professores do Seminário foram: *Dom José Tupinambá da Frota*, Padre Nelson Motta, *Padre Fortunato Alves Linhares*, Padre Januário Campos, Padre José Gerardo Ferreira Gomes e Padre Manuel Francisco das Chagas” (Grifos Nossos).<sup>106</sup>

Fortunato, especificamente, foi professor por ao menos uma década do Seminário, entre 1925 e 1935, ensinando, além de história universal, as disciplinas de português, francês e geografia.<sup>107</sup> Quando João Mendes Lira e Sadoc de Araújo estudaram na instituição, não encontraram mais Fortunato como professor. Mas o clérigo já havia concretizado, na época, por meio de sua atividade docente e de suas publicações, a imagem de uma das principais referências sobre o estudo da história da cidade.

O seminário também foi um dos principais temas abordados por Sadoc de Araújo, que estudou na instituição entre 1943 e 1949, na biografia intitulada *Traços Biográficos de Dom José Tupinambá da Frota*, que escreveu em 1982 para comemorar o centenário de nascimento de dom José. No tópico “A formação do clero”, ele detalha as intenções da construção da instituição, inaugurada em 25 de janeiro de 1925, em parte até então isolada do restante da cidade. Essa construção também serviria para compor uma narrativa de um bispo que “[...] deu mostras de gigante, removendo os mais sérios obstáculos para construir majestosos prédios destinados àquelas instituições. Tudo nele era grande, principalmente as idéias e o impulso para

---

<sup>105</sup> COSTA, Vicente Martins da. Don José Tupynambá 1º bispo de Sobral (Biographia). In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano XL, 1926. p. 119.

<sup>106</sup> SOARES, Maria Norma Maia; GIRÃO, Glória Giovana Mont’Alverne. *Sobral: História e Vida*. Sobral: Edições UVA, 1997. p. 43.

<sup>107</sup> COSTA, Vicente Martins da. Notas Biográficas do Clero Sobralense. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano LIV, 1940. p. 209.

construir”<sup>108</sup>. A visão permeada de elogios de Sadoc de Araújo ganha ressonâncias na posição assumida por Giovanna Girão e Norma Soares em seu livro, já que avaliavam que o Seminário São José, onde o esposo de Norma, o reitor da UVA na época da publicação da obra (1997), José Teodoro Soares, estudou na juventude, era:

Afamado por seu rigoroso sistema disciplinar, pela competência de seus dirigentes, pela excelente qualidade de ensino, pôde Dom José implantar uma base de sustentação e amadurecimento da vocação que conduziu dezenas de jovens ao ideal de ser padre. O sacerdócio era a aspiração maior de quase todas as famílias sobralenses.<sup>109</sup>

Esse sujeito tachado como “grandioso” por Sadoc de Araújo, que implantou um sistema disciplinar “rigoroso” e de “qualidade”, como destacam Giovana e Norma, dava ainda, segundo o clérigo, atenção especial e individual aos seus seminaristas, pois “[...] diariamente recebia um deles em sua residência, em rodízio permanente, que ali pernoitava e no dia seguinte lhe ajudava a missa<sup>110</sup>. Dom José era, assim, um prelado que também objetivava criar vínculos pessoais com os seus futuros clérigos, destacando-se que esse convívio com padres e seminaristas proporcionou episódios de rivalidades, tensões e intrigas entre eles.

João Mendes Lira tinha uma visão menos positiva sobre o bispo e as experiências no seminário. O clérigo estudou no Seminário São José entre os anos de 1939 e 1944. Era um aluno veterano, prestes a ir estudar em Fortaleza, quando Sadoc de Araújo começou seus estudos sacerdotais, em 1943. Lira também escreveu uma biografia sobre dom José, em 1982, para as comemorações de seu centenário, intitulada *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo de Sobral*. No capítulo “Dom José – O Bispo da Diocese de Sobral”, há a presença de um tópico que tem como mote principal as realizações ligadas à formação de padres no Seminário Diocesano. Em tal capítulo, Lira descreve a fundação do seminário, em 1925, fornece a lista dos primeiros seminaristas e lista as reformas feitas no prédio. Afirma que: “Depois do Seminário que era a central de divulgação e aplicação de suas idéias filosóficas, teológicas e autovalorização vinham os Retiros do Clero, seguindo-se logo as Visitas Pastorais”<sup>111</sup>. Ou seja, para o sacerdote, o seminário funcionava como um replicador dos ideais do bispo, inclusive contribuindo com o culto a sua pessoa.

<sup>108</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Traços biográficos de Dom José Tupinambá da Frota. Sobral*: [s.n.], 1982. p. 18.

<sup>109</sup> SOARES, Maria Norma Maia; GIRÃO, Glória Giovana Mont’Alverne. *Sobral: História e Vida*. Sobral: Edições UVA, 1997. p. 42.

<sup>110</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Traços biográficos de Dom José Tupinambá da Frota. Op. Cit.* p. 19.

<sup>111</sup> João Mendes. *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota primeiro bispo de Sobral (1882 –1959)*. *Op. Cit.* 75.

Figura 15 – Dom José com padres formadores e seminaristas, no Seminário São José, Betânia – década de 1940



Fonte: MONT'ALVERNE, Glória Giovana Saboya Mont'Alverne; GOMES, Gonçalo Pinho; ROCHA, Manoel Valdery da. *Centenário da Diocese de Sobral – 1915 – 2015*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015. P. 57.

Neste tópico, João Mendes Lira constrói, a partir da relação de dom José com o seminário, a imagem de um bispo opressor de seus pupilos, distanciando-se das imagens positivas apresentadas por Norma Soares, Giovana Girão, Sadoc de Araújo e Vicente Martins. Para ele,

O culta [sic] á personalidade era a tônica constante de todos os momentos de sua vida. De uma só vez expulsou do Seminário de sua Diocese quase quarenta seminaristas. Motivo: - uma pequena conversa, uma ligeira comunicação na rouparia entre estes seminaristas. Havia passado ordens que neste recinto seria silêncio absoluto<sup>112</sup>.

O clérigo continuou narrando que alguns seminaristas, muito jovens, conversavam entre si assuntos triviais, no local citado, sendo o fato relatado pelo Reitor do Seminário em sindicância interna aberta após denúncia do fato. Em decorrência disso, Lira constrói um relato sensível, que nos faz imaginar que ele era um dos alunos seminaristas “vítimas”, na visão do próprio, das ações de dom José:

Um dia ele chega inesperadamente no Seminário, manda chamar todos os seminaristas apontados pelo Reitor, reúne-os em seu quarto e diz friamente: vocês todos estão expulsos do Seminário. Podem descer e arrumar as malas. O desespero tomou conta de todo o Seminário. De oito a 11 horas da manhã só se ouvia gritos dentro desta casa. Ao meio dia [sic], quando já todos estavam prontos para deixarem o Seminário, alguém, ao que parece, fê-lo reconsiderar esta absurda atitude e veio a ordem para

<sup>112</sup> LIRA, João Mendes. *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota primeiro bispo de Sobral (1882 – 1959)*. Op. Cit. p. 71.

todos serem admitidos no velho casarão da Betânia. “Foi terrível este dia, dia de cólera e miséria...”<sup>113</sup>.

Este mesmo evento é narrado por João Mendes Lira em outra obra, a sua autobiografia *O meu encontro com a vida e com a morte*, publicada em 1999. O narrador parece ser mais próximo dos fatos nessa nova abordagem, indicando que o reitor do seminário era o padre José Osmar Carneiro, que queria “fazer média” com o bispo, segundo as palavras de Lira, ao delatar os seminaristas. E o responsável pela “anistia” dos seminaristas, ou seja, por convencer dom José a perdoar os jovens, foi o padre Alexandrino.<sup>114</sup>

A imagem contrasta com as narrativas sobre as relações que o bispo mantinha com seus seminaristas prediletos. Na biografia de dom José, próximo ao trecho que discutia a relação do bispo com seus seminaristas, há a reprodução, sem comentário introdutório ou posterior, de uma carta de dom José endereçada ao padre José Palhano de Saboya<sup>115</sup>, tratado como filho adotivo seu, na qual o bispo chega a afirmar que “[...] diga-me o que quer ou deseja fazer, sem esperar o dia da minha morte, que por muitas razões não pode estar longe. Tudo farei pela sua felicidade sem olhar para quaisquer outras razões”<sup>116</sup>. Mostrar um bispo afetuoso, que ama um de seus clérigos diletos é o contraste ideal, na narrativa de Lira, para o bispo que castigava os seminaristas narrado na abertura daquela seção da biografia. O Seminário São José era, desde logo, um dos mais importantes espaços para a dinâmica das relações de poder entre os homens de batina na cidade.

Sabemos, a partir da autobiografia de Lira, que ele foi professor do Seminário após o momento em que saiu da Paróquia de Frecheirinha, em 1953. Ao falar desse período, João Mendes Lira explica um pouco da sua relação com o ensino de história. Segundo ele,

Comecei a ensinar Religião, Geografia e História no Preliminar. Deste momento decidi estudar profundamente estas duas matérias. Tinha uma inclinação muito grande para desenhar cartas geográficas, mapas de todos os países. Em pouco tempo, especializei-me nestas duas matérias. Só dava aulas de Geografia através de mapas e ilustrava a “cadeira” de História através de mapas. Começava um caminho novo nesta área. Os alunos adoravam as aulas. A fama começou a aparecer. Fiquei dominando estas duas matérias. Quando o Padre Marconi foi nomeado ecônomo do Seminário, fiquei com as cadeiras de História e Geografia.<sup>117</sup>

<sup>113</sup> *Ibidem*, pp. 71 e 72.

<sup>114</sup> LIRA, João Mendes. *O meu encontro com a vida e com a morte*. O meu encontro com a vida e com a morte. Sobral: Sobral Gráfica LTDA, 1999. pp. 12 a 14.

<sup>115</sup> *Ibidem*, pp. 74 e 75.

<sup>116</sup> FROTA, José Tupinambá da; apud LIRA, João Mendes. *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota primeiro bispo de Sobral (1882 –1959)*. Op. Cit. 75.

<sup>117</sup> LIRA, João Mendes. *O meu encontro com a vida e a morte*. Op. Cit. p. 37.



Notemos como a participação como docente do Seminário Diocesano foi de grande relevância para a trajetória de Lira como professor e, posteriormente, como pesquisador de história. A atividade docente é tratada, em diferentes momentos da obra de Lira, como preponderante para sua atividade como escritor de história local. Segundo ele, anos depois de sua primeira experiência no Seminário,

Depois que cheguei da minha longa peregrinação à Europa e continuei a lecionar no Seminário, no Colégio Sobralense e na Faculdade de Filosofia, senti a necessidade de publicar alguns livros sobre a História de Sobral. Mas, o que mais me incentivou a realizar este empreendimento, foi o fato de constatar que não só os adultos sobralenses, como as crianças, nada sabiam sobre as origens e o desenvolvimento de nossa terra. Outro fato que me impulsionou a publicar livros apropriados à aprendizagem da história de nossa terra foi a descoberta de uma casa velha, quase toda arruinada no quarteirão mais antigo de Sobral. Passando casualmente naquela área, entrei nesta quase demolida choupana e me surpreendi quando avistei muitos livros antiquíssimos no chão, em cima de alguns bancos e dentro de móveis estragados. Rapidamente fui buscar meu carro e coloquei todas estas relíquias do nosso passado no meu veículo e os levei para a UVA! Estes livros, uns do século passado, outros do início deste século, me deram um incentivo muito grande de trazer para meus conterrâneos a história de nossos antepassados.<sup>118</sup>

Que livros eram esses? Infelizmente, não sabemos. Ele não os cita. Na Universidade Vale do Acaraú não há uma seção que faça distinção entre obras coletadas ou não por João Mendes Lira. A sua biblioteca pessoal teve a triste sina de ser esartejada após a sua morte, em 2005. O contato com a atividade laboral de professor de história produz no clérigo um movimento diferente da dos outros clérigos que, aparentemente, iniciam suas atividades por conta do constante contato com os arquivos ou simplesmente por conta dos interesses institucionais. Talvez, por conta disso, os livros de Lira tenham um tom mais professoral e didático na sua escrita, que parece dialogar e querer convencer o leitor da narrativa de suas ideias, veiculando sobretudo os valores de amor e a valorização da terra.

Entretanto, Lira não narra apenas boas lembranças acerca de sua vida adulta enquanto docente do Seminário São José. Segundo ele, “tudo isso ia se transformando lentamente para mim no Seminário, mas foi por pouco tempo. Deus ainda me reservava uma grande cruz”.<sup>119</sup> A “cruz”, no caso, era a desavença que Lira teve com dom José por causa de padre Palhano. Os estudos e as aulas em humanidades perdem, na autobiografia de Lira, espaço para as intrigas em que ele se vê envolvido no interior do clero. Sobre esses relacionamentos diz: “Às vezes penso: porque [*sic*] Deus me fez testemunha de tanta coisa? Isto me fazia sofrer muito”<sup>120</sup>. A

---

<sup>118</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>119</sup> LIRA, João Mendes. *O meu encontro com a vida e a morte*. *Op. Cit.* p. 37.

<sup>120</sup> *Ibidem*, p. 38.

lamentação se refere a um momento em que, enquanto celebrava missas na capela de N.S. da Saúde e ensinava no Colégio Sant'Ana, foi envolvido em uma polêmica com José Palhano de Saboya, que era considerado filho adotivo do bispo. Esse fato levou-o a guardar um forte ressentimento em relação a dom José e ao padre Palhano. O filho adotivo do bispo foi delatado por Lira por conta de suas práticas que maculavam o celibato e o sacerdócio. Ao narrar para o bispo as peripécias de seu preferido, Lira foi expulso da residência episcopal e passou a morar no Seminário São José, segundo ele, a convite do Reitor do Seminário, padre Astregésilo de Mesquita.<sup>121</sup> Como o padre Astregésilo foi reitor do Seminário São José apenas entre os anos de 1956 e 1961, identificamos que as disputas ocorridas entre Lira e Palhano ocorreram já nos anos finais da vida do bispo, que faleceu em 1959.

Para a historiadora Ana Carolina Rodrigues da Silva, em sua dissertação de mestrado *Os sentidos do passado ou o passado sentido: mecanismos da memória nos escritos de Padre Mendes Lira*<sup>122</sup>, padre Palhano tem um papel fundamental na escrita ressentida de Lira, que o acompanha por boa parte da obra. De fato, Lira não perdeu oportunidades de criticar o desafeto, e, ao compararmos com os outros padres que escreveram a história da cidade, também teve um ponto de vista mais crítico ao bispo dom José Tupinambá da Frota.

Após a morte de dom José, e com os novos rumos da administração da Igreja Católica, especialmente com o Concílio Vaticano II (1962 - 1965), o Seminário São José acabou passando por algumas mudanças, nas décadas seguintes. Após a curta gestão de dom João José de Mota e Albuquerque (1961 - 1964), tomou posse, em Sobral, o bispo dom Walfrido Teixeira Lopes, a partir de 1965. Foi nesse período de transição em que Francisco Sadoc de Araújo e João Mendes Lira administraram o Seminário, tentando acomodar algumas das mudanças empreendidas pelo Concílio Vaticano II. Em 1967, já sob administração do padre José Linhares Ponte, o Seminário foi fechado, sendo reaberto apenas quatro anos mais tarde, em outra sede, no atual prédio da Cúria Diocesana.<sup>123</sup>

Inquestionavelmente, o Seminário Diocesano São José foi um espaço de formação, socialização e disputas para os padres, onde dom José, Fortunato Linhares, Lira e Sadoc de Araújo foram docentes, sendo que dom José e Sadoc ocuparam o cargo de reitores da instituição, ao passo que Fortunato Linhares e João Mendes Lira nele lecionaram a disciplina

---

<sup>121</sup> LIRA, João Mendes. *O meu encontro com a vida e a morte*. Op. Cit. p. 45.

<sup>122</sup> SILVA, Ana Carolina Rodrigues da. *Os sentidos do passado ou o passado sentido: mecanismos da memória nos escritos de Padre Mendes Lira*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-graduação em História Social, Fortaleza, 2015.

<sup>123</sup> MONT'ALVERNE, Glória Giovana Saboya Mont'Alverne; GOMES, Gonçalo Pinho; ROCHA, Manoel Valdey da. *Centenário da Diocese de Sobral – 1915 – 2015*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015. pp. 64 e 65.

de história. O Seminário simboliza, à luz da Igreja Católica, de certa forma, a multiplicação de sementes que mimetizavam modelos de santos, bispos, padres, professores.

Independente do recorte temporal, os cinco clérigos tiveram funções sociais de destaque na cidade, ficando conhecidos pelo exercício de outras atividades, além da de historiadores. Todos tiveram suas paróquias ou até as suas cátedras para cuidar. Intervieram no espaço urbano. Mantiveram relações entre si, com alguns momentos de tensões e distanciamentos. Como coletividade, a identidade de escritores da história foi fundamental para distingui-los intelectualmente, pois além das coincidências do uso da batina e do exercício do ofício historiográfico, havia entre eles uma identidade narrativa partilhada: a de inventar uma espacialidade para a cidade de Sobral que fosse tida como modelar. Essa narrativa tinha um senso de herança. Os padres fabricantes de passados de Sobral, de formas diferentes, se viam como herdeiros de outro clérigo do passado. Discutiremos isso no próximo tópico.

### 2.3 AS “NOTÍCIAS DA FREGUESIA DA CAIÇARA” E A TENTATIVA DE TRANSFORMÁ-LA NA FUNDAÇÃO DA HISTORIOGRAFIA DE SOBRAL

Os clérigos que foram apresentados acima, em seus trabalhos, inventaram identidades para a espacialidade que hoje corresponde ao município de Sobral. Como veremos no terceiro capítulo desta tese, eles foram grandes fornecedores de imagens para o conceito de “sobralidade”. Trabalharam a fim de construir identidades para esse espaço de forma muito parecida, guardada as devidas diferenças, aos intelectuais que compuseram imagens e inventaram identidades para o Nordeste, estudados pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Segundo Albuquerque Júnior, nesse processo de invenção, “olha-se para o passado e alinha-se uma série de fatos, para demonstrar que a identidade regional já estava lá”.<sup>124</sup>

Nesse processo de “olhar para o passado”, no caso de Sobral, construiu-se uma continuidade no tempo para esse recorte espacial, seja a partir da utilização repetida de uma mesma fonte, seja a partir da atribuição de sua origem a um mesmo acontecimento, continuidade que também se observaria entre as próprias vozes legítimas para falar dessa origem, ou seja, as vozes dos padres que fabricam passados sobre Sobral.

Qual seria esse acontecimento de origem? Qual seria a narrativa considerada fundadora e por qual motivo ela legitimava a versão construída pelos clérigos, no presente? Em 1767, seis

---

<sup>124</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nos destinos de fronteira. Op. Cit.* p. 144.

anos antes do Povoado da Caiçara virar Vila Distinta e Real de Sobral (1773), uma “notícia” foi escrita pelo então vigário da paróquia de N.S. da Conceição da Caiçara, o padre João Ribeiro Pessoa, e enviada para a Sé de Olinda, informando a configuração das terras que compunham o território do antigo Povoado da Caiçara e do Curato de Nossa Senhora da Conceição do Acaraú. O texto ficou mais de cem anos esquecido, talvez guardado em algum arquivo episcopal, até que em 1888 a *Revista do Instituto Histórico do Ceará* publicou o documento, intitulado-o de *Notícias da Freguezia de N.S. da Conceição da Caissára*.

Com a publicação do documento, produziu-se a noção, ampliada pelos clérigos do século XX, que a origem do Povoado da Caiçara, ou melhor, do que veio a ser o núcleo urbano de Sobral, recebe uma forma de certidão de batismo com o documento, atrelando a história da Igreja Católica à de Sobral como se fossem inseparáveis. A Igreja Católica fazia visitas na região desde o início do século XVIII, fundando um Curato em 1722, tornando-se paróquia em 1757 e, finalmente, diocese em 1915.

A arquitetura da cidade é marcada por dezenas de templos e prédios católicos, que ganharam maior relevância ainda durante a administração episcopal de dom José Tupinambá da Frota, entre 1916 e 1959. Todavia, aparentemente, havia sempre a necessidade desse constante bricolamento da origem da cidade com a participação da Igreja Católica. Por isso, o documento foi tantas vezes revistado, sendo revalorizado e reinterpretado ao longo dos anos.

O texto era de conhecimento geral entre os clérigos de Sobral, a partir da publicação realizada pelo *Instituto do Ceará*. Em 1922, ao publicar o seu artigo *Notas históricas da cidade de Sobral*, Fortunato Alves Linhares cita, rapidamente, o clérigo e o documento, sem o nomear de historiador, ao apresentar o processo de ocupação das terras do atual município de Sobral, no início do século XVIII, usando as *Notícias* como uma importante fonte.<sup>125</sup>

João Mendes Lira também conhecia o documento e cita o clérigo, rapidamente, em seu *De Caiçara a Sobral*, quase cinquenta anos depois, em 1971, lembrando apenas que ele veio paroquiar as terras em 1762, e que, além de ser o construtor da atual catedral, foi o responsável pela escrita das *Notícias*.<sup>126</sup> Em seus textos, o uso das *Notícias* parece ter sido um dos norteadores da sua versão sobre as origens de Sobral, utilizando a mesma forma de apresentação do espaço e os mesmos eventos fundadores que colocavam a Igreja Católica como agente central e destacado na constituição territorial e no processo civilizador das terras que hoje também correspondem a Sobral.

---

<sup>125</sup> LINHARES, Fortunato Alves. Notas históricas da Cidade de Sobral. In: *Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano XXXVI, 1922, p. 258.

<sup>126</sup> LIRA, João Mendes. *De Caiçara a Sobral*. Sobral: [s.n.], 1971. p. 20.

Dom José foi além dos outros dois padres. Como veremos em um capítulo posterior, o bispo entendia a produção de história como basicamente a produção de um arquivo para a cidade. Dessa forma, o melhor meio de se trabalhar o documento seria reproduzi-lo na íntegra, o que ele fez no capítulo “A Matriz”, de seu *História de Sobral*<sup>127</sup>, lançado originalmente em 1952. Por nove páginas, ele reproduz o documento, atualizando sua grafia, sem apresentação ou comentário, adicionando ao título apenas a autoria, o “Dr. João Ribeiro Pessoa”. Em outras partes do livro, dom José dialoga com as *Notícias*, citando-as para justificar alguma interpretação que faz da história.<sup>128</sup> Mas também não nomeia João Ribeiro como sendo um historiador. Pelo contrário, a dimensão mais explorada sobre esse personagem na obra de dom José é a de padre, especialmente por este ter sido o vigário responsável pela construção da Igreja Matriz de N.S. da Conceição, que o bispo reformou em 1941. Por conta disso, o clérigo é visto de forma positiva e elogiada em *História de Sobral*, afinal “Tal era o gosto do benemérito Vigário, cujo sonho era dotar a paróquia de um templo vasto, elegante e imponente”.<sup>129</sup>

A nomeação de João Ribeiro Pessoa como historiador só vem com a obra do padre Francisco Sadoc de Araújo, *Cronologia Sobralense*, de 1974, ao falar no verbete de 8 de setembro de 1729 sobre o nascimento do clérigo,

Pe. João Ribeiro Pessoa, sacerdote zeloso e culto, foi o construtor da Catedral sobralenses nas dimensões em que hoje se encontra. Foi o primeiro historiador do curato do Acaraú. Suas “Notas sobre o curato da freguesia do Acaraú” foram publicados na Revista do Instituto do Ceará<sup>130</sup>.

Nesse fragmento, podemos perceber que o padre cita equivocadamente o título do texto, substituindo o gênero “notícia” pelo gênero “notas”, um conceito mais próximo do gênero prevacente na historiografia de Sobral, tendo inclusive este termo aparecido no título de um livro famoso do padre Fortunato Alves Linhares: *Notas Históricas da Cidade de Sobral*. Mas o mais importante, sem dúvida, é a atribuição a ele do lugar de “primeiro historiador” da freguesia Acaraú, de onde surgiria o município de Sobral”. Sadoc de Araújo parece se colocar, como padre e como historiador, como herdeiro do clérigo que viveu dois séculos antes.

O professor Francisco Dênis Melo, historiador contemporâneo, alinha-se com Sadoc de Araújo nesse ponto, ao afirmar que “[...] a produção de obras sobre a história local nasceu

<sup>127</sup> FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. 3ª Ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1995. pp. 59 a 67.

<sup>128</sup> *Ibidem*, p. 68.

<sup>129</sup> *Ibidem*, p. 75.

<sup>130</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense*. Século XVII e XVIII – 1604-1800. 2ª ed. Volume 1. Fortaleza: Edições ECOA, 2015. pp. 121 e 122.

primeiro nas páginas da revista do Instituto do Ceará, com o texto do padre João Ribeiro Pessoa, Notícias da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, de 1747 [1767]”<sup>131</sup>.

Nesse ponto, discordo de Dênis Melo e Sadoc de Araújo. Avalio que entender o ato de publicar o texto de João Ribeiro na *Revista do Instituto do Ceará*, em 1888 – na época sob direção do intelectual cearense Guilherme Stuart –, sem apresentação alguma, como sendo equivalente ao gesto de publicação de um texto historiográfico, é uma forma de projetar para o passado o que foi feito pelo cômego Sadoc de Araújo, no século XX, pois quem transfigura o documento noticioso em uma obra de história é aquele que, no presente, busca se legitimar como historiador, inventando uma genealogia e uma tradição. Havia no editor da revista em 1888, e, em especial, em Sadoc de Araújo ao longo de sua obra, a vontade de transformar as notícias em história, não de João Ribeiro Pessoa, autor do documento, no século XVIII.

Afinal, quem era e o que escreveu João Ribeiro Pessoa? O clérigo, nascido em 1729, em Igarassu (Pernambuco), era filho do capitão João Ribeiro Pessoa – que deu o mesmo nome ao filho –, com Genebra de Vasconcelos Castro. O padre João Ribeiro desempenhou a atividade de administrador eclesiástico em Sobral por vinte e cinco anos, entre 1762 e 1787, trazendo consigo dois irmãos que formaram famílias e, inclusive, ocuparam cargos públicos de destaque, como o de “Juiz de Órfãos na vila de Sobral”, no caso de Gonçalo Novo de Lira.

Durante seu período como administrador eclesiástico, sua maior obra foi, como já citamos, a construção do templo matriz de N. S. da Conceição, hoje igreja matriz da Diocese de Sobral, tendo sua capela-mor inaugurada em 1781. Apesar de o texto *Notícias da Freguesia de N.S. da Conceição da Caissára* manter algumas estruturas narrativas similares à de textos historiográficos, afinal, no antigo conceito de história, noticiar, ou seja, narrar fatos e acontecimentos humanos do presente, não era algo tão diferente de escrever história, tal como a praticou Heródoto ou Tucídides, por exemplo, no texto o autor nunca o identifica como historiográfico. A intenção de João Ribeiro era dar notícias do território onde ele administrava, e da instituição a que pertencia, sem haver qualquer preocupação de construir uma problemática, uma intriga ou um enredo.

Problematizando as estruturas narrativas que distinguem a produção historiográfica de outros gêneros narrativos, Luiz Costa Lima afirma que “[...] se a historiografia é um discurso próprio, com meta e modos específicos, bem distintos da ficção e da literatura, ela não se isenta

---

<sup>131</sup> MELO, Francisco Dênis. *Os Intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL – E a Invenção da Cidade Letrada* (1943-1973). Tese em História. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE: Recife - PE, 2013. p. 20.

de seu caráter de composição escrita”<sup>132</sup>. O gênero “notícia”, amplamente utilizado pelo jornalismo contemporâneo, guarda, então, similitudes narrativas e estilísticas com o texto historiográfico, ao firmar um compromisso com o dizer uma realidade, que está fora do texto, em sua narrativa e em sua composição de escrita. Mas a historiografia, especialmente no século XVIII, almejava construir narrativas de identidade, com uma forma de composição parecida com a do romance, e com a preocupação de narrar eventos e biografias, consideradas importantes por seus autores. A notícia escrita pelo padre tinha alguns componentes similares, mas se distanciava, ao ser vista na totalidade, do discurso do gênero historiográfico.

Mas, por que o padre escreveu uma notícia sobre o território que viria a se tornar Sobral? A ocupação do Ceará por parte dos portugueses foi tardia, se comparada com o restante da colônia. Apenas no século XVII, houve o início da colonização do território. Na região noroeste do Ceará, ao longo do vale do rio Acaraú, essa ocupação foi mais tardia ainda, ganhando contornos apenas na transição do século XVII para o XVIII, com a instalação nesse território de diversas fazendas de criação de gado. É em um momento em que, no entrecruzamento dessas fazendas, surge um pequeno espaço urbano, com a construção de uma igreja para funcionar como sede do curato, que o padre João Ribeiro escreve suas *Notícias*.

Ao longo do texto, João Ribeiro faz uma pequena narrativa sobre a atuação da Igreja Católica naquele território, citando todos os visitantes e curas que o antecederam, elencando suas realizações, além de apresentar aspectos geográficos, demográficos e religiosos da região. Certamente foi esse o trecho entendido por Sadoc de Araújo como uma obra de história. Todavia, era um documento oficial, que objetivava arrolar as possessões do curato, produzir a descrição de um espaço, bem como relatar os principais fatos ocorridos naquele espaço, com enfoque na atuação religiosa dos membros do clero católico. Não havia desejo de compor uma intriga ou uma história. O texto atendia a preocupações da administração religiosa.

O clérigo tinha a missão de, aparentemente, por conta do objetivo do documento, demonstrar que narrava “fatos verdadeiros”. Após citar os primeiros visitantes eclesiásticos da ribeira do Acaraú, João Ribeiro afirma que: “Os anos em que vierão estes Em. Dos Vizitadores não consta ao certo por não haver até meado do anno de 1725 livro algum desta Freguezia, e todo o referido conta por tradição e de informações de pessoas verdadeiras, que ainda existem desse tempo”<sup>133</sup>.

---

<sup>132</sup> LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 92.

<sup>133</sup> PESSOA, João Ribeiro. Notícias da Freguezia da N.S. da Conceição da Caissára: dadas pelo Rev.do Cura e Vigario da Vara actual d'ella Dr. João Ribeiro Pessoa anno de 1767. In.: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, Ano 2, número 2, 1888, p. 137.

A tradição oral, somada a testemunhos abalizados de “pessoas verdadeiras” assemelha o método de construção das *Notícias*, realizado por João Ribeiro, ao utilizado pelos historiadores da antiguidade, que baseavam suas escritas no que *viram e ouviram*<sup>134</sup>. Ademais, havia uma hierarquia de fontes para o clérigo: após citar que em outubro de 1725 são realizados os primeiros assentos paroquiais pelo então cura homônimo João da Costa Ribeiro, que ficou no cargo até 1729, o que resultou no “primeiro livro dos Baptisados”<sup>135</sup>, passa a privilegiar, em seu texto, o uso das fontes escritas.

Algumas destas fontes são as mesmas que foram consultadas pelos padres do século XX. João Ribeiro ainda cita a criação de novos livros para a burocracia eclesiástica, transformados em documentos pela historiografia do século XX, como o das “Pastoraes e Vizitas desta Freguezia”, de 1735, e os “das Capellas da S. da Conceição em S. José, os da Cappella da S. Sant’Anna, e S. do Rozario, no Riacho do Guimaraens, cujos Patrimonhos, Provisões e mais licença andavão em papei avulso, e proveo se fizesse Matriz, determinando para ella este lugar Caissára”<sup>136</sup>.

Tal demonstração de preocupação com o documento escrito não é exclusiva de historiadores. Na verdade, a ação realizada por João Ribeiro condiz muito mais com a preocupação em catalogar, normatizar e controlar a burocracia da Igreja na região. O clérigo cumpria ali uma função administrativa, ressignificada após dois séculos por Sadoc de Araújo.

Em *Cronologia Sobralense*, de Sadoc de Araújo, bem como em *História de Sobral*, de dom José Tupinambá da Frota, a citação advinda do contato direto e privilegiado com essas fontes apontadas pelo padre João Ribeiro, são recorrentes. João Mendes Lira, Fortunato Alves Linhares e Vicente Martins também utilizam essa documentação, explorando o acesso facilitado a esses documentos, que surgiram, por seu turno, do privilégio da fabricação de registros sobre a administração local por parte da Igreja Católica. Como afirma Sadoc de Araújo, no primeiro volume de *Cronologia Sobralense*, claramente transfigurando as informações contidas nas *Notícias* do padre João Ribeiro para o seu texto,

**Abril [1725]:** Em dias desse mês, chega à Ribeira do Acaraú o Pe. José Dias Ferreira para assumir o Curato. Permanecendo apenas seis meses, sendo substituído pelo Pe. João da Costa Ribeiro que foi Cura até 1729. Começou a fazer os assentos de batismos, casamentos e óbitos, desde outubro, que são documentos de valor inestimável e fontes de pesquisas preciosíssimas para recomposição da História de Sobral dessa época. Consultamos pacientemente estes [*sic*] livros, muitas vezes à

<sup>134</sup> HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

<sup>135</sup> PESSOA, João Ribeiro. *Noticias da Freguezia da N.S. da Conceição da Caissára*. *Op. Cit.* p. 137.

<sup>136</sup> *Ibidem*, p. 138.



custa de lentes, para poder tirar os dados que aqui apresentamos. Êstes [*sic*] livros se encontram na Secretaria do Bispado de Sobral.<sup>137</sup>

Observemos que o valor dado às fontes escritas, especialmente para traçar o processo de ocupação do território, ação do autor à constituição da população, para a produção de genealogias, no caso de Sadoc de Araújo, era tratado de forma diferente por João Ribeiro em seu texto noticioso.

Interpreto que a descrição do território e as notas escritas por João Ribeiro, além de indiciar sua preocupação com o uso das fontes, visa registrar as posses do curato, em especial da sua sede, a povoação da Caiçara, poucos anos antes da comunidade virar vila e passar a se chamar Sobral. Sua intenção era a de informar para seu superior eclesiástico, na Sé de Olinda, as possessões que estavam sob sua administração.

A narrativa sobre o Curato da Caiçara é tida, por Sadoc de Araújo, como sendo a primeira produção narrativa sobre o espaço que hoje corresponde ao da cidade de Sobral. Ele fez essa relação sem problematizar as diferenças entre as grandes possessões do curato e os limites do município atual, em que escrevia o seu livro, ou mesmo as diferenças existentes entre uma delimitação religiosa, como era a freguesia, e uma delimitação político-administrativa como a cidade. Muito menos estava preocupado em contextualizar o que significava uma “notícia” naquele momento e o quão comum era a produção de documentos assim pelos clérigos, para descreverem suas atividades e possessões litúrgicas.

As descrições de João Ribeiro Pessoa eram técnicas, atendendo aos ditames que regiam a produção de um documento informativo. Segundo o clérigo, a freguesia fazia fronteira com outras seis, Coreau, Viçosa, São Gonçalo da Serra dos Cocos, Quixeramobim, Fortaleza e Amontada<sup>138</sup>. A povoação da Caiçara ainda era um pequeno aglomerado de casas em 1767, pois, segundo João Ribeiro: “Há na povoação 75 casas, das quaes 53 são de telha. Conta toda a Freguezia de 21 mil almas de confissão e de 670 fogos, dos quaes 05 são fazendas de gado maiores ou menores”<sup>139</sup>.

Segundo a narrativa do clérigo, uma pequena concentração urbana às margens do Rio Acaraú ia surgindo, em especial ao redor do templo católico primitivo, que teve sua construção iniciada décadas antes, mas que foi demolido e reconstruído pelo próprio padre João Ribeiro. Em toda a Freguesia havia apenas cinco capelas catalogadas<sup>140</sup>, imagem que contrasta com a

---

<sup>137</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense*. Século XVII e XVIII – 1604-1800. 2ª ed. Volume 1. Fortaleza: Edições ECOA, 2015. p. 109.

<sup>138</sup> PESSOA, João Ribeiro. Notícias da Freguezia da N.S. da Conceição da Caissára. *Op. Cit.* p. 141.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p. 142.

<sup>140</sup> *Ibidem*, p. 143.

grande quantidade de torres de igreja que foram erguidas nos séculos posteriores, compondo a paisagem predileta entre as paisagens presentes em livros como o já citado *Sobral Solar*.

A descrição técnica continuava nesse trecho, informando a data da fundação, a localização e alguns outros dados complementares dos cinco templos religiosos, como, por exemplo, a existência de irmandades religiosas a eles ligados, estruturando uma espécie de cartografia religiosa, indicando que o texto sempre mantém uma estrutura de narrativa de tipologia sacra. Este texto, tratado por Sadoc de Araújo como sendo o primeiro do gênero historiográfico, apesar de ter revelado suas intenções e objetivos de ser uma notícia eclesiástica pelo próprio autor, coloca em primeiro plano a narrativa da Igreja Católica como principal protagonista das relações sociais e da ocupação de todo o território relatado.

Classificando ou não João Ribeiro Pessoa como um historiador, todos os padres que o citam são unânimes em procurar uma forma de filiarem as obras que escrevem a esse texto fundador e a função que exercem, de historiadores, a esse ancestral comum, seja usando seu texto como uma fonte de grande autoridade, seja ao construírem uma continuidade entre a escrita da história que fazem como estando em continuidade com a do clérigo do século XVIII. Objetivam inventar uma herança historiográfica partindo de seu texto noticioso, como parte do projeto de colocar a Igreja, não só no centro da história, mas da própria historiografia de Sobral.

Qual o motivo disso? Para os padres fabricantes de passados de Sobral, a escrita da história da cidade e a estratégia de representação do espaço que atrela o desenvolvimento da cidade à presença da Igreja Católica, presente no texto noticioso de João Ribeiro Pessoa, por conta das especificidades de seu documento, possibilitava a criação para esses clérigos do lugar de herdeiros de uma tradição, reafirmando a associação entre o espaço em que viviam (Sobral) e a instituição que defendiam (Igreja Católica).

No próximo capítulo, apresentarei as principais características dos escritos dos padres fabricantes de passados de Sobral, destacando que conceito de história, de arquivo e ordenamento do tempo eles tinham, além de destacar algumas operações de silenciamento por eles realizadas, em seus textos. Esses aspectos ajudam a entender a invenção de uma cidade modelar pela historiografia de Sobral, algo bem diferente da descrição técnica realizada por João Ribeiro Pessoa em 1767.

### 3 “FAZER A HISTÓRIA DO VALE DO ACARAÚ”: ARQUIVOS, CONCEITOS E ORDEM DO TEMPO NAS OBRAS DOS PADRES FABRICADORES DE PASSADOS DE SOBRAL

*So carry on, there's a meaning to life  
Which someday we may find  
Carry on, it's time to forget  
The remains from the past<sup>141</sup>*

Reflito sobre minha trajetória na graduação. Vejo-me em 2010, em uma aula no Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. A professora Chrislene Carvalho dos Santos, ministrando a disciplina de Teoria e Metodologia da História I, cita a importância da obra *Cronologia Sobralense* para a historiografia local, tratando-a como ponto basilar para a produção que a sucede. É criada uma imagem de uma obra magistral, em cinco volumes. Ali, recebi a obra de Sadoc de Araújo com reconhecimento. Naquele instante, encarei o livro como um *monumento*.

Viajo pelas memórias alguns meses à frente. Vou até uma experiência de uma oficina de História Local, ministrada pelo professor Dênis Melo, então doutorando em História na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Nela, de frente a uma igreja, Dênis cita, entre outros textos sobre Sobral, o mesmo texto de Sadoc de Araújo. A importância daquele trabalho não é negada, mas a crítica é feita ao autor por meio das palavras do professor, pois “nenhuma história narrada é natural”. Aqui a obra é vista como *documento*<sup>142</sup>. Dentro do templo religioso, Dênis abre *História de Sobral*, de dom José Tupinambá da Frota, um livro que parecia uma bíblia. Lê-nos um trecho. Cria uma trama. Produz um problema. Gera uma inquietação. Faz com que o livro permaneça ainda aberto para mim.

Avanço um pouco mais no tempo em direção ao presente. A meio do caminho, vejo-me preparando mais uma aula sobre a história de Sobral para meus alunos vestibulandos. Leio as questões dos vestibulares da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Faço, como muitos colegas, o levantamento dos temas que mais se repetem na prova. Escavo as *regularidades discursivas*. Vejo que elas partem de citações que se repetem. Sinto um calafrio. As provas eram monotemáticas. Traziam consigo uma narrativa consagrada pela historiografia local. Sabia bem o que devia falar na aula, mas me vejo recusar a assumir esse papel. Nesse caso,

<sup>141</sup> MATOS, Andre. *Carry On*. São Paulo: Eldorado, 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LqaDmOLRhME>. Acesso em: 19 de fev. de 2023.

<sup>142</sup> Segundo Jacques Le Goff, em seu importante artigo Documento/Monumento, “Estes materiais da memória pode apresentar-se em duas formas principais: os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador”. LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 526.

capacitar meus alunos para a aprovação no vestibular, sem criticar a narrativa da historiografia reproduzida no vestibular, seria continuar a silenciar outros mortos em privilégio de sujeitos tipificados, moldados para serem os tipos ideais construídos nas narrativas da historiografia local. Decido criticar o discurso, problematizando-o. A partir do silêncio, dou aulas produzindo ruídos. Sem notar, passados alguns anos, estou aqui, colocando tinta em um papel, sofisticando essa operação: a de realizar uma arqueologia dos discursos sobre uma pretensa cidade modelar, emoldurada nas páginas da historiografia oficial de Sobral.

Escavar, por meio da arqueologia dos saberes as produções historiográficas locais, até alcançar – se isso for possível – os alicerces que escoram as escolhas dos produtores de discursos e de seus enunciados. Junto ao historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, concordo que “Todo discurso tem uma relação de coexistência com outros discursos com os quais partilha enunciados, conceitos, objetivos, estratégias, formando séries que devem ser analisadas”<sup>143</sup>. Os estratos discursivos que identifiquei compunham parte de um corpo narrativo maior. Cartografar esses textos, seus alicerces, suas molduras e adornos, só é possível por meio de uma análise da série de discursos produzidos sobre a história de Sobral pelos historiadores ligados à Igreja, no passado.

Neste capítulo, abordo o *fazer* da historiografia produzida pelos clérigos, problematizando, inicialmente, a noção de arquivo. Em seguida, num segundo tópico, discutiremos as noções ou conceitos de história presentes nas obras dos padres. Em um terceiro tópico, discutiremos a eleição de uma dada ordem do tempo para configurar narrativas sobre a história da cidade, através da eleição de fatos organizadores da história da cidade. Por fim, em um quarto tópico, abordo as operações de silenciamento que são constitutivas dessa historiografia.

### 3.1 LIVROS COMO ARQUIVOS OU ARQUITEXTOS: A HISTÓRIA MEDIADA PELOS PADRES EM SOBRAL

Desde meu primeiro contato, ainda na graduação, com a historiografia realizada por padres, entrevi a possibilidade de realizar uma pesquisa em torno das obras da historiografia local. A importância local desses textos desde logo me inquietou. O desafio de lê-los, de discuti-los, era configurado para mim como uma possível tarefa. Consegui comprar o *História de Sobral*, de dom José, em 3ª edição, pouco tempo depois, em uma livraria no *Becco do Cotovelo*.

---

<sup>143</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. In.: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 235.

As obras de outros padres estavam com suas edições esgotadas. Mas, em 2016, com o lançamento da segunda edição de *Cronologia Sobralense*, de Sadoc de Araújo, atendendo a um desejo do então prefeito municipal, José Clodoveu de Arruda Coelho Neto (2011-2017), concomitante a meu primeiro ano de mestrado, esse desafio se renovou. O “escutei falar” sobre a obra daria lugar, gradativamente, ao “li” e, sucessivamente, ao “tornei-a uma fonte”.

*História de Sobral* e *Cronologia Sobralense*, em especial, são livros gigantescos, que geram um impacto a os vermos deitados sobre a mesa. Parecem *Bíblias*, e são tratados como tais por parte da elite de Sobral. Parecem não terem sido feitos para serem percorridos por ávidos leitores, mas entronizados em estantes, expostos como autoridades litúrgicas. No mestrado, um trecho do volume 5 de *Cronologia*, que tratava sobre as disputas políticas entre dom José Tupinambá da Frota, enquanto bispo de Sobral, e o Dr. José Saboya de Albuquerque, ex-juiz e chefe político local, entre 1945 e 1947, serviu-me como documento a ser problematizado<sup>144</sup>.

Além de *História de Sobral* e *Cronologia Sobralense*, outros livros, cada um de um clérigo diferente, compõem o grupo de principais obras da historiografia de Sobral. Menores em tamanho, são tão relevantes para a construção da história local quanto os dois cartapácios. *Notas históricas da Cidade de Sobral* (1922), de Fortunato Alves Linhares, *Homens e Vultos de Sobral* (1941), de Vicente Martins da Costa, e *De Caiçara a Sobral*, de João Mendes Lira (1971), consolidam fatos e interpretações sobre a cidade, gerando, em muitos momentos, consensos sobre o que seria ou não relevante em seu passado. As obras, de uma maneira geral, parecem ser reedições umas das outras, não explorando uma grande variedade de temas e personagens.

Além disso, o acesso à documentação que estes clérigos elegeram como fundamentais para a compreensão da história da cidade é limitado. Os documentos produzidos pela Igreja Católica são guardados com grande zelo, distantes do livre acesso ao público. “Ora, para que acessar os arquivos em primeira mão se já temos as obras dos padres?”, escutei certa vez de uma simpática senhora que nos recebia na Secretaria do Bispado.

O que ocorreria ao tentar discutir o conjunto dessas obras? Quais as noções de documento poderiam ser problematizadas? Seriam livros de história? Seriam *arquivos*? Ou foram produzidos para serem *arquitectos*, ou seja, textos que gerariam o surgimento de novos textos? Estes são alguns dos nossos desafios no presente tópico.

---

<sup>144</sup> Ver: ROCHA, Thiago Braga Teles da. “*De quem é Sobral?*”: As práticas letradas, as tensões políticas e a luta pela temporalidade na Igreja Católica (1945-1953). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

A produção historiográfica realizada pelos clérigos está inserida em um contexto de modificação da influência da Igreja na sociedade brasileira. Como afirma a historiadora Virgínia Buarque, especialista em historiografia religiosa no Brasil, no início do século XX, houve um declínio do protagonismo religioso nas letras devido à ascensão da produção das ciências sociais<sup>145</sup>. “Tal alteração nada teve de casual: foi neste mesmo período que, nas sociedades ocidentais, a religião perdeu sua hegemonia de conferência de sentido à vida social [...]”<sup>146</sup>.

Em Sobral, identificamos um prolongamento da influência religiosa, alicerçada na atuação dos membros da Igreja Católica no papel de produtores, não só de sentidos religiosos, mas também de sentidos no campo social, como o sentido para o passado da cidade, a partir da produção historiográfica. Com acesso privilegiado a documentos produzidos na própria burocracia da Igreja Católica e sendo correspondentes e/ou leitores do *Instituto Histórico do Ceará*, os padres reuniram condições de construir narrativas sobre o passado, definindo não apenas as narrativas a serem lidas, como também os arquivos que deveriam ser consultados.

O primeiro desses textos a ser publicado foi *Notas históricas da Cidade de Sobral*, em 1922, na *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, principal local de divulgação do conhecimento histórico no estado, naquele período. É um texto pequeno, de cerca de quarenta páginas, modesto se comparado às obras que o sucederam. Realiza a narrativa do que o autor considera os principais fatos ligados ao território que hoje é o município de Sobral, desde a ocupação do território pelos indígenas, até o começo do século XX. O texto contou com uma reedição em forma de livro no ano de 1945, com apresentação de dom José Tupinambá da Frota. A narrativa de Fortunato Alves Linhares pode ser entendida como uma síntese histórica, abordando os temas que o autor julga como basilares na história da cidade.

Em 1941, foi a vez do lançamento de *Homens e Vultos de Sobral*, de autoria do padre Vicente Martins da Costa. É um texto dividido em duas partes, totalizando trezentas e trinta e cinco páginas. A primeira, *Resenha Histórica de Sobral*, faz, assim como a obra de Fortunato Alves Linhares, uma síntese histórica, apresentando de forma factual o que eram considerados os principais fatos da história da cidade, dividida por temas que apresentavam também a geografia do município, em trinta páginas. A segunda parte da obra consta da narrativa de trezentas e noventa e seis pequenas biografias de sujeitos eleitos como os principais representantes da cidade, compondo a maior parte do livro.

---

<sup>145</sup> BUARQUE, Virgínia. História religiosa, biografia e história intelectual. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *História da historiografia religiosa*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. p. 20.

<sup>146</sup> *Idem*.

*História de Sobral*, de dom José Tupinambá da Frota, é um livro mal estruturado, de mais de seiscentas páginas, que foi publicado, pela primeira vez, em 1952. Sua capa branca, suas páginas amareladas, sua linguagem difícil para um leitor iniciante dão, talvez, uma impressão desejada pelo autor, a de que aquela seria a Bíblia da história da cidade.

A edição que comprei, há mais de uma década, é de 1995, conta com o expressivo carimbo de “apoio cultural” do Governador Ciro Ferreira Gomes (1990-1994), e foi publicada pela Imprensa Oficial do Ceará. Conta, ainda, após a sua última página, com um “santinho de dom José”, cuidadosamente colado à estrutura do livro, que no verso traz a propaganda política de Cândida Figueiredo para o legislativo estadual. O livro, que parece uma Bíblia, e o historiador, que é tratado com ares de profeta, foram ressignificados para servirem de instrumentos de propaganda política. Nada de novo quando olhamos para a dinâmica do poder em Sobral.

A obra de dom José não pode ser compreendida como uma narrativa historiográfica clássica ou como uma síntese histórica. Em *História de Sobral* não há a montagem de uma intriga narrativa formal, tal como discutida por Paul Ricoeur em *Tempo e Narrativa*<sup>147</sup>, ou por Luiz Costa Lima, na *Trilogia do Controle*<sup>148</sup>.

Diferentemente das obras de Fortunato Linhares e de Vicente Martins, que podem ser vistas como sínteses históricas, os argumentos e as questões da obra de dom José estão submersos nas páginas e mediados por citações quase infinitas de documentos (atas, relatórios de visita, cartas, inventários, trechos de jornais) e de trechos de obras de outros autores, em especial, aquelas publicadas na *Revista do Instituto Histórico do Ceará*.

Tentando criar uma imagem para o leitor que não conhece o livro, estimei que nas seiscentas e vinte uma (621) páginas da obra existam três mil e trezentos e setenta e dois (3372) parágrafos. Destes, apenas mil e seiscentos e cinquenta e três (1653) são de autoria de dom José. Considerando que cada parágrafo se constitui de uma ideia central e outras a ela agregadas<sup>149</sup>, menos da metade do texto é oriundo de ideias autorais inéditas do bispo e historiador, o restante são citações, geralmente extensas, que se estendem por várias páginas. *História de Sobral*, na verdade, é muito mais a composição de uma seleção de textos, formando um *arquitexto* ou mesmo um *arquivo*, a serem consumidos para a história da cidade.

<sup>147</sup> Ver: RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. 3 volumes. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

<sup>148</sup> Ver: LIMA, Luiz Costa. *Trilogia do Controle*. Rio de Janeiro: Top Books, 2007.

<sup>149</sup>

Ver: <https://www.dicio.com.br/paragrafo/#:~:text=Significado%20de%20Par%C3%A1grafo,que%20geralmente%20se%20agregam%20outras>. Acesso em: 10 de jul. de 2020.

Faço aqui uma advertência, pois não entendo o conceito de *arquivo* como uma noção que remete somente para um espaço onde estão depositados papéis e objetos antigos, catalogados, advindos do passado. Essa imagem, certamente a mais comum, é substituída pelas apresentadas por Jacques Derrida e Michel Foucault. Derrida pensa a noção de arquivo de uma forma ampla, baseada na origem etimológica do termo, pensando-o como “início” ou “comando”, pois,

[...] De certa maneira, o vocabulário remete bastante bem, como temos razões de acreditar, ao *arkhê*, no sentido *físico, histórico* ou *ontológico*. Isto é, ao originário, ao primeiro, ao principal, ao primitivo em suma, ao começo. Porém, ainda mais, *ou antes* ainda, “arquivo” remete ao *arkhê* no sentido *nomológico*, ao *arkhê* do comando.<sup>150</sup>

Michel Foucault tinha uma noção ainda mais ampla de arquivo. Segundo o filósofo francês, “[arquivo] são todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisa de outro) que proponho chamar de *arquivo*”<sup>151</sup>. Ou seja, as preocupações são voltadas não apenas para a soma de testemunhos e textos guardados por uma dada cultura, mas as condições que propiciam essas seleções, e propiciam a chegada de enunciados a tempos distantes do seu momento de produção. Foucault complementa ainda que,

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas [...].<sup>152</sup>

O arquivo, para Foucault, é um autorizador do que pode ser dito, e um *corpus* que mantém relações discursivas em seu interior. O filósofo italiano Giorgio Agamben complementa, a partir de Foucault e Benveniste, que a noção de testemunho se contrapõe à de arquivo, pois, enquanto arquivo designa o sistema de relações entre o não-dito e o dito, testemunho se liga à relação entre o dentro e o fora da língua, o dizível e o não-dizível na língua, a possibilidade de dizer ou a impossibilidade de dizer algo.<sup>153</sup>

<sup>150</sup> DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Claudia Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 12.

<sup>151</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ªed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 146.

<sup>152</sup> *Ibidem*, p. 147.

<sup>153</sup> No texto, “Em oposição ao *arquivo*, que designa o sistema de relações entre o não-dito e o dito, denominamos *testemunho* o sistema das relações entre o dentro e o fora da *langue*, entre o dizível e o não-dizível em toda língua



O arquivo, dessa forma, não é apenas uma coleção de testemunhos que o passado nos deixou. É uma operação de seleção de enunciados, realizada e reintroduzida por cada historiador em seus textos, nos quais os testemunhos ocupam o papel de serem avaliados dentro da sua possibilidade de tentar dizer a realidade sobre a qual são produzidos, sempre escapando algo do real, mas sobrevivendo fragmentos imprescindíveis para o fazer histórico. Como acrescenta Foucault,

O arquivo não é o que protege, apesar de sua fuga imediata, o acontecimento do enunciado e conserva, para as memórias futuras, seu estado civil de foragido; é o que, na própria raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define, desde o início, o sistema de sua enunciabilidade.<sup>154</sup>

Ao definir que os documentos eclesiásticos e que os artigos publicados na *Revista Instituto Histórico do Ceará* são os principais testemunhos para a cidade, reproduzindo-os em sua obra, dom José produz não um texto de história, como diz o título de seu livro, mas um *arquivo*, uma “lei do que pode ser dito”<sup>155</sup> na historiografia da cidade. Ele não dialoga e problematiza as possibilidades de produção de testemunhos.

O que há, basicamente, em *História de Sobral* é a reprodução de textos selecionados que, juntos, em um único corpo, indicam o que deve ou não ser lido como a história da cidade. Isso fica mais nítido na dedicatória do livro, em forma de versos, que parece uma oração. Ela parece ser o único momento de diálogo direto, em primeira pessoa, com o leitor:

À virgem imaculada  
– Nossa Senhora da Conceição –  
Padroeira da cidade e da Diocese de Sobral,  
com reverente e filial afeto,  
dedico  
este documentário  
relativo à História de Sobral,  
o qual desejo seja pelos sobralenses  
considerado testemunho  
do grande amor que consagro  
à minha terra e à minha gente.

Sobral, 19 de março de 1952.

† José Tupynambá da Frota  
Bispo de Sobral<sup>156</sup>

---

– ou seja, entre uma potência de dizer e a sua existência, entre uma possibilidade e uma impossibilidade de dizer”. (AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e o testemunho* (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo Editorial, 2008. p. 146).

<sup>154</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Op. Cit. p. 147.

<sup>155</sup> *Idem*.

<sup>156</sup> FROTA, José tupinambá da. *História de Sobral*. 3ª ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1995. p. 4.

A dedicatória, escrita no dia do padroeiro do Ceará, São José, traz uma inquietação para nós leitores quando lemos o seu texto. O que seria um “documentário”? Palavra corrente hoje em dia para designar principalmente produções audiovisuais informativas e didáticas, em 1952, o conceito de “documentário” para dom José se refere à caracterização de sua obra, não como uma narrativa, como uma intriga, como uma história, mas sim como uma coleção de documentos tornados públicos para a população e que, por si só, traduziriam a complexidade da história da cidade.

“Documentário”, aqui, é um sinônimo de “arquivo” para o bispo e historiador. São textos que deveriam ser autorizadores para a narrativa da história da cidade. Todavia, cremos que a escrita do *documentário* ganha também a qualificação como produção de testemunho pelo bispo. Retomando Agamben, podemos contrapor a essa visão de *documentário* como *arquivo*, uma noção em que a construção da obra, suas seletividades, a noção de documentário pensada por dom José, as potencialidades aplicadas pela linguagem que o bispo *escolhe e produz* indicando o *testemunho* do próprio bispo acerca da história da cidade.

Aparentemente, um texto de história, para o bispo, poderia se limitar a reproduzir a documentação e esta, por si só, constituir a *História de Sobral*. Essa concepção sobre o texto do historiador se assemelha à do historiador Louis Halphen, que certa vez disse “Basta deixar-se de algum modo levar pelos documentos, lidos um após o outro, tal como se nos oferecem, para ver a corrente dos fatos se reconstruir quase automaticamente”<sup>157</sup>. Nessa noção de história que coincide com a praticada por dom José, ao historiador caberia apenas a organização cronológica e reprodução dos documentos mais importantes.

O historiador Hayden White, refletindo acerca das variadas formas de produção e organização do texto que conferem inteligibilidade ao relato em história, com ênfase a uma montagem cronológica, problematiza uma forma aparentemente também similar à produzida por dom José, afirmando que

Se a série fosse simplesmente registrada na ordem em que os eventos ocorreram originariamente, supondo-se que a ordenação dos eventos na própria sequência temporal tivesse fornecido um tipo de explicação do motivo pelo qual eles ocorreram e de onde ocorreram, teríamos a forma pura da *crônica*. Entretanto, esta seria uma

---

<sup>157</sup> HALPHEN, Louis. *Introduction à l'Histoire*. Paris: P.UF, 1946. p. 50. Este fragmento é citado por Fernand Braudel em seu artigo História e Ciências Sociais: a longa duração. In: BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. Tradução de J. Guinsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 46. O trecho também é citado por José D'Assunção Barros, em *Teoria da História Conteúdo V: A Escola dos Annales e a Nova História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 116.

forma “ingênua” de crônica, porquanto as categorias de tempo e espaço serviram apenas de princípios interpretativos inspiradores<sup>158</sup>.

Pegando de empréstimo o termo utilizado por White, podemos compreender que o texto de dom José é uma forma de “crônica ingênua”, ambicionando, com sua forma e conteúdo, se tornar um *arquivo* para narrar a história da cidade. A organização deste é confusa, mas parece tentar seguir uma ordem cronológica, realizando desvios para evidenciar o protagonismo da Igreja Católica na história da Cidade de Sobral. O texto, muitas vezes, parece fragmentário e descosido.

Aparentemente, o índice analítico, remissivo e alfabético que vem ao fim do livro serviria bem a quem desejasse abrir, como quem abre um texto litúrgico, em determinado versículo da história de Sobral. Mas a sua influência foi inegável. Segundo o historiador Francisco Dênis Melo, ao se debruçar sobre a importância de *História de Sobral* para a *invenção da cidade letrada*, tema de sua pesquisa de doutorado,

O livro de Dom José Tupinambá da Frota, *História de Sobral*, publicado em primeira edição em 1952, é uma obra densa com praticamente 630 páginas, sendo a referência mais acabada de uma historiografia local marcada sensivelmente pelo lugar de produção da obra, no caso o lugar de bispo e chefe local da Igreja Católica de Sobral, obra que até pelo menos a década de 90 do século passado, quando o Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú, a partir dos cursos de História e Ciências Sociais, começou a produzir novas interpretações para a História Local, traçava os rumos da memória e da história local.<sup>159</sup>

Além da influência que *História de Sobral* teve sobre a construção de passados para a cidade, a obra *O livro inédito de Dom José Tupinambá da Frota: 1º bispo de Sobral*, publicado apenas em 1991 pelo padre José Mendes Lira, traz uma visão complementar da história como sendo também uma ferramenta da justiça.

Editado a partir de textos escritos no contexto de desavenças políticas entre dom José Tupinambá da Frota e seus adversários políticos, com destaque para o industrial e magistrado Dr. José Saboya de Albuquerque, dom José constrói uma defesa de suas ações contra o ex-juiz da cidade. Segundo o bispo,

Lamento deveras que o Brasil inteiro tome conhecimento dessa via-crúcis, que tenho corajosamente palmilhado, na minha terra natal, à qual sempre consagrarei todas as minhas energias só para vê-la feliz e próspera, e nada jamais contra os seus legítimos

<sup>158</sup> WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. p. 110.

<sup>159</sup> MELO, Francisco Dênis. *Os Intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL – E a Invenção da Cidade Letrada (1943-1973)*. Tese em História. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE: Recife - PE, 2013. p. 163.

interesses. Verdade é que nunca fui tão vilipendiado como agora, mas apelando para a Justiça de Deus, na voz da História, contento-me com a certeza de que, quem estas páginas ler, se há de pasmar ante tamanha coragem.<sup>160</sup>

Percebamos que a simples reprodução dos documentos era entendida pelo bispo como garantidor da justiça divina, tendo como porta-voz a história. Esta forma de percepção não era exclusiva do bispo. O gênero discursivo *documentário*, tratado por dom José como gênero historiográfico, é influente em outro padre que o sucede, o clérigo João Mendes Lira.

Lira, que viveu com o bispo na residência episcopal, e que desenvolveu um ressentimento em relação ao prelado perceptível em alguns de seus textos, publicou diversos livros com uma forma de escrita bastante parecida com a empreendida por dom José em *História de Sobral*, no qual a reprodução de documentos constituía grande parte do texto, com pouca ou nenhuma articulação narrativa por parte do historiador. São marcantes dessa produção os livros, *Sobral, sua história documental e a personalidade de Dom José* (1975); e *O Eclipse Total do Sol – visto e observado em Sobral no dia 29 de maio de 1919* (1979). Em outras obras, relatos escritos por Lira dividem espaço com a reprodução extensiva de documentos, como, por exemplo, *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota* (1982).

Mas a principal obra de João Mendes Lira sobre a cidade é a síntese histórica *De Caiçara a Sobral*, publicada em 1971. Com cento e dezoito páginas, o livro de Lira é dividido em duas partes. A primeira, sem título, conta com catorze capítulos, que se detém em abordar aspectos históricos da cidade, especialmente eventos ocorridos no período colonial e no período imperial brasileiro. A segunda parte da obra, intitulada “Sobral Moderna”, elenca os principais equipamentos e fábricas com que a cidade contava, no momento de escrita da obra. É muito semelhante à abordagem realizada por Vicente Martins da Costa na primeira parte da obra *Homens e Vultos de Sobral*.

Já a principal obra de Francisco Sadoc de Araújo, *Cronologia Sobralense*, publicada em cinco volumes, entre os anos de 1974 e 1990, tem uma estrutura diferente de todas as outras que a antecederam. Não pode ser entendida nem como um “documentário” nem como uma síntese histórica tradicional. É, na verdade, uma obra fragmentária, organizada pela relação entre datas e eventos que o autor *julga* como sendo os mais importantes da história de Sobral. As datas são metamorfoseadas em verbetes, como um dicionário, que, em vez de ir de A até Z, segue a diacronia eleita como relevante, desde 18 de janeiro de 1604, com a chegada de Pero

---

<sup>160</sup> LIRA, João Mendes. *O livro inédito de Dom José Tupinambá da Frota: 1º Bispo de Sobral*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1991. p. 7.

Coelho à foz do Rio Camocim<sup>161</sup>, até 28 de dezembro de 1950, com a chegada do Dr. Aristides Andrade Filho, proveniente da Bahia, a fim de abrir consultório médico em Sobral<sup>162</sup>. A *forma* da obra propicia um melhor manuseio, facilitando a procura por informações, e a pesquisa sobre certas datas e certos acontecimentos, mas não oferece alguma articulação narrativa mais consistente. Os argumentos e as ideias que dão certa coerência ao texto estão submersos na escolha das datas e nos enunciados que compõem os verbetes.

As escolhas de Sadoc de Araújo indicam que a *Cronologia Sobralense* não foi feita para ser lida em sequência, mas para facilitar a consulta, indicar fatos, propiciar um acesso mediado aos *arquivos* a que o autor também tinha acesso com privilégio por suas funções sacerdotais. *Cronologia Sobralense* não é moldada para se ler de uma forma corrida, continuada, é construída, assim como *História de Sobral*, para ser um vasto instrumento de consulta, um arquiteito. Sobre o gênero cronológico, o historiador alemão Reinhart Koselleck afirma que

A cronologia – como ciência auxiliar que é – responde às questões sobre datação à medida que anula as diferenças entre os inúmeros calendários e medidas de tempo empregados ao longo da história, reunindo-os em um único tempo, regido segundo o nosso sistema planetário e calculado segundo as leis da física e da astronomia. [...] Mas esse pressuposto natural, contido em nossa divisão do tempo, será estranho à investigação da co-incidência entre história e tempo, se é que se pode falar da existência de algo como um “tempo histórico”.<sup>163</sup>

Com a construção de um “único tempo”, partilhado pela população, um *singular coletivo*, a dinâmica de interferência da história na vida das pessoas é apresentada de forma mais relevante. Ter uma *cronologia* coletiva de Sobral, ou de qualquer outro espaço, serviria para integrar a população em um objetivo comum, proporcionando coesão. Sadoc de Araújo parece, em determinados momentos, se guiar por dom José e transfigurar os documentos estabelecidos como os marcos da história de Sobral em uma sequência de datas, tornando o modelo de consulta mais acessível. Basicamente a mesma lei do que pode ser dito é seguida. Os comandos são similares. É uma nova versão para o mesmo arquivo.

Do ponto de vista narrativo, o método cronológico é mais didático e facilita a concepção de uma explicação mais linear sobre processos. É a supremacia do que Michel de Certeau chama de “a lei mascarada”, pois,

<sup>161</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - Séculos XVII e XVIII - 1604-1800*. 2. Ed. Volume 1. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015. p. 27.

<sup>162</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1911-1910*. 2. Ed. Volume 5. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015. p. 232.

<sup>163</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 13.

Ela [a cronologia] é a condição de possibilidade do recorte em períodos. Mas (no sentido geométrico) rebate, sobre o texto, a imagem invertida do tempo que, na pesquisa, vai do presente ao passado. Segue seu rastro pelo reverso. A exposição histórica supõe a escolha de um novo “espaço vetorial” que transforma o sentido do percurso do vetor do tempo e inverte sua orientação. Somente esta inversão parece tornar possível a articulação de prática com a escrita. Ao indicar uma ambivalência do tempo, coloca-se inicialmente o problema de um *re-começo*: onde começa a escrita? Onde se estabelece para que haja historiografia?<sup>164</sup>

Onde começou a escrita do padre Francisco Sadoc de Araújo? Como é articulada a *prática* de suas pesquisas nos arquivos paroquiais e diocesanos com a *configuração discursiva* que deu a seus escritos historiográficos? Lembremos que o próprio Michel de Certeau alerta sobre a inerente relação entre mito e cronologia<sup>165</sup>.

Definir uma origem, escolher o ponto zero do relato, possibilita indicar também onde termina o “mito” e começa a história na narrativa, e essas escolhas indicam intenções praticadas pelo autor. A articulação das diferentes fases da *operação historiográfica* pode nos ajudar a problematizar a produção de Sadoc de Araújo interagindo com dom José Tupinambá da Frota, bem como com os demais clérigos da cidade em suas sínteses históricas, compreendendo seus livros em um duplo movimento: como *documentos* que compõem *arquivos* e como *acontecimentos discursivos*.

Lembremos a contribuição de Paul Ricoeur para a compreensão da importância dos *arquivos*, em uma visão semântica distinta de Foucault, como um lugar para o depósito de testemunhos. Segundo ele, “O arquivo apresenta-se assim como um lugar físico que abriga o destino dessa espécie de rastro que cuidadosamente distinguimos do rastro cerebral e do rastro afetivo, a saber, o rastro documental. Mas arquivo não é apenas um lugar físico, espacial, é também um lugar social”<sup>166</sup>. Este lugar social, que, em um mesmo movimento autoriza a feitura e é feito pelos agentes sociais, propicia, após a constituição do arquivo por parte do historiador, um senso de autoridade<sup>167</sup>.

Em Sobral, podemos identificar de diferentes formas o sucesso da institucionalização dos arquivos pela historiografia de Sobral produzida pelos clérigos que funcionam como

<sup>164</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história. Op. Cit.* p. 97

<sup>165</sup> Segundo Certeau, “Poder-se-ia dizer que é o mito, transformado em postulado da cronologia – ao mesmo tempo suprimido do relato e sempre considerado ineliminável. Uma relação com o outro, com este ‘zero’ mítico, permanece inscrita no conteúdo com todas as transformações da genealogia, com todas as modulações das histórias dinásticas ou familiares de uma política, de uma economia ou de uma mentalidade”. (CERTEAU, Michel de. *A escrita da história. Op. Cit.* pp. 98 e 99).

<sup>166</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução de Alain François [et. al.]. Campinas, Sp.: Editora da Unicamp, 2007. p. 177.

<sup>167</sup> *Ibidem.* p. 179.

arquitextos, e a conseqüente constituição de um “senso de autoridade”. Outros sujeitos, que escrevem ocupando o lugar de sujeito de intelectuais da cidade, usam esses textos como princípio autorizador, sem submetê-los à crítica, repetindo suas ideias e criando, a partir deles, novos enunciados sobre a história da cidade.

Por exemplo, José Parsifal Barroso, ex-governador do Ceará (1959-63), que faz o prefácio da primeira edição da obra de Francisco Sadoc de Araújo, nos dá um pouco a dimensão do que seria a relevância do texto, enaltecendo o clérigo, pois este seria “[...] o pesquisador e historiógrafo que continuaria a trajetória aberta com a História deixada pelo seu primeiro bispo, o imortal D. José Tupinambá da Frota”.<sup>168</sup>

Dom José, personagem sempre lembrado, é tratado como legitimador das qualidades atribuídas a seu pupilo. A obra honrava uma *tradição*, era uma *continuidade*. Mais que isso, usando uma retórica redundante, com adornos que objetivam exprimir a importância da obra e do autor para o que seria a “História de Sobral”, Parsifal Barroso afirma que

O título da obra que ora prefacio, com jubilosa ufania, não define à justa seu valioso conteúdo, pois não se trata de uma simples discriminação de dados e datas, se sentindo historizante, mas de um precioso tesouro de fatos de indiscutível historicidade, joeirados através de um critério que visa a ressaltar e esclarecer, apenas os marcos basilares da História de Sobral, justificando a prevalência de cada um por forma válida e convincente.<sup>169</sup>

Um *arquivo* compreendido como *tesouro*. Uma historicidade apresentada como tendo agradado aos desejos do prefaciador, na qual a *seleção* empreendida pelo autor é tida como basilar, clara e convincente. Parsifal Barroso, é bom lembrar, foi um político cearense com fortes ligações com Sobral. Foi genro de Francisco de Almeida Monte, um dos principais chefes políticos das primeiras décadas do século XX na cidade. Deveu grande parte de seu capital político às articulações e relações que mantinha com os homens que praticavam o poder nas instâncias administrativas da cidade, seja no campo eclesiástico, seja no campo leigo. Ter sido escolhido pelo autor para escrever o prefácio demonstra como essas relações ainda eram efetivas na década de 1970.

Entendendo os textos da historiografia escrita por clérigos sobre Sobral, sejam escritos na forma documentária, cronológica, ou de síntese histórica, com o objetivo de constituir verdadeiros arquivos para a história da cidade de Sobral, realizo uma análise dessas variadas obras, com ênfase na de dom José Tupinambá da Frota e do padre Francisco Sadoc de Araújo,

<sup>168</sup> BARROSO, Parsifal. Prefácio da 1ª Edição. In: ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - Séculos XVII e XVIII - 1604-1800*. Op. Cit. p. 16.

<sup>169</sup> *Idem*.

explorando fragmentos que nos revelam a *prática* à luz da *escrita*, articulando-os com os textos de outros padres e pesquisadores locais. Todavia, reconheço o caráter colossal das produções. Por isso, optei por definir as principais temáticas e eixos de problematização para a análise das obras, suas séries, reconhecendo ser impossível exaurir todos os aspectos do trabalho do bispo e de seu principal herdeiro.

### 3.2 FAZER HISTÓRIA: PRÁTICAS E VISÕES DE HISTÓRIA DOS PADRES FABRICADORES DE PASSADOS DE SOBRAL

“‘Fazer história’ é uma prática”<sup>170</sup>. É com essa frase que Michel de Certeau abre a seção II, “Uma Prática”, de seu famoso texto *A operação historiográfica*. É por meio da prática, da forma que ela adquire, que nos diferenciamos, especialmente, de qualquer outra atividade de produção do saber. É nela, essencialmente, que realizamos as escolhas fundamentais para a pesquisa e a escrita da história, acerca do trato com documentos. Como afirma Certeau,

Em história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na verdade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz em física, e em “desfigurar” as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto *a priori*.<sup>171</sup>

As formas como os clérigos elegeram, transformaram e citaram os materiais dispersos como documentos na montagem de seus trabalhos é um ato que os difere, que ajuda a explicar como se davam suas operações historiográficas, evidenciando suas escolhas. Fortunato Linhares cita alguns textos e artigos, mas boa parte das informações contidas em suas *Notas Históricas da Cidade de Sobral* não são acompanhadas de indicação de fontes ou citações. Pela forma e pelo conteúdo da narrativa, podemos entender que o clérigo usou os acervos da Igreja Católica. Já em *Homens e Vultos de Sobral*, de Vicente Martins, há uma lista de referências, intitulada como “Obras Consultadas”, na página 355, que inclui obras de autores ligados, principalmente, ao Instituto Histórico do Ceará. Dom José, por seu turno, não apresenta uma lista de suas *referências documentais* ao fim de sua *História de Sobral*. Faz isso ao longo do texto, antes ou depois de cada documento ou citação que retalha e reproduz em seu livro. Lira, em *De Caiçara a Sobral*, procede da mesma forma. Diferentemente, ao fim de todos os volumes

<sup>170</sup> CERTEAU, Michel de. *A operação historiográfica*. Op. Cit. p. 78.

<sup>171</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Op. Cit. p. 81.



de sua *Cronologia Sobralense*, Sadoc de Araújo apresenta a bibliografia e uma lista de fontes, embora também cite, no corpo do texto, documentos específicos.

Bispo e padres exibem um poder invejável de acesso a esses textos, especialmente em um momento em que não havia pesquisas acadêmicas consolidadas na região. Nas referências de Sadoc de Araújo, ele destaca o ineditismo dos documentos que trabalhou, por exemplo, no primeiro volume:

- A grande maioria das informações contidas neste 1º volume é inédita. Colhemos em primeira mão, de documentos originais. Apenas, completamente [*sic*], recorreremos a livros já publicados. Consultamos os seguintes documentos originais:
- Livros de assentos batismais e matrimoniais – de 1725 a 1800 – arquivados na Secretaria do Bispado de Sobral;
- Livros de óbito do Curato de Acaraú, a partir de 1725;
- Inventários arquivados no 3º Cartório de Sobral;
- Livros de assentos Batismais e Matrimoniais da Arquidiocese de Fortaleza;
- Manuscritos de Soares Bulcão – Arquivos do Inst. Do Ceará;
- Livros de vereações, ordens e contratos da Câmara da Vila de Sobral, arquivados no Centro de Pesquisas Históricas e Geográficas de Sobral, a partir de 1773;
- Manuscritos de Dom José Tupynambá da Frota;
- Manuscritos de José Domingues Pessoa de Lira.<sup>172</sup>

Livros de assentos batismais e matrimoniais, livros de óbitos e manuscritos de personagens ligados à Igreja Católica, como o bispo dom José Tupinambá da Frota, reforçam a ideia de que ele detém a posse das melhores informações sobre o passado da cidade. Estes são os “materiais dispersos” que preferencialmente se transformam em documentos a partir da ação de Sadoc de Araújo e dos outros clérigos. Na bibliografia complementar, o *História de Sobral*, de dom José, consta em todos os volumes. É inegável que o pertencimento à Igreja Católica facilitou o acesso a sua documentação e, portanto, possibilitou o trabalho dos padres que escreviam história em Sobral. O historiador Dênis Melo reflete que

A grande produção de padres historiadores talvez se explique pelo fato de a Igreja guardar na Cúria Diocesana, uma vasta documentação, como inventários, testamentos, memórias, cartas, relatórios, jornais e outros documentos que foram fundamentais para essas produções<sup>173</sup>.

A Igreja Católica, pelo regime do Padroado, que vigorou até 1890, concentrou, durante toda a fase colonial e imperial brasileira, grande massa documental que auxiliam na construção de biografias e genealogias, gênero predileto de Sadoc de Araújo e, também, explorado por dom José, Linhares, Vicente Martins e Lira em seus textos. A compreensão que eles possuem

<sup>172</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - Séculos XVII e XVIII - 1604-1800*. Op. Cit. p. 493.

<sup>173</sup> MELO, Francisco Dênis. *Os Intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL – E a Invenção da Cidade Letrada (1943-1973)*. Op. Cit. pp. 163 e 164.

do que seja uma fonte histórica, bem como o acesso privilegiado aos documentos da Igreja Católica, nos ajudam a entender como são moldados os seus textos.

Ao compararmos as obras desse grupo de clérigos, veremos que as sínteses históricas produzidas por Linhares, Vicente Martins e Lira não são as obras mais influentes na historiografia contemporânea. Sadoc de Araújo e dom José ganham protagonismo, inclusive com seus “clássicos” sendo reeditados mais recentemente. A forma como trabalham e citam suas fontes ajuda a explicar esse protagonismo.

Mas, como já dissemos, esses dois clérigos trazem diferenças em sua forma de construir seus textos. Podemos dizer que o padre Sadoc de Araújo, como um artesão, concebe os volumes da *Cronologia*, bem como outras de suas obras, como peças já aprimoradas, como um produto final e acabado. Fontes são selecionadas e moldadas até se transformarem em um texto final, com citações diretas, mas passando por intervenções escritas pelo autor.

Dom José parece agir apenas como um fornecedor de matérias-primas. Os documentos, de forma quase bruta, são reproduzidos insistentemente pelo prelado, a partir de uma lógica e uma sequência por ele estabelecidas, com as citações documentais figurando por si sós como “provas”, sem que façam parte de qualquer argumentação narrativa.

*História de Sobral e Cronologia Sobralense*, apesar dos nomes dados por seus autores, pelos padrões contemporâneos não se configurariam como obras de história, concebidas como intrigas narrativas. Pouco nos é dito diretamente por dom José sobre suas intenções. Ele não conversa com o leitor. Parece que, para ele, a história está ali, diante de nossos olhos, e não precisa ser explicada. Em meio a reprodução de documentos, fala de forma impessoal, e, quando cita a si mesmo como personagem de um evento, sua posição de narrador é diferenciada de sua posição como personagem<sup>174</sup>.

João Mendes Lira e Francisco Sadoc de Araújo são menos tímidos em suas narrativas, revelando desde a saída a suas intenções de influenciar a futura escrita da história da cidade. Lira, na apresentação da obra *De Caiçara a Sobral*, afirma que,

Não é este o Livro definitivo que tenciono escrever sobre Sobral. O desejo que alimento de ver minha terra conhecida e estimada, me leva a fazer qualquer coisa no dia dos seus 130 anos de existência. Estas páginas são, sem dúvida, uma presença, um modo de dizer “presente”, no dia do seu aniversário. Trabalhar por sua terra, enriquecê-la, suscitar pesquisas, ser uma mola propulsora de seu desenvolvimento, considero um dever de todo cidadão equilibrado.<sup>175</sup>

<sup>174</sup> Vemos isso, por exemplo, quando ele faz uma pequena autobiografia. Ver: FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral. Op. Cit.* pp. 159 a 163.

<sup>175</sup> LIRA, João Mendes. *De Caiçara a Sobral*. Sobral: [s.n.], 1971. p. 7.

O que seria “*fazer qualquer coisa*”, como afirma o autor? Revela, antes de tudo, o esforço que Lira fazia para concretizar sua visão de história da cidade. *De Caiçara a Sobral* não tinha intenções críticas, não visava abordar uma problemática, era anunciada, desde sua abertura, como sendo dedicada a fazer um elogio a Sobral, a fim de ver a terra “conhecida e estimada”. O livro traz consigo uma marca, repetida em todas as obras de João Mendes Lira, que seria a tentativa de elevar à cidade a um patamar de protagonismo político no Ceará que ela perdera nas décadas anteriores. Para isso, o autor aceitava “fazer qualquer coisa”. Ora, ele fazia, desde logo, história.

Sadoc de Araújo, na abertura de *Cronologia Sobralense*, também foi bem direto ao tratar de suas intenções. Segundo ele,

Este livro tem a finalidade de traçar, em Dados e Datas, o itinerário histórico desta cidade, como um subsídio ao historiador do futuro. Prevista para ser publicada em três volumes, espero que esta obra forneça alguns elementos ao pesquisador que desejar fazer a História do Vale do Acaraú.<sup>176</sup>

*Fazer a história*. Isso lembra a abertura do famoso artigo de Michel de Certeau já citado na abertura desse tópico, que questionava, “O que *fabrica* o historiador quando ‘faz história?’”<sup>177</sup>, no qual o autor conclui que fabricamos um discurso, uma representação ambivalente, já que a historiografia “[...] é a condição de um fazer e a denegação de uma ausência; age ora como discurso de uma lei (o dizer histórico abre um presente a fazer), ora como álibi, ilusão realista [...]. Oscila entre ‘fazer a história’ e ‘contar histórias’, sem ser redutível nem a uma nem a outra”.<sup>178</sup>

Os demais clérigos, que suponho jamais leram o seu confrade Michel de Certeau<sup>179</sup>, parecem concordar, em parte, com essa perspectiva sobre o fazer historiográfico. Entenderam a obra de história como uma escrita a se fazer. Compreenderam a feitura da história como parte de um processo com vários passos, como uma *prática* que não pode ser negada. Sadoc de Araújo olha para o futuro, entendendo que sua produção seria de grande valor para pesquisas que ainda seriam desenvolvidas. É um enunciado similar ao que outro clérigo, Vicente Martins da Costa, escrevia em seu *Homens e Vultos de Sobral*, pois, para o clérigo, “O trabalho está iniciado, esboçado. Outro poderá amplia-lo [*sic*], aperfeiçoa-lo [*sic*], completa-lo [*sic*”<sup>180</sup>.

<sup>176</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - Séculos XVII e XVIII - 1604-1800*. *Op. Cit.* p. 26.

<sup>177</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. *Op. Cit.* p. 65.

<sup>178</sup> *Ibidem*, p. 109.

<sup>179</sup> Não há quaisquer citações às obras desse autor na produção de Sadoc de Araújo, nem existe debate com a historiografia acadêmica contemporânea, seja ela nacional ou europeia.

<sup>180</sup> COSTA, Vicente Martins da. *Homens e Vultos de Sobral*. Sobral: [s.n.], 1941. p. 6.

O historiador Raimundo Nonato Rodrigues de Souza, em sua tese de doutorado, “*Minha Riqueza é Fruto do meu Trabalho*”: *negros de cabedais no Sertão do Acaraú (1709-1822)*, relata sobre a importância dos padres que escreveram sobre história de Sobral para a realização de seu próprio trabalho, mas faz algumas ressalvas:

Esses autores deram pouco destaque às experiências dos escravos e silenciaram sobre as histórias dos homens de cor, livres e libertos, limitando-se a descrever as sociedades abolicionistas, a Irmandade do Rosário, os batismos, casamentos e óbitos de escravos e outros fatos do universo da escravidão. No entanto, é importante enfatizar que em seus trabalhos encontramos pistas de famílias escravas e libertas, o que nos possibilitou pensar as estratégias de ascensão destes na sociedade colonial sobralense.<sup>181</sup>

Para este autor, a importância da obra de Sadoc de Araújo, bem como de outros historiadores, estava muito mais nas pistas, nos testemunhos, na indicação de vestígios que eles deixavam em seus escritos do que, de fato, em suas versões da história local pois elas eram a expressão de visões de mundo excludentes. O historiador Raimundo Nonato de Souza utiliza, e muito, das informações presentes na obra de Sadoc de Araújo e de dom José para construir as balizas de suas investigações. Constrói quadros analíticos, discute fontes e coloca os dois em constante diálogo, demonstrando que a influência dos clérigos ainda se faz sentida na historiografia contemporânea.

A perspectiva teórica que os padres partilhavam tomava os documentos adotados por eles como tendo valor de prova, em vez de serem compreendidos como construções culturais. Havia preocupação em verificar a veracidade das fontes escolhidas. Vemos essa preocupação em dom José, ao realizar uma leitura crítica de documentos, cruzando fontes, como ao comentar uma estimativa populacional de Sobral em 1897, levantada pelo padre Vicente Jorge de Sousa, vigário de Sobral, a pedido do então bispo do Ceará, dom Joaquim José Vieira<sup>182</sup>.

Já com Sadoc de Araújo, podemos ver mais concretamente essa preocupação com a verificação de informações quando ele comenta escritos historiográficos de cunho genealógico de outros autores, como, por exemplo, os da obra *Colonização do Nordeste – Os Ximenes de Aragão no Ceará*, de autoria atribuída a Jarbas Cavalcante de Aragão, lançado em 1969. Diz Sadoc de Araújo que: “Lamentavelmente esta obra contém inúmeros erros e lacunas, o que se

---

<sup>181</sup> SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. “*Minha Riqueza é Fruto do meu Trabalho*”: *negros de cabedais no Sertão do Acaraú (1709-1822)*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará / Programa de Pós – Graduação em História Social, Fortaleza, 2015. p. 19.

<sup>182</sup> FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral. Op. Cit.* p. 149.

explica pelo fato de ter sido escrita longe das fontes. Pelo valor que representa, valeira a pena ser reeditada com as devidas correções”.<sup>183</sup>

Com João Mendes Lira vemos uma reflexão, apesar de rápida, sobre a função do documento para a historiografia. Em *Nossa História*, de 1971, obra em que edita colunas publicadas pelo clérigo no jornal *Correio da Semana*, há um capítulo intitulado “Um erro histórico e a verdade inconteste”. Nele, Lira afirma que: “Documentos históricos é [sic] uma coisa importante, interpretá-los constitui uma ciência. Um fato histórico tem muito antecedentes. Negá-los é falsear a história”<sup>184</sup>. Ora, quais documentos seriam importantes? Obviamente, os oficiais, obtidos junto, preferencialmente, à Igreja Católica.

A recepção às suas obras foi, em geral, positiva, especialmente por parte do poder público. José Clodoveu de Arruda Coelho Neto, conhecido pela alcunha de Veveu Arruda, prefeito de Sobral entre 2011 e 2017, ao apresentar a obra *Cronologia Sobralense*, reeditada por sua iniciativa, parece concordar com a ideia propagada de que ela serviria e continuará a servir para o futuro. Segundo ele,

Publicada anteriormente em 1974, a *Cronologia* estava necessitando voltar à luz, tanto pela raridade em que havia se constituído, após 40 anos de sua primeira edição, como por seu próprio valor de instrumento de importância basilar para a compreensão de nossa história, pelo registro exaustivo, quase diário, dos acontecimentos ocorridos em nosso território, de 1604 a 1950, nos permitindo melhor compreensão da nossa evolução política, econômica, cultural e social.<sup>185</sup>

O consumo da obra, ao menos em âmbito político e oficial, não é questionado. Não há problematização. É um “instrumento”. Um dispositivo que ajuda a enxergar conceitos desejados, prioritariamente o de “evolução”. Em contraponto, não temos textos contemporâneos à última edição de *História de Sobral*, de 1995, que apresentem a obra de dom José, mas há o já citado carimbo de apoio do então “Governador Ciro Gomes” em seus elementos pré-textuais. Compreendo-a como também um outro instrumento que alimenta os discursos políticos oficiais da cidade. Os textos são entendidos como uma verdade sobre o passado da cidade, que se estabelece a partir do trabalho exaustivo desempenhado pelo profissional da história, não se inquirindo sobre escolhas, seleções, objetivos e estratégias de escrita. *História de Sobral* e *Cronologia Sobralense* têm servido como grandes arquitextos para a história da cidade. Falta problematizar como são constituídos esses textos-arquivos, tomar

<sup>183</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - Séculos XVII e XVIII - 1604-1800*. *Op. Cit.* p. 294.

<sup>184</sup> LIRA, João Mendes. *Nossa História*. Sobral: [s.n.], 1971. p. 10.

<sup>185</sup> COELHO NETO, José Clodoveu de Arruda. Apresentação da 2ª edição. ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - Séculos XVII e XVIII - 1604-1800*. *Op. Cit.* p. 5.

seus enunciados como fontes para outros discursos, discutir quais as intenções que dirigiram os autores no momento de escrita e publicação das obras, bem como os usos que aqueles textos passaram a gozar a partir de então.

Como bem alerta o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, “O historiador tende a ficar atento aos tempos dos eventos aos quais o documento se refere, mas não toma o documento mesmo como evento, como acontecimento de um dado tempo, que indica e emite signos desse tempo, em toda a sua extensão e em todos os seus aspectos”<sup>186</sup>. As várias camadas semiológicas de um documento, de um arquivo, são ignoradas e naturalizadas muitas vezes. A crítica é abandonada e o documento passa a ser entendido como um *vestígio* preciso e autônomo do tempo. Esse movimento, em muitos momentos, é praticado por sujeitos que têm interesse nos usos da historiografia local como arquivos, como referentes, que autorizem seus feitos e anseios. As escolhas erigidas pela historiografia dos clérigos são ainda reproduzidas por muitos, também praticadas e defendidas.

Para poder investigar o trabalho desses clérigos que atuam como historiadores, desnaturalizando suas ações e obras, devemos tentar observar o *conceito de história* a partir do qual escreviam e que materializavam em seus escritos. Tal historiografia atende a uma perspectiva de escrita própria, atravessada pela influência do cristianismo na visão de mundo dos clérigos e olhando para si mesma como autorreguladora das noções de história que deveria praticar. Ou seja, para os clérigos que escreviam história em Sobral a visão teológica bastava para explicar a história. A legitimidade aqui não é acadêmica. O *lugar social* é outro, é o da Igreja Católica. Os *pares* partilharam de uma mobilização conceitual similar.

Um exemplo é a perspectiva de Vicente Martins da Costa em seu *Homens e Vultos de Sobral*, em 1941. Logo nas primeiras linhas de seu texto, em uma sessão intitulada “Ao leitor”, o clérigo expõe o que entende por história com as seguintes palavras:

A história de um povo não se escreve somente através da narração dos fatos memoráveis, que se realizaram em uma época ou tempo determinado, mas se escreve também pela descrição da vida dos homens de projeção, que em seus feitos atuaram na vida social, quer intelectual, quer política, quer econômica e constituem a representação de um povo e por isso centralizam [*sic*] a sua história.<sup>187</sup>

Vicente Martins entendia a história como sendo a memória das vidas dos homens que tinham “projeção” num determinado tempo. Suas vidas representariam, por si só, as de todo um

---

<sup>186</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A poética do arquivo: as múltiplas camadas semiológicas e temporais implicadas na prática da pesquisa histórica. In: \_\_\_\_\_. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019. p. 67

<sup>187</sup> COSTA, Vicente Martins da. *Homens e Vultos de Sobral*. Sobral: [s.n.], 1941. p. 5.

povo. É uma narrativa produzida para o consumo da elite da cidade, que veria nas páginas da história as suas próprias biografias, bem como de seus antepassados. Não é uma visão destoante da que Sadoc de Araújo manifesta, três décadas depois, em 1974, sobre a relação entre o homem, o progresso e a história. Destaca-se aqui que a visão do clérigo entende o homem como criação divina, tendo sua trajetória e sua história como realizações da vontade de um criador. Sadoc de Araújo afirma que

Hoje, mais do que nunca, o mundo se divide essencialmente entre aqueles que acreditam no homem e aqueles que nele não creem. No mais profundo de si mesma, a história humana nada mais é do que um movimento de consciência e de espiritualidade velado em gestos e obras materiais. O progresso e o crescimento do mundo são impulsionados pelo espírito que é a porção indestrutível do universo. É o homem, afinal de contas, a mola propulsora do desenvolvimento e da evolução. Na formação e educação do homem se encontra resumida toda a vida, toda a cultura e toda a história da humanidade.<sup>188</sup>

Ou seja, estudar o homem, a partir da história, não seria nada mais que compreender uma dimensão espiritual desse ser. Por meio do homem e de seu progresso, seria possível entender a vontade divina que se manifestaria na história. As obras materiais seriam a expressão desse conceito. Estudar a história de Sobral, dessa forma, evidenciando o suposto progresso da cidade, indicaria a superioridade de espírito dos homens que fizeram a sua história.

A articulação entre história e progresso é partilhada por outro clérigo. Em 1971, João Mendes Lira observava que o homem deveria aprender com a história para poder realizar o progresso. “Se a história se repete procure estudá-la para entender o hoje e prever o amanhã. E quando o passado não fala mais, o presente é vivido sem o entusiasmo e o futuro será por demais incerto”<sup>189</sup>. Esse preceito é aprimorado, indicando que o conhecimento histórico não deve ser apenas uma atitude individual, mas sim coletiva, propiciando um desenvolvimento da comunidade. Para Lira,

Uma cidade, um estado, uma nação que desconheça seu passado jamais poderão ter um futuro dinâmico. Recorrer-se às origens históricas é criar condições para o desenvolvimento. Um povo não pode progredir quando desconhece suas raízes históricas, quando cresce sem o alicerce do passado, sem a força e o idealismo dos pioneiros<sup>190</sup>.

---

<sup>188</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - Séculos XVII e XVIII - 1604-1800*. Op. Cit. p. 25.

<sup>189</sup> LIRA, João Mendes. *Nossa História*. Sobral: [s.n.], 1971. p. 3.

<sup>190</sup> LIRA, João Mendes. *Nossa História*. Sobral: [s.n.], 1971. p. 10.

Essa noção de história, que atrela o conhecimento do passado por parte da comunidade como propiciador do progresso, acompanha Lira em vários momentos da obra<sup>191</sup>, repetindo enunciados similares para essa mesma ideia. Em 1982, ao publicar uma biografia sobre dom José Tupinambá da Frota, o sacerdote repete ainda versões desse enunciado, mais ou menos com as mesmas palavras<sup>192</sup>.

A ideia que parece ser constante na abordagem de Lira é a de uma função pedagógica do conhecimento histórico. Segundo ele, “Se a história se repete procure estudá-la para entender o hoje e prever o amanhã. E quando o passado não fala mais, o presente é vivido sem entusiasmo e o futuro será por demais incerto”<sup>193</sup>. O enunciado também reaparece em *Nossa História* em outros dois momentos.<sup>194</sup> É uma definição de história muito parecida com o que Reinhart Koselleck chama de antigo conceito de história, praticado especialmente até o século XIX, no qual a máxima *historie magistrae vitae* era hegemônica.<sup>195</sup>

Ao contrário de seus colegas, Lira cita um autor com quem mantém diálogos teóricos. Era Arnold Joseph Toynbee (1889 – 1975), historiador britânico, autor da obra *Um Estudo de História*, que abordava a história de forma global, adotando o conceito de civilização como ideal para o estudo da história, em vez do conceito de nação. Toynbee também escreve obras teóricas sobre a história, voltando-se para uma perspectiva pragmática do conhecimento histórico, atrelado ao conceito de desenvolvimento e de progresso. Em um capítulo intitulado “As nossas reminiscências”, no qual critica mudanças em prédios e monumentos da cidade de Sobral, Lira comenta uma dessas obras de Toynbee, afirmando que,

Há pessoas que não sabem interpretar o progresso achando que ser atual é destruir o passado. Arnald [sic] Toynbee, um dos maiores historiadores da atualidade fez um artigo intitulado: ‘HISTÓRIA – FUNÇÃO E VALOR’. Traça o rumo certo do estudo da história mostrando porque se deve estudar história.<sup>196</sup>

A citação do autor inglês, em consonância com o tema de que está tratando, revela a intenção de Lira em defender uma relação entre a história e o progresso. O conhecimento do passado seria a principal base para a efetivação do futuro. A visão de história para Lira é uma

<sup>191</sup> Ver: LIRA, João Mendes. *Nossa História*. Sobral: [s.n.], 1971. pp. 5, 33 e 47.

<sup>192</sup> LIRA, João Mendes. *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota primeiro bispo de Sobral (1882 –1959)*. pp. 12, 41, 51 e 140.

<sup>193</sup> LIRA, João Mendes. *Nossa História*. Sobral: [s.n.], 1971. p. 4.

<sup>194</sup> Ver: LIRA, João Mendes. *Nossa História*. Sobral: [s.n.], 1971. pp. 45 e 48.

<sup>195</sup> KOSELLECK, Reinhart [et. al]. *O conceito de história*. Tradução de René Gertz. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

<sup>196</sup> LIRA, João Mendes. *Nossa História*. Sobral: [s.n.], 1971. p. 45.



perspectiva pragmática, funcional, em que a articulação do tempo sempre garante um futuro positivo por meio do que o autor considerava como sendo o bom conhecimento sobre o passado.

Já o conceito construído pelo clérigo Fortunato Alves Linhares, que foi professor de Lira e Sadoc de Araújo, no Seminário Diocesano São José, e foi contemporâneo de dom José, ao prefaciá-la obra *História de Sobral* do bispo, em 1952, era um pouco diferente de seus alunos, observando mais aspectos comportamentais do que materiais, não citando a noção de progresso, mas tendo uma visão de protagonismo para o conhecimento histórico.

Para Linhares, “A História não é só a narração fastidiosa dos acontecimentos e fatos de um povo: é descrever, tratar e compreender a índole e a psicologia do mesmo, de que se ocupa o historiador”<sup>197</sup> (irônico é perceber que o que mais acontece nas obras da historiografia clerical sobre Sobral é justamente a narração fastidiosa dos acontecimentos). A intenção era que os aspectos “psicológicos” e a “índole” do povo fossem compreendidas a partir da exposição factual de sua história. Além disso, para Linhares, explicitamente: “A História é, pois, compreender e traduzir ao povo o caráter e a inteligência das gerações passadas e o quanto contribuíram elas para a civilização e bem estar [*sic*] das gerações presentes”<sup>198</sup>. Nesse último aspecto, seu conceito de história se aproxima do entendimento de Lira.

Em ambos os *conceitos de história* percebemos a tentativa da compreensão do homem, seja em sua espiritualidade, traduzida em realizações materiais, seja em seus aspectos comportamentais. Uma história com uma visão religiosa que tomava o homem como protagonista dos desígnios de Deus. Na verdade, em todas as obras, fica a sensação de que o ser humano, para os clérigos, só cumpre vontades divinas, sendo atores a representarem um roteiro já escrito e designado, assim como o drama vivido pelo personagem Jesus em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, romance do escritor português, José Saramago, citado na epígrafe deste trabalho.

Esses textos, publicados em primeira edição na década de 1950 e na de 1970, em nada se assemelham a produção historiográfica praticada na academia naquele período, em que a influência de autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, começavam a competir com a publicação dos textos da história social inglesa, realizando uma articulação teórica muito mais ligada ao campo geral do marxismo, que baseado em uma

---

<sup>197</sup> LINHARES, Fortunato Alves. Notas históricas da Cidade de Sobral. In: *Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano XXXVI, 1922. p. 6.

<sup>198</sup> LINHARES, Fortunato Alves. À guisa de prólogo. In.: FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. Op. Cit. p. 6.

perspectiva de Providência, ainda arraigada em uma tradição pós-iluminista ou pós-kantiana, como a estudada por Reinhart Koselleck no artigo “*Sobre a disponibilidade da História*”.<sup>199</sup>

O lugar social dos padres que fabricavam passados, como já afirmamos, era demarcado pela influência religiosa em suas ações e seu discurso. Garantido por um privilegiado acesso às fontes produzidas no âmago da própria Igreja Católica, acriticamente eles podiam continuar a alimentar a importância da instituição da qual faziam parte para a sociedade, propagando a influência católica para a noção de desenvolvimento da cidade, a partir da narrativa de homens tratados como modelares. Essa “qualidade” da participação do catolicismo na história da cidade é, inclusive, um dos aspectos principais do conceito de *sobralidade*, que trabalharemos no próximo capítulo.

### 3.3 A HISTORIOGRAFIA EM SOBRAL COMO PRODUTORA DE UMA ORDEM DO TEMPO

Observando as regularidades discursivas, ou seja, as repetições de ideias, temas e enunciados nas obras da historiografia local, podemos identificar alguns pontos que são considerados como fundamentais para a organização do tempo na cidade. A partir de alguns desses eventos, a história de Sobral deveria ser organizada, deveria ser marcada e comemorada. A transformação do Povoado da Caiçara em Vila Distinta e Real de Sobral (1773), a Sedição de Sobral (1840) associada a elevação à condição de Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú (1841) e a transformação da paróquia de Sobral em uma Diocese (1915) parecem dar sentido à noção de progresso que os clérigos defendem em seus conceitos de história.

Durante muitos anos entendi o tempo como algo “natural”, como algo que contemplamos e fosse completamente independente de nós. Via, a partir do senso comum, que somos vítimas do tempo e não produtores dele. Era um engano. A partir de Paul Ricoeur, entendo o tempo como uma construção social a partir da intriga, que está à mercê de disputas e relações de poder. O historiador é um dos principais formuladores de sentidos para o tempo, exercendo, em sua atividade, também o poder. É agente de construção das temporalidades, ao que Ricoeur intitula como *tempo histórico*,

Minha tese aqui é que a maneira única como a história responde às aporias da fenomenologia do tempo consiste na elaboração de um *terceiro-tempo* – o tempo propriamente histórico –, que faz mediação entre o tempo vivido e o tempo cósmico. Para demonstrar a tese, recorreremos aos *procedimentos de conexão*, tomados de

<sup>199</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Op. Cit.* p. 239.

empréstimo à própria prática histórica, que asseguram *a reinscrição do tempo vivido no tempo cósmico*: calendário, sequência das gerações, arquivo, documento, vestígio. Para a prática histórica, esses procedimentos não são um problema: é só o fato de colocá-la em relação com as aporias do tempo que faz aparecer, para um *pensamento da história*, o caráter poético da história relativamente aos embaraços da especulação.<sup>200</sup>

A construção de um novo tempo, narrado, realizando um ordenamento da vida das pessoas, das ações e dos movimentos sociais, dando a algo que é disperso e contingente um *sentido* após a ação de formulação de uma intriga. O pensamento de Ricoeur auxilia na problematização da noção do tempo como sendo de cunho cultural, e não como um dado natural. O tempo para o historiador não é um instrumento “neutro”.

Segundo Reinhart Koselleck, ao analisar as relações entre *História, Histórias e Estruturas Temporais Formais*<sup>201</sup>: “As relações entre tempo e espaço transformam-se, primeiro gradativamente, depois de forma decisiva nos séculos XIX e XX. As possibilidades de trânsito e de comunicação provocaram a existência de formas de organização inéditas e completamente diferentes”<sup>202</sup>. Essas organizações, a que Ricoeur incluiu no que chama de “procedimentos de conexões”, são fundamentais para uma racionalização da experiência temporal.

A cronologia, apesar de ser uma antiga tradição, é uma dessas formas de organização do tempo, que se consolidam com a modernidade. Krzysztof Pomian, em *L'ordre du temps*, realiza um estudo sobre as quatro principais formas de estudo e ordenamento temporal, na qual a cronologia está inserida. O tempo, como construção social, é racionalizado e ordenado, atendendo também a desejos, anseios, intenções. Segundo o filósofo e historiador polonês radicado na França,

Cronometria, cronografia, cronologia, cronosofia, essas são, antes de tudo, quatro formas de visualizar o tempo, de traduzi-lo em signos. A cronometria representa isso pelas indicações de calendários e instrumentos de medição, em comum pelos relógios de sol e clepsidra e, finalmente, pelos relógios atômicos de última geração. Cronografia, pelas anotações sucessivas das crônicas e pelos relatos das mudanças que ocorreram. A cronologia, pelas séries de datas e nomes, que mostram as séries de eras e suas subdivisões desde o ponto de origem até o momento, sendo que a distância entre as duas sofreu uma enorme dilatação nos últimos três séculos. Finalmente, a cronosofia revela a referência ao tempo nos ossos, nas conchas das tartarugas, nas vísceras dos pássaros, no comportamento dos animais, no movimento das estrelas, mas também em documentos e monumentos e, atualmente, em dados fornecido por quase todas as disciplinas científicas.<sup>203</sup>

<sup>200</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa 3: o tempo narrado*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. pp. 169 e 170.

<sup>201</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. *Op. Cit.* pp. 119 a 132.

<sup>202</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. *Op. Cit.* pp. 123.

<sup>203</sup> Tradução autoral do original francês, onde se lê: “Chronométrie, chronographie, chronologie, chronosophie, ce sont d'abord quatre manières de visualiser le temps, de le traduire en signes. La chronométrie le représente par les

Ao lado da *cronometria*, da *cronografia* e da *cronosofia*, a *cronologia* tem suas peculiaridades e deve ser entendida assim ao se analisar o processo de escrita da história. Advertimos que ela pode aparecer em ao menos duas formulações, sendo uma organização diacrônica da intriga, ou sendo uma forma de escrita da história. Na primeira, mais comum, mesmo obedecendo a temáticas ou capítulos, a *cronologia* tem como missão conectar aqueles diversos temas, tendo suas fronteiras muitas vezes atravessadas, mas criando uma noção de continuidade, de linha do tempo. A segunda forma, mais rara, tenta criar a apresentação dos acontecimentos em uma sequência de dados ligados a data que ocorreram, deixando de lado as temáticas e supervalorizando o momento em que ocorreram. As duas formas partem de uma mesma premissa de organização.

O lugar social em que se produz a cronologia é fundamental para se compreender as seleções de datas e acontecimentos elencados. Como adverte Michel de Certeau: “O recurso à cronologia reconhece que é o lugar da produção que autoriza o texto, antes de qualquer outro signo”, além de ser também a cronologia “[...] a condição de possibilidade do recorte em períodos”.<sup>204</sup> No caso que analisamos, os lugares sociais ocupados pelos diferentes clérigos que escreveram as obras de história sobre Sobral, com destaque para Sadoc de Araújo e sua *Cronologia Sobralense*, indicam muito das seleções realizadas na escrita dos textos.

Os recortes em períodos, distribuídos nos verbetes dos cinco volumes de *Cronologia Sobralense* são realizados por meio da exposição seletiva de fatos, criando marcos acontecimentais que dão sentido à história da cidade. Como bem lembra a historiadora Arlette Farge: “Da infinita diversidade das palavras, da infinita diversidade dos comportamentos, dos fatos, dos escritos e dos acontecimentos, a história faz ordem”<sup>205</sup>. Ora, se o acontecimento é um fragmento, uma unidade, ele “[...] seria já ordem da desordem, do arrebatamento das percepções e do sentido: o historiador se acha desde então não em face do homogêneo, mas do heterogêneo”<sup>206</sup>. Da desordem, da contingência, o historiador faz história. Essa história significa algo. Lembremos, ainda junto a Michel de Certeau, que, “[...] os ‘fatos’ são antes de

---

indications des calendriers et des instruments de mesure, en commençant par les cadrans solaires et les clepsydes pour finir par les horloges atomiques de la dernière génération. La chronographie, par les notations successives des chroniques et par les récits des changements survenus. La chronologie, par les séries de dates et de noms, qui montrent la suite d'ères et de leurs subdivisions depuis le point d'origine jusqu'à présent, la distan ce entre les deux ayant subi une énorme dilatation au cours des trois derniers siècles. La chronosophie enfin dévoile la référence au temps dans les os, les carapaces des tortues, les viscères des oiseaux, le comportement des bêtes, le mouvement des astres, mais aussi dans les documents et les monuments et, de nos jours, dans les données fournies par presque toutes les disciplines scientifiques.” POMIAN, Krzysztof. *L' Ordre du temps*. Paris: Gallimard, 1984. p. IX.

<sup>204</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Op. Cit. p. 97.

<sup>205</sup> FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 60.

<sup>206</sup> FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Op. cit. p. 71.

tudo significantes a serviço de uma verdade que constrói a sua organização ‘edificando’ sua manifestação. As *res* são as *verba* nas quais o discurso cultua um significado recebido.”<sup>207</sup>.

Iremos nos atentar aqui para os eventos que são tratados como marcos acontecimentosais da história da cidade, presentes nas principais obras dos clérigos, especialmente em *Cronologia Sobralense* de Sadoc de Araújo, bem como em comemorações públicas, sendo significantes de uma dada organização do tempo. Compararemos a forma de abordagem dos textos. Destaco que os eventos aqui discutidos são tanto de ordem *profana* quanto de ordem *sagrada*, demonstrando que a Igreja Católica não é protagonista apenas na produção documental, durante alguns séculos sobre a história da cidade, mas também como agente ativa na elaboração do tempo histórico, atuando para direcionar os rumos da cidade a partir da narrativa histórica e de sua participação concreta nos acontecimentos.

Figura 16 – Bandeira do Município de Sobral



Fonte: <http://www.sobral.ce.gov.br/a-cidade/simbolos>. Acesso em: 3 de maio de 2021.

Ao nos depararmos com o brasão da cidade de Sobral, que também ocupa o centro da bandeira municipal, identificamos alguns signos que remeteriam à história da cidade. O desenho de um sol, ao centro, é uma menção à grande exposição que a cidade sofre aos raios solares, dada a sua proximidade com a linha do Equador, sendo inclusive, o principal motivo de suas altas temperaturas. Abaixo há uma alusão aos dois principais componentes naturais da paisagem da cidade: à Serra da Meruoca e ao rio Acaraú, que corta a cidade. Acima, há a coroa e no topo um castelo, que remeteriam às pretensas “origens nobres” da cidade, e à sua “distinção”. O nome Sobral, abaixo, é acompanhado de duas datas: 1773 e 1841.

<sup>207</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Op. Cit. p. 266.

Segundo o antropólogo Nilson Almino de Sousa, em sua dissertação de mestrado transformada em livro *Sobral, opulência e tradição*: “A referência maior de boa parte dos símbolos presentes na bandeira remete à Idade Média, quando a aristocracia era o regime político e social [sic] que predominava em quase todos os países da Europa Ocidental”.<sup>208</sup> Acreditamos que o autor desejava se referir a uma preponderância dos rituais e das relações de fidelidade nobiliárquica (homenagem, suserania e vassalagem), bem como as relações servis (talha, corveia, banalidades etc.) para compor a imagem da tradição medieval e relacioná-la a Sobral, já que a ideia de aristocracia como regime político e social não parece caber. Dessa forma, a alusão a símbolos medievais tentava efetivar uma imagem de tradição nobiliárquica para a cidade, vendo seus habitantes, especialmente suas elites, como herdeiras das tradições europeias.

As duas datas que aparecem no brasão remetem ao que seriam os dois “aniversários” de Sobral. O ano de 1773 corresponde à elevação do Povoado da Caiçara à condição de Vila Distinta e Real de Sobral, ocorrida em cinco de julho daquele ano. Já 1841, corresponde à elevação da vila a condição de Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú, ocorrida em 12 de janeiro daquele ano. A elevação da vila à condição de cidade está intimamente ligada ao desenrolar da Sedição de Sobral, ocorrida em dezembro de 1840, quando tropas governistas venceram as tropas rebeldes que voltavam dos combates aos balaios.

As datas são comemoradas de formas diferentes ao longo do tempo. Por exemplo, é em razão do centenário da cidade, em 1941, que o Monsenhor Vicente Martins publica o seu livro *Homens e vultos de Sobral*. No mesmo ano, outras comemorações foram realizadas, como, por exemplo, a publicação do *Álbum do Centenário de Sobral*<sup>209</sup>, por iniciativa do jornalista Craveiro Filho. Em contrapartida, o professor Ribeiro Ramos organizou, mas não publicou, um outro álbum do “bicentenário”, em alusão às comemorações realizadas em 1973 pelos duzentos anos de elevação a categoria de vila. Os dois eventos ganham espaço de formas diferentes nas produções historiográficas dos padres sobre Sobral.

A elevação do Povoado da Caiçara à condição de Vila Distinta e Real de Sobral, em 1773, foi narrada em *História de Sobral*, de dom José, em um extenso capítulo<sup>210</sup>, no qual, além de apresentar o processo histórico que levou à ascensão de Sobral à condição de vila, o bispo explica o que era o pelourinho, relata a primeira audiência geral, a primeira reunião da Câmara, o porquê da mudança de nome de Caiçara para Sobral, além da lista de juízes, promotores e a

---

<sup>208</sup> FREITAS, Nilson Almino de. *Sobral: opulência e tradição*. Sobral: UVA, 2000. p. 74.

<sup>209</sup> FILHO, Craveiro. *Álbum do centenário de Sobral*. Sobral, CE, 1941.

<sup>210</sup> FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral. Op. Cit.* pp. 271 a 302.

explicação do que eram os cargos de ouvidores, almotaces e capitães-mores. O texto basicamente reproduz documentos e fragmentos extraídos de escritos de Tristão de Araripe, importante historiador ligado ao *Instituto do Ceará*. Mas o que nos chama mais atenção é a tentativa de atrelar a elevação à condição de vila à presença da Igreja, sempre dando para a instituição católica um papel central nos acontecimentos da história da cidade.

Fortunato Alves Linhares, em *Notas históricas da cidade de Sobral*, seu principal texto, publicado originalmente, em 1922, na revista do Instituto Histórico do Ceará, comenta a elevação de Caiçara à condição de vila de Sobral, privilegiando a reprodução documental do “Termo do levantamento do Pelourinho na povoação da Caiçara”<sup>211</sup>. Vicente Martins também cita o evento em sua *Resenha histórica de Sobral*, parte inicial do livro *Homens e vultos de Sobral*. Dentro do tópico “Formação Política”, explicando o processo de elevação à vila, desde a Carta Régia expedida pelo Governador de Pernambuco, até o levantamento do pelourinho, o clérigo afirma que,

Em 1773 João Costa Carneiro de Sá, ouvidor geral, corregedor da Comarca do Ceará, em obediência á Carta Regia de 22 de Julho de 1766, expedida ao governador de Pernambuco – Manoel da Cunha Menezes, erigiu com nome de Vila Distinta e Real de Sobral, homenageando seu logarejo nativo em terras lusitanas, a povoação de Caiçara, o que foi solenemente feito, com o levantamento do pelourinho, ato em que serviu de escrivão Bernardo Guimarães Pessoa e que assistiram o referido ouvidor e muitas pessoas<sup>212</sup>.

Em *De Caiçara a Sobral*, sugestivo título que revela a intenção de João Mendes Lira em traçar um percurso cronológico entre esses dois topônimos, a elevação de Sobral à condição de vila é discutida em um capítulo específico, intitulado “Sobral Vila”, no qual há uma narrativa laudatória do acontecimento, seguida da reprodução da ata de elevação<sup>213</sup>.

Na obra *Cronologia Sobralense*, de Sadoc de Araújo, a abordagem é mais pomposa ainda. Em alguns verbetes que antecedem a data de 5 de julho de 1773, como que preparando o processo que viria a se finalizar naquela data, Sadoc de Araújo relata o que aconteceu em 14 de novembro de 1772, em que: “O Governador de Pernambuco, Manuel da Cunha Meneses, autoriza ao Ouvidor do Ceará João da Costa Carneiro e Sá a erigir em Vila a povoação da Caiçara, Ribeira do Acaraú, com o nome de Vila Distinta e Real de Sobral”<sup>214</sup>.

---

<sup>211</sup> LINHARES, Fortunato Alves. *Notas históricas da Cidade de Sobral*. In: *Revista do Instituto Histórico*. Op. Cit. pp. 259.

<sup>212</sup> COSTA, Vicente Martins da. *Homens e Vultos de Sobral*. Sobral: [s.n.] 1941. p. 15.

<sup>213</sup> LIRA, João Mendes. *De Caiçara a Sobral*. Op. Cit. p. 21.

<sup>214</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1841-1880*. Op. Cit p. 359.

O evento ainda é explorado, no verbete seguinte, quando relata uma viagem em visita à família realizada pelo padre João Ribeiro Pessoa, então vigário da freguesia da Caiçara e autor das *Notícias* discutidas no capítulo anterior, em que o sacerdote afirma que: o “Pe. João Ribeiro Pessoa retornou a 2 de fevereiro de 1774, encontrando a sede de sua freguesia [*sic*] transformada em vila”<sup>215</sup>. Posteriormente à elevação, tudo passa a ser considerado “inédito” e ganha espaço na *Cronologia Sobralense*, como: a morte do primeiro homem<sup>216</sup>, as primeiras sessões ordinárias da Câmara<sup>217</sup>, o primeiro leilão do contrato de carnes<sup>218</sup> ou até o primeiro balancete geral da administração, em 31 de dezembro de 1773<sup>219</sup>, tentando demonstrar a importância do acontecimento de elevação à vila, instaurando uma nova “era” na cidade.

Mas é o dia 5 de julho de 1773 que merece uma distinção na obra de Sadoc de Araújo. Cinco páginas são dedicadas àquele verbete, reproduzindo um trecho do livro de atas da Câmara Municipal de Sobral, seguido da apresentação dos componentes da primeira assembleia da cidade, sucedido por outra longa citação do livro de audiências, por fim, sendo arrolada a relação das ruas da nova vila, em número de doze, com seus nomes, bem como uma relação dos serviços ofertados no município, que contava com tabelião, médico, advogado, professores, ourives, alfaiate, sapateiro, barbeiro, vendedor de fazendas, vendedor de material de construção, carpinteiros, pedreiros e ferreiros, demonstrando o esforço retórico do autor em demonstrar o progresso daquele meio urbano naquele momento.<sup>220</sup>

O que mais chama atenção no detalhamento do verbete é a estética escolhida pelo autor para destacar a sequência de eventos, dando um protagonismo ao que ocorreu no 5 de julho. Tentando romper o veto à descrição da materialidade do documento, ao qual Durval Muniz de Albuquerque Júnior alude com rara atenção<sup>221</sup>, observamos, atentamente, no texto que, antes da data, em caixa alta, há o título “A VILA DISTINTA E REAL DE SOBRAL”, fazendo com que o leitor que passasse as páginas despreziosamente pelos verbetes identificasse ali o fato

<sup>215</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1841-1880. Op. Cit* p. 359.

<sup>216</sup> Morte de Antonio Vaz de Guimarães, em 6 de julho de 1773. Ver: ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1841-1880. Op. Cit.* p. 366.

<sup>217</sup> Respectivamente em 7, 8, 10 e 31 de julho de 1773. Ver: ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1841-1880. Op. Cit.* pp. 367 e 368.

<sup>218</sup> Em 1º de agosto de 1773. Ver: ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1841-1880. Op. Cit.* p. 368.

<sup>219</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1841-1880. Op. Cit.* p. 374.

<sup>220</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1841-1880. Op. Cit* pp. 361 a 366.

<sup>221</sup> Segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior, “Encontramos, na narrativa historiográfica um certo veto à descrição da materialidade do que interpreta. A análise e a interpretação tendem a se sobrepor e esconder o próprio objeto analisado”. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A poética do arquivo: as múltiplas camadas semiológicas e temporais implicadas na prática da pesquisa histórica. In: \_\_\_\_\_. *O Tecelão dos Tempos*. p. 63.



“mais importante” que os outros. Em sequência, novamente a adjetivação, marca do estilo discursivo de Sadoc de Araújo, é protagonista.

Postulando a construção de efeitos que contagia o leitor para o consumo da leitura do fato histórico, o padre afirma que: “Em solenidade que fez vibrar de entusiasmo e alegria a população local, o Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca João da Costa Carneiro e Sá erige em vila a povoação da Caiçara que recebe o pomposo nome de Vila Distinta e Real de Sobral”<sup>222</sup>. O efeito retórico faz parte da performance discursiva que o clérigo realiza e que indica a tentativa de demonstrar que desde a fundação da vila havia uma comemoração coletiva, demonstrando a importância do fato, que, no presente, deveria ser lembrado e revalorizado. A fundação da vila, em 5 de julho de 1773, ainda comemorada, se coloca como um rito de fundação, que sustenta um mito<sup>223</sup>, que dá sentido a uma noção de comunidade, sempre exercitada ao se visitar aquele acontecimento.

Ora, lembrar uma data importante é algo inerente ao catolicismo, com todas as suas festas e dias santos. Adaptar esse modelo para uma perspectiva profana necessitaria apenas da “santificação do momento”. O historiador Fernando Catroga, ao pensar a relação entre a construção simbólica das nações, afirma que: “Tal como a religião do cidadão, a religião civil também iria socializar e interiorizar o dever-ser cívico, isto é, o patriotismo, inscrevendo-o num horizonte ecumênico”<sup>224</sup>. Comemorar Sobral na historiografia seria dar um senso de união universal aos habitantes daquela terra, assim como comemorar datas santas dava aos praticantes do catolicismo.

A historiografia tem um papel fundamental nesse processo. Como afirmou Michel de Certeau, “O discurso histórico explicita uma *identidade social*, não ‘dada’ ou estável, mas enquanto *se diferencia* de uma época anterior ou de uma outra sociedade”<sup>225</sup>. Sadoc de Araújo tentou diferenciar Sobral não de outra época, mas mostrar sua distinção, como em seu “pomposo nome” de vila, de outros espaços. No interior da ordem do tempo concebida para Sobral, não há elementos revolucionários. Há, e muito, uma tentativa de sempre ressaltar

<sup>222</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1841-1880*. Op. Cit p. 361.

<sup>223</sup> Como adverte Paul Ricoeur, “No entanto, ao falar de *representação mítica*, não se deve esquecer a conjunção do *mito* e do *rito*. Com efeito, é pela mediação do rito que o tempo mítico mostra ser a raiz comum do tempo do mundo e do tempo dos homens. Por sua periodicidade, o rito exprime um tempo cujos ritmos são mais vastos que os da ação corriqueira”. (RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa 3: O tempo narrado*. Op. Cit. pp. 178 e 179).

<sup>224</sup> CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo* (EUA, França e Portugal). Fortaleza: Edições NUDOC/Museu do Ceará, 2005. p. 16.

<sup>225</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Op. Cit. pp. 55 e 56.

*continuidades* entre datas e fatos do passado em relação ao tempo presente. Defende-se a comemoração destas datas e fatos. Sustenta-se uma tradição<sup>226</sup>.

As escolhas praticadas pelos clérigos que escreveram versões apreendidas como oficiais da história de Sobral produzem alternativas diferentes para o ofício do historiador para erigir o que Hannah Arendt chama de “segurança do fato” em boa parte de seus textos. Para Arendt: “Os fatos necessitam de testemunho para serem lembrados e de testemunhas de confiança para se estabelecerem, para que possam encontrar um abrigo seguro no domínio dos assuntos humanos”<sup>227</sup>.

A confiança na testemunha, no conhecimento historiográfico, parte de todo trabalho de crítica das fontes, dos vestígios, da *memória arquivada* por parte do historiador<sup>228</sup>. Todavia, nos casos que analisamos aqui, a segurança em torno da veracidade dos eventos parece emanar dos próprios escritores da história, pois estes se apresentam como os donos de um discurso de verdade, ultrapassando as informações contidas nas fontes.

Essa forma de escrever história também é notável quando analisamos a escrita acerca da elevação de Sobral à condição de Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú, em janeiro de 1841. Sadoc de Araújo insere-se em uma tradição historiográfica que defende a importância da chamada Sedição de Sobral, que está na origem da elevação à condição de cidade, na qual se insere, além de dom José Tupinambá da Frota, José Vicente França<sup>229</sup>, que publica na Revista do Instituto do Ceará, em 1906, a defesa da importância do movimento para a história do Brasil, reclamando do “esquecimento” que este gozou na historiografia nacional.

Soma-se a isso a reprodução de um extenso documento, uma carta de Rufino Pontes de Aguiar endereçada a seu pai, Manuel de Pontes Franco<sup>230</sup>, de 1841, que é publicada também na *Revista do Instituto Histórico*, em 1927. Lembremos que o Instituto do Ceará era a principal

<sup>226</sup> Como afirma Eric J. Hobsbawm, “O objetivo e a característica das ‘tradições’, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição”. (HOBSBAWM, Eric J. *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 10).

<sup>227</sup> ARENDT, Hannah. *Crises na república*. Tradução de José Volkmann. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 16.

<sup>228</sup> Para Ricoeur, “O testemunho nos leva, de um salto, das condições formais ao conteúdo das ‘coisas do passado’ (*praeterita*), das condições de possibilidade ao processo possibilidade ao processo efetivo da operação historiográfica”. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 170). Para uma discussão aprofundada sobre a noção de testemunho no conhecimento histórico, ver: RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. *Op. Cit.* pp. 170 a 175).

<sup>229</sup> Ver: FRANÇA, José Vicente. Para a História de Sobral - sedição ou rebelião em Sobral em 1840. In: *Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano XX, 1906. pp. 290 a 306. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1906/1906-ParaaHistoriadeSobral.pdf>. Acesso em: 8 de jul. de 2020.

<sup>230</sup> AGUIAR, Rufino Pontes. Combate de Sobral - 1840. In: *Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano XLI, 1927. pp. 62 a 68. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1927/1927-CombateemSobral-1840.pdf>. Acesso em: 8 de jul. de 2020.

instituição do estado produtora de narrativas historiográficas, sendo um dos principais porta-vozes dos projetos de constituições identitárias no Ceará. A historiografia sobre Sobral escrita pelos clérigos dá diferentes níveis de atenção a esse evento.

Fortunato Alves Linhares, em seu *Notas históricas da cidade de Sobral*, em 1922, dá pequena atenção a elevação de Sobral à condição de cidade, relatando o fato, *em passant*, no mesmo parágrafo que cita a oficialização da vila. Segundo o padre,

Com o nome de Villa Distincta e Real de Sobral o Ouvidor Carneiro e Sá erigiu, a 5 de julho de 1773 em villa a primitiva povoação da Caiçara, que mais tarde foi elevada à cidade pela lei provincial n.º 229, de 12 de janeiro de 1841, com o título de Fidelíssima Cidade de Januária do Acaracú, lei revogada pela n.º 244, de 25 de outubro de 1842, a qual restabeleceu a antiga denominação de Sobral.<sup>231</sup>

O padre Vicente Martins Costa também deu pequeno espaço para a apresentação dessa mudança de status político e de topônimo, reservando apenas um parágrafo em sua *Resenha Histórica de Sobral*<sup>232</sup>. Já o padre João Mendes Lira, em *De Caiçara a Sobral*, se detém de forma mais atenta na análise do acontecimento, escrevendo sobre ele um capítulo de três páginas intitulado “Sobral – Cidade”<sup>233</sup>, no qual narra a elevação de Sobral à condição de cidade, em 1841, atrelando-a ao movimento conhecido como Sedição de Sobral, ocorrido em dezembro de 1840.

Todavia, são dom José e Sadoc de Araújo que mais dão atenção ao evento em suas obras. Em *História de Sobral*, dom José discorre sobre o acontecimento, dando-lhe importante destaque político. Além de fazer uma pequena síntese histórica, de menos de duas páginas, o bispo também reproduziu a carta de Rufino Pontes de Aguiar, além de citar um *Comunicado do Arquivo Público do Ceará*, de autoria, provavelmente, do Barão de Stuart.

Na pequena síntese, que é o que mais nos interessa nesse momento, dom José produz uma narrativa muito parecida com a que será feita, posteriormente, por Sadoc de Araújo, em *Cronologia Sobralense*, indicando que o bispo foi a fonte de sua versão para o evento. Há, no entanto, um erro de datas na obra de dom José. Enquanto o bispo cita o início da Sedição no dia 11 de dezembro de 1840<sup>234</sup>, as outras fontes e os relatos apontam para o dia 14 de dezembro como início do movimento bélico.

<sup>231</sup> LINHARES, Fortunato Alves. *Notas Históricas da Cidade de Sobral*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Op. Cit. pp. 258 e 259.

<sup>232</sup> COSTA, Vicente Martins da. *Homens e Vultos de Sobral*. Op. Cit. p. 21.

<sup>233</sup> LIRA, João Mendes. *De Caiçara a Sobral*. Op. Cit. p. 34.

<sup>234</sup> FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. Op. Cit. p. 361.

Em *Cronologia Sobralense*, o processo que eleva a vila de Sobral a condição política de cidade marca o final do livro. Ele ocupa uma grande sequência de verbetes, que encerram o volume, em 12 de janeiro de 1841, no qual se lê que: “A vila de Sobral foi elevada à categoria de cidade com o pomposo nome de Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú. A cronologia de Sobral cidade, vai narrada a partir do 3º volume”<sup>235</sup>.

Mas desde o verbete que trata do dia 18 de abril de 1840, ele começa a narrar o processo que leva a essa mudança de status do espaço da vila, quando informa que: “Parte de Fortaleza uma força de 400 homens, sob o comando do Cel. Francisco Xavier Torres, em direção a Sobral, onde deveria juntar-se às demais tropas para combater os balaíos no Piauí”<sup>236</sup>. “*Deveria*”. Esse verbo é a chave para entender como um verbete pode romper com a cronologia que vinha sendo seguida e ser deslocado para junto de outro, excluindo-se as repetições e formando uma intriga.

A explicação do porquê desse deslocamento de tropas não ter acontecido só aparece muitas páginas depois. Antes, é narrado no verbete referente ao dia 20 de outubro de mesmo ano, que tomava a posse na Presidência do Ceará, o liberal José Martiniano de Alencar. Sadoc de Araújo complementa a nota afirmando que: “Os conservadores de Sobral não receberam com simpatia esta nova investidura do líder liberal. Assume o poder sob clima de grande agitação provocada pela guerra dos balaíos”<sup>237</sup>. Novo deslocamento factual em relação a uma intriga que deveria seguir a ordem cronológica.

Sabemos que Francisco Xavier Torres não cumpre as ordens que recebeu, mas isso não é *dito* de forma direta nem no verbete acima citado, nem na próxima menção ao militar, em 12 de novembro, quando Sadoc de Araújo informa que:

Durante o mês de novembro chegaram a Sobral as tropas que combatiam os balaíos no Piauí e ficaram estacionadas sob as ordens do Em-Cel. Francisco Xavier Torres, coadjuvado por seu irmão o Alferes Luiz Xavier Torres e seu cunhado Antonio José Luis de Oliveira. Ligados ao Partido Conservador, estes militares receberam o apoio dos conservadores de Sobral, Coronel Francisco Joaquim de Sousa Campelo e Joaquim Ribeiro da Silva.<sup>238</sup>

Crítica alguma é realizada às atitudes do militar ao chegar em Sobral. Sadoc de Araújo parece não querer tomar partido no que tange aos movimentos realizados por Francisco Xavier Torres. Não o adjectiva de forma positiva ou negativa. Coloca-o próximo a outros líderes conservadores locais. É nesse ponto que o autor tenta fazer a construção de uma relação causal

<sup>235</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1801-1840. Op. Cit.* p. 321.

<sup>236</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1801-1840. Op. Cit.* p. 308.

<sup>237</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1801-1840. Op. Cit.* p. 311.

<sup>238</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1801-1840. Op. Cit.* p. 312.

em sua narrativa. As datas e os verbetes são apresentados de forma distantes uns dos outros, mas quando lidos de forma aproximada, deslocadas, observando a temática, imprimem um sentido. Por mais linear que seja a *Cronologia*, ela peca pela falta de costuras, de criar enredos.

Ao discutir a forma de criação de enredos a partir da explicação causal, Paul Ricoeur problematiza essa questão geral da historiografia, afirmando que: “A explicação por razões é identificada aos segmentos de inferência teleológica encadeados nesse tipo específico de explicação. [...] Ora, fazer acontecer alguma coisa é intervir num curso de acontecimentos, pondo em movimento um sistema e garantindo assim seu fechamento”.<sup>239</sup>

Sadoc de Araújo tem dificuldades em realizar o fechamento de uma intriga, esperando que o leitor leia em sequência seu texto. Só sendo lido em forma enciclopédica, ou como um dicionário de datas e fatos, é que ganha sentido o que ele narra de forma fragmentada. Fica a cargo do leitor pinçar esses fragmentos e conectá-los. Aproveitando-me da metáfora pensada pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Sadoc de Araújo, em *Cronologia Sobralense*, tem dificuldades em ser um *tecelão dos tempos*<sup>240</sup>, consegue, apenas, apresentar linhas soltas, a partir da disponibilidade de uma ordem do tempo cronológica que, se lidas com atenção pelo leitor, podem representar uma intriga. É uma outra forma de pacto narrativo.

A chegada do Presidente da Província do Ceará, José Martiniano de Alencar, pai do literato romântico José de Alencar, a Sobral, em 1º de dezembro, é narrada em tom parecido, sem adjetivações, bem como o verbete que fala do dia seguinte, 2 de dezembro, sobre a recepção realizada pelo Senador Francisco de Paula Pessoa e pelo próprio Francisco Xavier Torres ao presidente da província, oferecendo um jantar e um chá, respectivamente.<sup>241</sup> Estes eventos são acompanhados de uma sequência cronológica mais acirrada, que se estende entre o dia 02 até o dia 15 de dezembro, excetuando-se apenas o dia 13.

Entende-se que, apesar de ser uma “cronologia”, Sadoc de Araújo não cita dia a dia tudo que ocorre na cidade. Passam semanas, e até meses, sem citar qualquer fato que  *julgou* importante. Uma sequência de datas e eventos sobre a mesma temática, quando acompanhada de mais perto, demonstra a tentativa do autor de criar uma intriga em seu texto, apesar das limitações que o gênero lhe impõe.

Uma tensão só é observada a partir do dia 3 de dezembro, quando é narrado que uma “representação assinada por grande número de sobralenses” cobra do líder da província, com

---

<sup>239</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa 1: a intriga e a narrativa histórica*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 302.

<sup>240</sup> Ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos*. *Op. Cit.*

<sup>241</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1801-1840*. *Op. Cit.* pp. 312 e 313.

“linguagem dura e enérgica”, o cumprimento da lei<sup>242</sup>. A partir de então, dia após dia, é narrado algum acontecimento que demonstra a elevação da temperatura política.

Sobre o dia 4 de dezembro é narrado que ocorreu um boato de que prisões de opositores do presidente da província seriam decretadas.<sup>243</sup> Sobre o dia 5 de dezembro, há a narrativa acerca de um encontro entre Francisco Xavier Torres e José Martiniano de Alencar, para que o primeiro se explicasse sobre supostas atitudes de liderança do movimento, pedindo que o militar se demitisse do comando das tropas, o que ocorre no 6 de dezembro, com o pedido de seu afastamento temporário e a saída de Sobral de muitos que assinaram a representação.<sup>244</sup> Nos dias 7, 8, 9, 10 e 11 de dezembro é narrada uma sequência de fatos que aprofunda a crise, como a nomeação de um novo comandante para as tropas que eram comandadas por Torres, a desobediência de outros alferes, da região, ao Presidente da Província na região, e o anúncio de uma trama comandada pelo alferes Joaquim Ferreira de Sousa Jacarandá para derrubar o presidente da província<sup>245</sup>.

Em 12 de dezembro, é reproduzida a ordem de adiamento das eleições para deputados. Sadoc de Araújo comenta, após a reprodução do documento, que: “O adiamento das eleições deixou insatisfeitos os líderes do Partido Conservador sobralense que viram nesta determinação do Presidente um expediente para dificultar a vitória do partido”<sup>246</sup>. Nada se fala sobre o dia 13 de dezembro.

Os verbetes referentes aos dias 14 e 15 de dezembro se dedicam a explicar o evento conhecido como “Sedição de Sobral”. Segundo ele, enquanto os conservadores se reuniam em um sobrado na esquina da praça do mercado, com a finalidade de prender Alencar, derrubá-lo e proclamar um presidente provisório para a província, a um quarteirão de distância “Alencar, precavido, mandou guardar a frente do sobrado [do Senador Francisco Paula Pessoa] em que estava hospedado, com numerosa e bem armada tropa de soldados, e ficou aguardando os acontecimentos”<sup>247</sup>. Francisco Xavier Torres volta a aparecer na narrativa dos acontecimentos, tendo reunido tropas dissidentes, em torno do sobrado onde estavam os Conservadores, a partir do aliciamento realizado por Jacarandá. O clímax das tensões é assim narrado:

Às nove horas da noite, o sino da Matriz, cuja torre fora ocupada pelos revoltosos, começou a tocar o sinal de alarme e começaram a ser disparados os primeiros tiros contra Alencar pela tropa aquartelada na casa de Pinto Braga. A tropa legalista reagiu,

<sup>242</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. Cronologia Sobralense - 1801-1840. *Op. Cit.* p. 313.

<sup>243</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. Cronologia Sobralense - 1801-1840. *Op. Cit.* p. 313.

<sup>244</sup> *Ibidem.* pp. 313 e 314.

<sup>245</sup> *Ibidem.* pp. 314 e 315.

<sup>246</sup> *Ibidem.* p. 316.

<sup>247</sup> *Ibidem.* p. 316.

respondendo com grande intensidade os tiros que recebiam. A luta perdurou por quase dez horas, houve combate nas ruas, até que, com a claridade do sol nascente, os revoltosos foram obrigados a desistir do intento<sup>248</sup>.

Dom José, em *História de Sobral*, reproduz uma carta narrando os eventos de dezembro de 1840 a partir dos contatos e interpretações do autor, Rufino Pontes de Aguiar, que era habitante de Sobral na época, endereçando o texto para o seu pai, Manuel de Pontes Franco, além de um comunicado do Arquivo Público do Ceará, sem data discriminada, narrando a aquisição do traslado da devassa que apurava a responsabilidade dos autores da rebelião de 1840.

Em contraposição, documento algum é citado por Sadoc de Araújo em *Cronologia Sobralense*. Este, que é apontado por muitos como o maior conflito bélico ocorrido em Sobral, ao longo da sua história, requer um grande esforço retórico do padre para envolver o leitor, com a imagem do sino tocando, das tensões entre as tropas aquarteladas em sobrados opulentos, em um combate que ganhou as ruas e varou a noite até a luz do dia.

Se aqui parássemos, pareceria que uma grande batalha tomou as ruas da cidade e que esta provocou muitas baixas. O uso de superlativos era inerente à retórica com que esses textos historiográficos eram escritos, dando contornos épicos ao que seria o grande confronto que a cidade presenciou em sua história. Todavia, como o próprio autor reconhece no verbete seguinte: “De parte dos revoltosos, morreram quatro soldados e oito feridos, enquanto da parte dos legalistas houve dois guardas mortos e cinco foram feridos”.<sup>249</sup>

Seis mortos e treze feridos, sem nomes, sem rostos, reduzidos apenas a números. Dom José também enumerou as vítimas do conflito chegando aos mesmos números que Sadoc de Araújo<sup>250</sup>. Difícil mensurar o impacto de um evento assim, mas para as tradicionais escritas sobre a história do Ceará, a batalha do dia 14 de dezembro de 1840, na cidade de Sobral, não passa de uma nota de rodapé.

Avalio que a aventura realizada por Sadoc de Araújo, sempre preocupado em orientar sua explicação em um sentido teleológico e racionalista, baseado na narrativa de fatos e na ordem cronológica, tenha falhado ao tentar ser produtora de imagens impactantes. Números não representam com sensibilidade vidas ceifadas. Racionalizam perdas que tem nomes, trajetórias de vida e por quem outras pessoas que ficaram vivas nutriam sentimentos. Geram um impacto menor, à medida que está presa ao racionalismo.

---

<sup>248</sup> *Ibidem.* pp. 316 e 317.

<sup>249</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1801-1840. Op. Cit.* p. 317.

<sup>250</sup> FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral. Op. Cit.* p. 361.

Entretanto, a meu ver, são as narrativas sobre o dia seguinte ao evento que demonstram a tentativa de glorificar o ocorrido e convencer o leitor da importância do fato, finalizando o tema e a intriga construída cronologicamente acerca da “Sedição de Sobral”:

**15 de dezembro** (3ª-feira): A vila amanheceu em grande agitação popular, com grande número de pessoas invadindo as ruas. Pelas sete horas da manhã, já não se haviam [*sic*] tiros. Os rebeldes tinham fugido e Alencar, vitorioso, aparecia na sacada do sobrado, visivelmente abatido, mas sorridente e sereno. Imediatamente ordena que se prendam todos os cabeças da sedição. Estes não mais se encontravam na Vila. Fugiram.<sup>251</sup>

A descrição realizada, com vários detalhes e sem o apontamento de fontes, indica que para o autor da obra, o objetivo é que ela fosse ser uma fonte para a futura historiografia a se desenvolver em Sobral. O clérigo parece muito mais interessado na elaboração discursiva do acontecimento, numa narrativa que contagie seus sucessores e represente a produção de um arquitexto para a história da cidade. As escolhas que o autor realiza em dimensões centrais de seu texto, agregando elementos ficcionais à narrativa historiográfica, rejeitando a simples exposição cronológica da sequência dos fatos ou das genealogias dos homens de destaque na história da cidade, revelam as camadas de intencionalidades que concorreram para a fabricação de um acontecimento relevante na história da cidade.

Não é à toa que o clérigo narra os fatos que se sucedem, procurando demonstrar por meio da trama que urde, a relevância do acontecimento para a história da cidade,

[...] Alencar procurou agradecer a colaboração dos sobralenses que lhe ficaram fieis [*sic*], elevando a Vila à categoria de Cidade, no dia 12 de janeiro do ano seguinte, com o cognome de Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú. O superlativo da qualificação bem demonstra a Fidelidade que sentiu receber dos sobralenses. A Rua Grande, hoje Avenida Dom José, palco dos combates passou a se chamar Rua da Vitória e, posteriormente, Rua Senador Paula.

A sedição provocou mudanças nos nomes dos espaços. Sobral, que era uma vila “Distinta e Real”, transforma-se antes de tudo numa cidade “fidelíssima”, que também homenageia a princesa Januária, a irmã do imperador dom Pedro II. O logradouro onde ocorreu o embate recebe o momentâneo nome de Rua da Vitória, para, posteriormente, como logradouro central no espaço da cidade, servir de monumento à vida de um homem público de destaque no município, o Senador Francisco de Paula Pessoa, para, atualmente, ser a espacialização do nome do bispo dom José, nunca esquecido por seus adoradores.

<sup>251</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. Cronologia Sobralense - 1801-1840. *Op. Cit.* p. 317.



É como afirma o historiador Jailson Pereira da Silva: “Nomear e numerar são gestos que resultam na identificação e localização dos indivíduos. São, assim, premissas do controle. Fazem parte de um regime de vigilância da modernidade, integram uma maquinaria do ordenamento espacial”<sup>252</sup>. O senso de identificação e controle dos indivíduos, inclusive, parece agir sobre a mudança do nome de Sobral para Januária. Segundo Sadoc de Araújo, na abertura de seu volume 3 de *Cronologia Sobralense*,

A Câmara de Sobral só tomou conhecimento desta decisão em meado de fevereiro como se vê nos livros de ata. Houve forte reação contra a mudança do nome da cidade, tendo o Presidente José Joaquim Coelho, pela Lei 244 de 25 de outubro de 1842, determinado que a cidade voltasse a se chamar Sobral. A nova cidade chamou-se Januária durante um ano, nove meses e treze dias<sup>253</sup>.

O topônimo Sobral, de origem portuguesa, parecia agradar mais a população e o autor. A identidade de Cidade de Sobral é preservada, apesar dos conceitos de “distinta” e “real” terem sido abandonados oficialmente com o processo de mudança.

Figura 17 – Brasão da Diocese de Sobral



Fonte: <https://diocesedesobral.com.br/dados-gerais/>. Acesso em: 3 de maio de 2021.

<sup>252</sup> SILVA, Jailson Pereira da. *Que rua é essa?* Reflexões para uma História Pública dos nomes e lugares públicos. p. 4.

<sup>253</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1841-1880*. 2. Ed. Volume 3. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015. p. 5.

O terceiro tema que organiza a ordem do tempo em Sobral é a elevação da antiga paróquia de Nossa Senhora da Conceição à condição de Diocese, em 1915, pela bula papal *Catholicae Religionis Bonum*, do Papa Bento XV, tendo como primeiro bispo, dom José Tupinambá da Frota, um dos sacerdotes que fabricam passados para Sobral, que toma posse no ano de 1916. No brasão da Arquidiocese, criado em 2011, além de símbolos que remetem a dimensões religiosas, há a alusão ao ano de 1915 encravado em uma cruz dourada. Veremos que alguns dos clérigos de Sobral dão mais importância à posse do novo bispo e suas realizações do que propriamente a criação da própria diocese.

Fortunato Alves Linhares relata brevemente a criação do bispado em seu *Notas Históricas da Cidade de Sobral*<sup>254</sup>, estratégia também utilizada por Vicente Martins da Costa em sua resenha histórica contida na primeira parte de *Homens e Vultos de Sobral*<sup>255</sup>. Todavia, em outra obra, a biografia de *Don José Tupynambá 1º bispo de Sobral*, lançada em 1926, o autor dá grande dimensão ao evento, em especial à sagração e recepção de dom José como bispo, em 1916, ocupando grande parte de seu texto.<sup>256</sup>

Com João Mendes Lira, um dos herdeiros da tradição historiográfica em Sobral, percebemos um tratamento um pouco mais detido acerca desse evento. Em *De Caiçara a Sobral*, ele afirma que,

A vida religiosa em Sobral desenvolveu-se bastante. Aumentando o número das igrejas, crescia o número de Padres residentes na Cidade. Das famílias cristãs de Sobral saíram vários bispos, como D. José Lourenço, bispo de Manaus, D. Jerônimo Tomé da Silva, arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, o qual tudo fez para que nossa terra fosse sede de um Bispado, o que realmente aconteceu a 10 de novembro de 1915, quando o Papa Bento XV criou a nossa Diocese, sendo nomeado seu primeiro Bispo D. José Tupinambá da Frota, sagrado a 29 de junho de 1916<sup>257</sup>.

É a primeira tentativa de formulação de uma intriga para esse acontecimento, que ganha muito mais espaço, sendo atrelado à vida do bispo, no livro *A vida e obra de Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo de Sobral*<sup>258</sup>, publicada mais de uma década depois. Mas o próprio dom José parece dar tratamento diferente a esse fato. Ele o elege como uma espécie de marco final de sua *História de Sobral*, como se toda ela tivesse se desenrolado para produzir esse acontecimento, ele colocava sua nomeação como bispo como o *télos* da história de Sobral.

<sup>254</sup> LINHARES, Fortunato Alves. *Notas Históricas da Cidade de Sobral*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Op. Cit. p. 15.

<sup>255</sup> COSTA, Vicente Martins da. *Homens e Vultos de Sobral*. Op. Cit. pp. 24 e 25.

<sup>256</sup> Vicente Martins da. *Don José Tupynambá 1º bispo de Sobral (Biographia)*. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano XL, 1926. pp. 108 a 117.

<sup>257</sup> LIRA, João Mendes. *De Caiçara a Sobral*. Op. Cit. p. 47.

<sup>258</sup> LIRA, João Mendes. *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo de Sobral*. Op. Cit.

Não há nenhum capítulo na obra que avance para além do período em que Sobral ganha a sua diocese. Tanto a história profana quanto a história religiosa narrada naquela obra têm como limites os primeiros anos da década de 1910. Todavia, ao discutir alguns temas, em variados capítulos da obra, dom José narra eventos ocorridos enquanto já era bispo da cidade. Opta por sempre se referir a si mesmo de forma impessoal, diferenciando-se como narrador do personagem.

Por exemplo, no extenso capítulo “A matriz”, no qual narra as mudanças de templos que abrigaram a matriz da cidade, o culto da padroeira (N.S. da Conceição) e as constantes reformas da igreja que se tornou sede do Curato, em um tópico, “A última reforma da igreja”, o bispo se cita, fazendo menção a elevação de Sobral à categoria de bispado. Segundo dom José,

Aproveitando o ensejo das festas comemorativas do primeiro centenário da elevação da Vila de Sobral á categoria de cidade (12 de janeiro de 1942) [*sic*] o Bispo Dom José Tupinambá resolveu empreender o serviço de remodelação da sua Catedral, ocorrendo também naquele ano o vigésimo quinto aniversário da instalação do Bispado.<sup>259</sup>

Não há menções diretas à bula papal ou ao processo de escolha de dom José como bispo da cidade. Essa narrativa foi realizada anos antes por seus subordinados. Como veremos em outro capítulo, dom José já fora personagem de uma biografia desde o ano de sua posse como bispo, 1916, tendo ela sido atualizada em 1926. Ela foi escrita pelo padre Vicente Martins da Costa, mas o bispo emérito também mereceu biografias de Sadoc de Araújo e João Mendes Lira em 1982. Mesmo sutilmente se colocando em diversos trechos de *História de Sobral* como protagonista dessa história, o bispo optou, por meio do recorte temporal que privilegia, - recorte que não justifica e nem explicita -, por silenciar sobre a maior parte da sua experiência episcopal.

Seu principal herdeiro nas lides da história tenta preencher essas lacunas. Sadoc de Araújo, no volume 5 de *Cronologia Sobralense*, pontua os eventos que possibilitaram a criação da Diocese de Sobral, bem como a posse de dom José como bispo. Mesmo quando trata do ano de 1914, o verbete de 8 de novembro informa que: “Da Bahia, o arcebispo Dom Jerônimo Tomé da Silva escreve à imprensa local comunicando que Sobral será sede de um Bispado e que o Pe. Filomeno do Monte Coelho vem a Sobral com a missão de organizar o patrimônio da nova diocese”<sup>260</sup>.

<sup>259</sup> FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral. Op. Cit.* p. 100.

<sup>260</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1911-1950*. 2. Ed. Volume 5. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015.p. 37.

A informação é completada na página seguinte, com o verbete referente ao dia 13 de janeiro de 1915, que informa sobre a chegada do tal clérigo para o levantamento do patrimônio para a criação da Diocese de Sobral<sup>261</sup>. O evento vai ganhando forma, com o verbete referente ao dia 24 de abril, o qual informa sobre a compra de um sobrado para ser a sede do bispado<sup>262</sup>. Finalmente o evento se concretiza a 10 de novembro, Sadoc de Araújo informa que “Pela Bula ‘Catholica Religionis Bonum’ do Papa Bento XV, foi criada a Diocese de Sobral”<sup>263</sup>.

O processo de escolha e posse de dom José como bispo é narrado pouco depois, em um espaço de três páginas. Primeiro, o verbete referente a 20 de janeiro de 1916, informa que “O vigário Padre José Tupinambá da Frota é nomeado primeiro Bispo da recém-criada Diocese de Sobral”<sup>264</sup>. Em 10 de fevereiro fora autorizada a sua sagração episcopal<sup>265</sup>, ocorrida em 29 de junho, em Salvador<sup>266</sup>. A posse e a primeira missa como bispo de Sobral ocorreram nos dias 22 e 23 de julho daquele ano<sup>267</sup>.

A partir da elevação de Sobral para a condição de diocese, com dom José à frente da administração episcopal, os textos da historiografia escrita pelos clérigos passam a dar mais atenção à atuação da Igreja Católica do que à vida política municipal, enfatizando sua atuação na transformação do espaço urbano da cidade, criando hospital, escolas, banco, jornal, seminário. Algumas dessas iniciativas estavam ligadas ao chamado *processo de romanização* da Igreja, levado a efeito em todo o país, nas primeiras décadas do século XX. A Igreja Católica, que foi tratada como protagonista no processo de ocupação do território correspondente a Sobral, como veremos especialmente no próximo capítulo, volta a ser a principal protagonista nas tramas políticas da cidade, como em um movimento cíclico.

### 3.4 MEMÓRIA MANIPULADA: SILENCIAMENTOS NA ESCRITA DA HISTÓRIA EM SOBRAL

Os temas apresentados no tópico anterior, que são tratados como os marcos basilares por onde caminha a historiografia tradicional acerca de Sobral, acabam por se sobrepor a eventos que gozam de outros regimes de atenção ou que sofrem operações de silenciamento, nos deixando entrever quais as intenções dos autores nos movimentos de construção de uma

---

<sup>261</sup> *Ibidem.* p. 38.

<sup>262</sup> *Ibidem.* p. 43.

<sup>263</sup> *Ibidem.* p. 50.

<sup>264</sup> *Ibidem.* p. 53.

<sup>265</sup> *Ibidem.* p. 54.

<sup>266</sup> *Ibidem.* p. 55.

<sup>267</sup> *Idem.*

narrativa idealizada sobre a história da cidade. Partimos do diálogo com Paul Ricoeur, que ao analisar a ideia de memória manipulada, afirma que

De fato, antes do abuso, há o uso, a saber, o caráter inelutavelmente seletivo da narrativa. Assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo. A ideia de narração exaustiva é uma ideia performativamente impossível. A narrativa comporta necessariamente uma dimensão seletiva. Alcançamos, aqui, a relação estreita entre memória declarativa, narratividade, testemunho, representação figurada do passado histórico. Como notamos então, a ideologização da memória é possibilitada pelos recursos de variação que o trabalho de configuração narrativa oferece. As estratégias de esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração: pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela<sup>268</sup>.

Como vemos na citação do trabalho de Paul Ricoeur, a configuração da narrativa, esse trabalho de colocar os eventos em uma dada ordem, em um *tempo histórico*, na tessitura de uma narrativa, só é possível a partir da seleção das linhas, dos nós e enlaces que comporão a intriga, na qual também existirão lacunas e vazios que conformarão o tecido da trama histórica. Todo trabalho de reconfiguração da história produz vozes, dos mais variados volumes, mas também é agente de operações de silenciamento, sepultando, enquanto seu discurso foi hegemônico, os discursos, fatos e acontecimentos de outrem. Como analisar esses silenciamentos? Como diria Manoel de Barros, “*Difícil fotografar o silêncio*”<sup>269</sup>.

Gosto muito de uma imagem criada pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior ao comparar o trabalho do historiador com o trabalho de uma bordadeira, quando o historiador se depara com vários materiais (documentos, relatos, imagens, escritos, narrativas) de diferentes cores e tonalidades, é preciso adequá-los a um molde, produzindo um desenho com aquela materialidade.

Assim como no bordado existirá aquelas laçadas, aqueles pontos, aquelas amarrações, que serão fundamentais para que o desenho se sustente e se faça, na narrativa historiográfica existirá, o que não por mera coincidência se chamará de fio condutor, de fio da meada, o problema, a questão, o objetivo, que deve ser perseguido e deve estar presente durante toda a narrativa.<sup>270</sup>

Mas como afirma o próprio historiador em suas aulas, não são apenas as linhas e laçadas que dão forma às rendas e aos bordados, mas também os “vazios”, as ausências. Assim como o trabalho artesanal de criar uma renda ou uma peça de crochê, a narrativa é moldada a partir de

<sup>268</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução de Alain François [et. al.]. Campinas, Sp.: Editora da Unicamp, 2007. p. 455.

<sup>269</sup> BARROS, Manoel de. O fotógrafo. In.: \_\_\_\_\_. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010. p. 379.

<sup>270</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos*. Op. Cit. p. 30.

vazios que pertencem a própria forma do que é escrito, relatado, problematizado. Esses “buracos” que ajudam a modular o texto, são possíveis a partir de seleções, conscientes ou inconscientes, realizadas pelos historiadores.

Ciente de tal fenômeno, mas partindo de outra abordagem está o historiador brasileiro Edgar Salvatori de Decca. Em seu livro *1930, o silêncio dos vencidos*<sup>271</sup>, especialmente na primeira parte intitulada “A falência das interpretações”, o historiador reflete sobre as escolhas que a historiografia fez ao tratar dos eventos ligados ao fim da década de 1920 e começo dos anos 1930, problematizando opções temáticas e questões teórico-metodológicas. Ele afirma, em diálogo com Marilena Chauí, que: “Normalmente, seja trabalhando com ‘fatos’, seja operando com os discursos produzidos no passado, a historiografia tende a fixar anteriormente o lugar privilegiado a partir do qual eles são elaborados”<sup>272</sup>. Essa ciência dos fatos facilita a manipulação da narrativa, escolhendo discursos, fontes, fatos e acontecimentos para refigurar o tempo histórico.

O historiador Raimundo Nonato Souza, em sua tese já citada em nosso trabalho, trouxe grande contribuição à historiografia sobre Sobral ao abordar a vida de personagens e fatos que, embora estivessem presentes na documentação sobre a qual Sadoc de Araújo e dom José se debruçaram, não foram por eles vistos ou ditos, permanecendo no esquecimento.

No terceiro capítulo, intitulado “Negros senhores de terra e escravos por mérito do seu trabalho”, Souza apresenta vários sujeitos que não se faziam presentes e visíveis segundo o enquadramento tradicional da historiografia praticada em Sobral e que, por isso, não pertenciam às páginas da história local. Ele acompanha a vida de ao menos dez donos de terras, pardos ou negros, que tiveram seus bens inventariados. Contribui inclusive com uma detalhada tabela, que pode ser lida por nós como um quadro, com novos personagens, rompendo as operações de silenciamento da historiografia local.<sup>273</sup>

Já outro historiador local, Edilberto Florêncio dos Santos, em sua dissertação de mestrado, *Entre melodramas e comédias ligeiras: vida teatral, sociabilidades e costumes em Sobral-CE (1867- 1927)*, trabalho de grande fôlego e pesquisa documental, reflete de forma detida como os trabalhos dos padres que fabricaram passados para Sobral, em especial dom José e Sadoc de Araújo, poderiam auxiliar em sua pesquisa.

---

<sup>271</sup> DE DECCA, Edgar Salvatori. *1930, o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

<sup>272</sup> *Ibidem*. p. 78.

<sup>273</sup> SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. “*Minha Riqueza é Fruto do meu Trabalho*”: negros de cabedais no Sertão do Acaraú (1709-1822). Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará / Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2015. Pp. 127 e 128.

Mantendo um ponto de vista já elencado aqui, de que os trabalhos auxiliam nas delimitações de balizas e indicações documentais, Edilberto avalia que:

Então, como recompor as diversas cenas da história do teatro em Sobral? Iniciamos o levantamento de fontes partindo das publicações consagradas no que concerne às abordagens históricas sobre o teatro na cidade, centradas quase que exclusivamente no enredo de construção do Theatro São João. Para isto, nos debruçamos sobre as obras *Cronologia Sobralense* do Cônego Francisco Sadoc de Araújo e *História de Sobral* de autoria de Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo sobralense. As duas obras têm em comum o fato de terem sido escritas a partir de compilações de documentos, jornais e arquivos de época, nos permitindo vislumbrar o conteúdo das fontes mobilizadas por estes autores, algumas delas já não disponíveis à consulta direta no presente<sup>274</sup>.

Edilberto, seguindo os passos metodológicos que enuncia, constrói uma arqueologia da vida teatral em Sobral, discutindo, em vários momentos, com as obras de Sadoc de Araújo e de dom José, questionando-as, obtendo além das informações oficiais que aquela historiografia dava, indicações dos caminhos percorridos pelos clérigos para a reconfiguração de seus discursos. Isso é mais notável no primeiro tópico de seu primeiro capítulo, intitulado “‘A questão não é de ganho material, e sim de progresso moral’: o surgimento das primeiras casas de espetáculos sobralenses”<sup>275</sup>, em que reproduz fragmentos extensos das obras da historiografia local e os contrapõe à documentação.

Esse movimento de procura por outras fontes é notável a partir de algumas transformações sofridas pela escrita da *Cronologia Sobralense* à medida que seus volumes iam sendo produzidos. Desde o seu terceiro, mas com mais nitidez a partir do quarto volume, houve uma mudança sensível no seu fazer em relação às fontes. Apesar de não as citar na lista de referências, o cônego Sadoc de Araújo passa a se valer cada vez mais dos jornais para poder montar a sua lista de verbetes e datas. Ao utilizar os jornais, parece realizar uma crítica ao não uso desse tipo de discursos pela historiografia local, já que antes prevaleciam os documentos advindos da Igreja Católica ou da Câmara Municipal de Sobral.

No quinto volume da *Cronologia Sobralense*, que corresponde ao recorte temporal de 1910 até 1950, ou seja, o restante do período em que dom José atuou como vigário e a elevação e transição para o episcopado, deixando de lado apenas os últimos nove anos de dom José como bispo da cidade, Sadoc de Araújo abusa da utilização de jornais, em especial do *Correio da Semana*, fundado em 1918, pelo próprio dom José Tupinambá da Frota.

---

<sup>274</sup> SANTOS, Edilberto Florêncio dos. *Entre melodramas e comédias ligeiras: Vida teatral, sociabilidades e costumes em Sobral-CE. (1867- 1927)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. p. 15.

<sup>275</sup> *Ibidem*, pp. 22 a 66.

Com a utilização dos jornais como referente de seu discurso, uma série de eventos, dos quais o clérigo tomou parte, são narrados e mostrados como sendo positivos e relevantes para a construção do próprio espaço da cidade. Seja a benção da pedra fundamental da Santa Casa de Misericórdia, em 25 de agosto de 1912<sup>276</sup>, ou a realização de um concerto para levantar fundos para a obra, em 31 de janeiro de 1913<sup>277</sup>, até mesmo uma demonstração da erudição do clérigo, ao atestar a existência de falsos padres, em 19 de julho de 1915<sup>278</sup>. A criação da Diocese de Sobral, a nomeação de dom José, em 20 de janeiro de 1916<sup>279</sup>, sua sagração, posse e seus primeiros atos episcopais são todos citados de perto por Sadoc de Araújo.

A partir do trabalho de Sadoc de Araújo, pouco sabemos quem são os governantes da cidade naquele período, exceto quando um clérigo assume o poder, como o padre Fortunato Alves Linhares, em algumas ocasiões, mas somos informados de todos os atos considerados positivos que dom José realiza, como a sua participação na criação de uma variedade de órgãos e instituições da cidade, fazendo com que o volume cinco seja facilmente confundido com um estudo específico sobre a biografia do bispo e não sobre a história da cidade.

Em relação aos documentos trabalhados, em especial os jornais, uma crítica seletiva é realizada, pois o clérigo parece sempre deixar claro seu posicionamento em torno dos conflitos e controvérsia em que o bispo esteve envolvido, problematizando a versão de alguns fatos e deixando certos nomes de lado.

A morte do jornalista Deolindo Barreto, por exemplo, é tratada por Sadoc de Araújo, em *Cronologia Sobralense*, de uma maneira que indicia bem seus cuidados em defender os interesses da Igreja Católica. Em 15 de junho de 1924, o jornalista que criticava e fazia oposição a dom José, sendo vereador da cidade e dono do jornal “*A Lucta*”, foi alvo de um atentado em plena Câmara Municipal. Ele faleceu dias depois, na madrugada do dia 19 de junho.

O tema é abordado em diferentes obras escritas em Sobral, com destaque para o livro de memórias do jornalista Lustosa da Costa, *Clero, Nobreza e Povo de Sobral*, e, especialmente, para a tese da historiadora Chrislene Carvalho dos Santos Pereira Cavalcante, *Sentimentos no sertão republicano: imprensa, conflitos e morte – a experiência política de Deolindo Barreto (Sobral 1908-1924)*<sup>280</sup>. Mas é citado apenas *em passant* na *Cronologia*<sup>281</sup>, ocupando um espaço

<sup>276</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1911-1950*. 2. Ed. Volume 5. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015. p. 21.

<sup>277</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1911-1950*. Op. Cit. p. 26.

<sup>278</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1911-1950*. Op. Cit. p. 45.

<sup>279</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1911-1950*. Op. Cit. p. 53.

<sup>280</sup> SANTOS, Chrislene Carvalho dos. *Sentimentos no sertão republicano: imprensa, conflitos e morte – a experiência política de Deolindo Barreto (Sobral 1908-1924)*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2005.

<sup>281</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1911-1950*. Op. Cit. p. 111.



na página menor do que a notícia de um casamento, com sua genealogia, ocorrido poucos dias depois.

Mais que isso, o posicionamento de Sadoc de Araújo em relação a esse episódio se revela pela forma como escreve sobre determinados eventos que envolveram a vida do jornalista morto. Referindo-se a dois anos antes da morte do jornalista, o clérigo se esforça para construir uma defesa de dom José usando pendengas anteriores entre o bispo e o próprio Deolindo Barreto:

**15 de julho** [1922] (Domingo): De retorno da Bahia, Dom José teve carinhosa recepção por parte da população na Praça do Menino Deus. Na ocasião, discursaram o Dr. Clodoveu Arruda e Monsenhor José Ferreira. Os dois discursos foram publicados no “Correio da Semana”. A cerimônia teve sentido de desagravo em face dos ataques do jornal “A Lucta” contra o clero<sup>282</sup>.

Infelizmente, não temos acesso à sequência de jornais que documentaria os embates via *A Lucta* e *Correio da Semana*, representando Deolindo Barreto e o bispo dom José, respectivamente. Sabemos, a partir do testemunho do próprio Sadoc de Araújo, que, no dia 7 de setembro, “correu boato de que o Jornalista Deolindo Barreto havia dito que Cristo estava no Júri para responder por crime de sedução. Tal fato provocou grande reação na cidade e deu início à longa desavença entre o clero e o jornalista. O bispo excomungou o jornal ‘A Lucta’”<sup>283</sup>. Nada dessa “longa desavença” é citada pelo autor, exceto que no dia 8 de outubro do mesmo ano, uma “grande multidão” foi à frente da residência episcopal para prestar desagravo ao bispo<sup>284</sup>.

No trabalho da historiadora Chrislene Carvalho dos Santos há uma maior profundidade no acompanhamento dos conflitos, apontando para a reprodução de um documento assinado por dom José, em forma de circular, intitulado “A maldição do jornal”, no qual o bispo proíbe que os católicos assinassem e lessem o jornal *A Lucta*, de Deolindo Barreto<sup>285</sup>. Segundo Chrislene, “[é] Interessante notar que o consumo do jornal amaldiçoado foi mantido”<sup>286</sup>.

Lustosa da Costa, que intitula Deolindo Barreto e dom José como principais representantes do “povo” e do “clero”, respectivamente, em sua obra memorialista, também

<sup>282</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1911-1950*. *Op. Cit.* p. 106.

<sup>283</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1911-1950*. *Op. Cit.* p. 101.

<sup>284</sup> *Ibidem.* p. 102.

<sup>285</sup> FROTA, José Tupinambá da. *A maldição da imprensa*. Apud. SANTOS, Chrislene Carvalho dos. *Sentimentos no sertão republicano: imprensa, conflitos e morte – a experiência política de Deolindo Barreto (Sobral 1908-1924)*. *Op. Cit.* p. 122.

<sup>286</sup> SANTOS, Chrislene Carvalho dos. *Sentimentos no sertão republicano: imprensa, conflitos e morte – a experiência política de Deolindo Barreto (Sobral 1908-1924)*. *Op. Cit.* p. 126.

comenta os conflitos entre os dois. Após a morte do tenente Antônio Castello Branco, em 1922, que não é citada na *Cronologia Sobralense*, o memorialista interpreta que Deolindo Barreto intensificou ações de oposição às práticas da Igreja Católica na cidade. Segundo o jornalista e memorialista,

Deolindo acusa o golpe. Tem certeza de que será o próximo. Seus ataques se tornam mais rudes a cada edição. Agora, não tem mais quaisquer limites. Revivendo acusação de Vicente Loyola, passa a falar, em seu jornal, da bestialidade de um dos adversários. E, todo o santo dia incomoda os padres, acusando-os de cumplicidade com o homicídio de Castão [sic] Branco.<sup>287</sup>

Para a historiadora Chrislene Carvalho dos Santos, todo o processo é uma tentativa de acabar com um rival ideológico, que ofertava oposição política à Igreja Católica, controlando um jornal de grande importância para a cidade e rival do *Correio da Semana*. Segundo a historiadora,

O que o Bispo quis foi tirar do cotidiano esse veículo que expunha as divergências, acabar com o espírito discordante da época. E conseguiu concretizar esse desejo em 1922. O poder de julgar, de segregar algo ou alguém que representava uma ira, um desejo de vingança e de reparação de mal, justificaria essa condenação. Era o caminho para colocar o outro no caminho da verdade e salvação. Fazer com que o outro fosse sentenciado, cumprisse a pena para ser absolvido. Teria que cumprir a sentença. A religião ensinava virtudes escravizantes, obediência, humildade, autonegação, perdão e conformismo<sup>288</sup>.

Ao tratar desses embates, o olhar da *Cronologia Sobralense* opta por se aproximar do modo de ver da Igreja Católica, dos padres, ressaltando o papel do próprio Sadoc de Araújo como padre e historiador, escrevendo uma história que restitui certa visão do passado. É uma constante defesa histórica do papel que a Igreja e seu bispo representaram na história da cidade, mesmo quando não há citações diretas aos temas e eventos ocorridos. O *Correio da Semana* é citado para defender os interesses da Igreja, ao passo que *A Lucta*, sem a identificação de seus colaboradores, é utilizada apenas como fonte para indicar acontecimentos distantes das pendengas clericais, como o “recorde” de viagem de automóvel de Fortaleza a Sobral, relatado no verbete de 20 de dezembro de 1922<sup>289</sup>. Ora, se havia acesso ao jornal por parte de Sadoc de Araújo, por que não o citou quando se tratava dos eventos ligados ao bispo? O clérigo Sadoc de Araújo, assim como os outros padres, parecem exemplificar a reflexão que Luiz Costa Lima

<sup>287</sup> COSTA, Lustosa. *Clero, Nobreza e Povo de Sobral*. Editora de Revistas e Livros: Lisboa, 2006. p. 156.

<sup>288</sup> SANTOS, Chrislene Carvalho dos. *Sentimentos no sertão republicano: imprensa, conflitos e morte – a experiência política de Deolindo Barreto (Sobral 1908-1924)*. *Op. Cit.* p. 124.

<sup>289</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1911-1950*. *Op. Cit.* p. 103.

faz sobre o ofício do historiador em sua *Trilogia do Controle*, “Curiosa ou estranhamente, o historiador nega sua historicidade para que se mostre diáfano servo da verdade; para que melhor firme seu lugar na hierarquia dos saberes, nega a influência de seu lugar mundano; intemporaliza a razão para que se veja como por ela traspassado”<sup>290</sup>.

Em *História de Sobral*, que parece delimitar o recorte temporal de estudos até 1915, não há menção a esses embates ou a morte trágica do jornalista, em 1924. Os livros de Linhares e de Vicente Martins também não citam diretamente o tema. Em *Homens e vultos de Sobral*, Deolindo Barreto não merece uma biografia, apenas uma pequena nota, quando Vicente Martins se debruça sobre o tópico “Imprensa”, narrando-se, em uma linha, que “Deolindo Barreto faleceu em Sobral a 18 de junho de 1924”<sup>291</sup>. Esses acontecimentos são silenciados nas obras historiográficas escritas pelos padres, caminhando para o esquecimento.

As disputas políticas entre dom José e o magistrado Dr. José Saboya de Albuquerque se não são totalmente silenciadas em *Cronologia*, há ao menos uma economia de palavras sobre a temática tão central na história da cidade que, a ponto de Lustosa da Costa afirmar: “Se houve rivalidade que durou a vida inteira, foi entre o juiz Dr. José Sabóia de Albuquerque e o Bispo dom José Tupinambá da Frota”<sup>292</sup>.

Rivalidade que teve ao menos dois momentos de grande tensão. Primeiramente, o caso da proibição, feita pelo juiz, da realização de uma rifa organizada ainda pelo então pároco padre José para a construção da Santa Casa de Misericórdia<sup>293</sup> e as disputas políticas ocorridas ao longo do processo de redemocratização, a partir de 1945<sup>294</sup>.

O primeiro fato sequer é relatado pela *Cronologia Sobralense*. Para Sadoc de Araújo, ele se torna apenas um vazio na trama que constrói o bordado da história local. A operação de silenciamento também é significativa. Seria uma cidade com o menor número possível de tensões, a desejada por Sadoc de Araújo?

Já sobre os fatos ocorridos a partir de 1945, com diferentes trocas de acusações entre o juiz e o bispo, posicionamentos distintos nos embates eleitorais na cidade, constante ataques na imprensa com direitos de resposta, o autor opta por realizar relatos sucintos, diretos, mas tomando sempre a defesa do prelado. Por exemplo, no relato referente ao dia 12 de junho de 1945, ao falar da troca de cartas entre o bispo e o Dr. José Saboya, publicadas no jornal “O

<sup>290</sup> LIMA, Luiz Costa. *Trilogia do Controle*. Rio de Janeiro: Top Books, 2007. p. 36.

<sup>291</sup> COSTA, Vicente Martins da. *Homens e vultos de Sobral*. *Op. Cit.* p. 40.

<sup>292</sup> COSTA, Lustosa. Clero, Nobreza e Povo de Sobral. *Op. Cit.* p. 79.

<sup>293</sup> Ver: CAVALCANTE, Christlene Carvalho dos Santos Pereira. *O espetáculo da cidade: corpo feminino, publicidade e vida urbana em Sobral (1920/25)*. Sobral, CE: Instituto ECOA, 2013. p. 52.

<sup>294</sup> Ver: ROCHA, Thiago Braga Teles da. “*De quem é Sobral?*”. *Op. Cit.*

*Povo*”, a pedido do magistrado, Sadoc de Araújo afirma que: “A publicação provocou ondas de protestos e gestos de solidariedade ao Bispo Diocesano”<sup>295</sup>.

Apresentar que o povo estava ao lado do bispo foi uma estratégia recorrente utilizada por Sadoc de Araújo. Assim como nos conflitos com Deolindo Barreto, décadas antes, os conflitos ocorridos durante o processo eleitoral de 1947, no qual dom José e Dr. José Saboya estiveram em lados opostos, com a publicação de textos assinados pela Igreja e direitos de resposta do juiz no *Correio da Semana*, o padre e historiador se lembra apenas de se referir, no verbete correspondente a data de 5 de janeiro, que teria sido “grande [a] concentração de solidariedade a Dom José na Praça do São João [de frente à residência episcopal]”<sup>296</sup>.

Esses eventos também são silenciados em *História de Sobral*, escrita pelo próprio dom José, ou nas obras dos outros clérigos da primeira geração de clérigos que fabricam passados para a cidade, Vicente Martins e Fortunato Alves Linhares. Eles que só publicaram trabalhos antes dos embates da década de 1940, silenciaram sobre quaisquer atritos e pendengas protagonizadas pelo bispo no início de sua trajetória clerical e episcopal. O próprio dom José, protagonista desses embates e que também se aventurou como historiador, em vida, não publicou texto de caráter historiográfico falando sobre essas disputas. O gigantesco livro *História de Sobral*, evita colocar o prelado como protagonista de tensões políticas.

A forma da *História de Sobral*, costurada por dom José, tem seu tecido narrativo composto por vários silenciamentos. Ele só avança até o recorte temporal referente ao seu bispado quando o motivo é laudatório ou positivo para a sua própria pessoa. Só em 1991, de forma póstuma, é que o padre João Mendes Lira publica *O livro inédito de Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo de Sobral*, no qual a temática dos conflitos políticos do bispo é tratada exaustivamente. É Lira, inclusive, que destoa dessa perspectiva historiográfica que silencia o máximo que pode sobre conflitos protagonizados pelo antigo prelado. Em seu *A vida e obra de Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo de Sobral*, 1982, ao contrário, parece abusar das análises sobre esses conflitos.

A historiografia produzida por clérigos escreve a história da cidade a partir do olhar da Igreja Católica, elegendo os arquivos a serem pesquisados, definindo visões de história articulados às perspectivas religiosas, operando uma ordem do tempo sobre a história da cidade que privilegia a própria instituição e seus membros, dentre os principais acontecimentos, e não se furta a operar silenciamentos sobre temas que provoquem algum tipo de embaraço à construção dessa memória católica e religiosa sobre o percurso histórico de Sobral. Nessa

<sup>295</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1911-1950*. Op. Cit. p. 205.

<sup>296</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1911-1950*. Op. Cit. p. 213.

mediação narrativa, definem o que deve ou não ser lembrado pelos habitantes da cidade. Mas, afinal, que modelos de homens os padres resolveram eleger como referências para a cidade em suas obras? Quais foram os heróis eleitos para a cidade? É o que veremos no próximo capítulo.

#### 4 “HERÓIS DA CIVILIZAÇÃO E DA FÉ”: SOBRALIDADE E AUTOIMAGENS NA FABRICAÇÃO DE PASSADOS EM SOBRAL

*Quem me dera ao menos uma vez  
Fazer com que o mundo saiba que seu nome  
Está em tudo e mesmo assim  
Ninguém lhe diz ao menos obrigado<sup>297</sup>*

Lembro de minhas idas ao Becco do Cotovelo<sup>298</sup>. Fui com meu pai, uma ou duas vezes, cortar o cabelo no Salão Cometa, assim que voltamos de nossa migração para São Paulo, em 1997. Na adolescência, eu ia basicamente comprar figurinhas para meus álbuns de futebol na Livraria Zé Osmar. Adulto, passei a frequentar assiduamente o Becco. Conheci aí o pouco que sei de poesia, um pouco mais de música e da arte da conversação participando, mais como ouvinte do que como interventor, do grupo *A Poesia é um Saco*.

Até pouco tempo, antes da pandemia de Covid-19, nós nos sentávamos em frente da Lanchonete Sobral, do Seu Juvenal, colocávamos poemas em sacos de pipocas e distribuíamos aos transeuntes, além de recitar poemas entre uma música e outra. Enquanto eu comia meu “pão cheio”, colegas bebiam. Outros apenas passeavam ou faziam política, em um dos mais famosos logradouros da cidade.

Por lá, desde minha infância, todos os sábados, havia um programa de rádio que montava um palco na calçada do Banco do Nordeste, em frente ao Café Jaibaras e entrevistava políticos da região. Era o “Show do Ivan Frota”. Discursos de Cid, Ciro e Ivo Ferreira Gomes, de Veveu Arruda e Leônidas Cristino... ou seja, todos os componentes do grupo que governa a cidade há mais de vinte e cinco anos apareciam lá. Creio que foi por lá, em algum passado já encarado como bem remoto que, passando pelas calçadas do Café Jaibaras, a caminho da Livraria Zé Osmar (hoje Max Livros), para comprar figurinhas para o álbum do Campeonato Brasileiro de 2005, que escutei pela primeira vez a palavra “*sobralidade*”.

Por muito tempo, talvez até ter meu primeiro encontro com os poetas do Becco, acho que a “*sobralidade*” era sintetizada pelas imagens sobre o ser do município presentes nos discursos dos políticos da região, comumente associada ao progresso da cidade, ali naquele espaço. Becco do Cotovelo e “*sobralidade*” eram, para mim, uma espécie de sinônimos. Era um espaço símbolo de amor e valorização da terra, mas transvestido também de palco para

<sup>297</sup> RUSSO, Renato. Índios. In: *Legião Urbana Dois*. Direção artística: José Emilio Rondeau. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1985. 1 disco sonoro 37 min).

<sup>298</sup> Becco do Cotovelo é o nome dado a um pequeno trecho, na origem da Travessa do Xerez, que separa as ruas Ernesto Diocleciano e Dr. José Saboya. É um dos principais espaços de representação política da cidade, com bares, livraria, cafés e lojas, dando um aspecto boêmio à região. Seu nome advém do formato de “cotovelo”, ou seja, um beco com uma curva em seu desenho, motivado pelo surgimento desordenado de construções que ligavam as duas ruas, ainda no século XIX.

propaganda política. Sobral era tratada como uma cidade modelo. Essa imagem foi muito utilizada na campanha para a eleição de Cid Gomes como governador do Estado do Ceará, em 2006. Suas campanhas, em especial a primeira, foram baseadas no discurso do progresso que a cidade de Sobral teria alcançado em seus dois mandatos como prefeito (1997-2004). Reeleito em 2010, até os dias de hoje, aliados de Cid Gomes administram politicamente o Ceará<sup>299</sup>.

Este capítulo tem a ver com essa inquietação inicial, com essas imagens contemporâneas sobre o que seria a *sobralidade* e a curiosidade de como esse conceito surgiu, como Sobral e sua pretensa forma singular de ser (ou seriam dos sobralenses?) foi alçada a condição de modelo. Estudaremos no primeiro tópico as relações entre a historiografia produzida pelos clérigos e a invenção do conceito de *sobralidade*. Embora esse conceito não se faça presente em suas obras, as imagens que compõem o conceito são produzidas por seus trabalhos, especialmente ao enquadrarem historiograficamente que eventos e que personagens, do passado da cidade, a representariam, encarnariam o seu ser e deveria ser lembrado.

No segundo tópico, estudaremos a prática da narrativa genealógica como estratégica para a produção da autoimagem dos próprios padres durante a fabricação de passados para a cidade. Veremos que a partir da realização de genealogias, os clérigos desejavam se colocar como membros da elite da cidade ou como descendentes dos “fundadores” do município, que detinham ascendência branca.

Por fim, discutiremos outro gênero narrativo bastante comum na produção discursiva da e sobre a cidade, o da biografia, por meio do qual os sacerdotes vêm contribuindo para reatualizar e legitimar as imagens que agregadas dão forma ao conceito de *sobralidade*.

#### 4.1 A SOBRALIDADE: ENQUADRAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS DO PASSADO PARA UM FUTURO?

Pensar a *sobralidade* é pensar um conceito inventado. A noção de “conceito” foi problematizada pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guatarri, certa vez, da seguinte forma: “Não há conceito simples. Todo conceito tem componentes, e se define por eles. Tem, portanto,

---

<sup>299</sup> Camilo Santana, durante os governos de Cid Gomes, foi Secretário do Desenvolvimento Agrário (primeiro mandato) e Secretário das Cidades (segundo mandato). Foi apoiado pelo político sobralense nas duas campanhas eleitorais. Contou com Izolda Cela, esposa de Veveu Arruda, prefeito de Sobral entre 2011 e 2016, como sua vice nos dois mandatos. Em 2022, com a renúncia de Camilo para poder concorrer ao Senado, Izolda, ex-secretária de Educação nos governos de Cid Gomes, assumiu o Palácio da Abolição, sede do Governo do Estado do Ceará. Na campanha de 2022, houve um “racha” no clã Ferreira Gomes, com Ciro apoiando o candidato do PDT, Roberto Cláudio, ao passo que Cid se manteve distante da campanha do Executivo Estadual, fazendo campanha para Camilo para o Senado, o que foi entendido por muitos como apoio velado ao candidato vencedor, Elmano de Freitas, do PT, nome apoiado por Camilo na disputa.

uma cifra. É uma multiplicidade”<sup>300</sup>. O conceito é um conjunto de signos que, articulados, dão sentido a algo, funcionam como uma chave de leitura do mundo e seus entes. O conceito não é uma ideia isolada. Ele sempre funciona em conjunto com outros conceitos, constituem multiplicidades. Em *Conversações*, Deleuze já afirmava que “O verdadeiro objetivo da ciência é criar funções, o verdadeiro objetivo da arte é criar agregados sensíveis e o objetivo da filosofia, é criar conceitos”<sup>301</sup>.

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior, por seu turno, não distinguindo completamente as dimensões científica, artística e filosófica, afirma, em suas aulas, que o conceito pode ser entendido como um “agregado de imagens”. Esta última percepção também indica que um conceito não parte de uma única ideia ou imagens, mas sim de um conjunto, múltiplo, de imagens, que articulados ganham sentido.

Parto, então, da premissa de que qualquer conceito articula um conjunto de ideias, sejam “cifras” ou “imagens”, que constroem sentido ao se relacionarem entre si. Entendo, dessa forma, que a historiografia produzida em Sobral é uma das principais elaboradoras de cifras e imagens que, oportunamente, ajudaram a formar o conceito de *sobralidade*, apesar deste termo, em si, não ter aparecido nas obras dos clérigos.

Algumas imagens-cifras como “distinção”, “modelo”, “civilização”, “tradição”, “catolicismo”, “boa educação” são alguns dos adjetivos que ajudaram a compor o conceito de *sobralidade*, todos eles assíduos na historiografia produzida pelos padres e provenientes de uma perspectiva colonizada, que protagoniza a visão europeia em detrimento da americana.

Realizando uma pequena história do conceito, dentro da sugestão proposta pelo historiador Reinhart Koselleck, na obra *Futuro Passado*<sup>302</sup>, podemos notar que uma noção próxima a “*sobralidade*”, que é termo usual em discursos políticos de membros da elite local, aparece pela primeira vez na obra “*O Cearense*”, de 1969, de autoria do ex-governador do Ceará, Parsifal Barroso (1959-1963). Parsifal era casado com Olga Barroso, filha de Francisco de Almeida Monte (1895 – 1963), uma das principais lideranças políticas de Sobral, ao longo da primeira metade do século XX.

<sup>300</sup> DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 23.

<sup>301</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 158.

<sup>302</sup> Segundo Koselleck, “Desde que a sociedade atingiu o desenvolvimento industrial, a semântica política dos conceitos envolvidos no processo fornece uma chave de compreensão sem a qual os fenômenos do passado não poderiam ser entendidos hoje”. (KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 103).



Em *O Cearense*, Parsifal Barroso, dialogando com Gilberto Freyre acerca do conceito de *cearensidade*<sup>303</sup>, define o termo “sobralização”<sup>304</sup> como o conceito que sintetiza a atitude do habitante de Sobral em valorizar seu estilo de vida, sua cultura, suas tradições, seu modelo esse que deveria ser exportado para todo o Ceará. Para ele,

[...] a fórmula sobralense bem se pode aplicar a todo o Estado como uma eficaz diretriz de vida, capaz de corrigir a tendência que leva o cearense a desconhecer a realidade que o circunda, a ignorar os valores do seu meio ambiente, a desvalorizar o que é nosso, para preferir o que vem de fora<sup>305</sup>.

Observemos, o Ceará deveria “sobralizar-se”, ou seja, deveria, na esteira do pensamento de Parsifal Barroso, defender tradições, em vez de importar modos de vida de outros lugares. Essa defesa da tradição, uma forma de agir frente ao passado, é valorizada por toda a historiografia, escrita em Sobral, produzida por membros da Igreja Católica, que antecede ou sucede a escrita da obra de Parsifal Barroso.

Por exemplo, em *História de Sobral* (1952), de dom José Tupinambá da Frota, tratado por Parsifal como sendo o maior expoente da *sobralidade*<sup>306</sup>, percebemos as ideias que guiam suas aventuras nos arquivos, a quase infundável citação de documentos, defendendo (ou inventando) tradições para a cidade. Inclusive no *prólogo* da obra, escrito pelo padre Fortunato Alves Linhares, único texto que antecede de forma introdutória a sequência de documentos, o clérigo avaliava que a escrita do bispo “[...] trata de nossas gloriosas tradições e da índole e caráter forte e indomável de nossos antepassados”<sup>307</sup>.

Figura 18 – Monsenhor Fortunato Alves Linhares, padre Domingos Gusmão, dom José Tupinambá da Frota e o então deputado federal, Parsifal Barroso, em 1955



Fonte: MONT’ALVERNE, Glória Giovana Saboya Mont’Alverne; GOMES, Gonçalo Pinho; ROCHA, Manoel Valdey da. *Centenário da Diocese de Sobral – 1915 – 2015*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015. P. 55.

<sup>303</sup> BARROSO, Parsifal. *O Cearense*. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1969. p. 131.

<sup>304</sup> BARROSO, Parsifal. *O Cearense*. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1969. pp. 128 a 130.

<sup>305</sup> BARROSO, Parsifal. *O Cearense*. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1969. p. 128.

<sup>306</sup> BARROSO, Parsifal. Dom José Tupinambá da Frota. In: *Revista do Instituto Histórico*. Ano XCVI, 1982.

<sup>307</sup> LINHARES, Fortunato Alves. À guisa de prólogo. In.: FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. Op. Cit. p.5.

O conceito criado por Parsifal Barroso, autor próximo dos padres, como podemos notar na imagem acima, é reproduzido no livro do *Centenário da Diocese de Sobral*. Foi Parsifal que prefaciou a *Cronologia Sobralense*, escrita pelo padre Sadoc de Araújo, que defende a ideia de que Sobral é uma cidade modelar, com sujeitos que amam e desejam divulgar a sua terra. Sadoc de Araújo abraçou essa ideia. Na Introdução à 1ª edição do *Cronologia*, cria a seguinte imagem:

A esperança do desenvolvimento da terra sobralense não está, portanto, nas riquezas naturais de seu solo, nem no privilégio especial de sua situação geográfica, mas no potencial altamente evolutivo de sua gente. Cada sobralense, por predisposição atávica, é um homem inquieto, impaciente, ativo, sempre em busca do mais e do melhor para sua terra.<sup>308</sup>

Esta imagem se assemelha muito aos adjetivos “caráter forte e indomável” defendidos por Linhares ao se referir aos antepassados sobralenses. Uma espécie de “*homo sobralensis*” é concebida pelos padres que teciam o passado da cidade. A existência desse tipo especial de homem é também defendida por João Mendes Lira na obra *Nossa História*<sup>309</sup>. Este homem diferenciado, habitante de Sobral, seguiria uma meta que seria a de garantir um protagonismo à cidade, especialmente do ponto de vista cultural.

As imagens produzidas pela historiografia escrita por padres em Sobral ajudam a inventar uma identidade para a cidade. A forma como essa historiografia se desenvolve, produzindo identidades, se assemelha ao que o historiador alemão Jörn Rüsen conceituou como *produção de sentidos*. Segundo Rüsen,

A identidade forma-se, nesse discurso [historiográfico de produção de sentido], como enraizamento das formas sociais tradicionais da subjetividade em atitudes, motivações e modelos de percepção e interpretação profundamente inseridos nas mentalidades. Histórias desse tipo funcionam como formadoras de identidade, na medida em que interpelam seus destinatários a reproduzir modelos de comportamento<sup>310</sup>.

A construção discursiva de identidades pode ser observada na historiografia brasileira, produzida em diferentes espaços, como, por exemplo: aquela responsável pela invenção da “mineiridade”, estudada por Walderez Simões Costa Ramalho. Para o historiador, as “narrativas-mestras” que visam explicar aos leitores “o que eles são” foram fundamentais para a criação de conceitos identitários, como é o caso mineiro, mas com aspectos similares a

<sup>308</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - Séculos XVII e XVIII - 1604-1800*. p. 25.

<sup>309</sup> LIRA, João Mendes. *Nossa História*. *Op. Cit.* p. 16.

<sup>310</sup> RÜSEN, Jörn. *História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UNB, 2007. p. 49.

invenção da ideia de “brasilidade”, replicada por todo o Brasil<sup>311</sup>. A identidade, nessa perspectiva, é montada a partir de supostas peculiaridades dos eventos históricos e dos habitantes de determinado lugar.

Ora, o que os habitantes de Sobral tinham que os diferenciava dos habitantes de outras regiões e, assim, marcavam esse ser como especial? Que modelos de *sobralidade* são oferecidos por essas narrativas, a fim de formarem identidades e sujeitos? Aparentemente os valores das elites, associados a singularidades étnicas e religiosas, seriam os principais marcadores dessa identidade. Segundo a historiadora Elza Marinho Lustosa da Costa, no trabalho *Sociabilidade e Cultura das elites sobralenses: 1880-1930*,

[...] a particularidade do caso de Sobral reside no conjunto de noções positivas que estas elites têm da cidade e delas mesmas, no papel de classe protagonista desse processo. Um exemplo muito ilustrativo dessa autoimagem é a abundante historiografia sobralense que, se consagra à invenção e à promoção das glórias da cidade.<sup>312</sup>

Esta interpretação é partilhada por outros intelectuais que se debruçaram sobre o percurso histórico de Sobral. O sociólogo Nilson Almino de Freitas, em dois trabalhos<sup>313</sup>, discutiu o conceito de *sobralidade*, mas sem se ater a uma discussão profunda acerca do papel da historiografia clerical na elaboração desse conceito ou ao surgimento do conceito na obra de Parsifal Barroso.

O conceito de *sobralidade* acaba ganhando diferentes interpretações ao longo do tempo, como nos mostra o pesquisador citado, mas mantendo significados próximos. Entre eles, destacam-se ideias como “amor a Sobral”, “se ufanar da terra de nascimento ou adoção”, a cidade como distinta e bafejada pelo sucesso, assim como seu povo<sup>314</sup>. Ele parte do final da década de 1990 e começo dos anos 2000, mais de três décadas após a publicação do livro de Parsifal Barroso, para analisar os usos do termo por políticos, intelectuais e pessoas comuns da cidade. Mas, ao pensar o conceito de “Sobralidade Triunfante”, Nilson definiu o conceito da seguinte forma:

<sup>311</sup> RAMALHO, Walderez Simões Costa. Uma crítica ao essencialismo identitário: a historiografia da mineiridade na primeira metade do século XX. In: *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*. Rio de Janeiro, Ouro Preto-MG, volume 8, número 18 (2015), p. 249.

<sup>312</sup> DA COSTA, Elza Marinho Lustosa. *Sociabilidade e Cultura das elites sobralenses: 1880-1930*. Fortaleza: SECULT/CE, 2011. p. 8.

<sup>313</sup> FREITAS, Nilson Almino de. *Sobral: opulência e tradição*. Sobral: UVA, 2000 (versão em livro da dissertação de mestrado do autor) e FREITAS, Nilson Almino de. *O sabor de uma cidade: práticas cotidianas dos habitantes de Sobral*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

<sup>314</sup> Ver: FREITAS, Nilson Almino de. Impressões da autoridade política e tecno-burocrática: patrimônio histórico, tradição e *sobralidade*. In.: \_\_\_\_\_. *O sabor de uma cidade: práticas cotidianas dos habitantes de Sobral*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

Essa idéia da “*sobralidade*” inspira uma organização discursiva sobre a cidade que fala de eventos fundadores baseados em histórias de “heróis”, experiências e lugares, construindo uma aura de importância que tende a criar uma imagem de Sobral como polo difusor de padrões comportamentais, econômicos, políticos e intelectuais, em âmbito regional, estadual e, em alguns momentos, até nacional. Estas lembranças fundadoras são definidas em um discurso elaborado pela “autoridade” da elite, influenciadora de significados que devem ser respeitados e reproduzidos por todos os habitantes de Sobral e de outras cidades. É o exemplo a ser seguido<sup>315</sup>.

As imagens pensadas por Nilson para caracterizar o que seria a “Sobralidade Triunfante” mantêm diálogo com a proposta inicial de Parsifal Barroso. O conceito parece manter um conteúdo similar ao longo do tempo. As obras escritas pelos padres, em Sobral, dão margem, inclusive, para a interpretação proposta por Nilson, pois constroem uma argumentação na qual apontam para algumas circunstâncias históricas que se fizeram propícias para o desenvolvimento da cidade: a presença do homem branco, católico, de origem ou descendência europeia, vistos como verdadeiros heróis civilizadores, que teriam sido os agentes do desenrolar da dinâmica humana de progresso.

O componente religioso é um atributo fundamental para designar os primeiros habitantes da região que veio a se tornar Sobral. Nessa historiografia, a *Igreja* é sinônimo de *civilização*, como podemos ver na narrativa das origens da cidade feita pela *Cronologia Sobralense*: “Em 1742 [a Fazenda Caiçara] é escolhida como sede do Curato de Nossa Senhora da Conceição da Ribeira do Acaraú. É construída a Matriz. Torna-se polo em que se concentram todas as forças civilizatórias da Ribeira”<sup>316</sup>.

Para Sadoc de Araújo, a história de Sobral só começa, de fato, com a presença do homem branco na região. Já no primeiro volume de *Cronologia Sobralense*, lançado originalmente em 1974, o clérigo inicia a introdução de sua obra afirmando que: “A História de Sobral, propriamente falando, tem início somente na primeira década do século XVIII, quando os primeiros sesmeiros começam a se apossar de suas sesmarias e aqui fixar residência nas margens do Rio Acaraú”<sup>317</sup>.

Antes da chegada dos primeiros colonizadores, segundo a premissa de Sadoc de Araújo, não havia história, não havia humanidade. Seria possível especular se o clérigo não conhecia a presença ameríndia na região. Entretanto, ele tece uma série de reflexões sobre as características étnicas dos sobralenses. Nelas, vemos uma regularidade discursiva: uma forma sistemática e similar de representar os homens brancos como sendo aqueles que fizeram a história do município.

<sup>315</sup> FREITAS, Nilson Almino de. *Sobral: opulência e tradição*. Sobral: UVA, 2000. p. 71

<sup>316</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800*. Op. Cit. p. 22.

<sup>317</sup> *Ibidem*. p. 19.

É uma visão colonizada, explicada também pela perspectiva institucional que os clérigos seguiam. Eles eram porta-vozes da cultura cristã, que tem sua expansão e filiação institucional associada à Europa. Os padres que inventam passados para Sobral continuam a ser agentes da construção da modernidade dentro da perspectiva europeia, pois, apropriando-me do conceito de Enrique Dussel<sup>318</sup>, eles “encobrem o outro”, relegando aos ameríndios um papel secundário, no qual o protagonista só pode ser o sujeito branco de cultura europeia.

Para entendermos essa forma de narrativa, realizada na escrita da história, que privilegia certos personagens em detrimento de outros, encobrindo-os, tratando a uns como representantes da civilização e da humanidade, por serem brancos e católicos, e a outros como “aborígenes”, bárbaros ou até mesmo silenciando sobre eles, utilizaremos a noção de *enquadramento historiográfico*. Enquadramento, conceito que, para Gilles Deleuze, é “a determinação de um sistema fechado, relativamente fechado, que compreende tudo que está presente na imagem, cenários, personagens, acessórios”<sup>319</sup>. Na analogia com o cinema, o quadro é a parte que vemos, que nos é dada a ver pelo autor da película. É nele que se desenrola o movimento do enredo. É uma ficção produtora de realidades controladas, sempre a partir de um ou mais pontos de vista, que elegem quais os personagens são focalizados como protagonistas, quais são tratados como coadjuvantes, quais são os figurantes, muitas vezes sem nome próprio e quais aqueles que são completamente excluídos da cena, que ficam de fora do quadro.

O cinema é uma linguagem que guarda semelhanças com a narrativa histórica. Apesar de não termos o nosso texto encerrado em si mesmo, dada a necessidade de que a narrativa historiográfica aponte para um referente, para um fora da trama, quando se escreve história realizam-se escolhas em torno do que será focalizado, que personagens ou temas serão enquadrados, que fragmentos de humanidade comporão a cena.

Expomos nossa relação com o mundo através dos conceitos que mobilizamos, das escolhas que realizamos, da história que contamos. Dessa forma, ao analisar a escrita historiográfica, bem como outras modalidades de narrativa, disponho de condições para avaliar um pouco como um sujeito configurava o mundo a sua volta, assim como um cineasta quando produz um filme. Posso analisar as escolhas que os clérigos fizeram, avaliando quais eram os conceitos que mediavam suas práticas e suas escritas a partir do lugar social que ocupavam e do qual produziam.

---

<sup>318</sup> DUSSEL, Enrique. *O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

<sup>319</sup> DELEUZE, Gilles. *Cinema 1: a imagem-movimento*. Tradução de Stella Senra. São Paulo: Editora 34, 2018. p. 29.

Podemos, dessa forma, problematizar o enquadramento historiográfico, pois entendo que a produção da escrita da história, a arte de inventar o passado, mantém semelhanças com o cinema e com outras artes. Compreendo na esteira de Judith Butler, que:

“Enquadrar o enquadramento” parece envolver certa sobreposição altamente reflexiva do campo visual, mas, na minha opinião, isso não tem que resultar em formas rarefeitas de reflexividade. Ao contrário, questionar a moldura significa mostrar que ela nunca conteve de fato a cena a que se propunha ilustrar, que já havia algo de fora, que tornava o próprio sentido de dentro possível, reconhecível<sup>320</sup>.

Ora, questionar a moldura e a cena que ela encerra, um dado enquadramento historiográfico, ajuda a revelar as intenções e as escolhas dos historiadores, que produzem os sentidos que a escrita da história dá ao passado. Podemos identificar, por meio de muitos exemplos, que os enquadramentos historiográficos são bastante similares em diversas obras da historiografia produzida pelos clérigos em Sobral.

O padre Fortunato Alves Linhares, no artigo *Notas Históricas de Sobral*, originalmente publicado em 1922, na *Revista do Instituto Histórico do Ceará*<sup>321</sup>, fez um relato da presença de indígenas na região e a relação dos colonizadores portugueses com eles. Apesar de não reservar às tribos indígenas papel relevante na narrativa sobre a história da cidade, ocupando-se apenas de levantar algumas especulações sobre os possíveis lugares, pertencentes ao então município de Sobral, em que elas teriam habitado<sup>322</sup>, nenhuma delas correspondentes ao núcleo urbano da cidade: os Potiguaras teriam habitado as terras de Jaibaras, os Tremembés, as terras de Itarema, e os Areriús, as terras chamadas de Groaíras. Linhares evidencia o massacre físico e cultural sofrido pelos nativos em poucas linhas, afirmando que

[...] depressa veio a ser todo o Ceará ocupado pelos invasores de origem lusitana que, perseguindo tenazmente as tribos indígenas, reduziram-nas á sujeição já pela catechese, já pelas armas, quando delles encontravam embaraços às suas conquistas e ocupação das terras<sup>323</sup>.

Esta formulação enunciativa acaba por destoar de outros escritos que posteriormente foram publicados. Os enunciados e conceitos que ganham regularidade costumam privilegiar a

<sup>320</sup> BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra*: quando a vida é passível de luto. Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. pp. 23 e 24.

<sup>321</sup> LINHARES, Fortunato Alves. Notas históricas da Cidade de Sobral. In: *Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano XXXVI, 1922, pp. 254 a 293. Todos os exemplares da Revista do Instituto Histórico estão disponíveis no site da instituição. Em especial, o artigo citado foi acessado em 25 de julho de 2019 através do seguinte link: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1922/1922-NotasHistoricasdaCidadedeSobral.pdf>.

<sup>322</sup> *Ibidem*, pp. 254 e 255.

<sup>323</sup> *Ibidem*, p. 255.

ação dos colonizadores, absolvendo-os de quaisquer práticas de violência. O silêncio e o esquecimento acerca dos indígenas e, mais comum ainda, a atribuição a eles do papel de meros coadjuvantes foram recorrentes nas tramas historiográficas produzidas posteriormente.

Em outro texto, publicado em 1941, também na *Revista do Instituto do Ceará*, intitulado *Apontamentos para a história e corografia do município e cidade de Sobral*<sup>324</sup>, Linhares construiu outra narrativa sobre aspectos históricos que seriam significativos para se pensar a composição identitária da cidade. *Corografar*, na antiga tradição geográfica, era a descrição ou representação das características consideradas mais notáveis da paisagem, pelo *corógrafo*.

A palavra *corografia* vem do grego *χωρογραφία* (*chorographia*), na qual “*χωρα*” significa campo e “*γραφία*”, grafia (escrever). Segundo o historiador Renato Amado Peixoto, a partir da década de 1880, o gênero corográfico serviu como projeto de ordenamento espacial, com destaque nas regiões afastadas da centralidade política do Império, pois “[...] a imagem da civilização é projetada sobre um território a ser preenchido, sobre o não-reconhecido pelo centro, em suma, sobre o caos”<sup>325</sup>. Mesmo décadas depois, o gênero corográfico continuava a desempenhar seu papel de produção de identidades para um determinado espaço. Ao caracterizar em especial as etnias na população, o autor afirmou que:

Não há estrangeiros, apenas se encontram cinco pessoas de outras nacionalidades. A raça branca vem-se conservando sem grande mestiçagem desde os tempos coloniais, e a sua procedência vem quase exclusivamente dos portugueses que aqui chegaram. A raça negra pouco influência teve na formação étnica de nosso povo, ao passo que a cabocla ou indígena, apesar de já muito cruzada, forma a maior parte da população, sendo raro ver-se um tipo negro<sup>326</sup>.

Interessante notar as ideias presentes no texto. Primeiro, aparentemente quem é de outra nacionalidade, mas mora em Sobral, não é considerado estrangeiro por Fortunato. Seriam pessoas integradas à cidade. Um segundo aspecto do texto que chama atenção é o destaque dado aos brancos ao lado da negativa da existência de negros, deixando em segundo plano a miscigenação e a influência indígena. Aparentemente, o topônimo “distinta” que acompanhou Sobral quando esta foi elevada a vila, em 1773, precisava ser ainda constantemente legitimado.

<sup>324</sup> LINHARES, Fortunato Alves. Apontamentos para a história e corografia do município e cidade de Sobral. In: *Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano LV, 1941. pp. 234 a 251. Ver: [https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1941/1941-Apontamentos\\_para\\_a\\_historia\\_e\\_geografia\\_do\\_municipio\\_e\\_cidade\\_de\\_Sobral.pdf](https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1941/1941-Apontamentos_para_a_historia_e_geografia_do_municipio_e_cidade_de_Sobral.pdf). Acesso em: 25 de jul. de 2019.

<sup>325</sup> PEIXOTO, Renato Amado. *A Máscara da Medusa: a construção do espaço nacional brasileiro através das corografias e da cartografia no século XIX*. Tese (doutorado). UFRJ/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em História Social, 2005. p. 12.

<sup>326</sup> *Ibidem*, p. 236.

Um terceiro ponto é a afirmação que os negros pouco influenciaram na composição étnica da cidade, indo contra as evidências históricas que apontam para uma importante presença africana na composição populacional da cidade, tendo inclusive um templo bastante antigo construído por uma irmandade de escravos, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos<sup>327</sup>.

Partes desse texto ressoaram na escrita historiográfica de outros clérigos, em especial de dom José Tupinambá da Frota, que, em seu *História de Sobral*, de 1952, reproduziu parte considerável do artigo de Fortunato Linhares<sup>328</sup>, o que indica sua concordância com a visão *corográfica* que o padre imprimiu. *História de Sobral*, por sua vez, influenciou os escritos de Sadoc de Araújo e João Mendes Lira. Enquadramentos historiográficos parecidos, compondo narrativas de uma mesma história, podem ser observados.

Outro clérigo que criou narrativas similares para a história da cidade foi o monsenhor Vicente Martins. Em *Homens e vultos de Sobral*<sup>329</sup>, publicado originalmente em 1941, ele elege apenas sujeitos do mesmo grupo social como sendo relevantes para a narrativa histórica da cidade. Nas primeiras páginas, antes de apresentar a escrita da vida dos sujeitos, que o clérigo elegeu como dignos de menção, em sua abordagem biográfica, associando-os a imagem da cidade, Martins expõe nos itens intitulados “Aspectos Gerais”<sup>330</sup> e “Formação Política”<sup>331</sup>, que compõem o capítulo *Resenha histórica de Sobral*, ele faz apenas uma rápida menção aos nativos, assim mesmo no papel de vilões, ao citar que,

[Os portugueses] recebidos hostilmente pelos Tabajaras, senhores do atual lugar, Frei Cristovam caiu com certa flechada no peito, tendo morte imediata. Foi sepultado no local onde mais tarde erigiram uma pequena capela e onde hoje se levanta, construída em 1774 pelo Padre Lino Gomes Correia, a formosa Catedral da cidade que parece perpetuar na imponência das torres as glórias da sua tradição<sup>332</sup>.

O apelo a narrativa do conflito entre os ditos “evangelizadores” e “selvagens” compõe o cerne da narrativa sobre a ocupação do território, com a construção de uma monumentalização gloriosa para os homens brancos, notadamente para os membros da Igreja, por meio das biografias que se sucedem na obra de Vicente Martins.

A cidade apresentada é monocromática, composta por pequenas biografias daqueles eleitos pela historiografia para representar os grandes homens e seus feitos, quase como a

<sup>327</sup> Ver: SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. *Rosário dos pretos de Sobral - Irmandade e festa (1854-1908)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

<sup>328</sup> Ver: FROTA, dom José Tupinambá da. *História de Sobral. Op. Cit.* pp. 33 e 34.

<sup>329</sup> COSTA, Vicente Martins da. *Homens e Vultos de Sobral*. 2. ed. Fortaleza: UFC; Stylus, 1989.

<sup>330</sup> *Ibidem*, p. 19 e 20.

<sup>331</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>332</sup> *Idem*.



sucessão dos herdeiros da palavra do Deus hebreu, no Antigo Testamento. Uma batalha vencida outrora é recitada continuamente, trazida à tona, para tornar a vitória viva e permanente. Essa forma de narrar se assemelha ao que Walter Benjamin define na sétima de suas *Teses sobre o conceito da História* como o “método da empatia”, na qual

Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. [...] Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe.<sup>333</sup>

Outros clérigos também mantinham essa empatia pelo vencedor. O bispo e historiador dom José também analisou o surgimento da cidade e apontou quem seriam os protagonistas de sua fundação. Em *História de Sobral*, de 1952, como na maioria dos seus textos, ele não produz estudos originais. Opta por realizar, logo na abertura de sua obra, a reprodução de um texto de Tristão de Alencar Araripe intitulado “Aborígenes”<sup>334</sup>, no qual a narrativa do autor ligado ao Instituto do Ceará é genérica, versando sobre as expedições coordenadas pelo governo provincial para derrotar a ocupação indígena na região, propiciando a colonização.

Em sequência, em um pequeno capítulo intitulado “Origem dos nomes Acaraú, Mundaú, Camocim”, são reproduzidos trechos de mais um estudo, “do ilustre Dr. Tomaz Pompeu Sobrinho”<sup>335</sup>, publicado na *Revista do Instituto do Ceará*. O artigo original, publicado em 1945, tem como título *Topônimos indígenas nos séculos 16 e 17 na costa cearense*<sup>336</sup> e se estende por cinquenta páginas.

Em sua apresentação, Tomaz Pompeu afirma que “A toponímia indígena antiga da costa do Ceará oferece interessante feição histórica, somente superada quando se considera em conjunto a toponímia geral, que compreende aspectos muito mais variado e elucidativo”<sup>337</sup>. A leitura do extenso artigo me faz lembrar da canção *Índios*, de Renato Russo, que uso como epígrafe desse capítulo, pois os nomes indígenas estão em tudo e “ninguém lhes diz ao menos obrigado”<sup>338</sup>.

<sup>333</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 225.

<sup>334</sup> FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. *Op. Cit.* pp. 7 a 10.

<sup>335</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>336</sup> Ver: SOBRINHO, Thomaz Pompeu. *Topônimos indígenas nos séculos 16 e 17 na costa cearense*. In: *Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano LIX, 1945. pp. 156 a 205. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1945/1945-ToponimosIndigenasSeculos16e17CostaCearense.pdf>. Acesso em: 28 de jul. de 2019.

<sup>337</sup> *Ibidem*, p. 156.

<sup>338</sup> RUSSO, Renato. *Índios*. In: *Legião Urbana Dois*. Direção artística: José Emilio Rondeau. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1985. 1 disco sonoro 37 min).

Comparando o artigo original, publicado em 1945, com a publicação realizada por dom José, em 1952, percebemos que tanto a reflexão de Tomaz Pompeu Sobrinho quanto o título do artigo são silenciados. Dom José escolhe apenas alguns segmentos do texto para figurar em *História de Sobral*, silenciando grande parte do que aí é dito sobre os indígenas. O que é reproduzido são apenas recortes do estudo etimológico de topônimos como “Acarau”, “Curujene”, “Mundaú”, “Coreaú” e “Camocim”<sup>339</sup>, seguidos, sem comentário, de um trecho de um outro artigo, de autoria do historiador Raimundo Girão<sup>340</sup>, no qual se reitera a narrativa sobre a casta distinta de homens brancos a ocupar as terras que hoje correspondem as do município de Sobral e região, pois:

Os brancos, que formavam a classe mais diminuta, retendo os cabedais da civilização e os dos gados trazidos e reproduzidos, constituíam a casta rica, proprietária, enfeudada nas fazendas e servida, a troco de compensações mesquinhas, por agregados e forasteiros<sup>341</sup>.

Tal trecho é reproduzido poucas páginas antes de uma citação da obra de Fortunato Linhares, retomando a ideia de que os brancos se “conservaram”, evitaram a miscigenação. O foco escolhido por dom José para a sua narrativa hierarquiza espaços e etnias, evidenciando uma seletividade do que deveria ou não ser encarado como ponto de partida para pensar o surgimento da cidade. Constrói-se uma identidade para a cidade por meio da narrativa historiográfica. Esta, inclusive, é uma das funções atribuídas por Paul Ricoeur ao discurso historiográfico:

O rebento frágil proveniente da união da história e da ficção é a *atribuição* a um indivíduo ou a uma comunidade de uma identidade específica que podemos denominar sua *identidade narrativa*. “Identidade” é tomado aqui no sentido de uma característica da prática<sup>342</sup>.

É por meio dessas regularidades discursivas que se constitui uma *identidade narrativa*, que se procura construir um tempo uno<sup>343</sup>, tão presente em outros escritos dos sacerdotes. O

<sup>339</sup> FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. Op. Cit. pp. 11 a 21.

<sup>340</sup> *Ibidem*, pp. 21 a 23.

<sup>341</sup> GIRÃO, Raimundo. Apud FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. Op. Cit. p. 21.

<sup>342</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa 3: O tempo narrado*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 418.

<sup>343</sup> Nas conclusões de *Tempo e Narrativa*, Paulo Ricoeur defende, em uma grande argumentação, a tese que o *tempo histórico*, atravessado pelos componentes de ficcionalidade, proporcionam a construção de um tempo referente aos sujeitos através da narrativa, sendo um agente intercessor da concepção de tempo como *singular coletivo*. Ver: RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa 3*. Op. Cit. pp. 409 a 465.

discurso mítico de fundação da cidade por homens brancos e católicos é acentuado pelo padre Francisco Sadoc de Araújo, em narrativas que flertam mais ainda com as imagens bíblicas.

Segundo a narrativa empreendida por Sadoc de Araújo, em *Cronologia Sobralense*, de 1975, a região era inóspita por conta de ser um “semideserto”. Todavia, no espaço onde surgiu Sobral estariam reunidas “condições mesológicas paradoxalmente capazes de temperar uma raça que paulatinamente se formará através dos mais variados cruzamentos sanguíneos, de origem nobre, a par das exigências de um esforço heróico e constante de adaptação à terra adversa”<sup>344</sup>.

O viés que Sadoc de Araújo privilegiou em suas obras é similar àquele consagrado na historiografia tradicional brasileira que, desde Von Martius, valoriza a miscigenação das etnias que compuseram a sociedade brasileira, aliadas ao “mito” do “homem cordial”, enunciado por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*<sup>345</sup>. Para “liderar” esse processo, a etnia correta já estava escolhida, seria a dos homens brancos, mas “a presença do homem branco, nesses remotos tempos, é rara e escassa em toda a região”<sup>346</sup>. É a partir dessa constatação que o padre Sadoc de Araújo reconhece, mais claramente, a existência de tribos indígenas que antecederam a presença portuguesa. Segundo ele,

Algumas tribos de indígenas nativos, em completo nomadismo, sobrevivendo a duras penas por conta da caça e de frutos silvestres, sem fixação certa ao solo, vez por outra vagueiam pelas margens do Acaraú. Temos vagas notícias dos índios tapuias areriuís, tabajaras e tremembés em excursões esporádicas por estas paragens desertas de civilização. Nômades, esses índios encontravam-se várias vezes, quando então se travavam renhidas lutas. Ao par da luta contra a terra árida adversa, o calor do combate contra tribos inimigas. Tudo era propício para temperar a raça na batalha agressiva pela sobrevivência<sup>347</sup>.

Para o clérigo, no entanto, só posteriormente, com a chegada dos portugueses, é que se dá início à história de Sobral. Estes sujeitos europeus e brancos são descritos, discursivamente, com todo zelo e cuidado, para que suas ações, no âmbito da conquista do território, assumam um caráter heroico, legitimando, posteriormente, a distinção da cidade.

João Mendes Lira havia dado um tratamento parecido à figura dos portugueses em *De Caiçara a Sobral*, de 1971. No capítulo II do livro, intitulado “Os primitivos habitantes”, ele se detém em descrever os primeiros homens e mulheres que viveram no que corresponde à bacia

---

<sup>344</sup> *Idem*.

<sup>345</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. pp. 139 a 151.

<sup>346</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800*. Op. Cit. p. 19.

<sup>347</sup> *Ibidem*, pp. 19 e 20.

do Rio Acaraú. Povos indígenas, com destaque para os Potiguares, Tremembés e Arariús, são tratados, como diz o próprio título, sob a rubrica de primitivos, lembrando a abordagem realizada por Fortunato Linhares, em 1922.

Mas no capítulo IV, intitulado “Os primeiros colonizadores”, há uma mudança clara de tratamento conferido. Aos seres humanos aí retratados. Ao se referir aos colonizadores portugueses, Lira afirma que

Podemos dizer que os primeiros colonizadores, isto é, aqueles que começaram a trazer para a terra a civilização e o progresso foram em primeiro lugar Félix da Cunha Linhares, que, em 1690, fixou-se no local onde hoje é Patriarca. Daí se irradiou o trabalho para a região de Sobral.<sup>348</sup>

Ou seja, um homem branco, católico e português, possivelmente um ancestral de Fortunato, por se tratar de um homem de sobrenome Linhares, teria trazido a “civilização” para aquelas paragens, simbolizada pelo trabalho, ao passo que os “primitivos” não trouxeram, na visão do clérigo, grandes contribuições para aquela região.

O papel menor atribuído aos indígenas, em especial, e aos negros, em segundo lugar, foi reafirmado pela segunda geração de padres que fabricaram o passado da cidade, como Sadoc de Araújo e João Mendes Lira. A primeira geração discutiu de forma genérica a participação de indígenas e negros na formação da cidade, atribuindo-os um papel secundário na narrativa historiográfica.

As narrativas acerca do surgimento da cidade de Sobral são baseadas em discursos que flertam com modelos narrativos bíblicos. Os cinco padres, que imprimiram uma versão tradicional sobre o surgimento e desenvolvimento de Sobral, acompanham o processo de ocupação da região como se as terras que margeiam o Rio Acaraú, que corta a cidade, fossem similares às terras que margeiam o Rio Jordão, na Palestina e os colonizadores brancos se assemelhassem ao povo Hebreu, do *pentateuco* bíblico. Os padres ajudam a erigir uma narrativa em que o espaço correspondente a Sobral passou a existir somente com a chegada dos colonizadores portugueses, dos homens, brancos e católicos.

O *télos* que orienta a narrativa deixa à margem os sujeitos que não se enquadram nesse discurso evangelizador. Populações ameríndias, escravos e mulheres são relegadas a um segundo plano. Deixam de existir na maior parte das composições das intrigas históricas a fim de legitimar um discurso de uma cidade dita distinta, que se apresenta como um ideal modelar e excludente.

---

<sup>348</sup> LIRA, João Mendes. *De Caiçara a Sobral. Op. Cit.* p. 17.

O principal argumento para afirmar a distinção de Sobral, notadamente na obra de Sadoc de Araújo, seria a qualidade dos homens brancos que se fixaram na região. Acompanhando uma argumentação que remete a heroicização dos bandeirantes, empreendida, no início do século XX, pelo Instituto Histórico e Geográfico Paulista (IHGP), os clérigos enunciam de maneira romantizada a chegada dos colonizadores, numa abordagem acrítica, com forte adjetivação dos fatos, feitos e personagens: “As terras banhadas pelo Acaraú foram povoadas dentro de um critério de seleção de sesmeiros, gente de boa linhagem, predominando entre as famílias primeiras, sentimentos de elevadas virtudes morais e tendências para o aprimoramento cultural”<sup>349</sup>.

Há em Sadoc de Araújo o uso de um enquadramento historiográfico que relega os indígenas, negros ou mestiços a ocuparem papéis secundários, ao passo que o homem branco é o protagonista da narrativa a ser apresentada. Para ele, repetidas vezes: “Era o homem branco que chegava para construir a nossa civilização”<sup>350</sup>. As adjetivações são constantes e aparecem em muitas páginas da introdução da obra, com destaque para o seguinte trecho:

Os primeiros colonizadores desta Ribeira traziam consigo, além da audácia bandeirante, o espírito civilizador do cristianismo. [...] Heróis da civilização e da fé simultaneamente foram estes nossos primeiros colonizadores. Ainda hoje sentimos os efeitos salutareos desta forma biforme de estruturação civilizadora que lhes devemos e a que, até hoje, o povo da Ribeira do Acaraú não tem sido infiel. Verdadeiros heróis, homens de fibra e de vocação bandeirantes, desbravadores dos nossos sertões, esteio seguro e forte de uma raça que se constituía, paulatinamente, temperada de valentia e abnegação ao sofrimento. Forte alicerce, digno de um bravo povo e de uma brava gente. Base inabalável de uma grande civilização sertaneja que se organizava e que sempre teve a indomável vocação de crescer.<sup>351</sup>

Homens fortes, modelares, verdadeiros heróis, que divulgaram o cristianismo, são inventados pela narrativa de Sadoc de Araújo. Estes homens adjetivados são rememorados até hoje por quem reproduz a ideia de *sobralidade*. Eles seriam a autoimagem dos que escreviam a história da cidade? Os pecados desses personagens são ignorados ou perdoados por Sadoc de Araújo. É a Sobral de homens mestiços, liderados por brancos católicos, que é evidenciada pelo clérigo, construindo um passado glorioso para Sobral, a partir da presença da Igreja, modelo a ser seguido pelos homens e pelas mulheres do presente.

O padre e historiador distribui, com cuidado, uma série de elogios à colonização de Sobral, associando o suposto sucesso em ter conquistado o progresso, a elementos étnicos e

---

<sup>349</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800*. Op. Cit. p. 20.

<sup>350</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800*. Op. Cit. p. 20.

<sup>351</sup> *Ibidem*, pp. 20 e 21.

culturais que compunham aquele grupo de dominadores. É uma imagem positiva dos conquistadores, dos quais o clérigo se via como herdeiro. A imagem não é muito diferente da que dom José criou em 1952 em sua *História de Sobral*,

Ao redor da Matriz e, mais tarde, da capela do Rosário, surgiram as primeiras casas da povoação, geralmente baixas e quase sempre de tijolos e cobertas de telhas, e pertenciam a pessoas de boa linhagem, das quais descende grande parte dos habitantes de Sobral. Os bairros da Matriz e do Rosário formavam dois pequenos centros de atividade, que pouco a pouco foram se desenvolvendo até que se uniram mediante o aparecimento de novas ruas<sup>352</sup>.

Segundo essa narrativa, que não está referenciada em fontes, as primeiras casas da cidade seriam de alvenaria em vez de taipa. Ao redor dos templos católicos, “pessoas de boa linhagem” se fixaram, se reproduziram e deram à luz a cidade que passou a existir. Certamente, a “boa linhagem” evidenciada pelo clérigo está ligada aos sujeitos “brancos” e católicos. O não apontamento de vestígios ou documentos que embasam essas afirmações demonstra uma compreensão de que se estava relatando uma versão da história que seria consensual, não necessitando, por isso, da legitimação das fontes para o seu escrever.

A *crença* na narrativa histórica era assim produzida por outros recursos diferentes do documento. A autoridade do discurso partiria do próprio emissor, sem necessidade de referência ao arquivo<sup>353</sup>. Quem não iria acreditar no bispo da cidade? Lembremos que o recurso ao documento (ou a qualquer vestígio entendido como fonte) é o grande *efeito signo*, ou seja, o grande diferencial da narrativa historiográfica em relação à ficção, segundo Paul Ricoeur<sup>354</sup>. Ao não se valer do diálogo com a documentação, que figurasse e se colocasse no lugar de um referente fora do texto, que espécie de historiografia seria aquela?

É uma história de heróis brancos, católicos, ditos civilizados e de “boa linhagem”. O *pacto narrativo*, ou seja, o acordo que o autor do texto faz com seu leitor, imprimindo as regras do aceitável na narração<sup>355</sup>, aqui é marcado por adjetivações que apontam para um compromisso

---

<sup>352</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>353</sup> François Hartog tece reflexões sobre a ideia de autoria e produção de crença em história: “Quem faz a história? A questão não é anódina, pois da resposta que se lhe dá, decorrem [...] maneiras diferentes de crer em história” HARTOG, François. *Crer em história*. Tradução de Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 14.

<sup>354</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. *Op. Cit.* p. 205. No tópico “Arquivo, documento, vestígio” (pp. 197 a 213), Ricoeur produz uma análise detalhada como o historiador compõe o entendimento do que é *arquivo*, e do que é conceituado como *documento*, refletindo sobre a vitória deste sobre a ideia de *monumento*. Os *vestígios*, as marcas deixadas pelos homens, são entendidas como os grandes possibilitadores de apreensão e problematização de testemunhos.

<sup>355</sup> Segundo Michel de Certeau, “Citando, o discurso transforma o citado em fonte de credibilidade e léxico de um saber. Mas, por isso mesmo, coloca o leitor na posição do que é citado: ele o introduz na relação entre um saber e um não-saber. Dito de outra maneira, o discurso produz um contra enunciativo entre o remetente e o destinatário”.

com a heroicização dos personagens a fim de servirem ao presente da cidade, criando as condições para que a narrativa sobre uma urbe modelar se torne convincente. Isso ganha fôlego a partir da escolha dos autores em compor os capítulos ou verbetes de seus livros, com datas e fatos que produzem uma dada genealogia dos habitantes da cidade.

Há, como veremos no próximo tópico, um esforço hercúleo em fornecer subsídios para a montagem de diversas árvores genealógicas, que contemplem as elites da cidade. As formas de representar a história, de elaborar enredos e intrigas historiográficas, são singulares. É, como conceitua Paul Ricoeur, uma outra forma de *representância*,

A palavra “representância” condensa em si todas as expectativas, todas as exigências e todas as aporias ligadas ao que também é chamado de intenção ou intencionalidade historiadora: designa a expectativa ligada ao conhecimento histórico das construções que constituem reconstruções do curso passado dos acontecimentos.<sup>356</sup>

Apropriando-me do conceito de Ricoeur, avalio que a forma de representância praticada pelos clérigos, como Sadoc de Araújo, serve a expectativa de realizar uma produção historiográfica que sirva para condensar o que deve ser tido como digno de fé e como o mais importante para a história da cidade. A forma de escrita da história de Sadoc de Araújo, vasada em uma sequência de verbetes, narrando fatos orientados por uma cronologia, elaborando, acerca deles, pequenas intrigas, colocava-o também frente a alguns problemas, em especial o de tornar a obra acessível ou popular.

Mesmo com os pomposos adjetivos que utilizava nos textos introdutórios, e que continuam a aparecer por toda a obra, Sadoc de Araújo se vê diante do impasse de narrar uma cidade tão importante e relevante para o autor e outros membros de sua elite intelectual, mas que não obteve protagonismo na história do país, em nenhum momento. Para transpor esse obstáculo, o clérigo afirma que:

[...] Em termos nacionais, Sobral, mesmo hoje, não é ainda geograficamente uma grande cidade, mas sempre foi sociologicamente uma grande comunidade. Comunidade ciente de suas potencialidades humanas e consciente do poder de sua união. Não se pode esperar nenhum progresso para o homem fora da associação com todos os outros homens. As portas do desenvolvimento não serão abertas a nenhuma cidade, nem haverão de ceder, senão a um empurrão conjugado de toda a comunidade unida. Nenhum elemento consegue mover-se, nem crescer, se não estiver solidariamente unido a todos os outros, ao mesmo tempo. É aqui que se encontra a

---

(CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Op. Cit. p. 102). Já Segundo Paul Ricoeur, “O par narrativa histórica/narrativa de ficção, tal como aparece já constituído no nível dos gêneros literários, é claramente um par antinômico. Uma coisa é um romance, mesmo realista; outra coisa, um livro de história. distinguem-se pela natureza do pacto implícito ocorrido entre o escritor e seu leitor. Embora informado, esse pacto estrutura expectativas diferentes, por parte do leitor, e promessas diferentes, por parte do autor”. (RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Op. Cit. p. 274).

<sup>356</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Op. Cit. p. 289.

causa eficiente das muitas conquistas e o segredo das grandes vitórias de nossa Sobral.<sup>357</sup>

Sadoc de Araújo se apoia na premissa de que para se sustentar a ideia de uma cidade importante, modelar, mesmo que pequena aos olhos da história nacional, o melhor seria evidenciar a participação de seus filhos ilustres nas diferentes dimensões da vida social, cultural e política. Esses filhos ilustres que o autor evidencia são brancos e católicos. O clérigo apostou que a cidade, com sua configuração espacial, social e cultural, formada por homens com tais perfis, tinha condições de aparecer como uma cidade modelar.

Enunciados ligados à ideia de progresso, à ideia de união entre os concidadãos, antecedem a seguinte conclusão: “Foi nesta atmosfera e neste clima que a cidade-mãe formou seus grandes filhos”<sup>358</sup>. O que o clérigo entendia como atmosfera e clima? Aparentemente, não seriam as dimensões literais dos conceitos, ligados ao postulado geográfico ou físico. Sadoc de Araújo pensa em uma perspectiva de atmosfera e clima social e cultural, considerando que Sobral reuniria condições para “moldar”, ou “gestar”, como uma mãe, filhos conforme a sua imagem por meio da educação subjetiva que possibilitava. Ele sustenta essa ideia fazendo uma lista de homens considerados ilustres da cidade, adotando estratégia parecida com a que foi empreendida por Vicente Martins em *Homens e Vultos de Sobral*<sup>359</sup>, que reproduz na extensa citação:

Foi isto [atmosfera e clima da cidade-mãe] que fez possível a imaginação de Domingos Olímpio imortalizando Luzia, o ardor apostólico do Padre Ibiapina enchendo de educação todo o Nordeste, a inteligência do Visconde de Sabóia dominando a medicina e ativando a cirurgia, o arrebatamento patriótico do padre Mororó pregando os ideais da liberdade, o entusiasmo de Maria Tomázia rompendo os grilhões da escravidão, o pioneirismo de João Thomé forçando os céus e tentando provocar as primeiras chuvas artificiais, a ciência jurídica de Luís Miranda defendendo a força do Direito, a gravidade eclesiástica de Dom Jerônimo ocupando o sólio episcopal como Arcebispo primaz do Brasil, a fé de Dom Lourenço inaugurando a primeira Diocese no longínquo Amazonas, o governo do Barão de Sobral estruturando a administração da Província do R. G. do Sul, a valentia militar de Joaquim Ribeiro enfrentando a fúria dos balaaios, a influência de José Sabóia traçando os destinos políticos do Estado, o ímpeto lutador de José Mariano forçando a rendição de revoltosos, a liderança inata de Francisco Monte decidindo as eleições estaduais, a precoce vocação literária de Cordeiro de Andrade identificando o valor sociológico dos “Cassacos”, o pendor político de Moreira da Rocha moralizando a administração do Ceará, a engenharia de Trajano de Medeiros criando indústrias e implantando ferrovias, os dotes pedagógicos de Newton Craveiro respondendo magistralmente às dúvidas do “João Pergunta”, a carreira política de Rodrigues Júnior galgando as mais altas posições na Corte do Império, as publicações do Senador Vicente de Paula honrando a magistratura, a eloquência do Senador Figueira defendendo Dom Vital no

<sup>357</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800. Op. Cit.* p. 23.

<sup>358</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800. Op. Cit.* p. 23.

<sup>359</sup> Ver: COSTA, Vicente Martins. *Homens e vultos de Sobral. Op. Cit.*



Supremo Tribunal da Corte, o espírito dinâmico de Dom José construindo perenemente as grandes obras da cidade.<sup>360</sup>

Detalhadamente, os nomes de vários homens, ao lado do nome de uma única mulher, Maria Tomázia, são chamados a compor o panteão de heróis da cidade, sendo cuidadosamente adjetivados e apresentados por meio de breves descrições de traços de suas vidas, que sintetizariam em suas trajetórias a própria história da cidade, do estado ou até do Brasil. A cidade-mãe não produziu apenas “bons” rebentos, produziu também rebentos famosos que levaram o nome da cidade a lugares distantes, servindo de testemunhos de sua “nobreza” e peculiaridade. Isso não seria o que Parsifal nomeou como o ato de “sobralizar”?

Sadoc de Araújo dá, em seu texto, desde a sua introdução, subsídios para que se entenda o sentido e o significado da noção de *sobralidade*, ao defender sua cidade como modelo. Ora, se também podemos entender “[...] ‘*sobralidade*’ como uma ideia de homogeneidade social”<sup>361</sup>, como afirma Chrislene Carvalho dos Santos, a Sobral inventada por Sadoc de Araújo, em seu texto, mantém tal homogeneidade, escondendo contradições e instituindo uma cidade de heróis.

De forma um pouco mais comedida, ao escrever o prólogo de *História de Sobral*, em 1952, o padre Fortunato Alves Linhares já havia arrolado uma lista de nomes, alguns deles elencados na lista feita por Sadoc, para demonstrar a distinção da cidade. Segundo Linhares,

Não se esquece S. Excia [Dom José] de falar-nos com admiração e amor daqueles grandes homens, sacerdotes ou leigos, que tanto cooperaram com seu esforço e boa vontade para a formação desta nossa bela urbe: Lino Correia, Antônio Rodrigues Magalhães, Padre João Ribeiro Pessoa – o edificador de nossa formosa Catedral, o capitão-mor José Xerez de Furna Uchoa – o 1.º introdutor do café no Ceará, Francisco Ferreira da Ponte – 1.º Presidente de nossa Edilidade, José Inácio Gomes Parente – Deputado às cortes de Lisboa, Visconde de Sabóia – cientista e filósofo, José Júlio de Albuquerque Barros – Barão de Sobral, Domingos Olímpio e tantos outros são nomes dignos de serem imitados pela mocidade sobralense<sup>362</sup>.

O texto de Linhares, prefaciando a obra de dom José, aponta para uma lógica de distinção, ressaltando os feitos extraordinários de seus personagens, que teriam ajudado a moldar uma identidade para a cidade, através do tempo. O historiador Francisco Dênis Melo avalia que os corpos moldados por esse discurso da historiografia produzida pelos clérigos,

<sup>360</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800. Op. Cit.* pp. 23 e 24.

<sup>361</sup> SANTOS, Chrislene Carvalho dos. *O espetáculo da cidade: corpo feminino, publicidade e vida urbana em Sobral (1920/1925)* Sobral, CE: Instituto ECOA, 2013. p. 40.

<sup>362</sup> LINHARES, Fortunato Alves. À guisa de prólogo. In.: FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. p.6.

“[...] são ‘super-homens’, criadores de uma cidade única, forjada numa tradição considerada invencível e épica...”<sup>363</sup>.

Enquanto para Sadoc de Araújo, a cidade de Sobral é naturalizada como “mãe” em toda a extensão da *Cronologia Sobralense*, para Linhares, ela é formada por seus concidadãos. A perspectiva de Sadoc de Araújo, baseada no conceito de maternidade, parece ser mais sedutora. Talvez seja o artigo feminino que precede o nome da cidade, *a* Sobral, que tenha algum protagonismo frente à sequência quase que infindável de feitos masculinos que são narrados nos verbetes, nos quais as mulheres acabam por ter apenas papel secundário conforme o enquadramento discursivo escolhido por essa historiografia.

A maioria das mulheres, segundo a abordagem da *Cronologia Sobralense*, desempenha apenas o papel de mãe, mas não só elas geram seus filhos, outra “mãe”, a cidade, é a responsável por essa tarefa:

Mãe fecunda de tão numerosos filhos, nascidos de seu ventre prolífero de glórias e criados em seu seio nutritivo de cultura, Sobral mostrou a todos os rincões da Pátria o valor desse pedaço de chão cearense onde foi acendido [*sic*] o fogo ardente de ativar civismo e onde foi plantada a semente viva de gerar talentos.<sup>364</sup>

Sadoc de Araújo tenta demonstrar a importância da cidade de Sobral, transfigurada em “mãe fecunda”, para o restante do país, em um momento em que a cidade não tinha grande protagonismo no Ceará, como tivera em décadas passadas. Essa valorização heroica da cidade e dos seus habitantes “ilustres” era uma tentativa de revalorizar o passado.

Os padres mantinham relações pessoais e afinidades de formação acadêmicas, como podemos observar, segundo os seus testemunhos, nas “apresentações” das obras. Nelas, cada autor aproveitava o espaço para nomear um companheiro de batina como exemplo. Em 1952, para a primeira edição de *História de Sobral*, o padre Linhares elabora um texto elogioso acerca do texto e do próprio bispo. Escreveu ele que “A sua [de Dom José] história de Sobral é o coroamento de tudo quanto fez para o levantamento do nível religioso, moral e cívico desta nobre cidade tão merecidamente apelidada PRINCESA DO NORTE”<sup>365</sup>.

A produção de identidades transcendeu a escrita da história e ganhou forma em outras perspectivas de produção cultural, em especial o documentário *Para Sempre Sobral*<sup>366</sup>, de

<sup>363</sup> MELO, Francisco Dênis. *Os Intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL – E a Invenção da Cidade Letrada (1943-1973)*. *Op. Cit.* p. 169.

<sup>364</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800*. *Op. Cit.* pp. 24 e 25.

<sup>365</sup> LINHARES, Fortunato Alves. À guisa de prólogo. In.: FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. *Op. Cit.* p.6.

<sup>366</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ruj2TbhuDJQ&list=PPSV>. Acesso em: 4 de jul. de 2022.

novembro de 2004, de autoria de Moisés Magalhães, que foi apoiado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e pela Prefeitura Municipal de Sobral, além de Banco do Nordeste e pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE. Seu momento de lançamento é marcante, pois simboliza o fim da gestão de dois mandatos de Cid Ferreira Gomes (1997-2005) como prefeito da cidade.

Podemos avaliá-lo como um documentário institucional que ouve alguns dos principais porta-vozes do discurso de *sobralidade*, em especial o padre Francisco Sadoc de Araújo, utilizando a lógica de apresentação da história da cidade consolidada pela historiografia construída pelos clérigos, dividindo o documentário em tópicos, tornando protagonista o Rio Acaraú, a ocupação das fazendas de criação bovina – e, posteriormente, de algodão -, a presença da Igreja Católica, o desenvolvimento comercial e industrial ao longo dos séculos XVIII e XIX, o protagonismo de alguns sobralenses tidos como modelos (Padre Ibiapina, Domingos Olímpio, dom José), a associação da história da cidade à comprovação da Teoria da Relatividade de Albert Einstein por meio das verificações das expedições científicas que observaram o Eclipse de 1919, o tombamento do Patrimônio Histórico pelo IPHAN, o Becco do Cotovelo – retratado como uma espécie de ágora de Sobral e, por fim, a própria *sobralidade*, como um aspecto central da identidade da cidade.

O documentário, de forma geral, é um grande elogio à *sobralidade*. Mas o último tópico, autointitulado, traz algumas das imagens que dão sentido ao conceito no viés institucional oficial. Os templos católicos, a ponte (Othon de Alencar) sobre o Rio Acaraú, o Arco de N.S. de Fátima e a imagem do Cristo Redentor são alternados com discursos proferidos pelos entrevistados, dando forma a uma ideia a ser propagada pelo poder público apoiado pela principal universidade da cidade. De todos os discursos apresentados, alguns se destacam mais, como a comparação realizada por Abdelmoumen Melo, o qual afirma que “Enquanto o povo de Fortaleza educava seus filhos na Bahia, o povo de Sobral educava na Europa”<sup>367</sup>, ou a fala do memorialista Lustosa da Costa, o qual afirma que “Quando eu estava em Paris, tive a ocasião de escrever, ‘Sobral não é cidade, é uma saudade chorando baixinho dentro de mim’”<sup>368</sup>. Mas é a fala de Luciano de Arruda Coelho que dá uma definição ao conceito, ao afirmar que

Através desse tempo foi se formando a sobralidade, que é o resultado de êxitos, de sucessos, de vitórias, que aparecem ao longo da história de Sobral com muita frequência. [...] Este fato se reflete nesse sentimento de orgulho, de bairrismo que afeta o povo sobralense em geral<sup>369</sup>.

<sup>367</sup> *Ibidem*. 21’ 44 a 21’ 50”.

<sup>368</sup> *Ibidem*. 22’ 23” a 22’ 31”.

<sup>369</sup> *Idem*. 21’ 23” a 21’ 44”.

Ou seja, a *sobralidade* é uma forma de bairrismo, traduzida no orgulho dos habitantes de Sobral por sua terra, mas que necessita da narrativa da história para ganhar forma. Por isso, as citações e as reedições dos textos historiográficos dos clérigos são tão importantes para manter viva a lógica da *sobralidade*.

Quatro décadas após a primeira publicação, *Cronologia Sobralense* (2015) ganha uma nova edição financiada pela Prefeitura de Sobral, que tinha como gestor Clodoveu de Arruda Coelho, filho de Luciano de Arruda Coelho, citado há pouco. A obra conta com um prefácio assinado pelo clérigo José Linhares Ponte, que construiu longa carreira política, sendo deputado federal pelo Ceará, entre os anos de 1991 e 2015<sup>370</sup>, usando a alcunha de Padre Zé. Nele, além de construir uma pequena biografia sobre o colega de batina Francisco Sadoc de Araújo, a partir dos adjetivos de homem, cristão, sacerdote, educador e sábio, Padre Zé afirma que: “O historiador não se esqueceu de enfatizar o senso religioso do homem que se fixava àquele solo”<sup>371</sup>, não esquecendo do protagonismo que deveria ser dado à Igreja Católica na obra, além de reproduzir a extensa citação que reproduzimos pouco acima<sup>372</sup>, antecedendo outros elogios ao livro.

Ambos os prefácios, escritos por padres para padres, indicam um sentimento de devoção à cidade. Nisso, o Padre Zé é mais explícito ainda,

A Cronologia Sobralense orgulha a todos nós sobralenses, é um legado indelével que se pereniza através do tempo. Nesta segunda edição descobrimos que a nossa “*sobralidade*”, como dizia o ex-governador Parsifal Barroso, palpitava viva nos corações do nosso Prefeito José Clodoveu Arruda Coelho, na nossa Secretaria de Cultura, Eliane Maria Ribeiro Alves Leite, dos nossos José Lúcio Ribeiro e Norma Suely Rodrigues Silva, que digitalizaram o original, e em todos nós que nos regozijamos com esta bela iniciativa.<sup>373</sup>

Padre Zé indica a força que o conceito de *sobralidade* continuava tendo nesse ano de 2015. O ato da nova publicação da obra é entendido como um novo sopro dessa ideia, atribuída a Parsifal Barroso, e defendida, mesmo que sem dedicar a ele um verbete específico, por dom José e Sadoc de Araújo.

<sup>370</sup> Ver: <https://www.camara.leg.br/deputados/74297/biografia>. Acesso em: 4 de jul. de 2020.

<sup>371</sup> PONTE, José Linhares. Prefácio da 2ª Edição. In: ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense*. p.11.

<sup>372</sup> PONTE, José Linhares. Prefácio da 2ª Edição. In: ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense*. pp. 11 e 12.

<sup>373</sup> PONTE, José Linhares. Prefácio da 2ª Edição. In: ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800. Op. Cit.* p. 12.

Mais recentemente, um novo acontecimento discursivo deixa impresso esses signos no presente. Unindo imagens que os clérigos elaboraram ao conceito que Parsifal Barroso inventou, dom Vasconcelos, atual bispo de Sobral, ao receber o título de cidadão sobralense, em 4 de julho de 2018, assume essa mesma narrativa tradicional da história de Sobral, justificando o primeiro topônimo da cidade como “*Vila Distinta e Real de Sobral*”,

[...] escutei da boca de um ilustre filho desta terra uma frase intrigante, ‘uma coisa é ser sobralense, outra é ter o espírito de sobralidade’, dizia isto recordando que a cidade de Sobral, antes de tornar-se cidade, era conhecida como Vila Real e Distinta porque não era proveniente de aldeamentos indígenas, nem de aglomerações quilombolas.<sup>374</sup>

Que “filho desta terra” seria esse? Talvez Sadoc de Araújo, em alguma visita realizada pelo bispo. Talvez outro clérigo ou político que partilha dessas ideias. O que sabemos é que Sadoc de Araújo fazia circular enunciados muito parecidos com aqueles presentes no discurso de dom Vasconcelos. Segundo o padre Sadoc de Araújo em *As Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú* (1991),

Distinta porque não tivera origem indígena, ou bárbara, como se dizia então. Nem fora sede de missões jesuíticas ou de outras congregações religiosas. Desde seus primórdios, fora colonizada por portugueses, ou seus descendentes diretos, e catequizados por padres seculares ou da Ordem de São Pedro, como eram então chamados.<sup>375</sup>

A escrita da história de Sobral parece ter mimetizado o livro do *Gênesis*, hierarquizando etnias, construindo uma retórica próxima de uma “terra prometida”. Se, segundo a narrativa mítica bíblica, Deus criou o homem diferenciando-o dos outros animais e se o primeiro homem foi Adão, entendo que Sadoc de Araújo, ao usar esse modelo do *Gênesis*, só reconheceu humanidade em um dos primeiros portugueses a ocupar a região, deixando outros seres humanos fora dessa denominação. O atual bispo da cidade parece beber na mesma fonte, construindo um quadro similar de análise, entendendo como algo digno de distinção a suposta formação da cidade a partir de homens brancos e cristãos.

A noção de *sobralidade* não é deixada de lado. Seja em 2018, com o discurso do atual bispo, seja no passado, o conceito é protagonista na tentativa de criar um modelo de cidade a partir da suposta distinção de seus habitantes. No prefácio da 1ª edição de *Cronologia*

<sup>374</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Sessão Especial para entrega de títulos de cidadania e menções honrosas*. 4 de julho de 2018.

<sup>375</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Raízes portuguesas do Vale do Acaraú*. Op. Cit. p. 29

*Sobralense*, originalmente publicado em 1975, Parsifal Barroso não escondeu a satisfação ao ver ser utilizado o conceito de *sobralidade* pelo padre Francisco Sadoc de Araújo,

Para mim, que fixei a conceitualização de “*sobralidade*” como o sinal dessa força que vence obstáculos, equilibra contrastes e conquista um processo incoercível, transformando Sobral num polo dinamizador do Norte cearense, não admira o surto dessa paixão pela pesquisa histórica, já configurado com um processo cultural irreversível [...].<sup>376</sup>

Vale frisar o quão importante a historiografia é para a concretização e reprodução da noção de *sobralidade*, abordada por Parsifal Barroso, abrindo o caminho para a obra de Sadoc de Araújo. Barroso uniu o elemento cultural, a escrita da história, a um elemento econômico, à industrialização. Segundo ele, “Somente em Sobral, enquanto o Ceará mais desama as tradições que deveria venerar, poderia ocorrer o prodigioso surgimento de um forte interesse pela sua História, enquanto vai evoluindo seu processo de adequada industrialização”<sup>377</sup>. O que Barroso, falecido em 1986, escreveria sobre a Sobral do início da terceira década do século XXI, que voltou a ter centralidade na vida política do estado, com suas elites políticas assumindo, cada vez mais, o discurso do progresso?<sup>378</sup>

Mobilizada por conceitos e imagens ligados à ideia de distinção, a historiografia clerical é tratada como parte importante do movimento de legitimação de dados marcos mais importantes para os atores políticos da cidade, respaldando uma dada versão do passado e dialogando com o futuro. A historiografia clerical é tratada como fundamental para respaldar o conceito de *sobralidade*, ainda hoje usual na cidade e nos discursos de suas elites.

Portugueses, brancos, católicos... Esses adjetivos são os mais associados aos “fundadores” da cidade. De uma maneira geral, a historiografia escrita pelos sacerdotes acaba por revisitar constantemente um discurso fundacional da cidade. O enfoque dado aos personagens e fatos pouco mudam, revelando que, mesmo com o passar do tempo, a historiografia praticada em Sobral conviveu com temas e enunciados parecidos, alicerçados em um mito de fundação e na religião trazida pelo colonizador. As “raízes” da tradição são reforçadas à luz da genealogia.

<sup>376</sup> BARROSO, Parsifal. Prefácio da 1ª Edição. In: ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800. Op. Cit.* p. 15.

<sup>377</sup> BARROSO, Parsifal. Prefácio da 1ª Edição. In: ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800. Op. Cit.* p. 15.

<sup>378</sup> Desde 2007, com o início do primeiro mandato de Cid Ferreira Gomes como governador (2007-2014), o Ceará tem administrações ligadas ao apoio de Sobral. Em 2015, tomou posse Camilo Santana, já em segundo mandato, com bases políticas no cariri cearense, mas com grande apoio do clã Ferreira Gomes, contando inclusive com uma vice-governadora sobralense, Izolda Cela, esposa de um ex-prefeito de Sobral, Veveu Arruda (2011-2016).

#### 4.2 A GENEALOGIA COMO FORMA DE GARANTIR RAÍZES À “MÃE-FECUNDA”

Não apenas o gênero historiográfico foi praticado pelos padres em Sobral na construção de narrativas sobre o passado. Outras formas de fabricar passados, a genealogia e a biografia também foram protagonistas na invenção de passados para a cidade.

Hoje, com o processo de universalização da internet, temos uma verdadeira febre por descobertas de “origens genealógicas”. Diversos sites espalhados pelo mundo aparecem na tela do computador assim que digitamos a palavra “genealogia”. Eles prometem identificar a origem de nossa ancestralidade. Para quem deseja cidadania estrangeira, especialmente europeia, é um dos primeiros passos para tentar materializar esse desejo.

A genealogia pode ser definida, de forma ampla, como uma “ciência auxiliar da história que estuda a origem, evolução e disseminação das famílias e os respectivos sobrenomes”<sup>379</sup>. A genealogia representa a sedução pelas origens, geralmente representando um movimento de procura por distinção identitária para aqueles que procuram um pertencimento à aristocracia ou à nobreza em sua ancestralidade. Esse é o sentido mais usual nos dicionários, no qual a genealogia é o “estudo que tem por objeto a pesquisa da origem e da filiação das famílias; estirpe, linhagem”<sup>380</sup>. É também a “exposição cronológica da filiação de alguém cujas investigações possibilitam o conhecimento de sua descendência a partir de seus ancestrais”<sup>381</sup>. Podemos definir essa genealogia tradicional como *a procura por raízes familiares*.

É uma das formas mais eficazes de construir autoimagens e consolidar enquadramentos restritos sobre algum personagem. Dom José foi membro do *Instituto Brasileiro de Genealogia*<sup>382</sup>, ao passo que o padre Sadoc de Araújo é membro correspondente do *Colégio Brasileiro de Genealogia*, com sede no Rio de Janeiro, e do *Instituto Genealógico Brasileiro*, com sede em São Paulo.<sup>383</sup> João Mendes Lira fez genealogias em suas obras, assim como Fortunato Alves Linhares. Vicente Martins da Costa, para escrever as biografias apresentadas no livro *Homens e Vultos de Sobral*, também realizou pequenas genealogias.

<sup>379</sup> <https://www.otempo.com.br/brasil/genealogia-e-historia-1.607230>. Acesso em: 9 de abr. de 2021.

<sup>380</sup>

<https://www.dicio.com.br/genealogias/#:~:text=Significado%20de%20genealogia,a%20partir%20de%20seus%20ancestrais>. Acesso em: 23 de mar. de 2021.

<sup>381</sup> <https://www.dicio.com.br/genealogia/>. Acesso em: 16 de jul. de 2020.

<sup>382</sup> Ver: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/sobral-festeja-natalicio-de-d-jose-tupinamba-1.727691>. Acesso em: 15 de jul. de 2020.

<sup>383</sup>

Ver: [http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2729&catid=293&Itemid=101](http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2729&catid=293&Itemid=101). Acesso em: 6 de jul. de 2020.

Gênero de grande tradição na cidade de Sobral, onde as famílias ditas tradicionais gozam de uma variedade de textos sobre suas “origens”, a genealogia tem a característica basilar de produzir um efeito de identidade, uma noção de filiação, especialmente por demonstrar a interação entre as famílias e o senso de que, de alguma forma, nomes que são destacados no passado mantém algum grau de parentesco com os membros das elites do presente. Aprofundando o olhar até o que seriam as suas raízes, a elite de Sobral se vê partilhando laços de sangue. Em seus antepassados, vê uma autoimagem sua.

A genealogia floresce especialmente na abordagem de Sadoc de Araújo, por conta do desejo nunca negado de construir uma identidade entre o passado da cidade e dos concidadãos, e por causa do tipo de fontes que o autor teve acesso, nos primeiros anos de sua aventura como padre e historiador. Segundo ele, na “Introdução” de *Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú*,

Quanto à genealogia, procurei encarar seu estudo no conceito moderno de ciência auxiliar da História, vendo sua importância para a plena compreensão do povoamento desta região sertaneja, cuja formação social, política e religiosa tanto depende de sua influência. Em seu estudo devem ser buscados, principalmente, os traços comuns familiares que criam e expandem os sentimentos de solidariedade, resistências e reações que explicam o processo de povoamento e da estrutura social de nossos atuais aglomerados urbanos.<sup>384</sup>

Percebemos que os conceitos de “solidariedade”, “resistência” e “reação” visam conferir protagonismo a dadas famílias no que concerne à história da cidade, eles são os motes para o estudo de genealogia, tal como empreendido por Sadoc de Araújo. O corpo da cidade se filiará a dados laços de sangue, às alianças, aos casamentos, às filiações...

Além de Sadoc de Araújo, outro clérigo que se aventurou a empreender uma abordagem de cunho genealógico foi João Mendes Lira, na obra *Nossa História*. Segundo ele, no capítulo “Um pouco de Genealogia”, no qual apresenta a lista de antepassados de dom José Tupinambá da Frota, tratado no próprio capítulo como “Pai da História Sobralense”, “a Genealogia estuda a origem das famílias. Constitui, sem dúvida, um ponto da história. Pesquisando os troncos principais das famílias necessariamente se entrará na história propriamente dita, isto é, migrações, miscigenação, questão de terra, etc.”<sup>385</sup>. Observemos que a visão a qual Lira esposava, em 1971, sobre como elaborar uma não era tão diferente da que Sadoc de Araújo formulou vinte anos depois. As famílias, nessa perspectiva, são as protagonistas da explicação histórica.

<sup>384</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Raízes Portuguesas do Acaraú*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense LTDA., 1991. p. 8.

<sup>385</sup> LIRA, João Mendes. *Nossa História*. Op. Cit. p. 30.



Entendo que essa atenção dada à genealogia pelos clérigos tem uma relação muito próxima com a configuração do arquivo que eles escolheram consultar. Como já discutimos, a definição do que é um *arquivo* é atividade fundamental para qualquer historiador. O *arquivo*, bem como o que são as *fontes* a serem transformadas em *documentos* pelo historiador, passam pelo trabalho de seleção e definição do profissional da história. Essa atividade nunca é neutra. Os padres tiveram acesso privilegiado às fontes, em uma configuração histórica e social que deu a eles, se não um monopólio, pelo menos um grande privilégio no contato com o que elegeem como documentos, superando dificuldades de acesso ou privilegiando fontes que não mereceram o interesse de pesquisa por parte de outros historiadores, no passado.

Como já dissemos, Sadoc de Araújo é o que mais se destaca nessa atividade. Sendo amante de genealogias e tendo acesso privilegiado aos livros de batismos, de casamentos, de enterros, além de inventários, com tempo disponível para realizar o trabalho hercúleo de cruzar as informações sobre as famílias que viveram nos últimos três séculos, na Ribeira do Acaraú, o clérigo teve condições de produzir o trabalho de grande fôlego que ofertou à elite de Sobral. Segundo o que entendia por *arquivo*, Sadoc de Araújo teve acesso privilegiado ao que buscava, detendo acesso amplo e irrestrito para transformar uma massa de material escrito em documentos para produção da história da cidade.

Dom José teve condições também privilegiadas para a sua atividade, deixando espalhadas por sua *História de Sobral* algumas genealogias. Foi um trabalho de dedicação em que trabalhou com uma grande variedade de fontes para produzir seu arquiteito, onde a genealogia também é praticada. Avaliando o trabalho do bispo como historiador na referida obra, o historiador Dênis Melo afirma que,

O bispo durante a vida inteira copiou metodicamente documentos, como officios da Câmara de Sobral, inventários, cartas, atas e também outras obras literalmente, além de citar “fontes orais”, quando se refere a tradição do “ouvir dizer” dos moradores idosos da cidade, contemporâneos seus quando da escrita de sua obra na década de 1950.<sup>386</sup>

Essa escrita da história, com grande influência genealógica, tanto em dom José quanto em Sadoc de Araújo, é marcada, como já vimos no tópico anterior, por um enquadramento historiográfico que privilegia o *homem branco*, em detrimento de indígenas e, posteriormente, dos negros. O historiador Raimundo Nonato Souza, em contraposição a esta visão da história de Sobral, que privilegia brancos em contraposição a negros e indígenas, discute, em sua tese

---

<sup>386</sup> MELO, Francisco Dênis. *Os Intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL – E a Invenção da Cidade Letrada* (1943-1973). *Op. Cit.* pp. 147 e 148.

de doutoramento, já citada no capítulo anterior, a partir de uma documentação similar à utilizada por dom José e Sadoc de Araújo (inventários, testamentos, livros de batismo e óbitos), “histórias de famílias de bens pecuniários por trabalho”<sup>387</sup> e “redes de parentela e clientelas das famílias negras”<sup>388</sup>.

As informações para uma escrita da história com maior diversificação de sujeitos estavam nas fontes. Todavia, a escolha realizada pelos padres foi o de narrar uma memória onde os brancos, os cristãos, os europeus e seus descendentes fossem os pilares para o desenvolvimento da região. Não à toa, ao longo das primeiras páginas da *Cronologia*, Sadoc de Araújo intitula a passagem de padres jesuítas pela região do Acaraú, em março de 1607, como sendo a “primeira vez que o rio Acaraú foi atravessado por homens brancos”<sup>389</sup>.

Ao longo das análises sobre o século XVII, Sadoc de Araújo, consultando obras do Barão de Stuart e de João Brígido, destaca várias expedições religiosas que vieram à região da Ribeira do Acaraú, mas não se detém no estudo de nenhuma povoação. As povoações, ao que tudo indica, só interessavam quando pudessem ser explicadas, em seu surgimento, recorrendo a uma genealogia branca, na qual, inclusive, a presença da produção documental realizada pela própria Igreja Católica seria protagonista. O autor, inclusive, destaca a importância da *fabricação* dessa documentação, por parte da Igreja, ao longo de sua obra. Na seção reservada ao ano de 1760, ele afirma:

**24 de abril** (5ª-feira): Pastoral do Bispo de Pernambuco, Dom Francisco Xavier Aranha, determina que nos registros de batismos e casamentos sejam anotados os nomes dos avôs paternos e maternos dos fiéis. A execução desta ordem foi cumprida nesta freguezia [sic] a partir do final do ano, o que se constitui valiosa contribuição ao pesquisador da genealogia devido às fartas informações que fornece.<sup>390</sup>

Utilizando então dessas informações, observando fatos distantes que ocorreram no espaço que viria a ser chamado de Sobral, muitos anos depois, Sadoc de Araújo passa a compor a *Cronologia* para poder inventariar as origens dos primeiros habitantes da cidade. Falando sobre 1653, sem definir dia ou mês, o autor informa a chegada ao Ceará de um soldado chamado Felipe Coelho de Moraes, que recebeu uma sesmaria, em 15 de outubro daquele ano. Sobre este

<sup>387</sup> Tópico 3.1, pertencente ao capítulo “Negros senhores de terra e escravos por mérito do seu trabalho”. In.: SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. *“Minha Riqueza é Fruto do meu Trabalho”*: negros de cabedais no Sertão do Acaraú (1709-1822). *Op. Cit.*, pp. 129 a 152.

<sup>388</sup> Tópico 4.4, pertencente ao capítulo “Escravos e sociabilidade”. In.: SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. *“Minha Riqueza é Fruto do meu Trabalho”*: negros de cabedais no Sertão do Acaraú (1709-1822). *Op. Cit* pp. 180 a 182.

<sup>389</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800*. *Op. Cit.* pp. 28 e 29.

<sup>390</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800*. *Op. Cit.* p. 291

fato informa que “[...] foi nos limites dessa imensa sesmaria que se estabeleceu Antonio da Costa Peixoto, avô materno de Quitéria Marques de Jesus, mulher de Antonio Rodrigues Magalhães, fundador de Sobral (Cfr. Sesmarias, vol. 1, fl.1)”<sup>391</sup>.

Esta é a primeira tentativa de aplicação da genealogia na obra de Sadoc de Araújo. Com o passar do tempo, com mais fontes disponíveis sobre os homens e as mulheres tratados como os primeiros habitantes da cidade, ele vai mergulhando nessa abordagem, produzindo e repetindo nos verbetes que escreve pequenas intrigas que consolidam a presença pioneira e fundante daqueles personagens.

Falando sobre 1663, por exemplo, o autor ocupa duas páginas de sua obra para falar sobre o nascimento, sem data precisa, do Sargento-Mor Antonio Marques Leitão. O nascimento ocorreu na freguesia de Óbidos, em Portugal. O que esse fato teria a ver com a história de Sobral? O Sargento-Mor emigrou para o Ceará, casou-se com uma moça chamada Apolonia da Costa, eles “[...] eram um casal religioso e transmitiam educação cristã a seus filhos, três dos quais vieram residir na Ribeira do Acaraú, nas proximidades do local onde hoje se encontra a cidade de Sobral. [...]”<sup>392</sup>. Em sequência, o autor reproduz a lista de descendentes do casal, com destaque para a terceira filha, Quitéria Marques de Jesus, doadora de terras, junto ao seu marido, para a criação do Curato de N.S. do Acaraú,

Dos sete filhos do casal, três vieram residir na Ribeira do Acaraú e foram: 1. João Marques da Costa, fundador da Fazenda Marrecas [...]. 2. Antonio da Costa Leitão, sapateiro, morador da Fazenda Cruz do Padre [...]. 3. Quitéria Marques de Jesus, proprietária da Fazenda Caiçara que herdou de sua mãe, casou-se a 5 de março de 1738, com o Capitão Antonio Rodrigues Magalhães, filho do Cel. Luís de Oliveira Magalhães e Isabel Gonçalves, natural do Rio Grande do Norte. Antonio Rodrigues Magalhães faleceu a 3 de junho de 1757 e Quitéria Marques de Jesus faleceu a 31 de agosto de 1759. Doaram terra para a constituição do patrimônio da capela N.S. da conceição da Caiçara, berço de Sobral. Além destes, o casal teve ainda os seguintes filhos: 4. Domingas Marques da Costa que casou-se duas vezes [...]. 5. Geraldo Marques da Costa [...]. 6. Mateus Marques da Costa [...]. 7. Quintiliano Marques Leitão. O sargento-mor Antonio Marques Leitão, ao que parece, era irmão de Simão Marques Leitão, pai de Caetano Monteiro da Silva que se casou com a meia-índia Luzia, filha natural do Tenente Manoel Ferreira Fonteles e da índia Tapuia Luzia Ferreira, a 26 de novembro de 1733, de cujo casal provém grande descendência que povoou a Ribeira do Acaraú. O Sargento-mor faleceu, no Siupé, no dia 5 de março de 1758, com 95 anos de idade.<sup>393</sup>

Inicialmente, percebamos como um fato ocorrido distante espacialmente do que viria a ser a cidade de Sobral, o nascimento do Sargento-mor, em 1663, serve de pretexto para o autor construir uma intriga genealógica que informa os passos de seus descendentes. A partir de um

<sup>391</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800. Op. Cit.* p. 36.

<sup>392</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800. Op. Cit.* pp. 40 e 41.

<sup>393</sup> *Idem.*

fato ocorrido distante de Sobral, somos informados sobre as várias relações matrimoniais, os nascimentos e falecimentos, bem como sobre para onde esses sujeitos se moveram, a partir da rica documentação que Sadoc de Araújo teve acesso.

Ressalto que toda essa narrativa é sustentada por uma premissa: o casal Antonio Marques Leitão e Apolonia da Costa eram identificados por Sadoc de Araújo como religiosos e transmissores da educação cristã. Seus filhos são *formados* por essa educação, são *filiados* a ela. Como um dos primeiros habitantes do espaço que veio a se tornar Sobral, lançam as bases para se pensar a “*mãe-fecunda*” como filha de uma educação cristã. Com a genealogia concebendo esse entrecruzamento de biografias, atende-se a uma ordem lenta, gradual, de cumprimento de um *dever*.

Outros dois fragmentos do texto são fundamentais para o desenvolvimento da rica intriga que compõe o verbete. O primeiro, ao final da citação, é o esforço de mostrar não apenas a descendência de Antonio Marques Leitão, mas também seus laços de consanguinidade lateral com Simão Marques Leitão, de onde outra linha de descendência dos habitantes da Ribeira do Acaraú provém.

A segunda é a menção a Quitéria Marques de Jesus. Esta mulher reaparece em diversos momentos da obra. O ato de doação da terra para a construção da Igreja Matriz da Caiçara, junto a seu esposo, Antonio Rodrigues Magalhães, garante ao casal a posição mais destacada no panteão da história da cidade, com a alcunha de “fundadores de Sobral”. Em diversos momentos da *Cronologia Sobralense*, ao falar, em especial, da descendência do dito casal, Sadoc de Araújo os adjectiva como “fundadores de Sobral”. Talvez o melhor exemplo seja ao citar o matrimônio do casal, ocorrido em 1738.

**5 de março** (4ª-feira): Casamento do fundador de Sobral, Capitão Antonio Rodrigues Magalhães, natural do Rio Grande do Norte, filho do Coronel Luis de Oliveira Magalhães, natural de Sergipe d’El Rei e de Isabel Gonçalves, com a jovem Quitéria Marques de Jesus, natural do Siupé, filha do Sargento-mor Antonio Marques Leitão, português de Óbidos, e de Apolonia da Costa. A cerimônia religiosa foi realizada na capela de N. Sra. Da Soledade de Siupé (hoje município de São Gonçalo do Amarante). O novo casal fixou residência no Siupé, onde permaneceu até outubro de 1751, pelo menos, quando então vem definitivamente para a Fazenda Caiçara, berço de Sobral.<sup>394</sup>

A narrativa genealógica possui uma forma ligada à tradição judaico-cristã. Não admira a atenção dada a esse tipo de abordagem pelos padres produtores de passado. No livro do

---

<sup>394</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800. Op. Cit.* p. 164.

*Gênesis*, são apresentadas genealogias de personagens importantes para o judaísmo e para o cristianismo, como Abraão (Capítulo 25) e Noé (capítulo 10). A genealogia de Jesus é narrada no primeiro capítulo do livro do evangelista Mateus<sup>395</sup>, ela melhor explicita essa forma de narrar origens, não tão diferente, quase dois mil anos depois, da praticada pelos padres em Sobral.

Dom José é explícito ao dar destaque a Antonio Rodrigues Magalhães, e de forma secundária, a Quitéria Marques de Jesus. A ele é dedicado um capítulo, no qual além de elencar sua descendência, e os referidos casamentos, há citações retiradas de seus inventários e, por fim, a reprodução da escritura de doação de terras da fazenda Caiçara para a Igreja Católica. Dom José arrisca-se a dizer que os dois “foram os primeiros habitantes da Caiçara”<sup>396</sup>.

A ocupação do espaço do atual município de Sobral se dá, segundo a análise de dom José, por meio do protagonismo de Antônio Rodrigues Magalhães. É apenas a partir dele que a história de Sobral passa a ganhar um sentido, pois ele era o dono da Fazenda Caiçara, entendida pelo bispo como “berço de Sobral”<sup>397</sup>. Foi este personagem o responsável pela doação das terras que compuseram o primeiro curato<sup>398</sup>, oriundas da antiga fazenda. Estes detalhes, como a presença de doadores, evangelizadores e desbravadores compõem algumas das regularidades discursivas que constituem o mito de fundação da cidade, que se articula com o desenvolvimento do primeiro núcleo urbano, próximo às igrejas.

Mas os próprios dados biográficos, citados por Sadoc de Araújo, na citação que reproduzi mais acima, contradizem a versão elaborada por dom José, revelando que aquele casal pouco tempo morou na Ribeira do Acaraú, pois até “pelo menos” 1751, mantiveram-se longe mais de uma centena de quilômetros da cidade que os tem como patronos.

Não foi ter habitado o espaço o qual hoje pertence ao município de Sobral que garantiu a esse casal a fama de que desfrutaram e a monumentalização reservada a Antonio Rodrigues

---

<sup>395</sup> Segundo o livro de Mateus, “1Registro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão: 2Abraão gerou Isaque; Isaque gerou Jacó; Jacó gerou Judá e seus irmãos; 3Judá gerou Perez e Zerá, cuja mãe foi Tamar; Perez gerou Esrom; Esrom gerou Arão; 4Arão gerou Aminadabe; Aminadabe gerou Naassom; Naassom gerou Salmom; 5Salmom gerou Boaz, cuja mãe foi Raabe; Boaz gerou Obede, cuja mãe foi Rute; Obede gerou Jessé; 6e Jessé gerou o rei Davi. Davi gerou Salomão, cuja mãe tinha sido mulher de Urias; 7Salomão gerou Roboão; Roboão gerou Abias; Abias gerou Asa; 8Asa gerou Josafá; Josafá gerou Jorão; Jorão gerou Uzias; 9Uzias gerou Jotão; Jotão gerou Acáz; Acáz gerou Ezequias; 10Ezequias gerou Manassés; Manassés gerou Amom; Amom gerou Josias; 11e Josias gerou Jeconias e seus irmãos no tempo do exílio na Babilônia. 12Depois do exílio na Babilônia: Jeconias gerou Salatiel; Salatiel gerou Zorobabel; 13Zorobabel gerou Abiúde; Abiúde gerou Eliaquim; Eliaquim gerou Azor; 14Azor gerou Sadoque; Sadoque gerou Aquim; Aquim gerou Eliúde; 15Eliúde gerou Eleazar; Eleazar gerou Matã; Matã gerou Jacó; 16e Jacó gerou José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo. 17Assim, ao todo houve catorze gerações de Abraão a Davi, catorze de Davi até o exílio na Babilônia, e catorze do exílio até o Cristo”. A BÍBLIA. *A genealogia de Jesus Cristo* (Mateus, cap. 1, ver. 1-17). Disponível em: [https://www.bibliaon.com/mateus\\_1/](https://www.bibliaon.com/mateus_1/). Acesso em: 16 de jul. de 2020.

<sup>396</sup> FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. Op. Cit. p. 48.

<sup>397</sup> FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. Op. Cit. p. 25.

<sup>398</sup> O curato é uma antiga zona geográfica de atuação da Igreja Católica, onde havia um padre residente – o cura, mas que era submisso hierarquicamente a uma paróquia.

Magalhães em forma de busto. Foi o de ser o doador das terras que serviram para a construção da Igreja Matriz. Ser “fundador de Sobral”, para Sadoc de Araújo, ou serem “os primeiros moradores da Caiçara”, como prefere dom José, ganha centralidade e importância por causa da doação de terras para a Igreja Católica. O casal se transforma em fundador pois deu à luz a presença concreta da Igreja na região. Esta sim, como protagonista nas dinâmicas da cidade, na óptica de dom José e de Sadoc de Araújo, passou a ser a maior genitora de Sobral.

Essa constante forma de exprimir-se, o verdadeiro mito da fundação de Sobral, não se restringe a nomear que o casal foi o primeiro que doou tais terras. Estes personagens são apenas nuances de um desejo maior, o de filiar a terra a uma herança portuguesa, branca, católica. Talvez, dando-se conta disso, no livro com o sugestivo título de *Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú*, de 1991, Francisco Sadoc de Araújo modifica a avaliação de quem deveria ser entendido como “fundador da cidade”. Sadoc de Araújo reserva especial atenção, no penúltimo capítulo daquela obra, ao novo sujeito que ele elege como “o fundador de Sobral”<sup>399</sup>: o padre Lino Gomes Correia, que foi vigário na Igreja Matriz da Várzea, em Recife, e foi o visitador que motivou a fundação de um templo religioso na Caiçara, em 1742<sup>400</sup>. Para o clérigo:

Quem foi o fundador de Sobral? A resposta a esta pergunta dependerá preliminarmente do conceito que se fizer do que seja fundar uma cidade. Parece fora de dúvida que ninguém funda qualquer entidade, sem a intenção expressa de fazê-lo. O autor de uma obra é aquele que intencionalmente a executa, ou a faz executar, em seu nome, mediante a própria vontade determinada. Se assim é, a autoria da fundação de Sobral cabe ao Pe. Dr. Lino Gomes Correia<sup>401</sup>.

Nessa nova perspectiva, levando em conta a intenção e não apenas o ato de doação, o fundador de Sobral não foi o casal Antonio Rodrigues Magalhães e Quitéria Marques de Jesus, mas o sujeito que primeiramente pensou na fundação da urbe. O padre Lino, de origem portuguesa, teria esse status. Nessa versão, a Igreja, por meio de um de seus representantes, é colocada na própria origem da cidade.

A obra *Raízes portuguesas do Vale do Acaraú*, como um todo produz uma série de enunciados que consolidam uma visão onde brancos, “de boa linhagem” e católicos, multiplicaram-se e formaram a cidade. A obra dedica espaço a realizar a genealogia do que seriam as principais famílias responsáveis pelo processo de civilização das terras que hoje constituem o município. Cada capítulo do livro se refere a um núcleo familiar: Mendes e Vasconcelos, Linhares, Frotas, Rodrigues Lima, Araújo Costa e Lopes Freire seriam as famílias

---

<sup>399</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc. *Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú*. Op. Cit. pp. 173 a 182.

<sup>400</sup> *Ibidem*, p. 175.

<sup>401</sup> *Idem*.

que constituiriam as principais raízes genealógicas da cidade, todas com origem em Portugal, reproduzindo em terras de Sobral um ambiente reinol. Não é mera coincidência que o padre Sadoc de Araújo seja descendente de uma das famílias que ele considera como sendo as principais da cidade.<sup>402</sup>

É algo muito similar ao que fez, várias décadas antes, em 1922, Fortunato Alves Linhares, nas páginas finais de seu livro *Notas Históricas da Cidade de Sobral*. A partir da vigésima sétima página de seu texto, que tem um total de quarenta, Linhares passa a se dedicar a realizar a genealogia da família Xerez, dos descendentes de Arnaut de Hollanda e de Agostinho de Hollanda, e de sua família, os Linhares<sup>403</sup>. Essas famílias, consideradas nobres pelo clérigo, são os principais ramos de sua própria árvore genealógica. Portanto, a narrativa genealógica foi uma forma de atribuir para as suas próprias famílias e, por extensão, para eles próprios, centralidade na história da cidade, além de conferir ares de nobreza à autoimagem que construía.

Se Antonio Rodrigues Magalhães e Quitéria Marques de Jesus foram considerados, mesmo que temporariamente, os “fundadores de Sobral”, muito mais por sua relação com a Igreja Católica, outros dois sujeitos recebem a alcunha de “procriadores” ou, até mesmo, de “Adões” de Sobral, compondo mais um mito fundador para a cidade, com maior riqueza de elementos.

O primeiro personagem, que tem grande relevância para dom José, para o padre Lira e para o padre Sadoc de Araújo, é Manoel Vaz Carrasco e Silva, nascido em 1673, em Ipojuca, Pernambuco. Dom José dedica a ele um capítulo de *História de Sobral*, intitulado “As sete irmãs”, para demonstrar a importância genealógica do pernambucano para entender as origens da cidade, e o apresenta tendo vindo “[...] nos começos do século 18 para a ribeira do Acaraú, onde era geralmente conhecido pelo pai das sete irmãs, das quais procedem muitas famílias de Sobral, Licânia [Santana do Acaraú] e Acaraú”.<sup>404</sup>

Lira dedica a ele um trecho de sua obra *De Caiçara a Sobral*. O fragmento tem o título de “As sete irmãs, origem das famílias sobralenses” e nele, o padre basicamente reproduz as informações do texto de dom José e a genealogia por ele realizada<sup>405</sup>. Já a atenção de Sadoc de Araújo é mais detida. O clérigo informa que Carrasco se fixou na Fazenda Lagoa Seca, próxima

---

<sup>402</sup> Há que se destacar que esta obra também ganhou uma interface de ligação a um político local. Sadoc de Araújo dedica a obra “A José Parente Prado, Prefeito Municipal de Sobral; cuja valiosa colaboração tornou possível a publicação deste livro”. Uma foto do político, como um “santinho” das eleições, é reproduzida. (*Ibidem*, p. 4).

<sup>403</sup> LINHARES, Fortunato Alves. *Notas Históricas da Cidade de Sobral*. *Op. Cit.* pp. 280 a 293.

<sup>404</sup> FROTA, dom José Tupinambá da. *História de Sobral*. *Op. Cit.* p. 53.

<sup>405</sup> LIRA, João Mendes. *De Caiçara a Sobral*. *Op. Cit.* p. 35.

ao que corresponde hoje ao município de Bela Cruz. A análise do clérigo sobre a importância do pernambucano para a história de Sobral, mesmo tendo se fixado em terras pertencente, hoje, a outro município, está repleta de adjetivações:

Manoel Vaz Carrasco e Silva é o pai das célebres Sete Irmãs de cuja fecundidade maternal provém grande parte da família sobralense, como aliás de toda a Ribeira do Acaraú. A família Carrasco é de bom sangue e possuía brasão de armas no século XVII, sinal de nobreza e alta linhagem. As bases genéticas de grande parte da população branca da Ribeira do Acaraú, vem através dos Carrascos, tem [sic] ligação direta com a nobreza da Holanda, Portugal e Espanha. Quais sete colinas romanas, foram as Sete Irmãs o terreno fecundo em que se assentaram os alicerces sanguíneos da civilização nobre e cristã desta pequena porção da gleba cearense.<sup>406</sup>

Essa citação, em específico, ajuda a compreender os conceitos que Sadoc de Araújo mobilizou ao longo de sua obra. Enunciados como “bom sangue”, “sinal de nobreza” e “alta linhagem”, além de um suposto parentesco com famílias reais europeias, sustentam a relevância dessa família na povoação da região. Essas adjetivações são complementadas por uma metáfora de construção mítica, associando as sete irmãs às colinas romanas. É possuir uma base genética “nobre”, “branca”, “cristã” e “civilizada” o que distingue a Ribeira do Acaraú, cuja maior cidade é Sobral, de outros espaços, segundo a visão do clérigo. A noção de distinção que compõe o conceito de *sobralidade* ganha um preenchimento semântico ligado ao campo da “genética”, nas abordagens genealógicas de Sadoc de Araújo, ao flertar com uma perspectiva eugênica, em plena década de 1970. A cidade concebida à luz de a *Cronologia Sobralense* seria superior em vários aspectos, dentre eles, o biológico.

Outro Manoel, tratado como o “Adão” do Vale do Acaraú por Francisco Sadoc de Araújo, serve de suporte para a sustentação dessa argumentação em torno da ideia de distinção. Os outros clérigos ignoram esse outro Manoel em suas obras. Ele aparece em *Cronologia Sobralense*, quando se trata do ano de 1690, sendo o único fato relatado referente a essa data.

Mais uma vez chama a atenção o fato de que o evento ocorre distante do espaço que hoje tem o nome de Sobral. O verbete narra o nascimento, na cidade de Meixomil, em Portugal, de Manoel Ferreira Fonteles. Duas laudas do livro são dedicadas a relatar a descendência do português, que emigrou para o Ceará, viveu em Aquiraz e depois foi para a região do Vale do Acaraú. A justificativa para tal relato é que o português é “tronco de enorme descendência na Ribeira do Acaraú e vulto de singular importância no estudo da colonização desta região. É raro o sobralense branco de que dele não descenda”<sup>407</sup>.

<sup>406</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800. Op. Cit.* p. 46.

<sup>407</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800. Op. Cit.* p. 59.



O português ainda goza da atenção do livro, aparecendo em um novo verbete, quando de sua morte, em 30 de abril de 1761, havendo a reprodução de seu registro de óbito, consultado no “Livro de óbitos de Sobral” pertencente à Secretaria do Bispado. A justificativa para essa demasiada atenção é, mais uma vez, a de que o português deixou grande descendência, dentre ela, em especial, o próprio Sadoc de Araújo, que se coloca como exemplo, ao afirmar que: “Para se ter uma ideia, fazendo a árvore de costado de minha ascendência paterna e materna, constatei que dele descendo cinco vezes por via paterna e sete vezes por via materna”<sup>408</sup>.

Em *Raízes portuguesas do Vale do Acaraú*, em um capítulo intitulado “O Adão do Vale do Acaraú”, Sadoc de Araújo volta a justificar o apreço por Manoel Ferreira Fonteles,

O português Manoel Ferreira Fonteles foi o antigo povoador mais prolífico da ribeira do Acaraú. No ano de 1987 transcorreu o tricentenário de seu nascimento, motivo suficiente para que seu nome seja lembrado pelos milhares de descendentes, entre os quais estou incluído, e a oportunidade para que se aprofundem os estudos sobre as origens históricas da formação das primeiras famílias que se estabeleceram nesta parte do Ceará, que tem atualmente a cidade de Sobral como polo de desenvolvimento. Sua primeira fixação na região e a enorme descendência de que é origem o caracterizam como o verdadeiro Adão do Vale do Acaraú.<sup>409</sup>

Sadoc de Araújo reviu os dados cronológicos referentes à vida de Manoel Ferreira, não sendo 1690, mas sim 1687 a data de seu nascimento, corrigindo o erro em outra obra, mas o mantendo na segunda edição de *Cronologia Sobralense*. Todavia, quero destacar o fato de que o português Manoel Ferreira Fonteles goza de especial atenção do clérigo por ser um antepassado seu. Sadoc de Araújo empreende, assim, desde a *Cronologia Sobralense* um esforço para se inserir no enquadramento historiográfico que defende para a história da cidade, na qual homens brancos, cristãos, de “bom sangue” e com “raízes portuguesas” encarnam e são responsáveis pela distinção que adjetiva e qualifica a cidade de Sobral.

Se em *Cronologia Sobralense* Manoel Ferreira Fonteles ainda não é alcunhado de “Adão da ribeira do Acaraú”, dezessete anos depois, quando da escrita de uma nova obra, com toda autoridade e capital simbólico que Sadoc de Araújo passara a reunir, o português vem a ocupar a primazia na narrativa de gênese da população distinta de Sobral. Esse tipo de narrativa é costurada por uma retórica que se assemelha a de passagens bíblicas, indicando que a cidade tem diferenciais cristãos em sua história. Manoel Ferreira Fonteles, antepassado do clérigo, até então esquecido pela historiografia clerical, deveria ser *lembrado*, pois,

---

<sup>408</sup> *Ibidem*, p. 297.

<sup>409</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc. *Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense LTDA, 1991. p. 57.

Como ele, muitos outros portugueses fincaram profundas raízes no processo civilizatório da nação brasileira e continuam ainda esquecidos no Brasil, como em Portugal. A justiça da história exige que o exemplo da comunidade de Meixomil seja imitado, para o brilho da verdade e o ressarcimento da lesa gratidão<sup>410</sup>.

As noções de *civilização*, *verdade*, *história* e *justiça* são utilizadas para constituir o enquadramento da memória local, dando nela centralidade aos portugueses. Neles se via humanidade, neles se objetivava inventariar e inventar raízes. Mas não é só do “Adão do Vale do Acaraú” que Sadoc de Araújo evidencia sua “boa linhagem”. Discorrendo sobre o ano de 1776, o autor escreve dois verbetes sobre o dia 7 de janeiro, ambos falando de casamentos, mas, ao contrário do que faz ao longo de sua obra, opta por não unir os fatos em uma só narrativa. O primeiro, de Manoel Pereira de Sousa e Luíza Maria da Assunção<sup>411</sup>, avós paternos de José Antônio Pereira, o Padre Ibiapina, famoso fundador de casas de caridade nos sertões do Brasil. Entretanto, é o segundo verbebo que trata da mesma data que nos chama atenção:

**7 de janeiro** (3ª-feira): Na Matriz de Sobral, casamento de Antonio Matias Magalhães, filho do casal fundador de Sobral, Antonio Rodrigues Magalhães e Quitéria Marques de Jesus, com sua prima Teresa de Oliveira Pinto, filha do Sargento-mor João Pinto de Mesquita e Teresa de Oliveira. Este casal é quinto avô materno do autor deste livro.

O autor não resiste em tratar, novamente, de sua própria ascendência supostamente nobre, representada “pelo casal fundador de Sobral” e por um sargento-mor. Sadoc de Araújo não apenas enquadra a memória da cidade, quando publicou a primeira edição do livro, em 1974, mas se coloca dentro da moldura, produzindo uma autoimagem, reconhecendo-se como herdeiro de toda uma tradição que modela a própria história do município e da qual o próprio sacerdote é um dos principais arquitetos. Sadoc de Araújo se coloca como herdeiro da tradição portuguesa em seu autorretrato, além disso, seria descendente de uma “boa linhagem”, aquela que compunha a elite local, mantendo com elas laços não apenas sociais, mas sanguíneos, revelados em suas “raízes”.

Essa tentativa de se colocar no interior do próprio enquadramento da memória que realiza também é levada a efeito por dom José, embora de forma mais discreta, em seu *História de Sobral*. Ao fazer a genealogia do Capitão Domingos Rodrigues Lima, também em capítulo próprio, o bispo afirma que: “O Capitão Domingos Rodrigues Lima era de família nobre, como demonstra o registro de sua patente no Livro da Ouvidoria de Pernambuco”<sup>412</sup>, sendo que “dele

<sup>410</sup> *Ibidem*, p. 72.

<sup>411</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800*. Op. Cit. pp. 326 a 328.

<sup>412</sup> FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. Op. Cit. p. 57.

descendem D. José Tupinambá da Frota, Bispo de Sobral, Monsenhor Diogo José de Sousa Lima, Conego Domingos Rodrigues Araújo e, em geral, os Rodrigues Lima da povoação de Patriarca (antigo São José) e seus arredores”<sup>413</sup>.

A produção de uma memória nobiliárquica para dom José é continuada por Lira e por Sadoc de Araújo. Em *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo de Sobral*<sup>414</sup>, obra escrita por Lira, há um capítulo de três páginas, 10 a 12, intitulado “A Genealogia de Dom José Tupinambá da Frota”. Mais à frente, em outras onze páginas, entre a página 20 e a 30, de um total de 142, há outro capítulo intitulado: “Considerações em torno dos antepassados de Dom José”, no qual ele continua a realizar a enunciação das raízes genealógicas do bispo.

Na *Cronologia Sobralense*, dom José parece ser um fantasma a atravessar toda a obra de seu sucessor Sadoc de Araújo. Seu nome aparece cuidadosamente distribuído desde o volume 1 até o volume 5 da obra em apreço. O clérigo viveu entre os anos de 1882 e 1959, anos abarcados pelos volumes 4 e 5 da obra de Sadoc de Araújo, todavia ele se faz presente desde o primeiro volume, no qual se pode ler a seguinte dedicatória: “A Dom José Tupinambá da Frota, primeiro Bispo, historiador e segundo construtor de Sobral, homenagem final”<sup>415</sup>. Ao longo de todos os volumes, Sadoc de Araújo vai fazendo o acompanhamento da genealogia do prelado, tomando a vida do bispo e de seus ascendentes como marcos fundamentais do tempo e da história da cidade, tal como narrada por seus sucessores.

Bispo e padres não escrevem as genealogias apenas para demonstrar uma suposta origem nobre da cidade, mas sim para construir autoimagens que os tornam personagens da própria história que escrevem, para se dizerem herdeiros de “boa linhagem” e, portanto, também, atribuidores de distinção ao lugar onde nasceram ou onde vivem. Um outro passo para a formulação de imagens de si e modelos de enquadramento da história da cidade foi a realização de biografias pelos padres que fabricaram passados para Sobral.

#### 4.3 ARQUEOLOGIA DO NARRAR BIOGRÁFICO DOS PADRES DE SOBRAL

Sou guiado por minhas memórias. Vejo-me em Sobral, em meados da minha adolescência, em um ano incerto, mas em um mês preciso: setembro. Como sei? Escuto pessoas

<sup>413</sup> FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. pp. Op. Cit. 57 e 58.

<sup>414</sup> LIRA, João Mendes. *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota: primeiro Bispo de Sobral*. (1882 – 1982). Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1982.

<sup>415</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1604 – 1800*. Op. Cit. p. 13.

falarem. As vozes dizem algo mais ou menos como: “Nunca houve um sobralense tão ilustre”; “É o maior benfeitor de Sobral”; “É o segundo fundador da cidade”; “É o mais importante filho dessa terra”. Lembro de me serem entregues papéis de diferentes formatos, distribuídos pelos agentes que anunciam aqueles discursos. Ao olhá-los, percebo que são panfletos e edições especiais do jornal local, estampando um retrato de um dado personagem, junto a propagandas de variadas lojas, empresas e personagens políticos, que tentam aproximar a sua imagem ao nome e imagem do homenageado. É setembro! Sei bem, porque este mês em Sobral tem dono. É o “Setembro de dom José”<sup>416</sup>!

A narrativa ganha movimento, mesmo tendo enunciados aparentemente tão estáticos, repetidos à exaustão, mas nunca despojados de sua própria historicidade. Os discursos parecem soltos no tempo<sup>417</sup>, ganhando novos sentidos por meio de outras temporalidades que os reproduzem.

Dom José Tupinambá da Frota, bispo em Sobral entre 1916 e 1959, foi tema de incansáveis biografias. Sua vida foi escrita por diferentes agentes, em especial clérigos, que, incessantemente, prezaram por erigir um quadro a ser observado pela cidade. Um mesmo esboço pintado várias vezes, como a obsessiva tentativa de chegar a uma tela final, acabada, deixando os antigos esboços, pintados por outrem, no esquecimento. Como um pintor ou um fotógrafo, os padres produziram quadros ou retratos. Ao longo do tempo, com a repetição dos enunciados, a sensação é a de que, um a um, eles ocuparam o mesmo lugar na antessala<sup>418</sup>, focalizando o retratado de um ponto similar. Todavia, a antessala, a partir da qual os quadros e retratos são feitos, não é fixa no tempo.

Como sabemos, Sobral é uma cidade de porte médio, da região noroeste do Ceará, que se transformou em um centro de poder religioso, a partir de 1916, com a sagração de dom José (1882-1959), até então vigário, como primeiro bispo da nova diocese. O processo de expansão de dioceses no Brasil é algo sensível, entre o final do século XIX e começo do século XX, em um movimento de reposicionamento estratégico da Igreja Católica, após o fim do regime do Padroado, em 1890, logo após o início da experiência republicana.

---

<sup>416</sup> Dom José Tupinambá da Frota nasceu em 10 de setembro de 1882 e faleceu em 25 de setembro de 1959. Esses marcos sustentam as comemorações de seus feitos no referido mês, por diferentes instituições, com destaque para a Diocese de Sobral.

<sup>417</sup> “O mito, com efeito, o discurso que narra um acontecimento que não ocorreu, o que, mais precisamente, não tem lugar mais que na narração”. Na tradução em espanhol: [“Es mito, em efecto, el discurso que narra un acontecimiento que no tuvo lugar, o que, más precisamente, no tiene sitio más que em la narración”]. CERTEAU, Michel de. *Una política de la lengua: la Revolución Francesa y los patois: la encuesta Gregorio*. Tradução em espanhol de Marcela Cinta. Cidade do México: Universidad Iberoamericana, 2008. p. 60.

<sup>418</sup> Ver: KRACAUER, Siegfried. *Historia: las últimas cosas antes de las últimas*. Tradução em espanhol de Guadalupe Miranda e Agustín D’Ambrosio. Buenos Aires: Ças Cuarenta, 2010. p. 219.

Ao longo das décadas seguintes à sagração episcopal de dom José, que teve um longo episcopado até 1959, a cidade foi palco de várias intervenções por parte da Igreja, a fim de consolidar a influência institucional católica. Foram fundados um jornal (Correio da Semana – 1918), um seminário (São José – 1925), um hospital (Santa Casa de Misericórdia de Sobral – 1925), um banco (Banco Popular – 1927), colégios para moças (Sant’Ana – 1934) e rapazes (Sobralense – 1934), um museu (Museu Diocesano – 1951), um abrigo de caridade (Abrigo Coração de Jesus – 1953), entre diversas outras iniciativas.

Há cem anos, a biografia do bispo é elaborada e reelaborada por clérigos, abordando os fatos vivenciados por dom José e, ao mesmo tempo, deixando transparecer os afetos, a admiração e os ressentimentos de seus biógrafos, que foram seus subordinados eclesiásticos, em algum momento de seu longo episcopado. Regularidades discursivas e operações de silenciamentos podem ser identificadas nas obras, ao colocarmos lado a lado os discursos.

Partimos da premissa que biografar um clérigo era uma forma de angariar ascensão no interior da hierarquia eclesiástica. A biografia é um rico gênero de produção de acontecimentos discursivos que possibilitam estudar os jogos de relações pessoais que ela descreve e que a possibilita ser escrita. Esta modalidade de escrita era marcante nos episcopados em todo o Brasil. Segundo Sergio Miceli, em importante estudo sobre a formação dos episcopados brasileiros, entre o fim do século XIX e início do XX,

A massa considerável de documentação acessível a respeito do clero, mormente sobre os integrantes da alta hierarquia, foi produzida pelos próprios membros da organização eclesiástica ou por intelectuais católicos especializados no trabalho de propaganda e celebração<sup>419</sup>.

A esse primeiro momento, devemos as biografias escritas por Vicente Martins da Costa<sup>420</sup> (em 1920 e 1926), com premissas santificadoras, flertando com o modelo hagiográfico. Passados mais de cinquenta anos, ao se comemorar o centenário de nascimento de dom José, os dois outros padres que conviveram com o bispo, em suas últimas décadas de vida, João Mendes Lira (1982) e Francisco Sadoc de Araújo (1982), publicam biografias sobre o bispo.

Vicente Martins da Costa, Francisco Sadoc de Araújo e João Mendes Lira, clérigos, fundaram, cada um a seu modo, mas com grandes similitudes, uma narrativa mítica a partir da biografia do bispo dom José Tupinambá da Frota, que conviveu, em diferentes momentos, com

<sup>419</sup> MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira: 1890 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 39.

<sup>420</sup> COSTA, Vicente Martins da. Notas biographicas do Clero Sobralense. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará, ano XXXIV*, 1920 e COSTA, Vicente Martins da. Don José Tupinambá 1º bispo de Sobral (Biographia). In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará, ano XL*, 1926.

todos eles, e acabou por se tornar o signo a ser cuidadosamente polido pelas artes da política, sendo elemento retórico fundamental para as capilaridades dos mais variados discursos na cidade, notadamente do discurso institucional da Igreja.

Como nos adverte Deleuze, “fundar é sempre fundar a representação”<sup>421</sup>. Várias fundações dessa monumentalização estão assentadas na imagem de dom José e se materializam por meio da historiografia clerical. Ela se caracteriza pela repetição de enunciados, e “se a repetição existe, ela exprime ao mesmo tempo uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um notável contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência”<sup>422</sup>. Singular, universal, notável e instantâneo são conceitos que compõem, em variados momentos, os contornos da batina do bispo, ajudando a formar as imagens que dão sentido ao conceito de *sobralidade*. Iremos analisar como essas repetições se dão, problematizando a composição mítica que ela provoca e suas relações com uma dada ordem do tempo.

#### 4.3.1 As produções de biografias pelos clérigos de Sobral

Antes de abordarmos as obras que tratam do primeiro bispo de Sobral, tratemos, rapidamente, das outras biografias escritas por clérigos. Vicente Martins da Costa é o primeiro a produzir uma variedade de biografias, aparentemente, a fim de construir um passado, primeiramente para o clero e, posteriormente, para o restante da elite de Sobral. Ele publica diferentes obras sobre homens considerados notáveis – quase que exclusivamente – da região. A primeira obra de cunho biográfico desse clérigo são as *Notas Biográficas do Clero Sobralense*, publicadas na *Revista do Instituto Histórico do Ceará*<sup>423</sup>, em 1920. No artigo ele narra, de forma fragmentária, por meio de verbetes, organizados em ordem alfabética, a vida de setenta e nove clérigos. O texto ainda conta como uma segunda parte, publicada na mesma revista, entre 1940 e 1941, composta de sessenta e sete biografias.

As informações recorrentes, que compõem a grande quantidade dos textos, são: as datas de nascimento e morte, a cidade onde nasceram, o local onde estudaram e algum fato relevante de suas vidas. São o que o professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, citando Roland Barthes, chama de biografemas, que “são, assim como os fonemas para uma frase, as menores

<sup>421</sup> DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. p. 363.

<sup>422</sup> DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. *Op. Cit.* p. 19.

<sup>423</sup> COSTA, Vicente Martins da. *Notas biográficas do Clero Sobralense*. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano XXXIV, 1920.

unidades do discurso biográfico e que o sustentam”<sup>424</sup>. Os textos de Vicente Martins são, em geral, textos curtos, embora ele possa se estender sobre a vida de algum de seus biografados, acrescentando outras informações aos biografemas presentes nos verbetes, em algum artigo escrito para jornal.

Em 1941, Vicente Martins também publica uma obra biográfica sobre membros da elite da cidade que não faziam parte do clero. Dedicada a dom José e às comemorações do centenário de Sobral como cidade, o livro *Homens e Vultos de Sobral*, sua mais famosa obra, que conta com a narrativa de trezentos e noventa e seis pequenas biografias, todas obedecendo a uma estrutura similar, composta pelos mesmos biografemas: ano, local de nascimento e morte, profissão e algum fato marcante da história do biografado.

Desde a abertura do livro, ele expõe sua visão sobre a relevância das biografias que escreve: “Homenagear o povo sobralense, esse povo operoso, culto, industrial, dinâmico, patriota, valoroso, essencialmente progressista e fidalgamente aristocrata, de tradição histórica e gloriosa, pelo festivo centenário da formação da cidade, é o objetivo deste trabalho”<sup>425</sup>. Reduzindo, assim, o povo da cidade a alguns de seus próceres, homens de posses e de poder político.

Essa concepção praticada por Vicente da Costa Martins lembra muito a praticada pelos historiadores positivistas. O historiador Benito Schmidt, refletindo sobre a influência da de tal perspectiva sobre o fazer biográfico, afirma que

[...] esta historiografia centra seu foco nos homens ligados às elites políticas, militares, sociais e culturais a quem se atribui o fazer da história. Partindo destes referenciais, os biógrafos positivistas celebram os *heróis* da sociedade, dignos de servirem de exemplo para seus contemporâneos.<sup>426</sup>

Tal forma de fazer relatos biográficos parece influenciar bastante o trabalho de Francisco Sadoc de Araújo. Praticamente dando continuidade ao trabalho de Vicente Martins da Costa, sem, no entanto, citá-lo, nem fazer dele merecedor de um relato biográfico, em 1985, o clérigo lança *Dicionário Biográfico de Clérigos Sobralenses*. O texto faz o relato da vida de oitenta e dois clérigos, inclusive da vida do próprio Sadoc, que se notabiliza, assim, pelo narcisismo, em cento e oitenta e oito páginas. Sadoc de Araújo justificava o trabalho biográfico

<sup>424</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019. p. 122.

<sup>425</sup> COSTA, Vicente Martins da. *Homens e Vultos de Sobral*. Sobral: [s.n.], 1941. p. 6.

<sup>426</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. In.: *Anos 90, [S. l.]*, v. 4, n. 6, p. 165–192, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6178>. Acesso em: 21 fev. 2023.

da seguinte maneira: “Como a história é construída pela atividade humana, tudo o que ela narra são dados biográficos de alguém”<sup>427</sup>.

Além do *Dicionário Biográfico de Sacerdotes Sobralenses*, outras duas biografias escritas por Sadoc de Araújo merecem ser citadas. A primeira intitula-se *Cordeiro de Andrade: jornalista perdido na ficção*, também de 1985, que discorre sobre a vida do jornalista José Cordeiro de Andrade (1908-1943), que foi proprietário do periódico *O Rebate*, na década de 1930, e foi vítima de acirrada perseguição política pelas oligarquias que controlavam o poder no município. Dez anos depois, em 1995, Sadoc de Araújo lança *Padre Ibiapina: Peregrino da Caridade*, em homenagem ao famoso clérigo sobralense José Antônio de Maria Ibiapina (1806-1883), fundador de várias casas de caridade, no século XIX, em várias províncias do Norte do país.

João Mendes Lira também escreve biografias, mas, em vez de se dedicar a fazer relatos breves de uma série de biografados, como fizeram Vicente Martins e Sadoc de Araújo, optou por escolher alguns sujeitos que considerava serem protagonistas da história da cidade para biografar. *Sobral na História do Ceará e a Personalidade do Padre Ibiapina*, de 1975 ensaia uma biografia do famoso clérigo, duas décadas antes do texto escrito por Sadoc de Araújo. Já o livro *Vida e obra de Domingos Olympio* discorre sobre a vida de Domingos Olympio Braga Cavalcanti (1851 – 1906), importante literato, fundador do Theatro São João e escritor do romance naturalista *Luzia Homem*, que é ambientado em Sobral.

De modo geral, os três padres que escreveram biografias, escolheram personagens considerados importantes para a cidade de Sobral, a fim de destacá-los como expoentes, como personagens modelares, como encarnando o ideário de “civilização”, de “intelectuais cristãos”. Nesse sentido, parece que, mais que todos os outros biografados, um sujeito reunia, na perspectiva de seus biógrafos, todos esses predicados: dom José Tupinambá da Frota.

As biografias escritas por padres sobre o primeiro bispo de Sobral, protagonista nas relações de poder na cidade, em um momento em que a Igreja Católica empreendeu, a partir do que é conhecido como processo de romanização, uma nova forma de intervenção no Estado e na vida pública, após o fim do regime do Padroado, com a criação de diversos instituições, ampliando sua presença na vida social e no cotidiano da população da cidade, como: hospitais, escolas, jornais e seminários, evidenciam tensões internas a Igreja e operações de silenciamentos que atingiam esses textos.

---

<sup>427</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Dicionário Biográfico de Sacerdotes Sobralenses*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1985. p. 7.



A narrativa escrita pelos clérigos se baseia no que *viram* e no que *ouviram*, tanto quanto em tudo que leram. É marcada por afetos, por sentimentos e emoções, nem sempre positivas entre o biógrafo e o biografado. Para fazer uma história dessa historiografia de cunho biográfico, inspiro-me em François Hartog que, por sua vez, teve como intercessor Michel Foucault, quando nos lembra que “[...] o visível não é um dado imutável. Deve ser possível fazer uma história do olho e do visível. [...] Escrever uma arqueologia do olhar historiador seria interessante”<sup>428</sup>.

#### 4.3.2 As hagiobiografias de Vicente Martins da Costa

Vicente Martins da Costa foi um clérigo que passou a maior parte de sua vida sacerdotal como vigário de Granja, cidade distante cerca de cem quilômetros de Sobral, interligadas, desde 1882, por uma ferrovia, que tinha como extremidade Camocim, município vizinho a Granja. Na juventude, ele estudou no seminário de sua cidade natal, Fortaleza.

O clérigo demonstrou apreço pela pesquisa e pela escrita, publicando na *Revista do Instituto do Ceará*, ao longo da década de 1910, em duas partes, uma *Notícia Histórico-Chorographica da Comarca de Granja*. Em 1915, com a criação da Diocese de Sobral, pelo Papa Bento XV, Granja passa a ser parte da possessão eclesiástica da nova diocese, deixando de compor o patrimônio episcopal de Fortaleza. Com a posse de dom José, em 1916, Vicente Martins necessitaria de bem menos tempo para poder pedir a bênção ao seu bispo, bastando se deslocar até a cidade próxima de Sobral, em vez de ter que ir até a distante Fortaleza.

No mesmo ano, ele publicou uma primeira biografia sobre dom José, no jornal com o sugestivo título de *A Crença*, que circulava em Granja, sob direção do próprio Vicente Martins da Costa. Não tivemos acesso a esse texto no original, mas a uma reprodução dele em outro artigo, de 1926. Em 1920, como já dissemos, o clérigo publica um novo artigo na *Revista do Instituto do Ceará*, intitulado *Notas Biographicas do Clero Sobralense*, demonstrando interesse e apreço por seus pares, que viveram ou nasceram na sede de sua diocese.

Nesse artigo, temos uma pequena biografia de dom José. Em seis parágrafos, que ocupam pouco mais da metade de uma das cinquenta e três páginas do texto, Vicente Martins da Costa cita a ascendência do bispo, sua trajetória de estudante, desde Sobral até Roma, bem como a formação e sagração como padre (1905), a experiência como docente em São Paulo (1907) e a experiência como vigário (1908-1916) e Bispo de Sobral, a partir de 1916. No último

---

<sup>428</sup> HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 297.

parágrafo do texto, no entanto, revela a intenção de publicar um texto maior sobre o bispo, ao afirmar que: “Em outro número da Revista do Instituto será publicada sua biographia”<sup>429</sup>.

O texto anunciado é publicado na *Revista do Instituto do Ceará* em 1926. Ele pode ser dividido em três partes: na primeira, que corresponde, segundo o autor, ao texto publicado em 1916 no jornal *A Crença*, há uma descrição hagiográfica de dom José, na qual aspectos factuais da vida do bispo são narrados com ornamentos míticos. Por exemplo, falando dos estudos do futuro prelado ainda em Sobral, Vicente Martins afirma que: “[dom José fez seus estudos] com notável brilhantismo, demonstrando bem cedo, aos doze anos, com admiração de seu mestre e de seus pequenos condiscípulos, que era uma águia implume talhada para vôos altaneiros”<sup>430</sup>. Outros trechos evidenciam um sujeito próximo a Deus nas orações, sempre envolto numa aura de predestinação.

Em uma segunda parte, há a narrativa da primeira década de dom José à frente da Diocese de Sobral, compondo uma intriga que privilegia a faceta do bispo como “benfeitor” e “construtor”, ao citar suas ações de intervenção no espaço urbano da cidade e na administração episcopal. Em uma sequência de tópicos<sup>431</sup>, Vicente Martins compõe a estrutura narrativa sobre a vida do bispo, que foi reproduzida por inúmeros outros discursos, que associam dom José à história de Sobral. Ele cria imagens que tem longo curso como: a do prelado interventor na estrutura urbana na cidade, sendo, inclusive, muitas vezes, mais relevante para os progressos do município do que os prefeitos da cidade, que é uma autoridade raramente citada pela historiografia produzida pelos padres<sup>432</sup>.

O veículo de divulgação, a *Revista do Instituto do Ceará*, demonstra o desejo de Vicente Martins da Costa de ver a historiografia que escreve ser reconhecida academicamente. É um movimento comum a historiografia desse período. Como afirma o historiador Tiago Pires,

As biografias eclesiásticas de fins do século XIX e início do XX se apropriaram de alguns elementos da historiografia brasileira que circulavam nessa conjuntura, perpassando pelas concepções históricas e narrativas das biografias do Instituto

<sup>429</sup> COSTA, Vicente Martins da. Notas biographicas do Clero Sobralense. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano XXXIV, 1920. p. 186.

<sup>430</sup> COSTA, Vicente Martins da. Don José Tupynambá 1º bispo de Sobral (Biographia). In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano XL, 1926. p. 100.

<sup>431</sup> “Zelo Apostólico”, “Educação e Mocidade”, “Correio da Semana”, “Círculo Catholico”, “Seminário”, “Ordenação”, “Visita Pastoral”, “Retiro do Clero”, “Conferencias Eclesiásticas”, “Instituições” e “Obras Materiais”. *Ibidem*, p. 116 a 123.

<sup>432</sup> No tópico “Obras Materiais”, Martins afirma que “Além do predio do Circulo Catholico construido por Sua Excia., nota-se a bela e pitoresca casa de campo, a ‘Betania’, para residencia episcopal, começada em Dezembro de 1918 e concluída e inaugurada em 1919, em cujas obras foram pendidos 12:000\$000 (doze contos de réis); e a elegante e sumptuosa capella da <<Betania>>”. *Ibidem*, p. 122.

Histórico e Geográfico Brasileiro e mesmo da historiografia do início do século XX<sup>433</sup>.

O longo artigo, de trinta e oito páginas, há ainda espaço reservado, em sua terceira parte, para a reprodução de dois discursos proferidos no dia da posse do bispo, em 1916, atribuídos a José Clodoveu Arruda, então juiz da cidade, e ao Desembargador Antônio Ibiapyna, natural da cidade de Ipu, município que também fazia parte da nova diocese.

Um dado componente de santificação do bispo é próprio do gênero hagiográfico<sup>434</sup>, ela se mistura com uma perspectiva um pouco mais objetiva da narrativa de vida do bispo, adicionando à reprodução de fontes uma outra modalidade de pacto narrativo. Hagiografia e biografia se misturam em um mesmo texto, compondo um discurso misto, algo que intitulo como hagiobiografia.

O texto de Vicente Martins da Costa, publicado em 1926, dava conta apenas dos primeiros quarenta e quatro anos de vida de dom José. A urgência em escrever uma história de vida tão precoce revela o quão valoroso era escrever biografias sobre outros clérigos para os padres do final do século XIX e do começo do século XX. É um movimento observado em toda a historiografia brasileira, segundo Sergio Miceli,

Uma parcela das biografias é de autoria de padres com pretensões (e chances objetivas) de acesso ao episcopado, ou, como se diz no interior da Igreja, de “candidatos à mitra”, empenhados em relatar a trajetória de seus antecessores hierárquicos como passo de uma estratégia antecipada de canonização<sup>435</sup>.

Vicente Martins da Costa pode ser entendido como um clérigo candidato à mitra. Teve intensa atividade clerical, além de ser um vigário presente, que fundou templos religiosos e que foi homenageado, inclusive, como já citamos no primeiro capítulo, com o seu nome sendo dado a uma cidade, Martinópolis, antigo distrito de Granja. O clérigo fez viagens relevantes, como a peregrinação à Roma, em 1925, acompanhado de parte da alta cúpula do clero brasileiro, além de ter participado do Congresso Eucarístico Internacional de Buenos Aires, em 1934.

Lembremos que, a partir de 1936, Vicente Martins da Costa se tornou vigário da Paróquia de N.S. do Patrocínio, importante divisão eclesiástica da cidade de Sobral. Deixa sua marca na cidade com a construção de um importante monumento, um Cristo Redentor,

<sup>433</sup> PIRES, Tiago. Para além da escrita hagiográfica: biografias católicas e cultura histórica no Brasil em fins do século XIX e início do XX. In.: *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*. Rio de Janeiro, Ouro Preto-MG, volume 9, número 22, 2016. p. 215.

<sup>434</sup> DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 137.

<sup>435</sup> MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira: 1890 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 39.

copiando, em escala menor, o que fora construído pelo Cardeal Leme na cidade do Rio de Janeiro. Integrou-se na vida das elites do município e lançou, como já citamos, em 1941, o livro *Homens e vultos de Sobral*, um compêndio de biografias dos homens que compuseram a elite de Sobral desde o século XVIII. Ele adoeceu e faleceu na cidade de São Paulo, em 1948.

### 4.3.3 Lira e Sadoc: escritas entre afetos e repetições

Em 1982, sob o longo episcopado de dom Walfrido Teixeira Vieira (1965 – 1998), foi organizada, em Sobral, uma ritualística de comemoração para os cem anos de nascimento de dom José Tupinambá da Frota. Entre missas solenes, discursos e festas, dois textos ganham nossa especial atenção: *A vida e obra de Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo de Sobral*, de João Mendes Lira, e *Traços Biográficos de Dom José Tupinambá da Frota*, de Francisco Sadoc de Araújo. Passados vinte e três anos da morte do prelado, parecia que o que Michel de Certeau chamava de *rito de sepultamento*<sup>436</sup>, ou seja, trazer o morto novamente à vida a partir da narrativa histórica, para enterrá-lo novamente, era instaurado.

Os dois clérigos, principais historiadores da cidade na época e professores da Universidade Vale do Acaraú – UVA, criaram relatos que se aproximam, em alguns momentos, e que se diferenciam e antagonizam em outros. A influência da hagiobiografia do bispo, escrita por Vicente Martins da Costa, é latente, sendo um interlocutor de Lira e quase que um modelo para Sadoc de Araújo, mesmo que ele não faça referência diretamente a seu escrito. Cada qual se entrega à *ilusão biográfica*, na qual, como afirma Pierre Bourdieu: “O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o *postulado do sentido da existência* narrada (e, implicitamente, de qualquer existência)”.<sup>437</sup>

Como já vimos, antes de criarem sentidos para a biografia de dom José, os dois clérigos alcançaram prestígio intelectual na cidade, na década anterior, com a publicação de uma grande quantidade de obras sobre a cidade de Sobral, auxiliando na consolidação de uma visão de cidade com “ricas raízes” que deveria se voltar para o progresso, como se houvesse uma predestinação para os habitantes de Sobral.

Lira teve uma relação marcada por afetos e dissabores com dom José, especialmente por conta do atrito entre ele e o padre José Palhano de Saboia, ocasião em que o bispo tomou partido

<sup>436</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 107.

<sup>437</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 194.

pelo outro clérigo, ao passo que Sadoc de Araújo teve uma trajetória um pouco mais distanciada do bispo. Sadoc de Araújo ficou pouco mais de dois anos como seu subordinado, já que dom José faleceu, em 25 de setembro de 1959.

Sadoc de Araújo teve uma trajetória muito ligada à burocracia institucional da Igreja, com destaque para a dimensão educacional. Trabalhou na Cúria Diocesana, onde entrou em contato com os arquivos da Igreja Católica. Foi professor do Seminário São José, da Faculdade de Filosofia, fundada em 1961, e fundador e primeiro reitor da Universidade Vale do Acaraú – UVA, ainda como uma fundação municipal, em 1968. Foi membro também, por décadas, do Conselho de Educação do Ceará<sup>438</sup>.

A trajetória desses dois sacerdotes talvez ajude a explicar as escolhas que fizeram na hora de escreverem a história de vida de dom José, ambas publicadas em 1982. O gesto não tem a mesma motivação daquele realizado por Vicente Martins, ou seja, erigir uma memória sobre o bispo e alcançar uma ascensão na hierarquia eclesiástica, mas, sim, a de defender o legado deixado pelo prelado (Sadoc de Araújo) ou questioná-lo (Lira).

Enquanto Sadoc de Araújo, por exemplo, constrói a imagem de um dom José estudioso, reproduzindo, em sua biografia, o mesmo perfil delineado por Vicente Martins, alcunhando-o de “águia altaneira”<sup>439</sup>, Lira contesta essa imagem ao criticar sua personalidade, aproveitando-se de um contato mais próximo:

Morei muitos anos com D. José não só como seminarista, mas também como Padre. Isto me permitiu observar atentamente todo o seu espírito, ora extremamente nervoso, algumas vezes incontrolável, em determinadas ocasiões muito paterna, freqüentemente vaidoso, muito inclinado para as elevações<sup>440</sup>.

A perspectiva santificadora e laudatória assumida por Sadoc de Araújo é deixada de lado por Lira, que opta por expor um sujeito marcado por contradições e conflitos. O fato de ter morado com o bispo, de ter convivido com ele, parece ser o que confere autoridade a seu discurso. Lira concebia sua atividade como estando desafiada a conceber uma perspectiva humana para um ser repetidas vezes santificado. Segundo o autor,

Traçar um retrato de D. José, falar de sua personalidade, de suas inumeráveis realizações, de seu paróquiato, de seu longo episcopado, de suas visitas pastorais, de

---

<sup>438</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Dicionário biográfico de sacerdotes sobralenses*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1985.

<sup>439</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Traços biográficos de Dom José Tupinambá da Frota*. Sobral: [s.n.], 1982. p. 7.

<sup>440</sup> LIRA, João Mendes. *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota: primeiro Bispo de Sobral*. (1882 – 1982). Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1982. p. 3.

formação de seus Padres, da sua maior conquista no campo sócio-cultural que foi o Museu Diocesano, do seu relacionamento com os políticos, da sua convivência com os vigários, da maneira como tratava os seminaristas, da sua intromissão no campo temporal, que lhe trouxe tantos dissabores e tantas angústias, requer um estudo muito profundo e uma análise meticulosa de tudo quanto ele escreveu e pensou<sup>441</sup>.

Assim como um pintor ou um fotógrafo, cada um dos padres, a seu modo, cria um quadro ou retrato do bispo, preparado cuidadosamente em uma antessala, como a entende Siegfried Kracauer, pois “[...] o historiador se entrega às últimas coisas antes das últimas, instalando-se em uma área que tem o caráter de uma antessala. (Embora, é esta ‘antessala’ a que respiramos, nos movemos e vivemos)”<sup>442</sup>. Ao nos apropriarmos da metáfora do historiador como um fotógrafo, tal como se encontra em Kracauer, avaliamos que a antessala de que se serve Lira para a escrita de seu texto parece ser bem distinta da que se serve Sadoc de Araújo.

Os retratos de dom José, pintados por cada um deles, representam o bispo em poses diferentes. É mergulhando na narrativa realizada por Lira que podemos perceber que ela está atravessada por uma gama de ressentimentos nutridos pelo clérigo em relação ao seu ex-bispo. Fazendo analogia com o destino que teriam os “grandes homens da história”, Lira conclui que dom José, assim como eles, “morreu sem amigos, entrando para a história com um grande saldo negativo”<sup>443</sup>.

As diferenças de escrita e relato entre Sadoc de Araújo e Lira revelam que eles, apesar de fazerem parte da Igreja Católica, teciam seus enredos em diferentes antessalas, tomando posição a partir de diferentes instâncias da instituição, ocupando *lugares sociais de produção* distintos. Cada clérigo, apesar de compor o organograma da Igreja Católica, ocupa lugares, no espaço e no tempo, diferentes. Os três vivenciaram experiências diferentes em suas funções eclesiais, ocupando diferentes funções no exercício do catolicismo, bem como outras atividades laborais, como a docência.

A imagem do dom José construtor, “benfeitor”, é potencializada nos textos que sucederam o de Vicente da Costa Martins. Mesmo sem citá-lo, Sadoc de Araújo se aproxima de boa parte do texto do sacerdote que o antecedeu, embora adote, em linhas gerais, a trama narrativa da vida do bispo, que foi por ele organizada, privilegiando as diversas facetas positivas

---

<sup>441</sup> *Idem*.

<sup>442</sup> KRACAUER, Siegfried. *Historia: las últimas cosas antes de las últimas*. Tradução em espanhol de Guadalupe Miranda e Agustín D’Ambrosio. Buenos Aires: Ças Cuarenta, 2010. p. 222.

<sup>443</sup> LIRA, João Mendes. *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota: primeiro Bispo de Sobral*. (1882 – 1982). Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1982. p. 3. p. 70.

de dom José<sup>444</sup>. O silêncio acerca de seu antecessor visava esconder o possível plágio ou um dado desafeto? Infelizmente, não temos testemunhos acerca da relação entre os dois clérigos, apenas o silêncio no texto publicado em 1982, que não cita nem Vicente Martins da Costa e nem João Mendes Lira, embora, mesmo sem a menção, haja clara filiação.

A questão temporal é o grande diferencial entre os textos da década de 1920 e da década de 1980. Passadas mais de cinco décadas entre o texto de Vicente Martins da Costa e o de Sadoc de Araújo, o último se diferencia por defender uma memória já institucionalizada, ao passo que o primeiro fundava aquela memória sacralizadora sobre dom José. É um movimento sensivelmente diferente por conta da antessala em que os dois escrevem seus textos, imersos em intenções distintas.

Já o confronto entre Sadoc de Araújo e João Mendes Lira, em torno da imagem de dom José como “maior benfeitor de Sobral” revelam formas diferentes de compreender a ação do bispo. Em Sadoc de Araújo, desde a abertura de seu opúsculo, vemos a reafirmação desse enunciado, de forma laudatória:

Sobral prepara-se [em 1982] para comemorar festivamente o primeiro centenário de nascimento de Dom José Tupinambá da Frota, o maior benfeitor da cidade. A grandeza moral de sua personalidade e a influência extraordinária de sua ação marcaram, de maneira decisiva, a história desta cidade e a feição espiritual de seu povo.<sup>445</sup>

O enunciado vai ganhando força ao longo da obra. A intriga construída no opúsculo vai distribuindo cuidadosamente conceitos que elevam a figura de dom José, reforçando a figura do bispo como o “maior benfeitor de Sobral”,

Dom José foi o maior benfeitor da cidade de Sobral. Durante 51 anos, dos quais 8 como vigário e 43 como bispo, foi o chefe, o líder, o pai espiritual da comunidade sobralense. Seu dinamismo incomum dotou Sobral e a Diocese de melhoramentos extraordinários de ordem material, social, cultural, moral e religiosa. Sua figura portentosa encheu durante mais de meio século a história da cidade<sup>446</sup>.

O texto de Sadoc de Araújo é uma hagiobiografia atualizada sobre dom José, mimetizando aquela escrita por Vicente da Costa Martins. Nesse movimento, Lira é um pouco mais original. Concilia o reconhecimento das obras realizadas por dom José, mas humaniza

---

<sup>444</sup> “Primeiros Cuidados Pastorais”, “A Formação do Clero”, “Saúde e Educação para o Povo”, “Promoção da Cultura”, “Amor aos Pobres” e “O Maior Benfeitor da Cidade”. (ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Traços biográficos de Dom José Tupinambá da Frota*. Sobral: [s.n.], 1982. pp. 16-23).

<sup>445</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Traços biográficos de Dom José Tupinambá da Frota*. Sobral: [s.n.], 1982. p. 3.

<sup>446</sup> *Ibidem*, p. 23.

suas ações, em vez de sacralizá-las. Para Lira: “A idéia de grandeza sempre dominou o espírito de D. José. Sem esta megalomania ele não podia viver”<sup>447</sup>, ele “[...] achava que seu prestígio não declinaria ao sustentar opiniões próprias que feriam seus padres, seus diocesanos e seus amigos”<sup>448</sup>. Seria Lira um destes padres feridos? Segundo ele, suas obras atendiam a uma busca por poder, além de atenderem a um desejo pessoal,

Dentro dele, porém, era humilhante perder terreno. Para que sua personalidade não sofresse qualquer desgaste começa uma série de realizações materiais destinadas ao bem estar [*sic*] social, à educação, ao serviço religioso. Assim ia se saindo muito bem de todas as pedras atiradas contra ele com ou sem razão. Cada obra concluída era uma manifestação de poder do Padre Dr. Ou do Bispo José Tupinambá da Frota<sup>449</sup>.

A vida de dom José, quando narrada por Lira, extrapola as propostas hagiobiográficas escritas por Vicente Martins da Costa (com quem dialoga na sua obra), e por Sadoc de Araújo. Dom José aparece em seus escritos como um ser marcado por frustrações, por desejos, por tentativas de consolidação de poder, estando longe de ser o santo presente em outras narrativas. O lugar social de produção de cada clérigo, suas intenções, revelam também que distintos afetos, sentimentos e emoções atravessaram a escrita da história em Sobral. Segundo a historiadora Ana Carolina Rodrigues da Silva, “Sem sombra de dúvidas, essa obra é desconcertante e inovadora diante do que se tinha costume sobre a escrita de Lira, pois ele fez algumas considerações que causaram uma desagradável ‘surpresa’ a seus leitores”<sup>450</sup>.

A produção de biografias pela historiografia clerical se baseou no que os padres *viram* e no que eles *ouviram*, são produto de seus olhares, e de suas sensibilidades. Os três biógrafos conviveram com dom José e ocuparam funções específicas na estrutura clerical da Diocese de Sobral, interagindo de forma mais ou menos intensa com o bispo. Seus textos refletem estratégias distintas de construção da imagem do prelado e da cidade.

---

<sup>447</sup> LIRA, Padre João Mendes. *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota*: primeiro Bispo de Sobral. (1882 – 1982). Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1982. p. 67.

<sup>448</sup> LIRA, Padre João Mendes. *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota*: primeiro Bispo de Sobral. (1882 – 1982). Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1982, p. 69.

<sup>449</sup> *Idem*.

<sup>450</sup> SILVA, Ana Carolina Rodrigues da. *Os sentidos do passado ou o passado sentido*: mecanismos da memória nos escritos de Padre Mendes Lira. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-graduação em História Social, Fortaleza, 2015. p. 50.



## 5 “A INTERNACIONALIZAÇÃO DE SOBRAL É UM FATO INCONTESTE”: AS IMAGENS DE SOBRAL, EINSTEIN E DO ECLIPSE DE 1919 E SUAS CONSTANTES RELEITURAS

*Well if it seems to be real, it's illusion  
For every moment of truth, there's confusion in life*<sup>451</sup>

Em Recife, onde passei o primeiro ano de curso do doutorado, sozinho, tentava viajar nas fotografias da cidade de Sobral existentes na internet, matando um pouco das saudades. Entre uma imagem e outra, acabei por fixar o olhar em uma foto que aparecia na tela de meu celular. Nela, observei as margens embarreiradas do rio Acaraú e deparei-me com uma estátua que até então não conhecia: uma figura de um ser que contempla o horizonte, dando as costas ao rio que banha a cidade e olhando para os prédios que revelam as distintas camadas temporais que a constituem, pois ela “se apresenta como um palimpsesto, como um enigma a ser decifrado”<sup>452</sup>.

Quem era o homenageado? Um personagem da história política da cidade? Alguém ligado à cultura? A resposta era negativa. Era uma estátua do famoso físico alemão Albert Einstein, que jamais veio à Sobral. Na escultura, ele parece estar olhando para o centro histórico da cidade. A escultura destoa de todo o seu entorno.

Este capítulo nasceu da inquietação provocada por esta fotografia, com seu potencial de alterar percepções do tempo e do espaço, em nosso momento histórico: uma imagem disponível na *internet*, no *Facebook*<sup>453</sup>. No dia 27 de março de 2019, por meio de suas redes sociais, o prefeito de Sobral, Ivo Ferreira Gomes, publicou uma imagem ao lado de uma estátua do famoso físico alemão Albert Einstein. A fotografia, a legenda publicada pelo político e as camadas de historicidade que cercam essa ligação entre a cidade de Sobral e o físico Albert Einstein motivaram esta reflexão historiográfica.

<sup>451</sup> DIO, Ronnie James; IOMMI, Tonni; WARD, Bill; BUTLER, Geezer. *Heaven and Hell*. Londres: VERTIGO, 1980. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RVUK2rtAkJE>. Acesso em: 19 de fev. de 2023.

<sup>452</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. In.: *Esboços*. Florianópolis, v. 11, nº 11, 2004. p. 26.

<sup>453</sup> Assim como o *Aleph*, as redes sociais parecem conter a mesmas qualidades. “– A verdade não penetra num entendimento rebelde. Se todos os lugares da terra estão no Aleph, aí estarão todas as luminárias, todas as lâmpadas, todas as fontes de luz”. BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 148.

Figura 19 – Ivo Ferreira Gomes e a Estátua de Albert Einstein



Fonte:

[https://facebook.com/story.php?story\\_fbid=2132866016834260&substory\\_index=0&id=100003326473136](https://facebook.com/story.php?story_fbid=2132866016834260&substory_index=0&id=100003326473136).

Acesso em: 31 de mar. de 2019.

Em 2019, na cidade de Sobral, várias comemorações foram planejadas em torno do centenário da comprovação da Teoria Geral da Relatividade, ocorrida em 29 de maio de 1919. Tal teoria, revolucionária no campo das ciências naturais e influente em todo o campo da epistemologia das ciências, foi enunciada por Albert Einstein, em 1905, sua divulgação foi feita paulatinamente, sendo sua formulação definitiva do ano de 1915<sup>454</sup>.

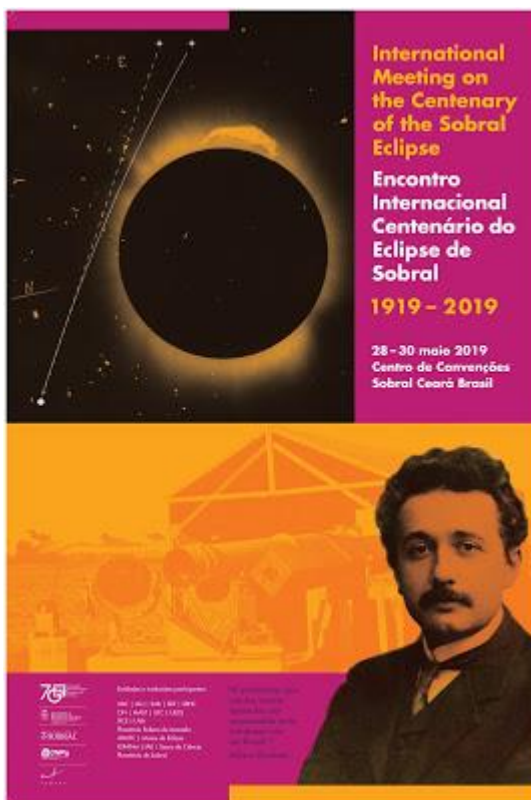
Apenas um eclipse total do Sol, bem fotografado, com condições ideais de visibilidade, poderia sustentar empiricamente algumas das teses e hipóteses que o físico havia imaginado anos antes. Quis o acaso e as contingências históricas que o município de Sobral fosse um dos locais onde se deu tão importante comprovação.

Sobral, cidade que fica no noroeste do Estado do Ceará, próximo à Linha do Equador, reunia, junto a outros locais do planeta, especialmente a Ilha do Príncipe, no continente africano, condições perfeitas para a observação do eclipse total do Sol na data prevista. Para Sobral vieram três expedições científicas observar o eclipse. O evento foi avaliado como um sucesso

<sup>454</sup> Ver: LIMA, Melina Silva de. *Einstein e a Teoria da Relatividade Especial*. Uma abordagem histórica e introdutória. (Dissertação de Mestrado) Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Física, 2013. Disponível em: [https://www.if.ufrgs.br/public/tapf/v24\\_n2\\_melina.pdf](https://www.if.ufrgs.br/public/tapf/v24_n2_melina.pdf). Acesso em: 13 de abr. de 2019.

e a teoria proposta por Einstein, dentro das normas científicas da época, foi considerada comprovada<sup>455</sup>.

Figura 20 - Folder “Encontro Internacional Centenário do Eclipse de Sobral”



Fonte: <http://www.sobral.ce.gov.br/informes/principais/abertas-inscricoes-para-o-encontro-internacional-centenario-do-eclipse-de-sobral>. Acesso em: 24 de jul. de 2020.

Cem anos depois, em 2019, a cidade rememorou e comemorou esse acontecimento. A administração pública organizou um grande evento, o “Encontro Internacional Centenário do Eclipse de Sobral”. Com uma programação dividida em três dias<sup>456</sup>, contou com a participação de cientistas de universidades de diferentes partes do mundo, com traduções simultâneas, além de uma conversa com a literata vencedora do *Prêmio Jabuti*, Ana Miranda, que escreveu uma obra ficcional sobre o eclipse.

Nessas comemorações pouco espaço foi dado à historiografia. Apenas ocorreu o lançamento de um livro, de Joyce Mota Rodrigues, intitulado *Entre telescópios e potes de barro*, oriunda de sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da

<sup>455</sup> VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. Einstein e o Eclipse de 1919. In.: *Física na escola*. V. 6, nº 1, 2005.

<sup>456</sup> <http://centenarioeclipse.sbpcnet.org.br/wp-content/uploads/2019/05/International-Meeting-on-the-Centenary-of-the-Sobral-Eclipse.pdf?fbclid=IwAR0vtNV1QfBnB7Q9lqwQ64fBct6PfUHFJFY1W4ie9enH5jSEXYtwTcM72co>. Acesso em: 27 de jul. de 2020.

Universidade Federal do Ceará. Não houve nenhuma menção direta aos padres que escreveram história nesse evento. O próprio trabalho de Joyce não cita a historiografia local, dando a impressão que ela não abordou e repercutiu os acontecimentos de 1919. Mas, não se perdeu a oportunidade de se associar, mais uma vez, a imagem de Sobral à do eclipse que serviu de base para a comprovação da teoria do físico alemão Albert Einstein, como se podia ver na imagem de divulgação do evento. O eclipse, fenômeno planetário, se tornou o “Eclipse de Sobral”.

Figura 21 - Material de Divulgação do Evento “Centenário do Eclipse de Sobral”



Fonte: <http://www.sobral.ce.gov.br/informes/principais/comemoracoes-do-centenario-do-eclipse-de-sobral-serao-intensificadas-a-partir-desta-terca-feira-21-05> . Acesso em: 24 de jul. de 2020.

Além de ser um momento para o debate científico, o evento foi palco para as artes da política, servindo à Prefeitura de Sobral para a divulgação de suas ações. O *slogan* escolhido pela administração municipal para o evento não podia ser mais significativo, ele transformava o eclipse em um evento da cidade, quase uma realização da administração pública, estando presente em todo o material reproduzido em esquinas, praças e órgãos públicos.

Mais que isso, o enunciado “Eclipse de Sobral” foi exportado, já que deu nome a um número especial da *Revista Brasileira de Astronomia*<sup>457</sup>, na qual artigos científicos, explicando empiricamente o eclipse, não medem esforços para dar alguma relevância para a participação da cidade nos eventos de 1919, como o artigo de Cecilia Chirenti, intitulado *Ondas Gravitacionais e Sobral*, que no último parágrafo afirma: “E Sobral continua exercendo um papel importante na pesquisa científica em relatividade geral, com excelentes pesquisadores

<sup>457</sup> *Revista Brasileira de Astronomia*. Ano 1. Número 2. 2019.

[...]”<sup>458</sup>, apontando, em sequência, as universidades instaladas na cidade. A revista foi usada como propaganda pela Prefeitura Municipal. Os professores da educação básica receberam um exemplar, algo incomum, demonstrando a importância de divulgar o enunciado que a revista levava na capa: “Especial: 100 anos do Eclipse de Sobral”.

Todo esse processo de rememoração me levou às seguintes indagações: como os padres fabricantes de passados associaram este evento à narrativa da história da cidade? Teriam eles silenciado acerca desse acontecimento? Transformaram-no em monumento? Quais usos políticos foram feitos de tais narrativas? A partir desse evento, teriam sido criados ordenamentos e novas tramas para a história da cidade? Empreendemos, então, a análise dessas problemáticas a partir das reflexões de Michel Foucault sobre as “*redistribuições recorrentes*” que atravessam e constituem a ordem dos discursos, que

[...] fazem aparecer vários passados, várias formas de encadeamento, várias hierarquias de importância, várias redes de determinações, várias teleologias, para uma única e mesma ciência, à medida que seu presente se modifica: assim, as descrições históricas se ordenam necessariamente pela atualidade do saber, se multiplicam com suas transformações e não deixam, por uma vez, de romper com elas próprias<sup>459</sup>.

Vários passados para a cidade de Sobral foram elaborados a partir de diferentes momentos de produção. Rupturas no interior da trama narrativa sobre a cidade ocorreram nessas novas versões da história da cidade. Em cada momento de produção e reflexão sobre o passado, a historiografia percebeu o evento de 1919 de uma forma diferente e lhe atribuiu uma importância distinta, revelando que diversos interesses motivaram os padres e seus discípulos a abordar esse acontecimento de uma dada forma.

Neste capítulo, iremos discutir nos primeiros dois tópicos como as duas gerações de clérigos que fabricaram passados para a cidade narraram ou silenciaram sobre a presença das expedições estrangeiras na cidade e sobre a comprovação da Teoria da Relatividade em Sobral. Nos três tópicos seguintes, iremos discutir como, décadas depois, produções acadêmicas, didáticas ou literárias, ao tratarem desse evento, utilizaram ou ignoraram a produção dos clérigos, sempre relacionando a imagem da cidade de Sobral à figura de Einstein e ao Eclipse de 1919.

<sup>458</sup> CHIRENTI, Cecilia. Ondas gravitacionais em Sobral. In.: *Revista Brasileira de Astronomia. Op. Cit.* p. 11.

<sup>459</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 5.

## 5.1 A SOBRAL DE 1919 E A INTERPRETAÇÃO DO EVENTO PELA PRIMEIRA GERAÇÃO DE PADRES FABRICADORES DE PASSADOS: UM EVENTO ESTRANHO?

Olhamos agora para o passado. Focamos no ano do eclipse total do Sol, 1919. A Sobral de então mantinha características peculiares. Tinha seus habitantes divididos entre as atividades agrícolas, o artesanato, a indústria e o comércio. As principais construções em seu núcleo urbano eram as igrejas, os sobrados e o Theatro São João que contrastavam com as casas de taipa das zonas periféricas de todo o perímetro urbano. Era, no aspecto religioso, uma diocese recém-criada, elevada a tal condição em novembro de 1915 pela bula papal *Catholicae Religionis Bonum*, de Bento XV. Tinha como bispo dom José Tupinambá da Frota, parente de dom Jerônimo Tomé da Silva, então Arcebispo de Salvador e primaz do Brasil.

Como vimos, dom José já era, desde 1908, vigário da cidade. Com a elevação à condição de diocese, continuou à frente da Igreja na condição de bispo e assim ficou até sua morte, em 1959. O clérigo partilhava, junto a outros membros da elite eclesiástica brasileira, do projeto de romanização e de reforma católica ultramontana<sup>460</sup>.

Na época das expedições científicas, Sobral era uma cidade com obras religiosas ultramontanas em vias de construção, com disputas no campo político e voltada para atividades estranhas ao universo da ciência. Interesses bem distintos daqueles que trazem as expedições científicas à cidade em fins dos anos 1910.

Possivelmente, por isso, e por conta dos sujeitos que compuseram as comissões não terem nascido na cidade de Sobral, os padres da primeira geração, que escreveram sobre a história da cidade, dão pequeno espaço ou ignoram totalmente, em suas obras, esses eventos que, teoricamente, foram fundamentais para modificar o panorama da ciência contemporânea. A visão de cidade deles não incorporava uma perspectiva de “internacionalização” desse espaço a partir de uma descoberta científica. A historiadora Joyce Mota Rodrigues, em sua pesquisa de mestrado, estudando o cotidiano das expedições em Sobral, corrobora com essa visão de distanciamento dos habitantes de Sobral em relação às ações de observação científica do eclipse, afirmando que,

A escolha por Sobral foi uma escolha técnica e, depois da localização geográfica, outros aspectos estruturais foram necessários para a realização da experiência como,

---

<sup>460</sup> MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira: 1890 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 24.

por exemplo, a acomodação dos observadores. Sobral cedeu o espaço físico e não a sua intelectualidade para o êxito da experiência.<sup>461</sup>

Ao não ceder a intelectualidade, a defesa do evento pela historiografia local foi afetada. Parafraseando nosso capítulo anterior, não há nesse evento “heróis da civilização e da fé”. O valor dado ao evento foi minimizado e, inclusive, parecia destoar da história da cidade, gerando estranhamento. Poucos anos depois da vinda das comissões para observar o eclipse, no artigo *Notas históricas da cidade de Sobral*, publicado em 1922, na *Revista do Instituto do Ceará*, posteriormente publicado parcialmente numa edição especial do jornal *A Ordem*, e tendo o texto modificado e ampliado para lançamento em livro em 1945, o padre Fortunato Alves Linhares trata as comemorações e o monumento em referência a tal fenômeno natural como algo diferente dos outros monumentos então existentes na cidade. Segundo ele, em um tópico de seu artigo intitulado “Monumentos Públicos”:

A cidade, posto que prospera e possuidora de bellos edifícios e de magnificas egrejas (1), é pobre de monumentos públicos concernentes a factos históricos; conta, apenas, o pelourinho – symbolo outr’ora da fundação da Villa, erecto em 1773; dele so restam os alicerces que ficam á praça da Sé, junto ao Paço da Camara. No largo do Patrocínio há um padrão commemorativo do eclipse total do Sol em 29 de Maio de 1919, e ali mandado erigir pelo astrônomo Dr. H. Morize, chefe da comissão brasileira de observação. (1) Entre os edifícios públicos mais importantes: 8 egrejas sobreshahindo d’entre ellas a Cathedral a do Patrocínio, o Menino Deus; A Casa da Camara; O Theatro; O Asylo; 2 Edificios para Cinemas e o da Hygiena Publica; a Cadeia; a Estação da E. F. de Sobral<sup>462</sup>.

Destaca-se que, ao contrário de outros prédios e monumentos construídos por agentes públicos ou ligados à Igreja Católica, o monumento do Eclipse de 1919 foi atribuído à iniciativa do cientista Henrique Charles Morize, que chefiou a expedição brasileira ligada ao Observatório Nacional. Um aspecto chama a atenção, a diferenciação feita entre o “pelourinho”, monumento secular, do recém-construído monumento em alusão ao eclipse, hierarquizando-os.

---

<sup>461</sup> RODRIGUES, Joyce Mota. *Entre telescópios e potes de barro: o eclipse solar e as expedições científicas em 1919 / Sobral - CE*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2013. p. 117.

<sup>462</sup> LINHARES, Fortunato Alves. *Notas Históricas da Cidade de Sobral*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, Tomo LV, abril de 1922. p. 277.

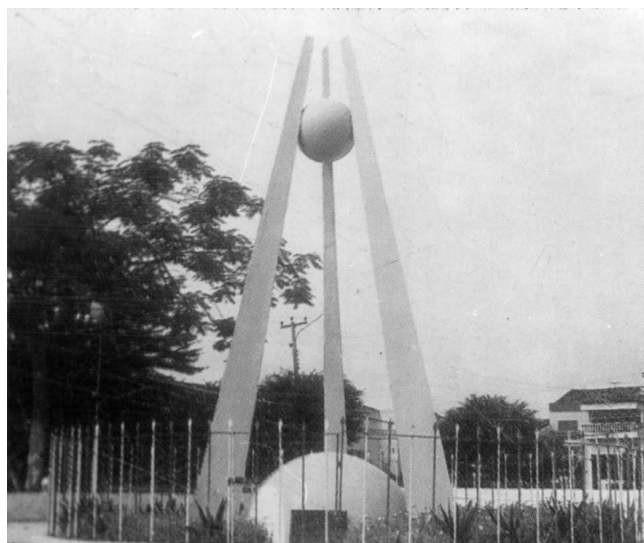
Figura 22 – Monumento ao Eclipse Total do Sol, construído a mando de Henrique Morize (à esquerda)



Fonte: <http://resenha-on.blogspot.com/2015/12/observatorio-nacional-reune-as-placas.html>. Acesso em: 20 de fev. de 2023.

O monumento, um obelisco, tradicional forma de construção comemorativa desde o Egito Antigo, não sobreviveu ao passar dos anos. Apesar de sua estética e disposição até lembrar, de certa forma, a distribuição de signos na Praça de São Pedro, no Vaticano, a construção não caiu nas graças da população. Foi destruído. Na praça, outro monumento foi construído na década de 1970 por iniciativa de um habitante da cidade, na tentativa de restabelecer uma memória em volta do eclipse de 1919.

Figura 23 – Monumento em referência ao Eclipse de 1919 construído na década de 1970



Fonte: Arquivo Pessoal, sem data precisa de produção.



Este último está vasado em uma estética modernista. Uma esfera encravada no solo simbolizando o Sol, outra esfera acima indicando a Lua, sustentada por hastes de concreto que margeiam tanto a representação do Sol quanto da Lua, metaforizando raios solares, que findam em um vazio onde estariam os observadores na Terra. Ele não tem ligações com os padrões arquitetônicos das igrejas construídas entre meados do século XVIII e o início do XX, nem do casario da época. Destoa, sendo uma cicatriz do tempo em que foi construído.

Podemos dizer que, em muitos trechos da narrativa do padre Fortunato, em especial na parte destacada, não há referência à documentação que embasa sua narrativa. Essa é uma característica peculiar dessa geração de padres que escrevem a história de Sobral. O testemunho do historiador, por si só, deveria ser encarado como legitimador da “verdade” que produzia, sua autoridade como membro da Igreja autorizaria aquilo que relatava.

Ambas as atividades, de padre e de historiador, estariam no campo da crença, fazer *crer* seria, dessa forma, fundamental. A produção historiográfica dos clérigos realizava analogias com a religião, pois, como afirma François Hartog, “Desde a Bíblia, o deus de Israel é o único mestre da história. Crer em história é reconhecer que ela é feita das intervenções dele, diretas ou indiretas, uma vez que se reconhece que Ele faz com que até mesmo os inimigos de Israel sirvam à realização de seus desígnios”<sup>463</sup>.

Com a articulação de dados ligados a uma dada memória, não problematizada ou investigada, os clérigos tinham grande liberdade para eleger os pormenores que iam figurar em seus textos, realizando ordenamentos dos eventos que excluía temas concebidas como não relevantes para a invenção do passado que almejavam para o espaço do município. Outro clérigo, o padre Vicente Martins da Costa, em *Homens e Vultos de Sobral*, publicado em 1941, não faz a biografia de nenhum participante local ou nacional das comissões científicas de 1919, silenciando sobre a participação de habitantes de Sobral nos estudos que na cidade foram realizados.

Dom José Tupinambá da Frota, em *História de Sobral*, publicado originalmente em 1952, com mais de seiscentas páginas, não traz referência alguma às expedições científicas de 1919. Ignora o acontecimento por não o considerar relevante para a cidade. Como já vimos, ele se detém, principalmente, sobre o papel do catolicismo e da Igreja na configuração dos espaços da cidade, construindo uma espécie de simbiose entre a história da Igreja e a história do município. O mais próximo que chega desse evento é narrar as características da igreja do

---

<sup>463</sup> HARTOG, François. *Crer em história*. Tradução de Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. pp. 14 e 15.

Patrocínio, um dos pontos de observação do eclipse<sup>464</sup>. O Jockey Club, outro ponto de observação, sequer é referido, bem como a própria vinda das comissões e a observação do eclipse.

Há intenções nessa cartografia própria do espaço narrado na historiografia. O tempo narrado, aproveitando-me da expressão de Paul Ricoeur<sup>465</sup>, realiza operações de seleção que produzem silenciamentos, haja vista que o eclipse cairia na ordem discursiva da narrativa de uma história científica, profana, distante da influência religiosa que os padres evidenciavam. Entendo a invenção da historiografia como algo inseparável da produção de espaços sobre os quais ela se debruça. Os espaços, por seu turno, não são dados, não são meros cenários sem historicidade, pois, como afirma o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior,

Se cada corpo ou coisa tem o seu lugar, ocupa um lugar, só se tornam espaços, só formam espaços, no entanto, quando conectados por práticas; quando reunidos numa trama, quando a serviço de um enredo; enredo formado por liames quase sempre invisíveis, por teias que os amarram numa totalidade passageira, que têm, porém, uma duração variável, intervalos de tempo em que estas configurações passam a existir e os desenhos realizados pela disposição dos lugares e de suas realizações se realizam<sup>466</sup>.

O discurso histórico produzido pela primeira geração de padres que fabricaram passados para Sobral constrói a formulação de espaços baseados em uma óptica apenas católica, a partir de ordenamentos que silenciam sobre os eventos ligados ao Eclipse de 1919. Não há cartografia, a partir destes três clérigos fabricantes de passados, do eclipse total do Sol e a comprovação da Teoria da Relatividade como acontecimentos norteadores para a topologia da história de Sobral. Caso fizesse, a Igreja Católica deixaria de ser a protagonista da história local.

A Sobral da primeira metade do século XX não parecia necessitar das expedições de observação do eclipse de maio de 1919 para ser vista como um cenário relevante. Na primeira metade do século XX, estendendo-se até a década de 1950, era protagonista da política a nível estadual, sendo fundamental para a escolha de governadores, senadores e deputados. Todavia, a partir da década de 1960, essa presença política no estado se modificou.

---

<sup>464</sup> FROTA, Dom José tupinambá da. *História de Sobral*. 3ª ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1995. p. 235.

<sup>465</sup> Ver: RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*: 3. O tempo narrado. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

<sup>466</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008. pp. 80 e 81.

## 5.2 LIRA E SADOC: “INTERNACIONALIZAÇÃO” E ORDENAÇÃO DO ECLIPSE

O silêncio sobre a temática é deixado de lado por dois padres que escrevem a história de Sobral a partir da década de 1970. As operações de silenciamento sobre os eventos ligados ao eclipse são superadas e eles passam a fazer parte da escrita da história da cidade. Os padres João Mendes Lira e Francisco Sadoc de Araújo colocam uma maior ênfase, cada um a seu modo, na comprovação da Teoria da Relatividade como um dos acontecimentos norteadores dos destinos da cidade e representativos do que seria o *ethos* de Sobral. Todavia, ao longo desse processo, algumas fontes que eram de fácil acesso para os clérigos foram negligenciadas e não foram utilizadas como base para a fabricação historiográfica em torno desse acontecimento.

Com a perda de importância política pela qual passava a cidade nos anos anteriores, olhar para o passado parecia ser uma necessidade, na tentativa de pretensamente se resgatar, trazer de volta a importância do município para a vida política do estado, o que seria já um fato esquecido. A narrativa de novos eventos então era necessária, evidenciando, segundo o discurso que é instaurado, a importância da cidade não apenas para o estado, mas para todo o mundo, pois os eventos de 1919 modificaram o conhecimento mundial.

Em 1976, ao conceber uma *ordem do tempo*, orientada por marcos acontecimentais, o padre João Mendes Lira, na obra *Sobral na História do Ceará e a personalidade do Padre Ibiapina*, apontou “O Eclipse Total do Sol observado em Sobral, no ano de 1919 e o resultado de todas as observações”, como sendo um “[d]Os quatro grandes acontecimentos que internacionalizaram Sobral”. Os outros três teriam sido: a descoberta de um surto epidêmico do calazar (*leishmaniose*) pelo Dr. Tomás Aragão, a fundação do Museu Diocesano Sobralense e o desenvolvimento do artesanato do chapéu de palha.

Para Lira, “O nome de Sobral não pode deixar de figurar em todos os livros que falem das teorias de Einstein, pois, foi nesta cidade que elas foram comprovadas durante a passagem do célebre e histórico eclipse”<sup>467</sup>. O nome da cidade deveria ser reproduzido em todo o mundo. Seu destino era, na visão do clérigo, o de estar ligado umbilicalmente a qualquer verbete que tratasse da descoberta científica que em Sobral foi verificada.

É clara a mudança de percepção em relação às obras dos padres que anteriormente formularam o que seria a história de Sobral. Em outra publicação, *Subsídios para a história política e eclesiástica do Ceará*, Lira continuava a encampar “O eclipse total do sol visto e observado em Sobral no dia 29 de Maio de 1919” como um dos “acontecimentos que projetaram

---

<sup>467</sup> LIRA, João Mendes. *Sobral na história do Ceará e a personalidade do Padre Ibiapina*. Rio de Janeiro: Companhia brasileira de Artes Gráficas, 1976. p. 31.

Sobral dentro e fora do estado”. Para ele, “Sobral ficou, assim, ligada à vida do grande cientista naturalizado americano e também ao seu mundo”<sup>468</sup>. É uma afirmação que talvez empreste sentido à construção da escultura de Albert Einstein na cidade, inaugurada em 2019, mas no sentido inverso: não é Sobral que fica colada a imagem do cientista, mas sim a imagem do cientista, representada no monumento, que passa a compor a materialidade da cidade e a lhe atribuir dado sentido.

Isolar o eclipse, a observação dele e a sua relevância para ciência, marcando esse evento e o associando a outros erigidos como fundamentais para representar a cidade, pode ser compreendido como uma forma de criar um efeito narrativo da primeira geração de padres. Importava, naquele momento, não apenas destacar a importância da Igreja para a cidade, mas também fundamentar discursivamente que a cidade tinha importância para além de suas fronteiras. Não adiantava a Igreja ser importante para uma cidade que não fosse vista como relevante na história. Um novo ordenamento do tempo e dos eventos estabelecia novas marcas temporais para ancorar o que seria a importância daquele espaço do qual se narrava a história.

Entendo a produção historiográfica como uma produção política, efetuada pelo uso da linguagem, representando o mundo e manifestando desejos. Como afirma Michel de Certeau,

[...] a história que chega se transforma em historiografia, discurso produzido e produtivo, transformação da realidade recebida na organização do progresso. A verdadeira “tradução” consiste em fazer da linguagem incoerente de uma terra a linguagem efetiva de uma política<sup>469</sup>.

A efetiva atenção dada por Lira ao evento é uma marca política de sua atuação no campo historiográfico, produzindo, a partir dos ordenamentos da linguagem, da documentação e dos testemunhos do evento, a efetivação de uma outra memória para a cidade. A defesa da memória da passagem da comissão científica pela cidade é uma mudança de perspectiva no tocante à valorização do evento.

Além de afirmar – mesmo não apontando fontes – que várias crônicas sobre a cidade foram produzidas pelos cientistas das comissões e publicadas em periódicos estrangeiros, Lira empreende uma verdadeira defesa da importância do evento para a cidade, indicando sutilmente o porquê de muitos o terem silenciado. Segundo ele,

<sup>468</sup> LIRA, João Mendes. *Subsídios para a história eclesiástica e política do Ceará*. Rio de Janeiro: Companhia brasileira de Artes Gráficas, 1984. p. 225.

<sup>469</sup> Na tradução que consultei, em espanhol, “[...] la historia que llega se transforma en historiografía, discurso producido y productivo, transformación de la realidad recibida en organización del progreso. La verdadera ‘traducción’ consiste en hacer del lenguaje incoherente de una tierra el lenguaje efectivo de una política”. (CERTEAU, Michel de. *Una política de la lengua: la Revolución francesa y los patois: la encuesta Gregorio*. Tradução em espanhol de Marcela Cinta] Cidade do México: Universidade Iberoamericana, 2008. p. 150).

A Internacionalização de Sobral é um fato incontestável. É bem verdade que o primeiro motivo que a projetou no cenário internacional originou-se de um acontecimento em que os sobralenses não tomaram parte, embora diretamente. Qual a culpa que esta cidade tem de a própria natureza favorecê-la? Isto devia ser motivo de orgulho para o Estado do Ceará. Isto é, de possuir uma cidade que aparece em todos os livros sérios de Ciência e não de zombaria<sup>470</sup>.

Insistimos na ideia, reforçada pelas afirmações de Lira, de que a ausência de um protagonista oriundo de Sobral nos eventos de observação científica do eclipse seja o motivo para que as obras sobre o passado da cidade silenciassem, por décadas, sobre os acontecimentos que envolveram a comprovação da Teoria da Relatividade. Aqui, talvez, o clérigo dê conta de um ressentimento sobre como a cidade era vista ao longo dos anos 1970 no cenário estadual.

Como já afirmamos, a Sobral da década de 1970 já não era tão protagonista nos rumos da política estadual como era na época dos fatos de 1919. No imaginário popular, brincadeiras e chacotas com a cidade eram recorrentes, especialmente advindas de moradores de Fortaleza, capital consolidada do estado. Para Lira, o evento deveria ser rememorado com “orgulho”, o que produziria o rompimento com as imagens da cidade que incomodavam o autor, pois “Estados Unidos de Sobral, Sobral-Brasil, Sobral-orgulhosa seriam qualificativos oriundos não só do desconhecimento da História mas de uma maneira incompetente de julgar os acontecimentos”<sup>471</sup>.

Qual seria a forma competente de “julgar” os acontecimentos? Ao analisar os escritos de padre Lira, seria evidenciar o protagonismo da cidade na política local, produzindo efeitos de distinção frente a outras espacialidades. Uma política da palavra tornaria Sobral uma cidade relevante e produziria o duplo-efeito de também valorizar a própria ação da Igreja, pois esta já era tratada, desde a primeira geração de padres, como personagem central do que seria o desenvolvimento da cidade.

Do ponto de vista de construção de uma intriga, Lira não se dedicou apenas em seus livros a discutir o eclipse ocorrido em 1919. Ele instaura um panteão acontecimental e aponta para a importância do episódio, mas pouco discute a trama daqueles acontecimentos, deixando-os para outros pesquisadores. Essa atividade de deixar pontas soltas, visíveis, a serem costuradas posteriormente na trama narrativa sobre a história da cidade, é algo sensível na produção historiográfica dos clérigos.

Lira, inclusive, não é o único da segunda geração de padres a se propor a “julgar” os acontecimentos. Ele disputa com Francisco Sadoc de Araújo, outro clérigo, o protagonismo na

---

<sup>470</sup> LIRA, João Mendes. *Sobral na história do Ceará e a personalidade do Padre Ibiapina*. Rio de Janeiro: Companhia brasileira de Artes Gráficas, 1976. p. 32.

<sup>471</sup> *Idem*.

escrita da história local, ou melhor, em selecionar os eventos e personagens que melhor se adequariam a um projeto de construção narrativa da história de uma cidade modelar.

Como vimos em outro capítulo, em *Cronologia Sobralense*, obra publicada em cinco volumes, originalmente entre 1974 e 1990, o padre Francisco Sadoc de Araújo enumera o que considera os fatos mais importantes da história da cidade de Sobral. O clérigo tinha a intenção de que seus escritos orientassem trabalhos historiográficos futuros, se constituindo numa espécie de um grande arquivo do passado da cidade<sup>472</sup>.

A narrativa proposta por Sadoc de Araújo demonstra uma atenção ao evento de 1919, que vai ganhando relevância a depender da obra que o padre escreve sobre a cidade. Ele nunca chega a afirmar, como fez Lira, que este é um dos quatro acontecimentos mais relevantes para a cidade, mas o evento sempre parece estar em seu horizonte de escrita.

Em *Cronologia Sobralense*, há apenas três breves menções, no quinto volume da obra, a presença das comissões científicas na cidade, revelando uma pequena atenção a esse episódio na construção da intriga histórica. O primeiro verbete, de 10 de maio, indica a chegada das comissões e especula sobre a reação da população,

**10 de maio** (Sábado) A imprensa local noticia a chegada dos astrônomos ingleses Bromelin (*sic*) e Davidson enviados de Londres para fotografar o próximo eclipse do sol com o fim de medir o peso da luz e confirmar a Teoria da Relatividade de Einstein. Chegam também, nesse dia, as comissões científicas norte-americana e brasileira de astrônomos. A cidade toma um ar de festa com a presença dos cientistas<sup>473</sup>.

Como é comum no estilo discursivo de Sadoc de Araújo, há um cuidado na adjetivação e na construção de detalhes que contagiem o leitor, afinal, um enunciado como “A cidade toma um ar de festa” insinua uma reação emocional da população, mas sem o apontamento de fontes de referência que sustentasse essa afirmação. Mas a notícia, por si só, não ganha muito espaço. O próprio dia do eclipse não mereceu muita atenção do padre:

**29 de maio** (5ª-feira): Às 7h46min começa em Sobral o eclipse do sol e se prolonga até 10h28min. É observado cuidadosamente pelos modernos instrumentos trazidos pelas comissões estrangeiras e nacionais que estão na cidade. A imprensa local traz longas reportagens sobre o acontecimento<sup>474</sup>.

---

<sup>472</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - Séculos XVII e XVIII*. 2. ed. Fortaleza: ECOA, 2015. p. 26.

<sup>473</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense 1911 – 1950*. 2. ed. Fortaleza: ECOA, 2015. p. 80.

<sup>474</sup> *Idem*.

A narrativa não versa sobre a relevância dos acontecimentos e não dá destaque posterior a eles. Cita-se apenas, no verbete do dia 9 de julho, o retorno dos cientistas ingleses para fotografar novamente os astros e levar os equipamentos de volta à Inglaterra.<sup>475</sup> Indo aos originais dos jornais da época, percebemos que suas afirmações advêm, preferencialmente, da leitura do jornal *Correio da Semana*, de propriedade da Diocese de Sobral, e do jornal *A Ordem*, órgão conservador que atendia aos interesses do grupo do Dr. José Saboya de Albuquerque, então juiz da cidade. Há um uso superficial destas fontes para construir a narrativa sobre o evento, demonstrando a pouca relevância que ele tinha para o padre, no ano de 1990, momento em que o volume 5 de *Cronologia Sobralense* foi publicado.

Outro jornal relevante que Sadoc de Araújo costumava citar foi o *A Lucta*, de propriedade do jornalista Deolindo Barreto. Nele, houve uma descrição mais detalhada, no qual se lê que

Vindos de Greenwich, onde sahiram a 18 de março ultimo, com escala pelo Pará, chegaram quinta-feira ultima a esta cidade, onde vêm fazer estudos astronomicos á passagem do eclipse total do sol, anunciado para 29, os ses. Drs. A. Crommelim e C. Davdson, respectivamente diretor e auxiliar do “Royal Observatoru of Greenwich”, na Inglaterra. Cada uma das comissões estrangeiras e nacional aqui esperadas, se incumbirá do estudo de um ponto diferente de astronomia, por ocasião do bello fenômeno, cabendo a esta de que ora no ocupammos, o difficillimo estudo do pesa da luz solar, o qual virá provar ou negar varias opiniões scientificas de que é pela gravidade que esta luz chega até nós. O pavilhão e aparelhos da referida comissão, que vieram acondicionados em 32 grandes volumes, estão sendo assentados na área interna do Jockey-Club e entre eles figuram alguns do observatório do collegio dos Jesuitas, de Greenwich, o qual é também representado pelo dr. Crommellim, que é um fervoroso catholico. Caso sejam bem sucedidos nos estudos principaes, os esforçados cientistas permanecerão aqui uns dois mezes estudando as diversas phases do eclipse. Confessam os ilustres hóspedes que o nosso progresso social e comercial ficou muito acima das suas previsões, pois vieram prevenidos dos mais insignificantes objetos, como se fossem para uma atrasada aldeia. Essas informações devemos á gentileza do dr. Leocadio Araujo, que vem sendo interprete dos illustrados hospedes, que apenas falam o inglez<sup>476</sup>.

Neste documento, é interessante o esforço do autor – não identificado, mas que suponhamos ser o próprio Deolindo Barreto – em empreender uma valorização das riquezas da cidade, com seu desenvolvimento comercial e social, que a levaria para distantes da ideia de “aldeia atrasada”. Há, inclusive, uma tentativa de tornar o mais evidente possível a religiosidade de um dos pesquisadores, talvez criando um vínculo entre ele e os que o recebiam. Mas o enfoque do texto, como toda produção jornalística, era o de informar a população. O didatismo

---

<sup>475</sup> *Ibidem*, p. 81.

<sup>476</sup> *A Lucta*, 7 de maio de 1919, p. 2

que opera a escrita possibilitava que os letrados que assinavam o jornal diminuíssem o assombro frente a todas essas novidades que chegavam, rapidamente, a Sobral.

A historiadora Joyce Mota Rodrigues se propôs a estudar o cotidiano e as tensões dos encontros entre os cientistas e a população de Sobral. Citando uma variedade maior de jornais, incluindo o jornal *A Lucta*, que citamos acima, a historiadora avalia que a documentação por ela estudada, especialmente no capítulo “Theatro de Cientistas”, as matérias dos jornais da cidade, cruzados com os diários das expedições, permitem observar “contradições acerca das enunciações em torno do ‘progresso’ da cidade”<sup>477</sup>.

A experiência do encontro com os cientistas e os aparelhos tecnológicos que trouxeram, bem como a ocorrência do eclipse, mexeram com o imaginário da população. Outra fonte interessante para entender esse encontro cultural é a obra ficcional de Cordeiro de Andrade<sup>478</sup>. O autor, jornalista nascido em Sobral que tinha nove anos de idade na época do eclipse de 1919, em seu romance *Cassacos*, tece narrativas distintas sobre a experiência da chegada dos pesquisados estrangeiros na cidade. Seu texto nos ajuda a imaginar como se construíram as relações entre sujeitos tão diferentes (pesquisadores e habitantes da cidade). Esse encontro é descrito da seguinte forma:

Foi um furdunço dos diabos, aquela manhã de maio. O povo assanhado, em reboição pelas ruas, tonto. Um fusuê danado, prá espisar de perto os homens da Comissão Científica, que haviam chegado a Sobral, prá apreciar o eclipse solar, a mandado do governo. Primeiro armaram umas barraquinhas de pano, na praça do Siebra, perto do catavento. Depois, instalaram-se na praça do Figueira. Eram uns homens rosados como camarão cozido. Umas barbas não sei de que tamanho, ruivas, que serviam de brinquedo ao vento. Fazia até mêdo á gente<sup>479</sup>.

Impacto maior da população foi o descrito na observação do eclipse. A curiosidade se misturou ao espanto e ao medo, e foram apresentados em um outro trecho do romance:

Aí foi que a lenda do fim do mundo tomou vulto. A terra iria pegar fogo. Esperava-se que os Anjos do Senhor anunciassem a hora, com toques de cornetas, lá do céu. Das duas, uma: ou os homens de ciência eram enviados de Deus, a converter os hereges, ou eram os Anticristos, anunciados pelos livros sagrados, que viriam desviar o povo do bom caminho. [...] Meia dúzia de rapazes, tidos como inteligentes, porque eram ateus e anticlericais, contrariavam as velhas<sup>480</sup>.

<sup>477</sup> RODRIGUES, Joyce Mota. *Entre telescópios e potes de barro*. Op. Cit. p. 58.

<sup>478</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cordeiro de Andrade: jornalista perdido na ficção*. Fortaleza, CE: BNB, 1985.

<sup>479</sup> ANDRADE, Cordeiro de. *Cassacos*. Adersen Editores. Rio de Janeiro, 1934. pp. 149 e 150.

<sup>480</sup> *Ibidem*, pp. 151 e 152.



Os membros da comissão eram concebidos, a partir desta narrativa, como sujeitos bem diferentes da concepção de intelectual existente na cidade. Em Sobral, intelectualidade e religião foram noções praticamente inseparáveis até o fim da primeira metade do século XX. O texto ainda traz em outros fragmentos aspectos da modernidade, tecnologia e cientificidade trazidos pelos forasteiros, ajudando a construir a retórica do “Apocalipse”. Não duvidamos que experiências similares a essas tenham ocorrido e influenciado na produção ficcional de Cordeiro de Andrade.

Sadoc de Araújo, em outra obra, agora em que usa uma maior quantidade de documentos, apresenta uma abordagem diferente de *Cronologia Sobralense*, tecendo a imagem de uma cidade que vivencia a vinda dos pesquisadores e estaria suscetível ao espanto da população imaginado – ou seria observado? – por Cordeiro de Andrade.

Em *A história da cultura sobralense*, obra publicada originalmente em 1978 e reeditada em 2005, com outro título, *A origem da cultura sobralense*, o clérigo realiza outra abordagem da construção discursiva de espacialidades a partir da história. Nessa nova narrativa da história na qual, em vez de propor uma sequência cronológica, construída por um encadeamento de verbetes e de datas, Sadoc de Araújo construiu um texto dissertativo, articulado com algumas reproduções de fontes. Infelizmente, há pouca interlocução com autores e fontes, ficando uma lista de fontes ao final de cada capítulo para a consulta dos interessados.

As intenções da obra estão expostas em sua introdução. Segundo o clérigo, a obra publicada visava ser “apenas um roteiro”. Sua única pretensão era “[...] indicar fontes e marcar nomes e fatos que sirvam de base para a realização de um estudo de maior profundidade e extensão que deverá ser feito posteriormente, como espero, por pesquisadores que surgirão da fertilidade intelectual da terra sobralense”<sup>481</sup>.

Assim como *Cronologia Sobralense*, a *Origem da cultura sobralense* também pretendia se mostrar como um arquivo para os pesquisadores do futuro. Essa mediação do arquivo, indicando fontes e enredos, condicionaria a escrita da história desejada pelo padre para o futuro. Isso seria garantido pela “fertilidade intelectual” de Sobral, mostrando que o conceito de *cidade-mãe*, que discutimos no segundo capítulo deste trabalho, que colocava Sobral como sendo um local fértil para o conhecimento e modelo de intelectualidade, era atualizado por Sadoc de Araújo.

O padre afirma que se restringiu a se dedicar “[...] às fontes mais antigas, documentos mais raros e de mais difícil acesso”<sup>482</sup>. Todavia, por meio de suas indicações finais, vemos que

---

<sup>481</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *A Origem da cultura sobralense*. Sobral: Edições UVA, 2005. p. 19.

<sup>482</sup> *Idem*.

os periódicos de Sobral usados como fontes foram o *Correio da Semana* e *A Ordem*, fontes de intenso manuseio na pesquisa local, já utilizados por Sadoc de Araújo em outros de seus escritos. Por isso, colocaremos em diálogo a narrativa do clérigo com a de outros periódicos, em especial o *A Lucta*.

*Origem da Cultura Sobralense*, de pouco mais de duzentas páginas, dedica as dezoito páginas finais (192 a 209) ao evento do eclipse, fazendo a apresentação da Teoria da Relatividade e dando suas impressões sobre a vinda dos pesquisadores à cidade. O assunto é apresentado, inicialmente, a partir da abordagem das condições políticas e sociais para o desenvolvimento da pesquisa científica no mundo. “Terminada a primeira grande guerra, os cientistas voltaram a ter condições para reiniciar suas atividades normais de pesquisa”<sup>483</sup>. O clérigo apresenta, sem citar diretamente as fontes, uma narrativa introdutória sobre a Teoria da Relatividade e a importância desta para a ciência<sup>484</sup>.

A apresentação das condições que possibilitaram a expedição, além da explicação do fenômeno físico, são coerentes com a narrativa dos próprios expedicionários ingleses. Em um artigo traduzido para o português e publicado no periódico *Estado do Pará*, decorrente da estadia dos pesquisadores Andrew Crommelin e Charles Davidson na Amazônia, durante o trajeto para Sobral, os pesquisadores falavam da importância do evento e das condições restritas para sua observação que esperavam encontrar,

[...] Nem outra ocasião o se terá de fazer experiências sobre o assunto antes de setembro de 1922, quando haverá um eclipse visível no Oceano Índico e na Austrália. Mas o campo de estrelas será então muito menor que o deste ano. Embora as presentes expedições fossem planejadas há dois anos, era de todo em todo duvidoso se poderiam partir. Com efeito, seria isso muito difícil se o armistício viesse dois meses mais tarde do que veio<sup>485</sup>.

Todavia, tal explicação ainda não colocava a cidade do sertão cearense no caminho dos pesquisadores. Não destacam o que seria o favorecimento que ela gozaria da natureza tal como aparecia na narrativa do padre Lira, que realizara a defesa da importância da cidade para a realização do evento.

Sendo um eclipse total do sol visto do hemisfério sul, por qual motivo Sobral e não outra cidade foi a escolhida para o deslocamento das comissões científicas? A historiadora Christina Helena Barboza, em um artigo intitulado *O eclipse de Sobral sob o olhar de uma história social*

<sup>483</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *A Origem da cultura sobralense*. Sobral: Edições UVA, 2005. p. 192.

<sup>484</sup> *Idem*.

<sup>485</sup> *Jornal Estado do Pará*, 20 de abril de 1919, p. 1

da astronomia, publicado no já citado número especial da *Revista Brasileira de Astronomia*, responde essa questão a partir de uma visão infraestrutural:

De modo análogo, a existência de uma estrada de ferro por onde os pesados e frágeis equipamentos podiam ser transportados do porto até o local de observação, bem como de uma rede de funcionários públicos capazes de suprir as equipes com informações meteorológicas e suporte operacional, também eram levadas em conta no planejamento das expedições. No Brasil, onde Davidson e Crommelin aportaram, no dia 23 de março, havia a Estrada de Ferro de Sobral, que ligava o porto de Camocim à cidade.<sup>486</sup>

Sadoc de Araújo, assim como João Mendes Lira, não explora essas questões. A estratégia para demonstrar a importância de Sobral é outra. A apresentação do contexto em que ocorreu a expedição, da teoria e de diversos aspectos físicos, científicos e sociais que cercaram o evento, realizada por Sadoc de Araújo evidenciava a relevância adquirida na comunidade científica da verificação da teoria da relatividade por meio do eclipse.

Essa versão, aparentemente, não advém da própria comunidade científica, que não parece colocar a cidade de Sobral como sendo indispensável para a constatação desse fenômeno. A cidade não aparecia como protagonista para a comunidade acadêmica. Ela era pano de fundo, quase ignorada, no processo de comprovação de uma teoria imaginada e formulada a milhares de quilômetros de distância.

O padre associa esta escolha a questões de visibilidade e facilidade de observação que tornariam privilegiada a posição de Sobral e da Ilha do Príncipe, na costa africana, como localidades mais indicadas para a observação do eclipse, pois: “Nestes dois locais, o sol estaria numa altura de 45° e a duração total do eclipse seria de mais de cinco minutos. As condições nestes locais eram as mais favoráveis”<sup>487</sup>. É o simples acaso natural que justifica a predileção por Sobral na retórica de Sadoc de Araújo.

Há, então, a parte mais interessante do texto do clérigo para a história da visita dos cientistas a Sobral. Ele inicia a apresentação das três comissões científicas que vieram até a cidade realizar os estudos a partir do eclipse total do sol de 29 de maio de 1919. Primeiramente, é apresentada a comissão brasileira, vinda do Rio de Janeiro, subordinada ao Observatório Nacional, chefiada por Dr. Henrique Morize e contando com mais oito participantes. A comissão chegou a Sobral, segundo esta nova obra, no dia 9 de maio e não dia 10, como o texto de “*Cronologia Sobralense*”, do mesmo autor, aponta. Os brasileiros, que ficaram sediados na

---

<sup>486</sup> BARBOZA, Christina Helena. O eclipse de Sobral sob o olhar de uma história social da Astronomia. In.: *Revista Brasileira de Astronomia*. Ano 1, Número 2. 2019. pp. 13 e 14.

<sup>487</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *A Origem da cultura sobralense*. Op. Cit. p. 194.

Praça da Igreja N.S. do Patrocínio, tinham por objetivo “fotografar a coroa solar para determinar sua extensão, testar subsidiariamente a Teoria da Relatividade de Einstein e, finalmente, fotografar o espectro da coroa para determinar sua composição e tentar medir a velocidade de sua rotação”<sup>488</sup>.

A “comissão americana” também chegara no dia 9 de maio, sendo subordinada ao Carnegie Institution (Washington). Era composta por apenas dois membros, o Dr. Daniel M. Wise e o Dr. Andrew Thompson. Tinha como foco central “medir os efeitos do eclipse sobre o magnetismo terrestre e sobre as propriedades elétricas do ar na ausência dos raios solares diretos”<sup>489</sup>.

Tais informações, acerca das comissões “brasileira” e “americana”, foram retiradas, provavelmente, do jornal *A Ordem*, de 16 de maio de 1919, que traz em sua primeira página um levantamento das ações da expedição brasileira a partir de uma entrevista com o chefe da comissão, Henrique Morize.

Outra fonte, o jornal *A Lucta*, de 14 de maio de 1919, traz informações sobre os pesquisadores destas duas comissões. Sobre a comissão brasileira, segundo o artigo,

[...] Da comissão brasileira [sic], chefiada pelo dr. Henrique Morise, chefe do Observatorio do Rio de Janeiro e cientista de grande merito, fazem parte os srs. Drs. Domingos Costa, e Allyrio de Mattos, dignos assistentes do mesmo observatorio, Theophilo Leite, Abalisado chimico do serviço geológico, Leilo Gama, calculador, Luiz Rodrigues, metereologista e Arthur Almeida, e Primo Flores, auxiliares. Os três primeiros se fazem acompanhar das suas exmas. Esposas<sup>490</sup>.

Observa-se a variedade das funções dos cientistas e de tipos de observação científica empreendida em Sobral. Mas, o que nos chama mais atenção é a riqueza de detalhes sobre a comissão composta por estadunidenses narrada no mesmo artigo. Segundo ele, havia, de fato, apenas dois cientistas, Daniel Wise e Andrew Thompson. Wise era especialista em fenômenos magnéticos e “formado pela Universidade de Bucknelz [sic] e tem dirigido expedições á África Central e ás partes occidentaes da África do Sul”, ao passo que Thompson tinha interesse por fenômenos atmosféricos e era “diplomado pelas universidades de Toronto, Canadá e Harward [sic], é autor de vários tratados scientistas”<sup>491</sup>. Sobre a comissão dos estadunidenses, o periódico *A Ordem* ainda contribuía ao afirmar que, além dos pesquisadores apresentados, “O Snr. Antonio C. de Lima, completa, como auxiliar, a Comissão Americana”<sup>492</sup>.

<sup>488</sup> *Idem.*

<sup>489</sup> *Idem.*

<sup>490</sup> *A Lucta*, 14 de maio de 1919, p.2

<sup>491</sup> *Idem.*

<sup>492</sup> *A Ordem*, 16 de maio de 1919.

O artigo de *A Lucta* não se esgota ali. Além do currículo dos pesquisadores, há algumas informações mais ligadas ao próprio experimento científico:

Por intermédio do seu interprete, o distinto moço Antonio C. Lima, futuro cunhado do nosso amigo Alberto Amaral sabemos, que o intuito dos ilustrados homens da sciencia, por ocasião do eclipse, que será total durante 5 minutos e 45 segundos, é notar a mudança do estado magnético da terra e as condições electricas da athmosphera, a fim de rebustecer a relação entre o magnetismo terrestre a  $\Sigma$ clar, relação já estabelecida, mas de natureza indeterminada. O dr. Thompson está montando os seus aparelhos no paleo do Jockey-Club, enquanto [*sic*] o dr. Daniel acondiciona os seus num subterrâneo com 5 metros de profundidade, nos baixos do palacete do coronel Vicente Saboya, onde estão hospedados<sup>493</sup>.

Segundo essa narrativa, os estadunidenses realizariam seus experimentos no antigo local onde ocorriam as corridas de cavalos em Sobral, área correspondente hoje à uma grande área, que compreende a estação rodoviária e seu entorno, o bairro Tamarindo e se estendendo até próximo da casa do Cel. Vicente Saboya de Albuquerque. Essa versão é discordante da que reservou à Praça do Patrocínio, o local de comprovação da teoria. O principal defensor, que foi na Praça do Patrocínio, o local das verificações da Teoria da Relatividade, foi o padre Lira que, na já citada obra *Sobral na história do Ceará e a personalidade do Padre Ibiapina*, afirma que:

A Velha Caiçara, A Vila Distinta e Real de Sobral, A Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú-Sobral teve a grande honra de ser o local onde pela primeira vez foi provado o PESO DA LUZ. Foi, portanto, na Praça do Patrocínio, muito longe dos centros intelectuais que o conhecido matemático, naturalizado “americano do Norte”, através das constatações do próprio Eclipse foi reconhecido como verdadeiro nas suas teorias sobre a Relatividade<sup>494</sup>.

Essa narrativa que coloca a Praça do Patrocínio – não por coincidência em frente a um templo religioso – como sendo o local da comprovação da Teoria da Relatividade perde mais força ao lembrarmos que não foram nem os brasileiros e nem os estadunidenses os responsáveis pelas principais fotografias e estudos que comprovaram as premissas teóricas propostas por Albert Einstein, mas, sim, uma terceira comissão, a inglesa.

Sadoc de Araújo partilha dessa interpretação. A “Comissão Inglesa”, aparentemente independente das outras, e composta pelo Dr. Andrew Crommelin e pelo Dr. Charles Davidson, chegou um pouco antes a Sobral. Segundo o clérigo, saindo de Liverpool no dia 8 de março, passando por Belém do Pará no dia 23 daquele mês, partindo dia 24 de abril de lá e chegando a Camocim em 29 de abril, vindo de trem até Sobral, no dia seguinte. Os ingleses eram

<sup>493</sup> *A Lucta*, 14 de maio de 1919, p. 2

<sup>494</sup> LIRA, João Mendes. *Sobral na história do Ceará e a personalidade do Padre Ibiapina*. Op. Cit. p. 31.

vinculados ao Observatório de Greenwich. Chegando a Sobral, a comissão “foi recebida pelo Prefeito Municipal Dr. José Jácome de Oliveira e pelo Mons. José Ferreira, representante do Bispo Diocesano. Foi hospedada em casa do Cel. Vicen[t]e Sabóia, então deputado federal”<sup>495</sup>.

Destaca-se o esforço do padre em demonstrar que a Igreja participa da recepção aos pesquisadores, ao lado dos representantes do poder público. Mas o bispo, dom José Tupinambá da Frota, não se faz presente, apesar de ter sido contatado, anteriormente. Segundo *A Lucta*:

O exmo. Sr. D. José Tupynambpa da Frota, digno Bispo desta Dioceze, recebeu uma carta do diretor do Observatório de Stonyhurst Collége [Inglaterra] recomendando-lhe os astrônomos André Cornmlim e Charles Davdson, que já d’alli partiram para esta cidade com escala pela Capital Federal. Dest’arte vamos ver reunidos em Sobral, em maio próximo uma região dos mais celebres cientistas astronômicos.<sup>496</sup>

Dom José, segundo o discurso de Sadoc e do jornal *A Lucta*, foi quem teria recebido uma correspondência tão relevante, não o prefeito da cidade, Jacome de Oliveira. Ele envia um representante para receber os pesquisadores, mas parece se manter alheio à presença e ao trabalho das expedições, não sendo mais citado na documentação.

Os ingleses ficam hospedados em uma das casas com maior infraestrutura da cidade, junto aos pesquisadores dos EUA, pertencente a um dos habitantes de Sobral mais ricos no período, o deputado Vicente Saboya de Albuquerque, irmão do então juiz de direito da comarca local e rival do prelado, o Dr. José Saboya de Albuquerque<sup>497</sup>. Dom José desaparece da narrativa de Sadoc de Araújo, nem é citado por Lira quando trata do evento.

A localização das observações realizadas pelos ingleses é diferente da que foi assumida pela comissão “brasileira”, pois “O posto de observação foi montado no hipódromo do Jockey Club, então localizado em frente da casa em que ficou hospedada”<sup>498</sup>. Como já afirmamos, o antigo hipódromo de Sobral localizava-se às margens do Rio Acaraú e se estendia por vasta área. O palacete de Vicente Saboya, ainda com sua fachada preservada, fica situada na Avenida Lúcia Sabóia, Nº 280, distante cerca de 500 metros da Igreja do Patrocínio, onde a comissão brasileira estava.

<sup>495</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *A Origem da cultura sobralense. Op. Cit. pp. 196 e 197.*

<sup>496</sup> *A Lucta*, 12 de março de 1919, p. 2

<sup>497</sup> Segundo Joyce Rodrigues, “A cidade mostrou-se receptiva na chegada dos observadores. As casas em que ficariam instalados eram da família Saboya, proprietária da fábrica de algodão em Sobral, as únicas com capacidade para acomodar os viajantes e os instrumentos. As duas residências foram cedidas pelo Coronel Vicente Saboya e José Saboya de Albuquerque”. (RODRIGUES, Joyce Mota. *Entre telescópios e potes de barro. Op. Cit. p. 41*).

<sup>498</sup> ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *A Origem da cultura sobralense. Op. Cit. p. 196.*

Figura 24 – Palacete do Cel. Vicente Saboya, local de hospedagem para as comissões inglesa e estadunidense



Fonte: Arquivo pessoal, fotografia de 20 de fev. de 2023.

Joyce Rodrigues, em sua pesquisa sobre o cotidiano das expedições, corrobora esse dado ao afirmar que “Os brasileiros ficaram em frente à Igreja do Patrocínio, os ingleses ficaram mais perto da casa onde estavam hospedados e os norte americanos [*sic*] ficaram no quintal desta casa”<sup>499</sup>. A informação, aparentemente irrelevante, ganha importância ao observarmos onde foram erguidos os monumentos e aparelhos públicos com menção ao eclipse, concentrados na praça em frente à Igreja de N.S. do Patrocínio.

Esse simples fato, citado *em passant* por Sadoc de Araújo e ignorado por Lira, não vai mais ser lembrado pelos esforços de rememoração realizados pela historiografia e pelas instituições locais, a partir do final da década de 1990, na cidade. A sedução de ter uma torre de igreja nas representações do evento é perceptível. A prática realizada, especialmente em

<sup>499</sup> RODRIGUES, Joyce Mota. *Entre telescópios e potes de barro*. Op. Cit. p. 59.

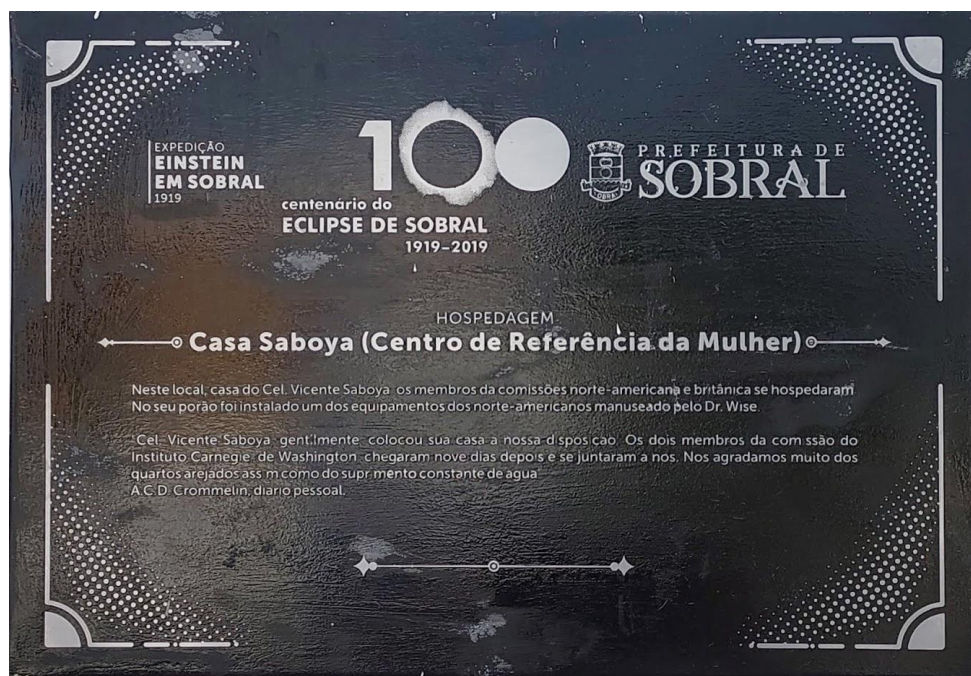
narrativas e prédios públicos, foi o de unir Igreja e comprovação da Teoria da Relatividade o máximo que se pôde.

### 5.3 MÚLTIPLAS VISÕES OU APENAS UMA PERSPECTIVA?

Há narrativas distintas sobre as experiências realizadas pelas comissões científicas em Sobral. O local da “comprovação” varia conforme a narrativa de cada clérigo. Enquanto Lira associa a Praça da Igreja de N. Sra. Do Patrocínio à realização dos experimentos, Sadoc de Araújo fala de uma divisão entre os cientistas das comissões, em que brasileiros ficaram na praça, ao passo que os ingleses se fixaram no antigo Jockey Club.

Independente dessa discordância entre os padres, é a Praça da Igreja do Patrocínio que concentra os monumentos dedicados ao evento: o Museu do Eclipse e o Planetário de Sobral, ao passo que apenas em 2019, no contexto de comemoração do centenário do evento, é que foi colocada uma placa no prédio onde as comitivas ficaram hospedadas, antes propriedade do Cel. Vicente Saboya, e hoje tornado um prédio público.

Imagem 25 – Placa em menção à hospedagem das comissões científicas



Fonte: Arquivo Pessoal, fotografia de 20 de fev. de 2023



Todavia, além da singela placa, não há menção alguma ao evento em suas redondezas, apesar de que “A missão mais importante cabia à Comissão Inglesa[...]”<sup>500</sup>, pois “O objetivo único da Comissão Inglesa foi medir o peso da luz para pôr à prova a Teoria da Relatividade de Einstein”<sup>501</sup>. Esta versão ganha mais robustez na narrativa do clérigo com a reprodução da tradução de um artigo publicado na revista londrina *Conquest* de 1920, atribuída a Charles Davidson:

O local para a estação astronômica foi escolhido no hipódromo do Jockey Club, na frente da casa. Foi traçada uma linha meridiana. Isto foi feito pela sombra de um fio de prumo ao meio-dia e conferida à noite pelo azimute dos “indicadores” da ursa Maior, já que a estrela Polar estava abaixo do horizonte. Alguns pedreiros começaram a construir as bases sobre as quais deviam ser instalados os instrumentos<sup>502</sup>.

De certa forma, a visão que Lira partilha de onde ocorreram esses eventos parece ter sido mais influente para a escolha política da construção de equipamentos e monumentos alusivos ao eclipse de 1919 e à vinda das comissões científicas. Unindo em uma mesma praça a ciência e a religião, foi na Praça de N.S. do Patrocínio que ocorreu a construção do Museu do Eclipse e do Planetário Municipal.

Figura 26 – Museu do Eclipse, Praça do Patrocínio



Fonte: Arquivo pessoal, fotografia de 20 de fev. de 2023.

<sup>500</sup> *Ibidem*, p. 195.

<sup>501</sup> *Ibidem*, p. 196.

<sup>502</sup> DAVIDSON, Charles. *apud* ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *A Origem da cultura sobralense. Op. Cit.* p. 204.

O Museu do Eclipse – em primeiro plano na imagem – foi inaugurado em 29 de maio de 1999, oitenta anos depois do eclipse estudado em Sobral. Fica localizado em uma das bordas da praça, em frente à Igreja. É uma das principais obras arquitetônicas empreendidas no primeiro mandato de Cid Ferreira Gomes (1997-2004) como prefeito da cidade. Sua estrutura acabou por incorporar o monumento alusivo ao eclipse encomendado feito na década de 1970, transferindo-o para uma torre ao lado direito do museu. É um equipamento fundamental para a tentativa de rememorar o evento. Joyce Rodrigues, que estagiou no Museu do Eclipse e parece ser influenciada por toda a documentação com a qual ela entrou em contato ao longo do desenvolvimento de sua pesquisa de mestrado, avalia que,

O Museu do Eclipse, inaugurado em 1999 em Sobral, foi construído no exato lugar das observações. Esse museu representa um fenômeno da natureza e mantém como ideia básica rememorar o acontecimento que se refere ao eclipse solar de 1919. O museu possui, dentro de sua estrutura, um cenário todo preto como se representasse o universo antes da luz. *Ou seria Sobral antes do Eclipse?* Há um salão de exposições permanente em que são disponibilizadas as fotos originais utilizadas para comprovar a teoria de Einstein, além das fotografias com a presença das expedições em Sobral.<sup>503</sup>

Não avalio que o eclipse tenha sido tão impactante para as mudanças de rumo de Sobral, como na imagem construída por Joyce Rodrigues, para o qual o “eclipse” teria trazido as luzes para a cidade. Como vimos, a historiografia local sequer deu atenção ao evento em um primeiro momento, revisitando-o apenas por meio dos trabalhos de Sadoc de Araújo e Lira. O uso da documentação pretensamente comprovaria que a cidade de Sobral fora o principal palco para a verificação da Teoria da Relatividade.

O museu funciona no subsolo, ficando à mostra apenas as suas janelas, acima do nível da praça. O prédio é separado em duas partes por outro monumento, que não tem ligação com o eclipse de 1919 ou a Teoria da Relatividade. O monumento é uma torre com a seguinte inscrição comemorativa: o “Monumento Commemorativo da Fundação de Sobral – Passou à povoação em 1712. A Villa em 1773. E à cidade em 1841”, que foi construído em 1927, na administração de Ernesto Marinho de Albuquerque Andrade (1924-1928) como prefeito municipal.

Já o Planetário de Sobral – que fica à esquerda na imagem – foi inaugurado em 29 de maio de 2015, em comemoração aos 96 anos de ocorrência do eclipse, durante a administração municipal de Clodoveu Arruda Neto, o Veveu, membro do grupo político dos “Ferreira

---

<sup>503</sup> RODRIGUES, Joyce Mota. *Entre telescópios e potes de barro*. Op. Cit. p. 113.

Gomes”, liderados por Ciro, Cid e Ivo Ferreira Gomes, filhos do ex-prefeito José Euclides Ferreira Gomes Júnior, prefeito entre 1977 e 1983.

Figura 27 – Planetário de Sobral (centro), Igreja do Patrocínio (esquerda) e Museu do Eclipse (direita)



Arquivo pessoal, fotografia de 20 de fev. de 2023.

Mas não foram apenas as inaugurações de monumentos e aparelhos públicos que fizeram parte das iniciativas que visavam “internacionalizar Sobral”, nos moldes em que padre Lira anunciara no passado. Em fins da década de 1990 e começo dos anos 2000, comemora-se os oitenta anos do fenômeno astronômico e, principalmente, o sucesso das comissões científicas que vieram a Sobral, atrelando o nome da cidade ao êxito do empreendimento, uma série de produções discursivas foi publicada.

Livros, revistas e até um curta-metragem em forma de animação serviram para a composição de uma teia discursiva que visava à divulgação não apenas da existência de um eclipse oitenta anos antes, mas que este fenômeno foi fundamental para a história da ciência e, principalmente, que ele ocorreu “no céu de Sobral”. Aparentemente, a convocação de Sadoc de Araújo, para que uma intelectualidade fértil seguisse seus passos, foi atendida.

Como principais parceiras desse projeto de divulgação, encontramos a Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, que tinha como reitor o professor José Teodoro Soares, e a Prefeitura Municipal de Sobral, administrada por Cid Ferreira Gomes, irmão de Ivo, que posa ao lado da estátua de Einstein na abertura deste capítulo.

Habilidoso político, posteriormente eleito Deputado Estadual, Teodoro Soares foi por muitos anos sócio do empreendimento de publicação de textos que erigissem visões monumentais sobre Sobral, bem articulado com os desejos dos poderes públicos de então. Sua esposa, Maria Norma Maia Soares, formada em Ciências Sociais, assistente técnica da UVA e coordenadora da editora daquela universidade, foi uma das principais agentes do empreendimento de divulgação do eclipse, sempre atrelando o evento à cidade de Sobral, realizando a proposta do padre Lira, mesmo não fazendo referência a ele.

Já Cid Gomes, então jovem prefeito, almejava sua reeleição no ano 2000 e, posteriormente, alçou outros voos políticos, tornando-se governador do estado e senador pelo Ceará, sempre utilizando como base de suas campanhas a cidade que governou e a ideia de uma “Sobral Modelar”, expressão, por sua vez, do que seria o discurso da *sobralidade*.

Outro sócio dessa empreitada foi um relevante astrônomo brasileiro, Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, que além de trabalhos ligados ao estudo de corpos distantes do sistema solar, foi um entusiasta da construção de uma memória acerca da astronomia no Brasil, sendo um dos fundadores do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST<sup>504</sup>, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, bem como divulgador científico presente em diferentes projetos.<sup>505</sup> A presença de textos de Ronaldo Mourão nas publicações realizadas em Sobral, figura conhecida na mídia e que, ao seu modo, desejava também internacionalizar conhecimentos sobre o Brasil, servia como dispositivo de autorização do discurso empreendido pelos agentes da universidade e da prefeitura.

Em 1999 foi lançada uma obra com ampla divulgação junto ao público acadêmico: *Eclipse de 1919: Múltiplas Visões*<sup>506</sup>, organizada pela professora Maria Norma Soares, assessora técnica e coordenadora das Edições UVA por dezesseis anos, além de esposa do ex-reitor Teodoro Soares. O livro foi publicado pelas Edições UVA, exemplificando bem como aquela universidade foi sócia no projeto de construção e massificação do evento interpretado como “Eclipse de Sobral”.

O livro, compreendido aqui como um interessante *acontecimento discursivo*, reunia quinze artigos de onze autores de formações e cargos variados. Ronaldo Rogério de Freitas Mourão era o único autor de expressão nacional, mas todos os participantes veiculavam um discurso afinado que, mesmo que tratassem de variadas subtemáticas ligadas a distintas áreas

<sup>504</sup> Ver: <http://www.mast.br/pt-br/>. Acesso em: 23 de abr. de 2020.

<sup>505</sup> Ver: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2014/07/1491832-astronomo-ronaldo-mourao-morre-aos-79-anos-no-rio.shtml>. Acesso em: 23 de abr. de 2020.

<sup>506</sup> SOARES, Marta Norma Maia (Org.). *Eclipse de 1919: Múltiplas visões*. Sobral: Ed. UVA, 1999.

do conhecimento, pareciam observar os acontecimentos de um mesmo ponto de vista, produzindo múltiplas visões a partir de uma mesma perspectiva de observação.

O padre Sadoc de Araújo, primeiro reitor da Universidade Vale do Acaraú, participa com a reprodução de um artigo anteriormente publicado em *História da Cultura Sobralense*, já discutido aqui. O padre João Mendes Lira, principal defensor da necessidade de se “internacionalizar Sobral”, não tem texto algum publicado no livro.

Na apresentação, intitulada *Velha História*, assinada por José Teodoro Soares, o reitor da Universidade Estadual do Vale do Acaraú faz uma enfática defesa da associação entre o município de Sobral e o nome do físico Albert Einstein. Para Teodoro Soares, a obra que apresentava deveria funcionar como o despertar sobre um fato aparentemente esquecido pela historiografia local e, principalmente, pelas “pessoas comuns”:

Diz-se, comumente, que o brasileiro tem memória curta. Verdade ou clichê inócuo, o fato é que esta passagem da história científica do Ceará – o Eclipse de 1919 em Sobral – encontrava-se escondida e intocada, menos pelos que investigam e devassam nosso passado tão rico do que pelas pessoas comuns, as quais, talvez por força as circunstâncias “globalizantes”, são levadas a valorizar mais o presente local e suas relações com outras culturas, que nos chegam e saem via meios de propagação coletiva.<sup>507</sup>

Teodoro Soares defendia a luta contra o esquecimento daquele evento, fazendo a divulgação de certa memória sobre o eclipse. O que o reitor propõe poderia ser entendido a partir do que Paul Ricoeur chama de “memória manipulada”, ou seja, um certo exercício da lembrança, de forma seletiva e oficial, provocando outros esquecimentos<sup>508</sup>. A produção de enunciados discursivos e a sua repetição é uma das principais características dessa forma de exercício da memória, oficializando-a.

Para Teodoro Soares, a produção desse exercício de memória era plausível pois: “[...] esta é uma ‘velha história’ (pedindo o título de empréstimo a conhecido soneto de Arthur de Azevedo) a dignificar nossos registros, fazendo retornar Sobral ao *status* experimentado em 1919, como *Laboratório do Mundo*”.<sup>509</sup>

<sup>507</sup> SOARES, José Teodoro. *Velha História*. In.: SOARES, Marta Norma Maia (Org.). *Eclipse de 1919: Múltiplas visões*. Sobral: Ed. UVA, 1999. p. V.

<sup>508</sup> Segundo Ricoeur: “Para quem atravessou todas as camadas de configuração e de refiguração narrativa desde a constituição da identidade pessoal até a das identidades comunitárias que estruturam nossos vínculos de pertencimento, o perigo maior, no fim do percurso, está no manejo da história autorizada, imposta, celebrada, comemorada – da história oficial. O recurso à narrativa torna-se assim a armadilha, quando potências superiores passam a direcionar a composição da intriga e impõem uma narrativa canônica por meio de intimidação ou de sedução, de medo ou de lisonja” (RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 455).

<sup>509</sup> SOARES, José Teodoro. *Velha História*. In.: SOARES, Marta Norma Maia (Org.). *Op. Cit.* p. V.

O desejo de uma Sobral internacionalizada, assim como propagado por Lira (apesar de não citado), ganha corpo no pequeno texto de Teodoro. Associando as figuras de Newton e Einstein, além de lembrar da escolha da cidade para sediar os estudos, feita por Henrique Morize, antecede a construção de um precioso enunciado: o de *sobralização do mundo*. A fim de elogiar sua esposa, Maria Norma Maia Soares, pela iniciativa de publicar a obra, Teodoro Soares afirma que: “Para evocar a data e o feito (quando a história, por importantíssimos momentos, ‘sobralizou’ o Mundo, vinculando a Cidade à genialidade de Einstein) [...]”<sup>510</sup>.

Lira, ainda vivo na época, caso tenha lido o texto, deve ter aberto um sorriso ao ver esse trecho, ao constatar que sua ideia de “internacionalizar Sobral” ganhou corpo, tanto que Sobral passou a ser dita como espaço que influenciou sobre os acontecimentos do mundo, modificando-o à sua imagem e semelhança.

O que seria “‘sobralizar’ o mundo”? Possivelmente, seria estender sobre todo o planeta a influência de Sobral, tornando-o semelhante à cidade ou dela adquirindo dadas qualidades. Os agentes políticos de Sobral miravam protagonismo na época, tornando a cidade famosa e, se possível, um modelo a ser seguido futuramente. Quanto mais distante chegasse aquela propaganda, mais longe repercutiria o nome da cidade, ou podemos dizer o nome daqueles que a dirigiam e/ou representavam, seja no campo político, seja no campo intelectual, como os padres fabricantes de passados.

Na introdução da obra, assinada pela autora Norma Soares, reafirma-se a ideia de uma cidade protagonista que deveria ser constantemente revalorizada, pois: “Poucas ou nenhuma cidade do Ceará, exceto Fortaleza, têm tido o destaque econômico, político, científico e cultural que Sobral tem desfrutado no cenário estadual ao longo dos anos”<sup>511</sup>. Todavia, esse florescimento cultural estaria ligado, na interpretação de Norma, ao protagonismo de uma parcela seleta da população: a elite, que estudou em outros centros, e que pôde realizar e contribuir em vários aspectos da vida da cidade.

É uma história centrada nas elites e na escrita pelas elites. É uma história escrita, majoritariamente, por aqueles que não são historiadores profissionais. Apenas parte do artigo de Sadoc de Araújo, que foi publicado originalmente em *História da Cultura Sobralense*, em 1978, ganha espaço. Na obra, assim como na articulação política de então, mesmo a produção dos padres perde espaço, sendo substituída pela produção de variados escritores que está afinada com os interesses dos agentes políticos, que patrocinam a publicação das obras.

---

<sup>510</sup> *Idem*.

<sup>511</sup> SOARES, Marta Norma Maia (Org.). *Eclipse de 1919: Múltiplas visões*. *Op. Cit.* p. VII.

Entre artigos de tom mais generalista, com discussões ligadas à física e ao impacto da Teoria da Relatividade no Brasil e no mundo, como: *A Teoria da Relatividade no Brasil*, de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão<sup>512</sup>, ou *A Teoria da Relatividade*, de Antonio Geraldo Ferreira<sup>513</sup>, ou *Pesando a luz*, de César Leal<sup>514</sup>, ou ainda *Astronomia no Ceará*, de Rubens Azevedo<sup>515</sup>, havia também textos que tornavam Sobral a principal protagonista do evento: *Sobral forneceu a Einstein o fenômeno desejado*, de Gregório Maranguape da Cunha<sup>516</sup>, *O Eclipse Total do Sol, de 29 de maio de 1919, em Sobral*, de Cláudio Pamplona<sup>517</sup>, são exemplos de narrativas que tentam apresentar motivos para a escolha da cidade de Sobral para a observação do eclipse, ao passo que outros artigos traziam consigo enunciados ainda mais sofisticados, ou imperativos, a fim de demonstrar o protagonismo da cidade.

Esses últimos textos, com perfil mais panfletários que os demais, traziam consigo desde o título um ideário de valorização efetiva da cidade: *O Eclipse de Sobral, primeira confirmação da Relatividade Geral*, de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão (que publicou três artigos na obra) é marcante nesse aspecto, pois o enunciado “Eclipse de Sobral”, utilizado por ele, foi o escolhido pela Prefeitura Municipal de Sobral para comemorar, vinte anos depois, o centenário do evento. Não se comemora a comprovação da Teoria da Relatividade, comemora-se o fato de que ela só foi mais ou menos possível, segundo os textos, por conta do protagonismo da cidade, caracterizado de diferentes formas nos artigos.

Juntam-se a tais textos, outros com uma profundidade questionável no que se refere às reflexões científicas, mas de grande valor para a produção narrativa que monumentaliza Sobral e a articula com o evento do eclipse. Nesses discursos se podem ler enunciados, como: *Curvo se fez o espaço ou curvou-se Sobral?*, de Sérgio Melo<sup>518</sup>, o sugestivo e pretencioso texto intitulado *A história do Mundo Moderno começou em Sobral*, também de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, e, por fim, talvez o mais importante de todos pelo cargo político que seu autor ocupava na época, *Sobral e o Eclipse de 29 de março de 1919*, assinado pelo então prefeito da cidade Cid Ferreira Gomes.

O curto texto de Cid Gomes, de duas laudas, faz uma narrativa de louvor à ciência e à cidade, imbricando-as. Além disso, Cid, habilidosamente, justifica a construção do Museu do

<sup>512</sup> Então pesquisador-titular do Museu de Astronomia e Ciências Afins, no qual foi o fundador e primeiro diretor.

<sup>513</sup> Físico e que na época era Gerente do Departamento de Meteorologia da Fundação Cearense de Meteorologia – FUNCEME.

<sup>514</sup> Poeta, ensaísta e professor da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

<sup>515</sup> Astrônomo, fundador da Sociedade Brasileira dos Amigos de Astronomia e membro do Instituto do Ceará.

<sup>516</sup> Professor Titular da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

<sup>517</sup> Fundador do Observatório Astronômico Herschel-Einstein, da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

<sup>518</sup> Químico, professor da Universidade Federal do Ceará – UFC.

Eclipse, em sua gestão, no local escolhido, a Praça do Patrocínio, afirmando que a comprovação se dera lá e não no antigo Jockey Club<sup>519</sup>. Uma coisa não escapava ao gestor que realizou suas futuras campanhas políticas para reeleição a prefeito municipal, para a eleição a governador do estado e a senador a partir da ideia de Sobral como cidade modelo:

Sobral foi o palco deste momento supremo da investigação científica. A nossa cidade foi escolhida para esta função em virtude da limpidez da sua atmosfera, naquela época ressecada pelo longo estio, calamitoso do ponto de vista econômico, mas visto historicamente, cheio de um fato poderoso, extremamente atraente e capaz de colocar o nome de Sobral em todos os tratados da Astronomia e da Física.<sup>520</sup>

Entretanto, nacional e internacionalmente, o nome da cidade parece ter se tornado irrelevante quando da elaboração da memória sobre o evento. Exceto a produção discursiva realizada pelos agentes da própria cidade, pouco se vê referências a qualquer ligação entre Sobral e à comprovação da Teoria da Relatividade. Talvez, por isso, o empreendimento realizado na efetivação da memória que atrela Sobral, Eclipse de 1919 e Teoria da Relatividade.

Ronaldo Rogério de Freitas Mourão foi autor de três dos artigos editados por Norma Soares, publicados em sequência ao de Cid Gomes. O mais relevante para a construção da tese de “internacionalização de Sobral”, nos moldes idealizados pelo padre Lira, foi, certamente: *A História do Mundo Moderno começou em Sobral*. Nele, Mourão baseou todo seu argumento na ideia de que: “Segundo o historiador inglês Paul Johnson, no livro *Modern Times: The World from the twenties to the eighties* (1983) [...] a história do mundo moderno se iniciou com as expedições para observação do eclipse em 1919”<sup>521</sup>.

A ideia de que a ciência foi revolucionada com a Teoria da Relatividade, e que isso só se materializou em Sobral, permite ao astrônomo defender o protagonismo da cidade cearense na emergência da própria modernidade no planeta. É uma tese que vai ao encontro da defendida por padre Lira décadas antes. Ela é compartilhada, inclusive, por uma pesquisa contemporânea, a de Joyce Rodrigues, que repercutindo o mesmo artigo de Paul Johnson, afirma que:

O que merece ser destacado é a afirmação de que “*O mundo moderno começou em 29 de maio de 1919*”. A reflexão que envolve o cotidiano de uma experiência como essa

<sup>519</sup> “Foi aqui, na suave colina que é hoje a Praça do Patrocínio, onde, no dia 29 de maio de 1919, os cientistas representantes dos mais famosos observatórios do mundo montaram os seus poderosos aparelhos ópticos e perscrutaram, e fotografaram o Sol no momento único em que a sombra do eclipse permitia o aproveitamento máximo da visibilidade”. GOMES, Cid Ferreira. Sobral e o Eclipse de 29 de maio de 1919. In.: SOARES, Marta Norma Maia (Org.). *Eclipse de 1919: Múltiplas visões*. Sobral: Ed. UVA, 1999. p. 14.

<sup>520</sup> GOMES, Cid Ferreira. Sobral e o Eclipse de 29 de maio de 1919. In.: SOARES, Marta Norma Maia (Org.). *Eclipse de 1919: Múltiplas visões*. Sobral: Ed. UVA, 1999. p. 14.

<sup>521</sup> MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *A História do Mundo Moderno Começou em Sobral*. In.: SOARES, Marta Norma Maia (Org.). *Eclipse de 1919: Múltiplas visões*. Sobral: Ed. UVA, 1999. p. 14.



e os seus significados traz à tona elementos e personagens desconhecidos. O eclipse solar pela sua periodicidade é um fenômeno em si mesmo extraordinário. E extraordinárias também são as formas de experimentá-lo nas diferentes temporalidades, nos acordos, regras e convivência travados entre os membros das expedições e a população. O mês de Maio pareceu ser mais longo do que os outros meses.<sup>522</sup>

Valorizando o evento, o norte central de seu trabalho, Joyce Rodrigues acabou por caminhar por uma linha, talvez a traçada desde o momento em que estagiou no Museu do Eclipse, similar a dos defensores da memória do eclipse. Ela segue uma perspectiva similar à de Ronaldo Mourão, mesmo este não sendo citado.

A importância de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão parece ser tamanha que, poucos anos depois, ele publica, por meio das Edições UVA, um livro com título e conteúdo emblemático: *Einstein: de Sobral para o mundo*<sup>523</sup>. O texto relativamente curto, de oitenta páginas, é sucedido por apêndices de fontes selecionadas pelo autor, compondo mais de duzentas outras laudas.

No texto autoral e inédito, Ronaldo Mourão faz uma síntese da história da física no que tange ao tema dos eclipses e da Teoria da Relatividade, evidenciando, ao mesmo tempo, como faz na obra organizada por Norma Soares, o que julga ser o protagonismo da cidade de Sobral, se colocando em defesa de uma versão da história que confere relevância à cidade nos acontecimentos estudados.

Vale lembrar que Ronaldo Mourão era um entusiasta da criação de uma memória da astronomia e da ciência brasileira, o que explica um pouco o grande esforço dele em atrelar a imagem de Einstein a do Brasil. Nos agradecimentos, o autor já deixava evidente sua aproximação com os agentes locais que se dedicavam a produzir narrativas sobre o evento de 1919: “À Professora Maria Norma Maia Soares e ao Professor José Teodoro Soares, Reitor da Universidade Estadual do Vale do Acaraú, Sobral, Ceará, que tornaram possível a realização das pesquisas, das quais resultaram a presente obra”<sup>524</sup>. Além disso, o prefácio da obra é entregue a outro parceiro que tinha interesse na perpetuação da imagem de uma Sobral cidade modelar: Cid Ferreira Gomes, então Prefeito de Sobral, já em seu segundo mandato.

Em curto texto, o que parece ser hábito do autor, Cid Gomes se diz satisfeito por novamente poder associar a figura de Einstein à cidade de Sobral<sup>525</sup>. Colocou também, em seu testemunho, o desejo de associar a memória do evento a um personagem que pouco aparece nas

<sup>522</sup> RODRIGUES, Joyce Mota. *Entre telescópios e potes de barro*. Op. Cit. pp. 81 e 82.

<sup>523</sup> MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Einstein: de Sobral para o mundo*. Sobral: UVA, 2003.

<sup>524</sup> *Ibidem*, p. 5.

<sup>525</sup> “[...] a fama de Einstein surgiu a partir do eclipse de Sobral”. GOMES, Cid Ferreira. Prefácio. In.: MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Einstein: de Sobral para o mundo*. Sobral: UVA, 2003. p. 9.

narrativas, dom José Tupinambá da Frota. O prefeito comete uma impropriedade histórica ao afirmar que:

Ficou evidente também que o primeiro artigo publicado na *mídia* das Américas sobre Einstein foi editado pelos jornais de Sobral, graças a lucidez do Bispo Dom José Tupinambá, que solicitou aos componentes das missões que escrevessem um texto para o jornal *Correio da Semana* explicando as pesquisas que iriam realizar durante o eclipse.<sup>526</sup>

Lembramos, como já foi discutido nas páginas anteriores, que o *Jornal Estado do Pará*, de 20 de abril de 1919, já trazia, em suas páginas, um artigo escrito pelos cientistas ingleses sobre o eclipse e a Teoria da Relatividade. O desejo de tornar Sobral protagonista, a todo momento, manifesta-se na escrita da intelectualidade local.

Atrelar a imagem da cidade ao seu bispo, a dom José, era um recurso recorrente de quem almejava projeção política, para si e para o município, possibilitando que a imagem de benfeitor da cidade pudesse ser transferida do bispo para o autor do discurso. Mas o enfoque da narrativa do livro prefaciado por Cid Gomes era mais geral, ela buscava vencer a batalha simbólica, de memórias, entre a cidade de Sobral e a Ilha do Príncipe, que também foi palco de uma expedição científica em 29 de maio de 1919. Segundo o então prefeito de Sobral:

Não foram poucas as vezes que se tentou reduzir o valor da missão que veio a Sobral, dizendo que os resultados obtidos aqui não foram os mais importantes. Alguns autores tiveram a coragem de esquecer de incluir o nome da nossa cidade, citando unicamente a expedição da Ilha do Príncipe, talvez porque lá estava o grande astrônomo inglês Arthur Eddington que, além de ter sido idealizador das missões da Royal Society à cidade de Sobral e Ilha do Príncipe, era um dos poucos que conheciam profundamente a Teoria da Relatividade, no início do século<sup>527</sup>.

A obra, como um todo, parece afirmar que Sobral fora o palco da comprovação da Teoria da Relatividade, que colocara o mundo científico em uma nova era. Sua publicação, em 2003, mirava garantir uma memória institucionalizada acerca do evento. Realizando uma apresentação da Teoria da Relatividade, articulada com a cronologia de expedições científicas e eclipses no Brasil, bem como um pouco da história da física e da astronomia, Ronaldo Mourão situa Sobral, a partir da narrativa científica e das fontes anexadas ao apêndice, como o palco protagonista dos eventos que mudaram o campo científico, possibilitando que a cidade fosse “internacionalizada”.

---

<sup>526</sup> *Idem.*

<sup>527</sup> *Idem.*

#### 5.4 “ONDE A LUZ FEZ A CURVA”: A IMAGEM E O MOVIMENTO

Visitando o Museu Diocesano Dom José, em Sobral, em meio a imagens de bispos e padres, da arte sacra e de outras coleções de objetos, um item destoava, parece ser estranho ao corpo do museu: a revista em quadrinhos *Onde a luz fez a curva*. Publicada originalmente em 1999, ela compõe a coleção referente ao “Eclipse de 1919”, no primeiro andar do prédio. A revistinha despertou em mim diferentes emoções, em especial, por me fazer lembrar de minha infância, de momentos especiais, como quando eu tinha cerca de nove anos de idade e lia e relia as revistas em quadrinhos que tinha à minha disposição. Por impulso, pedi autorização para fotografá-la à guia que nos acompanhava. Pretendia lê-la com calma, posteriormente. Hoje, com o fechamento do Museu Dom José para reformas, além da Pandemia de Covid-19 que levou ao fechamento de outras instituições museológicas e arquivísticas da cidade, aquela digitalização amadora se tornou preciosa, pois foi uma das principais fontes para a redação desse capítulo.

Na virada do século XX para o século XXI, a Prefeitura Municipal de Sobral realizou, em parceria com a Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, uma série de atividades para rememorar o Eclipse de 1919. Sobral, assim como a Ilha de Príncipe, na África, foi um dos locais escolhidos para a verificação científica da Teoria da Relatividade, proposta por Albert Einstein, por meio desse eclipse. Como vimos, três comissões científicas se deslocaram para a cidade cearense para observá-lo: uma inglesa, diretamente responsável por observar a teoria proposta por Einstein; uma estadunidense, interessada em estudos acerca da relação entre o eclipse e o magnetismo terrestre e sobre propriedades elétricas do ar; e uma brasileira, responsável por estudos acerca da coroa solar, sendo chefiada por Henrique Morize. Por meio das fotografias feitas pelos ingleses Charles Davidson e Andrew Crommelin, no Brasil, (como a reproduzida abaixo), e por Arthur Eddington, na Ilha do Príncipe, pôde-se afirmar que as conclusões que Einstein havia chegado, acerca da relatividade da relação entre luz e gravitação, eram factíveis cientificamente.

Figura 28 - Eclipse Total do Sol de 29 de maio de 1919



Fonte: <https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-100-anos-teoria-da-relatividade-era-comprovada-no- Cear%C3%A1/a-48895299>. Acesso em: 19 de mar. de 2021.

Além de produções acadêmicas<sup>528</sup> e da inauguração do “Museu do Eclipse”, em 29 de maio de 1999, duas publicações com linguagem didática tentaram, por meio de outras formas de narrativa de fundo histórico, produzir imagens que associassem a cidade de Sobral à figura do cientista Albert Einstein. A primeira, de 1999, consistia na já citada revista em quadrinhos, com o roteiro assinado pela professora Maria Norma Maia Soares, professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e esposa do então reitor, José Teodoro Soares, que contava ainda com a chancela na capa das *Edições UVA*. A segunda era uma “história animada”, um curta metragem, que usa a revista em quadrinhos como fonte para uma nova narrativa. Ambas foram intituladas *Onde a luz fez a curva*, sendo o “onde” uma menção à Sobral.

As obras foram produzidas dentro de uma proposta de construção de uma memória positiva para o evento. A história foi narrada em uma abordagem pedagógica, a fim de construir uma identidade que associasse os estudantes aos eventos, através de uma cuidadosa seleção de imagens que atraíam a atenção das crianças.

Mas, afinal, como trabalhar com essas imagens? Como problematizá-las a fim de colocá-las em uma trama historiográfica? Parto das sugestões propostas pelo historiador da arte francês Georges Didi-Huberman, e opto por operar com a noção de *rasgadura*, ou seja, “abrir

<sup>528</sup> Em Sobral, entre 1999 e 2003, alguns livros com coletâneas de artigos acadêmicos sobre o eclipse de 1919 foram publicados com o intuito de evidenciar a suposta importância da cidade para a ciência, destacam-se: SOARES, Maria Norma Maia. *Eclipse de 1919: Múltiplas visões*. Sobral: Ed. UVA, 1999 e MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Einstein: de Sobral para o mundo*. Sobral: UVA, 2003.

a imagem, abrir a lógica”, ou seja, questionar a imagem, analisando-as de forma mais detida. Mas, como assim “abrir” uma imagem? Segundo Didi-Huberman,

Abrir? Portanto romper alguma coisa. Pelo menos fazer uma incisão, rasgar. Do que se trata exatamente? De *debrater-se* nas malhas que todo conhecimento impõe e de buscar dar ao gesto mesmo desse debate – gesto em seu fundo doloroso, sem fim – uma espécie de valor intempestivo, ou melhor, *incisivo*. Que pelo menos a simples indagação tenha adquirido, em algum momento, esse valor incisivo e crítico: tal seria o primeiro anseio.<sup>529</sup>

Ou seja, ao longo do texto que se segue, tentarei realizar indagações que possam desnaturalizar certas concepções ligadas às imagens produzidas acerca do eclipse observado pelos cientistas em Sobral, no ano de 1919. Se possível, irei verificar as intencionalidades que elas trazem consigo em seu momento de publicação, sem esquecer que elas, as imagens, provocam emoções em sua recepção.

O belo ensaio de Georges Didi-Huberman, *Que emoção! Que emoção?*<sup>530</sup>, é bastante eficaz na demonstração de como as emoções envolvidas nas relações com as imagens podem ser interessantes para o historiador, afinal, “[...] todos nós choramos”, como ele afirma logo na abertura de seu texto. Somos carne e osso. Sentimos. Isso influencia em qualquer aspecto de nossas atividades. Didi-Huberman disserta, em seu ensaio, especialmente utilizando imagens clássicas ou fotografias que retratem e/ou despertem emoções nos sujeitos que a observam. No meu caso, em específico, as imagens trabalhadas aqui produzem emoções – e motivações de escrita – devido às experiências que tive na infância.

Como disse há pouco, o encontro com a revista na visitação do Museu Dom José me fez lembrar de um momento especial de quando era criança. Lembro-me, como aluno da segunda série (hoje terceiro ano) do ensino fundamental, estudando na Escolinha Primeiros Passos, hoje Colégio Ethos, de receber um exemplar de *Onde a luz fez a curva*.

A materialidade daquela revista fez parte do meu dia a dia por algum tempo. Além de ler e reler o texto, várias vezes, também pinte e tentei desenhar aquelas imagens em um caderno. Era um texto simples, muito didático e tornava possível o objetivo da autora, ao direcionar a obra para crianças. Era eficaz, pois o nome do cientista famoso atrelado ao da cidade em que eu vivia produzia em mim e em meus amigos de escola certo sentimento de orgulho. A dedicatória do livro constava na contracapa e dizia:

<sup>529</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da imagem* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Edições 34, 2013. p. 185.

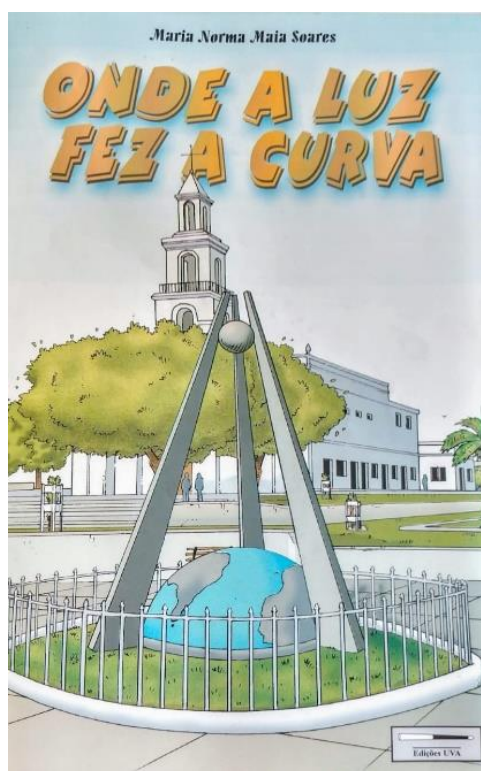
<sup>530</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2016.

PARA VOCÊ, CRIANÇA. Que representa a esperança de uma nação e sonha em crescer e ser feliz. Que precisa de educação, proteção e carinho. Que deve ter seus direitos respeitados e, acima de tudo, deve ser despertado para a cidadania, compromisso de vida que só nasce se plantado com amor e responsabilidade, ofereço este trabalho, onde conto a história de um grande homem que teve suas idéias confirmadas pelo maravilhoso céu de Sobral, para que, conhecendo estes fatos, você, cresça em sabedoria e sentimento de humanidade, e, quem sabe, se torne também, um grande cientista<sup>531</sup>.

O livro para crianças lançava mão de uma interessante estratégia de narração. Um personagem ficcional, idoso e que, segundo o texto, presenciou o eclipse, aos sete anos de idade, faz o papel de narrador. Ele tinha o sugestivo nome de “Sobralito”.

Apesar de Sobralito ser retratado como um dos habitantes de Sobral que presenciaram o eclipse, oitenta anos antes, o que esse narrador-personagem mais faz na obra é narrar a vida de Einstein, nas quase quarenta páginas da história em quadrinhos. Só na primeira página dos quadrinhos (p. 6), quando faz a apresentação do fenômeno e brevemente da cidade e, entre as páginas 29 e 33, quando narra rapidamente a expedição, é que Sobral ganha certa relevância na narrativa. Ou seja, até no principal material didático que visava à divulgação da importância da cidade para o evento, Sobral fica em segundo plano na intriga.

Figura 29 – Capa de “Onde a luz fez a curva”



Fonte: SOARES, Maria Norma Maia. *Onde a luz fez a curva*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1999.

<sup>531</sup> SOARES, Maria Norma Maia. *Onde a luz fez a curva*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1999.

Na página 29, deparamo-nos com um desenho de página inteira, muito parecido com o da capa do livro, retratando a Praça do Patrocínio antes da construção do Museu do Eclipse, em 1999. Enquanto na capa não há personagem algum, na página 29 aparece, em primeiro plano, o personagem Sobralito, junto ao monumento ao eclipse, construído na década de 1970, substituindo o obelisco construído por Henrique Morize. Ao fundo, a Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio é representada.

Seriam escolhas inconscientes no momento de produção/captação da imagem, a explicação para as escolhas de Norma Soares? Ou seriam escolhas deliberadas, que visavam dispor em equilíbrio e harmonia diferentes aspectos da cidade, em especial a religiosidade católica e o acontecimento científico, em um mesmo plano? Destaco que, tanto em uma quanto em outra imagem, o monumento e a igreja estão numa mesma linha diagonal, onde há uma articulação entre um símbolo da ciência e o da presença da religiosidade católica. É com essa paisagem que Sobralito apresenta a cidade de Sobral em 1919.

Figura 30 - Apresentação da cidade de Sobral por Sobralito



Balão 1: No ano de 1919, Sobral, que fica no norte do Estado, era uma cidade pequena, mas progressista e vivia principalmente do comércio do gado e de seus derivados.

Balão 2: Sobral se comunicava com a capital, Fortaleza, as cidades vizinhas e os portos de Acaraú e Camocim através das estradas de rodagem e pela via férrea por onde os comboios faziam o transporte de mercadorias como charques, peles, couro e produtos de palha.

Balão 3: É verdade que ainda não existia luz elétrica na cidade, mas já tinha jornal, indústria de tecidos, teatro, Jockey Club, igreja e belos casarões.

Balão 4: Naquela época, alguns acontecimentos importantes já tinham movimentado a cidade como a libertação dos escravos, a visita da comissão científica de exploração e até a visita do Conde D'Eu.

Fonte: SOARES, Maria Norma Maia. *Onde a luz fez a curva*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1999. p. 29.

Sobralito é o porta-voz de uma leitura da história da cidade que a evidencia como sendo “progressista”. Este enunciado servia à fabricação de uma visão otimista da cidade, que seria palco de desenvolvimento, alinhada à proposta de Cid Ferreira Gomes enquanto prefeito, que manteve o slogan de “Sobral no Rumo Certo”.

O discurso mostrava uma cidade que, apesar de seu pequeno tamanho, apresentava condições de progresso e desenvolvimento, demonstrando relevância no cenário regional, bem como de ser provida de instituições importantes e sede de acontecimentos considerados relevantes. Foi durante os anos 1990 que, além da construção do Museu do Eclipse, ocorreu também o processo de tombamento de parte do centro da cidade pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Nas páginas seguintes, a repercussão da chegada dos cientistas à cidade e a montagem dos equipamentos ganha o primeiro plano da narrativa. A praça, em frente à Igreja de N.S. do Patrocínio, onde foi construído o Museu do Eclipse oito décadas depois, é o único local de observação científica do eclipse retratado nos quadrinhos. A expedição inglesa, que verificou a Teoria da Relatividade, não está no lugar onde se fixou em 1919, o antigo Jockey, mas sim no conveniente espaço onde o museu foi construído, que recebeu, na verdade, a expedição brasileira, responsável por outros estudos sobre o eclipse<sup>532</sup>. Parece que aqui, o comprometimento científico em fazer o “passado voltar a viver” com “compromisso com a verdade”, como prega o astrônomo Ronaldo Mourão na “Nótula” que abre o livro<sup>533</sup>, acaba por falhar.

No quadrinho 02 da página 32, com a ilustração de um observador em um telescópio, vem a legenda: “Todos observavam o que se passava no céu de Sobral”<sup>534</sup>. Enunciado repetido à exaustão, o “céu de Sobral” é representado na página seguinte. Uma sequência de quadrinhos ilustrando o desenvolvimento completo do eclipse é seguido por uma imagem geral, no qual o ponto de enquadramento é por trás do fotógrafo da expedição.

Tentando *rasgar a imagem*, percebemos que é representado o eclipse total do sol no céu, com cores escuras, com a silhueta da torre da igreja de N.S. do Patrocínio e dos observadores em primeiro plano. O templo religioso, mesmo que não receba uma menção escrita, ganha protagonismo na representação do evento principal. Mas há uma outra observação a se fazer aqui. Mesmo as expedições brasileira e estadunidense, que se concentraram no que corresponde hoje Praça do Patrocínio, não poderiam produzir uma fotografia com tal perspectiva. O eclipse ocorreu pela manhã, com sol à nascente (oeste). A perspectiva da imagem retrata o sol passando por trás da torre da igreja, lado oposto de onde poderia se observar o eclipse.

<sup>532</sup> *A Lucta*, 7 de maio de 1919, p. 2.

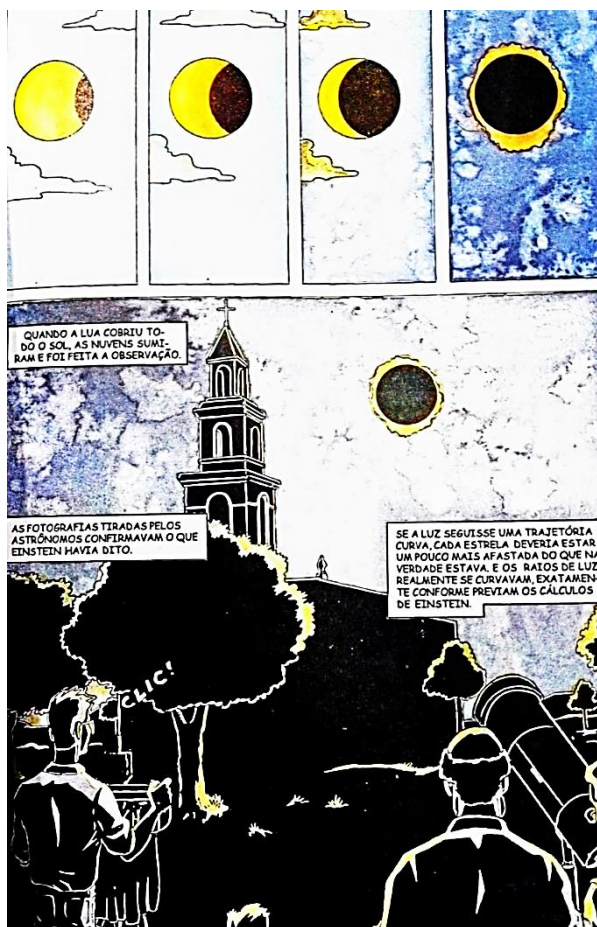
<sup>533</sup> MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. Nótula. In.: SOARES, Maria Norma Maia. *Onde a luz fez a curva*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1999. p. 5.

<sup>534</sup> SOARES, Maria Norma Maia. *Onde a luz fez a curva*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1999. p. 32.



A presença da torre não indica uma simples tentativa de representação do fenômeno, mas sim a de fabricar uma imagem que era comum nas histórias escritas sobre a cidade, em que o catolicismo ganha protagonismo e centralidade, mesmo quando a Igreja em nada contribuiu para o acontecimento. Rasgando-se a imagem, vê-se que o autor não representa simplesmente um evento, mas visa, intencionalmente, articular dadas imagens a fim de erigir uma dada memória. Após essa página, Sobral não é mais citada, dando espaço novamente ao protagonista da revista: Albert Einstein.

Figura 31 - Representação da observação do Eclipse de 1919 na Revista “Onde a luz fez a curva”



Balão 1: Quando a lua cobriu todo o sol, as nuvens sumiram e foi feita a observação.

Balão 2: Fotografias confirmaram o que Einstein havia dito.

Balão 3: Se a luz seguisse uma trajetória curva, cada estrela deveria estar um pouco mais afastada do que na verdade estava, e os raios de luz realmente se curvavam, exatamente conforme previam os cálculos de Einstein.

Fonte: SOARES, Maria Norma Maia. *Onde a luz fez a curva*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1999. p. 33

Entendo, obviamente, os limites da análise que realizei acima. Mas, na esteira de Didi-Huberman, creio que o que temos a ganhar com a rasgadura da imagem é maior do que a inércia de deixá-la de lado. Segundo o historiador francês,

Estamos diante da imagem como diante da exuberância ininteligível de um acontecimento visual. Estamos diante da imagem como diante do obstáculo e da sua

escavação sem fim. Estamos diante da imagem e estamos aí – segundo a bela fórmula de Henri Michaux – como em face ao que se furta<sup>535</sup>.

A revista em quadrinhos não é o único acontecimento visual de que pretendemos tratar. *Onde a luz fez a curva* não ganhou vida apenas nos quadrinhos, virou também uma animação feita pelo Núcleo de Cinema de Animação do Ceará - NACE, ligado à Universidade Federal do Ceará – UFC, em parceria com a Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Um curta de 12 minutos e 46 segundos, roteirizado originalmente também por Maria Norma Maia Soares, tendo roteiro adaptado por Ricardo Juliani, Iara Isídio e Onofre Júnior, traz mais elementos para a análise do que se chamou de “internacionalização de Sobral”.

Pensamos, a partir de Gilles Deleuze, que a imagem cinematográfica, incluindo as animações, é uma “imagem-movimento”, e,

É o próprio movimento que se decompõe e se recompõe. Decompõe-se de acordo com os elementos entre os quais atua dentro de um conjunto: os que permanecem fixos, aqueles aos quais o movimento é atribuído, os que fazem ou sofrem tal movimento simples ou divisível.<sup>536</sup>

Sabemos que a montagem de uma película pode provocar emoções planejadas em seus espectadores. Lembremos, por exemplo, o quão revolucionário e competente nesse sentido foi o trabalho de Serguei Eisenstein em *O Encouraçado Potemkin* (1925), ao apresentar de forma didática e emotiva a trama do filme, que era uma versão dos acontecimentos de 1905, na Rússia. A cena da escadaria de Odessa, talvez o clímax do filme, visa emocionar o espectador e fazê-lo tomar partido pelos revolucionários, massacrados pelas forças do regime czarista.

Obviamente, o curta-metragem animado que foi lançado em Sobral não tem a mesma maestria que a película de Eisenstein, mas ao analisá-lo, compondo-o e decompondo-o, sem esquecer, assim como Didi-Huberman, de rasgar seus fragmentos, os *frames*, as pequenas partes das imagens em movimento, podemos tentar entender as intenções dos autores e as emoções que tentaram despertar.

O curta começa com um discurso de um narrador em terceira pessoa, bem diferente do Sobralito da versão impressa, tratando da relação da humanidade com as descobertas científicas, ao mesmo tempo em que se vê imagens parecidas com as do antigo desenho da Família Jetsons. O texto diz: “[...] um passo importante dessa história da genialidade científica foi dado aqui no Brasil, no Nordeste, em Sobral”. O filme parte do que seria um futuro fictício, talvez fruto da

<sup>535</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da imagem. Op. Cit.* p. 295.

<sup>536</sup> DELEUZE, Gilles. *Cinema 1: a imagem-movimento*. Tradução de Stella Senra. São Paulo: Editora 34, 2018. p. 42.

pretensa vocação progressista da cidade, para retornar ao passado e encontrar uma “origem” para tal desenvolvimento de Sobral.

Figura 32 - Frame da cena de abertura de “Onde a luz fez a curva”.



Fonte: SOARES, Maria Norma Maia. *Onde a luz fez a curva*. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; Fortaleza: Núcleo de Cinema e Animação do Ceará – NACE/UFC. Reprodução. Frame 0’ 30”.

A narrativa retorna, então, ao que seria a Sobral de 1919, reproduzindo desenhos de alguns dos espaços da cidade do começo do século passado, como a Igreja N.S. do Patrocínio, o Theatro São João, e a Santa Casa de Misericórdia de Sobral – esta última só inaugurada em 1925. O primeiro personagem da cidade a ganhar vida é o então bispo, dom José Tupinambá da Frota, recebendo uma carta de Milão e sendo, a partir de então, o agente responsável por realizar os preparativos para a chegada das comissões do eclipse. O personagem do bispo, da sacada de sua janela, afirma: “Está para acontecer algo de muito importante no céu de nossa cidade”. Este enunciado, que corresponde a mesma ênfase na imagem do “céu de Sobral”, serve para o corte da narrativa do curta-metragem.

Figura 33 - Reprodução de dom José em “Onde a luz fez a curva”



Fonte: SOARES, Maria Norma Maia. *Onde a luz fez a curva*. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; Fortaleza: Núcleo de Cinema e Animação do Ceará – NACE/UFC. Reprodução. Frame 2’ 01”.

Destaca-se que o bispo, o qual não estivera diretamente ligado à vinda das expedições científicas à Sobral, é transformado em protagonista na intriga do filme. Nessa versão dos eventos, não é a imagem das torres do templo religioso a simbolizar a centralidade da Igreja, mas é o próprio bispo de Sobral que é representado como agente relevante para a trama. Todavia, documento ou relato algum da historiografia, dos jornais da época ou das expedições, cita dom José como personagem central para aqueles eventos. O próprio bispo não escreve sobre o Eclipse de 1919 em seu *História de Sobral*<sup>537</sup>.

A partir desse momento do relato do filme, assim como ocorria na revista, ganha destaque a biografia de Albert Einstein. Entre os dois minutos e seis segundos e os sete minutos e cinquenta e cinco segundos, diversos fatos da vida do físico alemão são narrados em associação à explicação didática da Teoria da Relatividade. Só após esse relato biográfico, é feita a narrativa da vinda das comissões a Sobral, o desembarque no Porto de Camocim e a vinda ao palco da observação por meio da ferrovia que ligava as duas cidades.

Figura 34 - Comissões científicas desembarcando em Camocim



Fonte: SOARES, Maria Norma Maia. *Onde a luz fez a curva*. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; Fortaleza: Núcleo de Cinema e Animação do Ceará – NACE/UFC. Reprodução. Frame 8' 13”.

Aos oito minutos e quarenta e oito segundos, a animação ganha a seguinte locução: “Ao chegar a Sobral, a equipe de cientistas é recepcionada pelo bispo da cidade, Dom José”. Vê-se imagens de apertos de mão entre o bispo e os cientistas, seguidas da representação de uma fotografia sendo realizada. Depois de extensa pesquisa, não encontrei fotografia de dom José com os membros das comissões. Pelo contrário, soubemos que o bispo não foi um personagem ativo no contato com os cientistas. Coube ao monsenhor José Ferreira a recepção das comitivas.

<sup>537</sup> FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. 3ª ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1995.

Dom José não parece, segundo as fontes diretas, entusiasta da descoberta científica e do discurso da ciência.

Todavia, assim como fez Cid Gomes em um de seus textos<sup>538</sup>, Norma Soares também trouxe o bispo para o centro do palco dos acontecimentos, como um personagem onipresente nas tramas da história de Sobral. A narrativa, na sequência, dá espaço para o cotidiano dos cientistas na cidade, fazendo referência a choques culturais ocorridos entre viajantes estrangeiros e os moradores de uma cidade pequena do interior do Ceará.

Figura 35 - Os supostos apertos de mão entre dom José e membros das comissões



Fonte: SOARES, Maria Norma Maia. *Onde a luz fez a curva*. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; Fortaleza: Núcleo de Cinema e Animação do Ceará – NACE/UFC. Reprodução. Frame 8’ 51”.

A partir de nove minutos e dezoito segundos, inicia-se a narrativa sobre o dia do eclipse, tendo a Praça do Patrocínio mais uma vez como o único local representado, produzindo-se mais uma vez o silêncio sobre onde ficou estabelecida a comissão inglesa: área do antigo Jockey. Já aos dez minutos e doze segundos, mais um enunciado que dá protagonismo à Sobral é narrado: “As primeiras notícias sobre a deflexão da luz das estrelas foram publicadas nos jornais sobralenses ‘A Lucta’, ‘Correio da Semana’ e ‘A Ordem’”. Como sabemos<sup>539</sup>, outros jornais trouxeram reflexões anteriores sobre os experimentos a serem realizados em Sobral. Posteriormente ao eclipse, os jornais de Sobral deixam em segundo plano as comissões

<sup>538</sup> Segundo o então prefeito de Sobral em 1999, Cid Ferreira Gomes, “Ficou evidente também que o primeiro artigo publicado na *mídia* das Américas sobre Einstein foi editado pelos jornais de Sobral, graças a lucidez do Bispo Dom José Tupinambá, que solicitou aos componentes das missões que escrevessem um texto para o jornal *Correio da Semana* explicando as pesquisas que iriam realizar durante o eclipse”, “[...] a fama de Einstein surgiu a partir do eclipse de Sobral”. GOMES, Cid Ferreira. Prefácio. In.: MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Einstein: de Sobral para o mundo*. Sobral: UVA, 2003. p. 9. Destaca-se que as afirmações de Cid Gomes não são respaldadas por fontes.

<sup>539</sup> Durante a passagem pelo Pará, os físicos ingleses escreveram um extenso artigo acerca do eclipse e das motivações para a verificação da Teoria da Relatividade a ser realizada nos meses seguintes. *Jornal Estado do Pará*, 20 de abril de 1919, p. 1.

científicas e a Teoria da Relatividade, e destacam os testemunhos do povo comum acerca do eclipse.

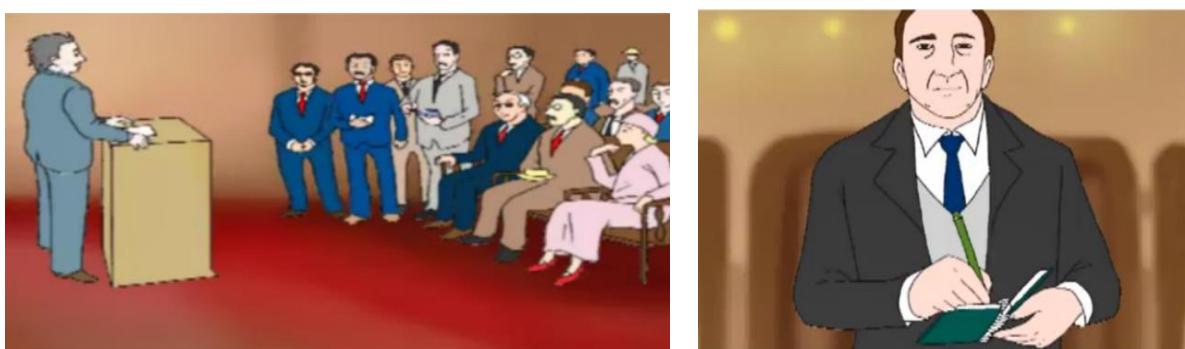
Figura 36 - Comissões na Praça do Patrocínio e Redação de Jornal de Sobral



Fonte: SOARES, Maria Norma Maia. *Onde a luz fez a curva*. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; Fortaleza: Núcleo de Cinema e Animação do Ceará – NACE/UFC. Reprodução. Frames 9’ 38” e 10’ 13”.

A última associação feita entre a figura de Einstein e a cidade de Sobral, ou melhor, ao Brasil, é possível assistir a partir dos onze minutos e dezenove segundos de projeção da película, por meio da pergunta de um jornalista, possivelmente Assis Chateaubriand, a Einstein, fato que ocorreu em 1925, quando o cientista veio ao Brasil: “Qual a contribuição do Brasil a esse importante trabalho científico?”, perguntou o jornalista. O personagem Einstein responde com a famosa frase: “A questão que minha mente formulou foi comprovada no luminoso céu do Brasil”.

Figura 37 - Representação de Einstein falando a jornalistas no Rio de Janeiro e de um jornalista questionando a importância do Brasil para o evento, em 1925



Fonte: SOARES, Maria Norma Maia. *Onde a luz fez a curva*. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; Fortaleza: Núcleo de Cinema e Animação do Ceará – NACE/UFC. Reprodução. Frames 11’ 09” e 11’ 19”.

Entender o curta-metragem “Onde a luz fez a curva” é possível a partir das noções de montagem e de plano. Para Deleuze, enquanto “A montagem é essa operação que tem por objeto

as imagens-movimento para extrair delas o todo, a ideia, isto é, a imagem *do tempo*<sup>540</sup>, ao passo que

Em geral, o plano tem uma face voltada para o conjunto, do qual traduz as modificações entre as partes, e uma outra voltada para o todo, do qual exprime a mudança ou, pelo menos, uma mudança. Disto decorre a situação do plano, que pode ser definido abstratamente como intermediário entre o enquadramento do conjunto e a montagem do todo<sup>541</sup>.

O plano de “Onde a luz fez a curva” é formado pela incessante tentativa de bricolagem de imagens, formando um só conceito, onde ao olhar ou ler, possamos pensar Sobral como protagonista da história da ciência, dom José como personagem central da história da cidade, associados à figura de Einstein, que simbolizaria a modernidade, a ciência, o progresso. História em que ciência e modernidade não se distanciam ou se separam da centralidade e protagonismo que a religião, que o catolicismo, que a Igreja deveria continuar tendo na vida da cidade.

Já a *montagem*, partindo do plano geral (o desenvolvimento da ciência), relacionava Sobral à figura do primeiro bispo da cidade, às descobertas de Einstein, às expedições, e, por fim, à repercussão da Teoria da Relatividade, construindo uma narrativa que colocava em movimento as imagens que a memória e a história da cidade haviam elaborado, didatizando a premissa já presente na historiografia produzida pelos padres, de Sobral como uma cidade internacionalizada.

Como vimos nos tópicos anteriores, o conjunto de imagens construído pela historiografia é bastante semelhante ao empreendido pelas imagens que compõem *Onde a luz fez a curva*. Uma Sobral com aspectos de modernidade e progresso, mesmo com a contradição de ser uma cidade pequena do interior do Ceará, sendo um palco fundamental para o avanço da ciência, dando sentido ao enunciado “internacionalizar a cidade”, ou seja, torná-la importante e conhecida no mundo todo, talvez para dar a ela um maior destaque no próprio âmbito regional.

## 5.5 “EINSTEIN NO CEARÁ” – A FICÇÃO A SERVIÇO DA HARMONIA DOS DISCURSOS

Em 2013, há um novo *acontecimento discursivo*: *O Peso da Luz*, romance de autoria da escritora Ana Miranda, é lançado, narrando os acontecimentos envolvendo o Eclipse de 1919 e tendo Sobral como palco para os acontecimentos. Ana Miranda é uma relevante autora

<sup>540</sup> DELEUZE, Gilles. *Cinema 1: a imagem-movimento*. *Op. Cit.* p. 55.

<sup>541</sup> *Ibidem.* p. 40.

fortalezense, nascida em 1951, especialista em narrativas ficcionais com personagens reais, tendo escrito livros como *Boca do Inferno*, de 1989, o qual apresenta uma biografia romanceada de Gregório de Matos, ganhando o Prêmio Jabuti (1990), ou *Dias e Dias*, de 2002, o qual retrata a vida de Gonçalves Dias, ganhando outro Prêmio Jabuti (2003), ou *Semíramis*, de 2014, o qual fala de José de Alencar. *O Peso da Luz* é o 25º livro da autora, sendo o segundo lançado pelo “Armazém da Cultura”, editora fortalezense de pequena projeção.

Entendo a literatura como um importante campo discursivo que pode ser estudado pelo historiador como fonte para nossas problematizações. A literatura é antes de tudo uma forma de produção de discursos. Ela é produto das relações de um autor com o tempo em que viveu<sup>542</sup>. Traz consigo diferenças em comparação com a historiografia, essencialmente por não necessitar de um testemunho para a autorização de sua representação como pretensão a verdade<sup>543</sup> e, principalmente, por manter um outro tipo de pacto narrativo para com os leitores.

O enredo da obra se baseia na trajetória de Roselano Rolim, um personagem ficcional baseado em um tio-avô de Ana Miranda, oriundo de Cajazeiras – PB. Filho de um inventor alemão e relojoeiro, Roselano migra para Sobral a fim de acompanhar os desdobramentos da presença das comissões de estudo do Eclipse de 1919, convivendo com os pesquisadores e mantendo com eles alguns diálogos.

Apesar de Albert Einstein nunca ter pisado em terras cearenses, nem mesmo na própria obra ficcional de Ana Miranda, é ele que dá peso ao texto. O subtítulo da obra aponta para a intenção da autora: “Einstein no Ceará”. A obra constrói uma narrativa sobre Sobral muito semelhante a que vamos encontrar no discurso historiográfico de padre Lira, que consta nas referências bibliográficas da obra de Ana Miranda. No texto de Ana Miranda, Sobral é descrita como uma cidade modelar, com boa infraestrutura, com comércio desenvolvido, e até com práticas de civilidade sendo aprovadas pelo narrador-protagonista:

[Henrique Morize] Enviou um minucioso relatório a observatórios em diversos países, possíveis candidatos ao envio de comissões científicas para observação do fenômeno, e ali indicava a cidade de Sobral como a mais adequada, pela localização, pela

<sup>542</sup> Segundo Luiz Costa Lima, “Os mecanismos de controle, por definição, mudam de acordo com os valores que os configuram. Mas o fato de que o romance se tenha tornado o gênero dominante na ficção da modernidade não significa, de imediato, senão que certa configuração do controle metamorfoseou-se noutra”. (LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário & a afirmação do romance: Dom Quixote, as relações perigosas, Moll Flanders, Tristan Shandy*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 177).

<sup>543</sup> Segundo Paul Ricoeur, em *Tempo e Narrativa II*, “A narrativa histórica e a narrativa de ficção têm em comum provir das mesmas operações configurantes que colocamos sob o signo de *mimesis* II. Em contrapartida, o que as opõe não concerne à atividade estruturante imanente às estruturas narrativas como tais, mas à pretensão à verdade pela qual se define a terceira relação mimética” (RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa II: A configuração do tempo na narrativa de ficção*. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 6).



existência de telégrafo para comunicação com o mundo, e da Estrada de Ferro Sobral-Camocim, construída por ingleses no final do século 19. Sobral apresentava grandes chances de sucesso para a comissão, era a segunda maior cidade do Ceará, buliçosa, próspera, movimentada pelo comércio de café, pelas trilhas de gado, e pela proximidade do porto de Camocim.<sup>544</sup>

Era a cidade pronta para propiciar as melhores acomodações que é apresentada pela autora por meio do narrador-personagem. Tudo isso parece concordar com a ideia reproduzida de que o Eclipse de 1919 é o “eclipse de Sobral”<sup>545</sup>, enunciado redistribuído também pela autora.

Em um capítulo intitulado “Pelas ruas de Sobral”, simulando uma caminhada de Roselano, ao fim da tarde, pela cidade, narra-se uma cidade similar à construída pelos discursos historiográficos dos padres fabricantes de passados:

[...] De longe eu vira o perfil da cidade, uma casaria branca alinhada, os telhados vermelhos e as altas torres dos templos rebrilhando em esplendores. [...] charretes e carroças passavam nas ruas, abarrotadas de gente festiva, ou de mercadorias. [...] O esplendor comercial aparecia por todo lado, fábricas, opulentos celeiros, lojas, mercados, que mostravam ser ali empório de negócios. Casarões antigos, bem cuidados e cercados de jardins, ladeavam as ruas. A cidade era compacta no centro, distribuída em vias largas e alinhavadas, as casas rareavam nos arrabaldes, as ruas ficavam estreitas e tortuosas, e por todo lado muare sonolentos descansavam à sombra de alguma árvore. A praça era mimosa, a igreja sé, alta e bem cuidada, e o teatro, um esplendor, eu jamais havia visto de perto algo tão belo e primoroso como aquele teatro. Tínhamos vislumbrado no Recife alguns edifícios suntuosos, mas proporcionalmente àquela grande e antiga cidade, Sobral não lhe ficava atrás. Alguns recantos e moradias mesmo faziam lembrar Olinda, uma das cidadezinhas mais pitorescas que tive o prazer de visitar, ainda que rapidamente.<sup>546</sup>

Observemos que a construção literária elaborada por Ana Miranda acaba por compor uma cidade que corresponde ao enquadramento da história da cidade realizada pelos padres fabricantes de passados. As torres das igrejas em primeiro plano, junto ao casario branco e ao comércio, todos adjetivados pelo conceito de “esplendor”, são pontos harmonizados no quadro pincelado pela autora por meio de seu narrador-personagem, com o acréscimo de novos conceitos como “mimosa” e “primorosa”, assim como a repetição de “esplendor” para adjetivar o Theatro São João. A narrativa sobre a cidade no romance não revela conflitos ou contradições que pudessem se fazer presentes naquele cenário. Em vez disso, evidencia um senso de harmonia, algo presente também nos enquadramentos historiográficos do passado da cidade produzidos pelos padres fabricantes de passados.

<sup>544</sup> MIRANDA, Ana. *O peso da luz: Einstein no Ceará*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013. p. 85.

<sup>545</sup> *Ibidem*, p. 66.

<sup>546</sup> *Ibidem*, p. 103 e 104.

Em outro ponto do texto, no capítulo “Mister Cajazeiras”, é reproduzido um diálogo ficcional entre o astrônomo inglês Andrew Crommelin e o protagonista, Roselano, no qual este último afirma ao inglês: “Vejo que o senhor está apreciando Sobral”, e Crommelin responde, figurando a cidade idealizada:

Sim, é graciosa. Estou admirado com o sucesso comercial e social da cidade, imaginava que seria um lugar desprovido de recursos e vim prevenido dos mais insignificantes objetos, como se viajasse para uma atrasada aldeia. Trouxe, por exemplo, talheres, guardanapos, e no palacete em que me encontro a mesa é servida com as alfaías mais requintadas, louça da Índia, talheres de prata, taças de cristal onde derramam delicados vinhos europeus, e toalhas finas de linho rebordado<sup>547</sup>.

Graciosa, de sucesso, provida de recursos, com palacete, louça, taças e talheres requintados... É uma cidade opulenta, com requintes que atenderia plenamente o paradigma civilizatório corrente no início do século XX. Enunciados assim são somados a outros, sem nunca faltarem bons adjetivos, como na narrativa de Roselano indo à Serra da Meruoca e afirmando que: “Paramos num mirante para olhar a cidade de Sobral, estendida ao longo do Acaraú. Era mimosa, e ainda mais bela vista de longe”<sup>548</sup>. Mimosa, eis um agradável adjetivo que certamente felicitaria Lira, Sadoc de Araújo, dom José, Fortunato Linhares e Vicente Martins. Ana Miranda reproduz em seu texto ficcional o modelo de narrativa da historiografia produzida pelos clérigos fabricantes de passados.

A própria Igreja Católica aparece em alguns momentos da trama, como a participação do padre Fortunato Alves Linhares como suposto amigo de Henrique Morize, ou, mais precisamente, no capítulo “Trabalhos Divinos”, quando se fala que: “A observação do eclipse era abençoada, portanto, pela Igreja, e mesmo o bispo de Sobral aprovava a coisa toda. O povo de Sobral era ainda mais intensamente religioso que o de minha cidade”<sup>549</sup>. Dom José ganha novamente protagonismo em uma narrativa sobre o Eclipse de 1919. Assim como no curta-metragem *Onde a luz fez a curva*, de Maria Norma Soares, o bispo é apresentado como um dos facilitadores e entusiastas da empreitada científica. Mas no texto de Ana Miranda não fica apenas nisso. No capítulo “Matinê dos brancos”, tanto o bispo quanto a cidade ganham novas imagens:

Sobral era uma cidade intelectual, e o povo tinha gosto pelo luxo e pela boa educação. Havia um constante embate da Igreja e de conservadores contra liberais, que se expunha nos diversos jornais sobralenses. Os bons costumes e a moral eram

<sup>547</sup> MIRANDA, Ana. *O peso da luz: Einstein no Ceará*. Op. Cit. p. 138.

<sup>548</sup> *Ibidem*. p. 170.

<sup>549</sup> *Ibidem*. Op. Cit. p. 119.

rigorosamente mantidos pelo bispo, dom José Tupinambá, por quem o povo sentia sincera afeição<sup>550</sup>.

Novamente, as imagens construídas pela pelos padres fabricantes de passados acerca da cidade encontram reverberações na produção literária de Ana Miranda, possibilitando um conjunto de redistribuições discursivas e a monumentalização de cidade e do bispo. Isso não nos surpreende. A autora apresenta uma lista de obras consultadas para a produção da obra e os livros de Lira, de Norma Soares e de Ronaldo Mourão são arrolados, junto a outros textos mais gerais, que se dedicam a falar sobre Albert Einstein.

Einstein também aparece na obra. Assim como na revista e no curta de animação *Onde a luz fez a curva*, ele atua como personagem fundamental para o desenvolvimento do enredo. Todavia, ao contrário do que ocorre nas obras de Maria Norma Soares, aqui Einstein aparece apenas no final do texto, encontrando Roselano, no Jardim Botânico, por ocasião de sua ida ao Rio de Janeiro.

No capítulo “Doktor Einstein, ele mesmo”, é narrado o encontro e a entrega do presente do protagonista ao físico alemão: um papagaio.<sup>551</sup> Na narrativa, ao contrário do que faz crer o subtítulo do romance, Einstein nem chega a pisar no Ceará. Por que, então, o subtítulo “Einstein no Ceará”? Respondendo a uma pergunta similar, na época do lançamento do livro, Ana Miranda afirmou que:

Esteve, como símbolo. Na verdade, toda arte é simbólica, e a presença dele no Ceará significa a chegada de um novo tempo, e a ânsia de estabelecer contato com o mundo, até mesmo com o tão misterioso universo, com as origens da vida, com os significados da existência, porque a física abstrata tenta vasculhar o mistério, assim como a poesia<sup>552</sup>.

*Einstein no Ceará* torna-se uma imagem-força invocada em diferentes momentos, a partir de distintos interesses em associar a imagem do físico famoso a diferentes versões discursivas da história da cidade de Sobral, sejam elas historiográficas, políticas ou literárias. Essa imagem tem a força e o poder de atração, pois inegavelmente ela desperta a curiosidade de leitores e curiosos.

Associar a imagem de uma cidade, de uma gestão ou de uma obra literária a Einstein é garantir uma repercussão para o discurso empreendido, possibilitando, se bem gerenciado, bons

<sup>550</sup> *Ibidem. Op. Cit.* p. 195.

<sup>551</sup> MIRANDA, Ana. *O peso da luz: Einstein no Ceará. Op. Cit.* pp. 238 a 240.

<sup>552</sup> Entrevista concedida por Ana Miranda ao Armazém da Cultura, publicada em 10 de outubro de 2013. Disponível em: [https://issuu.com/renatokleber/docs/revista\\_online\\_2\\_5](https://issuu.com/renatokleber/docs/revista_online_2_5). Acesso em: 28 de abr. de 2020.

retornos aos agentes que veiculam essa imagem. Certamente, pensando nisso, erguer a estátua de Einstein, que abre esse capítulo, alcançou seus objetivos de associar a imagem do físico à imagem da cidade e à imagem do próprio gestor que a mandou erguer.

A estátua de Einstein, assentada às margens do rio Acaraú, não deve ficar solitária por muito tempo. Em 2018, foi aberto um concurso de arquitetura para a construção de um novo monumento, em homenagem aos cem anos do “Eclipse de Sobral”, como o intitula o *site* da Prefeitura municipal. O “Concurso Nacional – Monumento da Luz” teve como vencedor um projeto que

[...] se caracteriza pela construção de um anel (em aço) alusivo à aura de luz durante o eclipse e enfatiza não só a comprovação da Teoria da Relatividade Geral, do físico alemão Albert Einstein, mas simbolizando também os ótimos resultados de Sobral na Educação.<sup>553</sup>

Figura 38 - Projeto vencedor do “Concurso Nacional – Monumento da Luz”



Fonte: <https://concursosdeprojeto.org/2018/08/07/premiados-concurso-nacional-monumento-da-luz-sobral-ceara/#jp-carousel-34528>. Acesso em: 22 de abr. de 2019.

Interpretamos, dessa forma, que a segunda fase da produção dos padres fabricantes de passados, em especial os enquadramentos do passado do município feito por João Mendes Lira ao dar importância a esse acontecimento para a cidade, foi utilizado como emuladora de novas

<sup>553</sup> <http://www.sobral.ce.gov.br/informes/principais/monumento-em-homenagem-ao-centenario-do-eclipse-de-sobral-sera-construido-na-margem-esquerda>. Acesso em: 22 de abr. de 2018.

perspectivas de construção e ordenamento do espaço urbano, espalhando lugares de memória – museu e planetário –, bem como, monumentos – estátua de Einstein e “Monumento da Luz” - que almejam construir, como já citamos, um “poder de perpetuação”<sup>554</sup> dessa forma de ver e contar o passado da cidade.

As iniciativas de valorização dos eventos ocorridos em torno do eclipse ocorrido em 1919 e da comprovação da Teoria da Relatividade de Albert Einstein ganham novas *redistribuições* de sentido, agora associando a cidade ao nome do cientista e, através dele, ao próprio interesse e vocação local para a ciência e a educação, o que seria demonstrado pelos resultados alcançados pela cidade no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).<sup>555</sup> Criam-se, assim, novos *mitos*, na perspectiva do duplo caminho semiológico apresentado por Barthes, no qual “O que é signo (isto é, a totalidade associativa de um conceito de uma imagem) no primeiro sistema, transforma-se em simples significante no segundo”<sup>556</sup>.

Com a criação anterior de um significante (vinda das comissões a Sobral) e de um significado (comprovação da Teoria da Relatividade na cidade), criou-se um signo reproduzido pelo discurso da historiografia: de que este era um acontecimento que internacionalizava Sobral e demonstrava a sua modernidade. A Sobral internacionalizada funciona como um novo significante, ganhando novos significados por meio dos monumentos espalhados pela cidade, por meio deles se constrói um *mito*: o de que *Sobral, Einstein e Educação* mantêm uma estreita relação. Neste *mito*, a Igreja já não é mais a protagonista. O grupo político representado pela família Ferreira Gomes ocupou o seu lugar de distribuidor de sentido para o passado e para o presente da cidade de Sobral.

---

<sup>554</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória. Op. Cit.* p. 562.

<sup>555</sup> Sobre os últimos resultados de Sobral no IDEB, ver: <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/sobral/2018/09/ceara-e-destaque-no-ideb-2017-e-sobral-tem-o-melhor-ensino-fundamental.html>. Acesso em: 22 de abr. de 2019.

<sup>556</sup> BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972. p. 137.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“The sands of time for me are running low”<sup>557</sup>*

Na manhã que comecei a escrever este texto, sonhei com minha avó. Acordei com os olhos cheios de lágrimas. Como na tentativa de continuar a viver uma boa sensação, comecei a rememorar experiências que tive com ela. Com minha avó, durante a infância e a adolescência, passei muitas tardes durante a semana e, especialmente, muitas manhãs de sábado. Era recorrente ouvi-la contar sobre o passado. Suas memórias eram ricas em detalhes, desde sua juventude em Coreaú (cidade a cerca de 50 quilômetros de distância), mas especialmente sobre sua vida como dona de casa em Sobral, já após seu casamento.

Via menos o meu avô, pois ele passava a maior parte do tempo em uma propriedade rural de Coreaú, a Cacimbinha. Vinha a Sobral apenas no começo de cada mês, a fim de receber sua pensão e prover a casa de minha avó. Todavia, mensalmente ele tirava uma manhã ou tarde para visitar minha família. Passava horas ouvindo suas memórias, muitas vezes as reelaborações da mesma narrativa.

E assim, ouvindo um e outro, fui gostando de ouvir sobre o passado. Começou com o afeto pelos meus avós, continuou pela curiosidade que ia surgindo sobre as rupturas e continuidades dos hábitos culturais da sociedade e foram, paulatinamente, ampliando-se por meio do interesse pela política e pela economia. A Sobral que meus avós teciam em suas narrativas, logo após terem fugido de Coreaú, quando meu avô “roubou” minha avó da casa dela, em meados dos anos 1950, era ao mesmo tempo muito diferente e muito parecida com a Sobral onde cresci, entre os anos 1990 e 2000. A cidade que eles narravam se contrapunha ao que vivenciavam antes.

Eram narrativas que sempre citavam os padres católicos, em especial dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo de Sobral. Eram narrativas que destacavam o protagonismo político da cidade, que enunciavam que Sobral era uma espécie de cidade modelo, especialmente para as cidades menores da região. Apesar das críticas do meu avô à modernidade – ele, por exemplo, odiava trânsito e televisão –, era sensível a contraposição que ele fazia em relação a outras espacialidades que vivenciou. Enfim, eram falas que deixavam a cidade como pano de fundo para “causos” ou experiências que eles tiveram, mas deixando claro suas peculiaridades.

---

<sup>557</sup> HARRIS, Steve [Iron Maiden]. *Hallowed Be Thy Name*. Londres: EMI, 1982. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HAQQUDbuudY>. Acesso em: 11 de dez. de 2022.

Não era uma cidade da periferia, dos problemas de infraestrutura, da pobreza ou da fome. A cidade que meus avós concebiam era uma cidade protagonista, rica, modelar... Ignoravam, intencional ou inconscientemente, as contradições que Sobral apresentava.

Em contraponto, cresci em uma cidade imersa nesses discursos e em suas reelaborações, sob a administração de Cid Ferreira Gomes e seus sucessores. Era uma Sobral em que os intelectuais oficiais mantinham diálogos justamente com as narrativas da década de 1950, com a ideia de que a cidade era um modelo a ser seguido, propaganda que deveria ser levada para todo o estado, ambicionando exportar o modelo para todo o Ceará. O passado narrado nessas versões oficiais parecia com aquele sobre o qual os meus avós falavam. A cidade e sua história pareciam não ter contradições. Os padres que produziram o passado da cidade pareciam ter tido sucesso.

Como vimos, a escrita da história da cidade de Sobral esteve atrelada aos escritos dos padres desde a década de 1920 até o início dos anos 1990. Alguns temas se destacam e se repetem nessas narrativas. Todos os cinco padres que escreveram sobre a história de Sobral a conceberam como uma cidade modelar, com homens brancos e cristãos como sujeitos de sua história, tendo a Igreja Católica como uma das principais protagonistas dos eventos narrados. Suas narrativas foram sendo atualizadas nos discursos políticos e nos de outros autores. A história da cidade de Sobral como sendo uma história modelar ainda hoje é levada adiante. A fabricação de passados foi essencial para a construção da noção de *sobralidade*.

A cidade modelar, presente nos discursos políticos contemporâneos, que auxiliam na construção da noção de *sobralidade*, tem uma de suas balizas fincada na construção de narrativas históricas. Se Sobral é “solar”, é “brilhante”, é algo a ser seguido e repetido, como vimos no primeiro capítulo, isso se deve, e muito, às formas de narrar o passado e a identidade da cidade construídas pelos padres que fabricaram histórias, biografias, genealogias e memórias para a cidade.

Inicialmente ligados ao Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará e sua forma de narrar a história, especialmente com a publicação de textos na Revista do Instituto, José Fortunato Linhares e Vicente Martins da Costa davam vazão a suas análises sobre a história, a geografia e as características da população que habitava Sobral e cidades próximas. Biografias de homens considerados modelos de virtude e de civismo, inicialmente clérigos e, posteriormente, membros da elite local, foram sendo concebidas por Vicente Martins, auxiliando na construção do que deveria ser entendido como “vultos” históricos da cidade.

O Seminário Diocesano São José, por onde passaram quase todos os clérigos que citamos, seja como professores, seja como estudantes, foi palco importante da consolidação da

visão de história que associava a história de Sobral à história da Igreja Católica na cidade e região, privilegiando sujeitos que mantinham relações de proximidade com essa instituição.

Dom José Tupinambá da Frota, na sequência de Vicente Martins da Costa e José Fortunato Linhares, consolidou o que deveria ou não ser entendido como sendo a história da cidade. Seu livro *História de Sobral* construiu não uma intriga tradicional, com uma narrativa coesa dos eventos da cidade, mas sim o que o autor chamou de “*documentário*”. Ou seja, o bispo, aproveitando-se do privilégio que detinha na hierarquia eclesiástica e no contato com uma série de textos oriundos da burocracia católica, passa a eleger quais os documentos deveriam ser tidos como norteadores para a interpretação da história da cidade. Com os documentos “falando por si mesmos”, o bispo acreditava que poderia consolidar o arquivo da história da cidade. Seus arquitecros destacavam um protagonista, em especial, com destaque na iniciativa, participação e desfechos dos eventos ocorridos em Sobral: a própria Igreja Católica.

Seguindo os passos de dom José e dos outros clérigos que escrevem histórias da cidade, entre as décadas de 1920 e 1950, João Mendes Lira e Francisco Sadoc de Araújo foram os responsáveis por consolidarem a perspectiva de que Sobral possuía uma história modelar. As publicações não se davam mais na Revista do Instituto do Ceará, como era o caso dos artigos de Fortunato Linhares e Vicente Martins da Costa. Os clérigos que fabricaram narrativas sobre o passado de Sobral, entre as décadas de 1970 e 1990, publicavam suas narrativas em livros que eram consumidos na própria cidade.

Como vimos ao longo do segundo capítulo, Sadoc de Araújo, em seus escritos, manteve o projeto de consolidar a cidade de Sobral como protagonista da história do estado do Ceará e um modelo a ser seguido. Especialmente, *Cronologia Sobralense* foi a responsável por consolidar uma ordem do tempo para a cidade, criando um dicionário de datas e fatos que, como dom José, visava realizar uma pré-seleção dos acontecimentos e datas que deveriam ser abordados e levados em conta como sendo relevantes para a história da cidade. Ordenar o tempo, tal como ele o fez, era fundamental para a manutenção do protagonismo da Igreja Católica nos relatos da história da cidade.

João Mendes Lira, em um trabalho um pouco mais crítico em relação a alguns personagens históricos defendidos por seus companheiros de batina, também se esforçava para convencer seus leitores que Sobral era vista como protagonista em todo o Ceará, defendendo a memória de personagens e acontecimentos que engrandecessem a cidade. Com uma escrita marcada por ressentimentos, o clérigo construiu uma interpretação mais autônoma dos eventos que marcaram a história da cidade, mas acabou sendo influenciado por seus colegas de batina, que também fabricaram passados, ao optar por fatos e personagens similares em seus textos,



mantendo, inclusive, uma abordagem similar à de dom José, sendo um dos principais publicadores de “documentários”, ou seja, de textos que traziam em si não a construção formal de intrigas, mas a seleção de documentos que deveriam “falar por si só” e, assim, convencer os leitores da interpretação da história da cidade que também trazia homens brancos e católicos, além da própria Igreja, como protagonistas das narrativas.

Acompanhando as escolhas que os clérigos realizaram, os temas que elegeram, especialmente no terceiro capítulo, analisamos a visão de história partilhada por esses padres. Cada um a seu modo, fabricaram passados para a cidade condicionados pelo lugar social de produção a que eles pertenciam. Eles eram clérigos, a serviço da Igreja Católica, que se colocavam como intelectuais da cidade. Nos casos de Fortunato Linhares, Sadoc de Araújo e João Mendes Lira, eram também docentes que ensinavam história, além de outras disciplinas das ciências humanas, a outros clérigos no seminário, em cursos superiores ou em escolas da cidade.

O enquadramento historiográfico que construíram para os eventos era mediado pelas formas que se relacionavam com o tempo e o espaço em que viviam. As biografias que escreveram e os personagens que elegeram ajudaram a dar forma a noção de sobralense que deveria ser heroicizado na cidade. Uma Sobral de homens brancos e católicos, “heróis da civilização e da fé”, foi erigida nas narrativas dos clérigos, mantendo a Igreja Católica como protagonista dos eventos da cidade, ao passo que outros personagens e eventos eram deixados de lado.

Ao longo do quarto capítulo, vimos que a visão de história que os padres construíram, especialmente sobre uma cidade que deveria ser vista como modelo, que deveria ser propagandeada e que deveria ter sua memória como cidade relevante para eventos históricos, acabou por ser influente em ações do poder público e do meio universitário, entre fins dos anos 1990 e começo dos anos 2000, em especial a partir da administração de Cid Ferreira Gomes como prefeito de Sobral (1997-2005).

Cid Gomes, que ambicionava ser governador do Ceará, foi um dos entusiastas na defesa de que a memória do Eclipse de 1919 fosse incorporada como um evento essencial para a construção de uma ordem do tempo específica da cidade. “Internacionalizar Sobral”, desejo antigo do padre João Mendes Lira, e que de certa forma, também ocupava as preocupações de Sadoc de Araújo, foi plenamente encampada pelo jovem prefeito.

Sobral hoje é apresentada como uma “cidade histórica”. Os eventos e sujeitos que protagonizaram os escritos dos padres acabaram por se tornar nomes de praças e de ruas,

ganharam bustos e tiveram, na medida do possível, até suas casas preservadas no centro histórico da cidade.

Quem visita Sobral, no início da terceira década do século XXI, tem à disposição uma usinaria de discursos que certamente deixaria os padres, que viveram e escreveram no século passado, bastante felizes. “Sobral é tudo, é a gente, é agora”, como diz o lema do segundo mandato do prefeito Ivo Ferreira Gomes (2021-25). Mas o que os discursos históricos reproduzidos pelo poder público muito dizem, em diálogo com o que foi escrito pelos padres fabricantes de passados, é que “Sobral é um modelo, é a elite, é o passado”.

Como professor, vejo as invenções de passados para a cidade sendo cada vez mais populares. Quem dera outras histórias e outros sujeitos possam ganhar cada vez mais relevância, não apenas na escrita da história da cidade - o que vem acontecendo na escrita da historiografia acadêmica, nos últimos vinte e cinco anos -, mas também impactando, de forma cada vez mais efetiva, as versões do passado da cidade veiculadas pelo poder público local, preocupando-se um pouco menos em repetir que a história da cidade é modelar, em consolidar uma *sobralidade* constituída por narrativas e imagens excludentes, construindo, em vez disso, uma cidade efetivamente mais plural, com a efetiva democratização de seu passado.

Quem sabe um dia terei a chance de conversar com meus filhos e netos sobre uma história da cidade diferente daquela que conheci nas conversas com meus avós...

## REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, Maria Antônia Veiga. *Os caminhos do sol: atravessa veredas na cidade escurece a vista (Migração Sertão – Cidade de Sobral 1950 – 1980)*. 2017. 279f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2017.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e o testemunho (Homo Sacer III)*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- AGUIAR, Rufino Pontes. Combate de Sobral - 1840. **In:** *Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano XLI, 1927.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. **In.:** PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019.
- ANDRADE, Cordeiro de. *Cassacos*. Adersen Editores. Rio de Janeiro, 1934.
- ARAÚJO, Edcarlos da Silva. *Patrimônio, política e passado: o tombamento do Sítio Histórico de Sobral-CE, 1995-2020*. 2021. 198f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense, v. 1: séculos XVII e XVIII: 1604-1800*. Fortaleza: Graf. Editorial Cearense, 1974.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *História da Cultura Sobralense*. Sobral, Imprensa Universitária/UVA, 1978.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Estudos ibiapabanos*. Sobral, CE: Imprensa Universitária/UVA, 1979.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *História religiosa da Meruoca*. Sobral: Imprensa Universitária/UVA, 1979.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Ceará – Homens e Livros*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1981.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Traços biográficos de Dom José Tupinambá da Frota*. Sobral: [s.n.], 1982.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cordeiro de Andrade: jornalista perdido na ficção*. Fortaleza: Associação Cearense de Imprensa, 1985.

- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Dicionário biográfico de sacerdotes sobralenses*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1985.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *História religiosa de Guaraciaba do Norte*. Fortaleza: IOCE, 1988.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Raízes Portuguesas do Acaraú*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense LTDA. 1991.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: Peregrino da Caridade*. Fortaleza: Gráfica Tribuna do Ceará, 1995.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. Jerônimo Prado o herói da UVA. In.: SOARES, José Teodoro (Org.). *Jerônimo Prado e o Ensino Superior em Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2003.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1841-1880*. 2. Ed. Volume 3. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - 1911-1910*. 2. Ed. Volume 5. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense. Século XVII e XVIII – 1604-1800*. 2ª ed. Volume 1. Fortaleza: Edições ECOA, 2015.
- ARENDDT, Hannah. *Crises na república*. Tradução de José Volkmann São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BARBOZA, Christina Helena. O eclipse de Sobral sob o olhar de uma história social da Astronomia. In.: *Revista Brasileira de Astronomia*. Ano 1, Número 2. 2019.
- BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História Conteúdo V: A Escola dos Annales e a Nova História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BARROS, Manoel de. O fotógrafo. In.: \_\_\_\_\_. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.
- BARROSO, Parsifal. Dom José Tupinambá da Frota. In: *Revista do Instituto Histórico*. Ano XCVI, 1982.
- BARROSO, Parsifal. *O Cearense*. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1969.
- BARROSO, Parsifal. Prefácio da 1ª Edição. In: ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - Séculos XVII e XVIII - 1604-1800*. 2. Ed. Volume 5. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- BENELLI, Sílvio José. O seminário católico e a formação sacerdotal: um estudo psicossocial. In: *Psicol. USP*, vol. 17, Nº 3, São Paulo, julho/setembro. 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEZERRA, Viviane Prado. *Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste nu mundo: o MEB e o dia do Senhor em Sobral (1960 - 1980)*. 2008. 221 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2008.

BEZERRA, Viviane Prado. “*O mundo também era para nós*”: Camponesas dizem de sua vida e trabalho no Movimento do Dia do Senhor em Sobral – CE (1970 – 1990). Tese (doutorado) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2020.

BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. Tradução de J. Guinsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BUARQUE, Virgínia. História religiosa, biografia e história intelectual. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *História da historiografia religiosa*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto*. Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Sessão Especial para entrega de títulos de cidadania e menções honrosas*. 4 de julho de 2018.

CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)*. Fortaleza: Edições NUDOC/Museu do Ceará, 2005.

CERTEAU, Michel de. *Una política de la lengua: la Revolución Francesa y los patois: la encuesta Gregorio*. Tradução em espanhol de Marcela Cinta. Cidade do México: Universidad Iberoamericana, 2008.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CERTEAU, Michel de. *A fábula mística séculos XVI e XVII: volume 1*. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CEZAR, Temístocles. *Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CEZAR, Temístocles. Geração e/ou gerações? In: *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 13, n. 34, p. 11–15, 2020.

CHIRENTI, Cecilia. Ondas gravitacionais em Sobral. *In: Revista Brasileira de Astronomia*. Ano 1. Número 2. 2019.

COELHO NETO, José Clodoveu de Arruda. Apresentação da 2ª edição. ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - Séculos XVII e XVIII - 1604-1800*. 2. Ed. Volume 5. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015.

COSTA, Lustosa. *Clero, Nobreza e Povo de Sobral*. Editora de Revistas e Livros: Lisboa, 2006.

COSTA, Vicente Martins da. Noticia-Chorographica da Comarca de Granja. *In: Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano XXVI, 1912.

COSTA, Vicente Martins da. Notas biographicas do Clero Sobralense. *In: Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano XXXIV, 1920.

COSTA, Vicente Martins da. Don José Tupynambá 1º bispo de Sobral (Biographia). *In: Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano XL, 1926.

COSTA, Vicente Martins da. *A família, o divórcio e a eugenia*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1940.

COSTA, Vicente Martins da. Notas Biográficas do Clero Sobralense. *In: Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano LIV, 1940.

COSTA, Vicente Martins da. *Homens e Vultos de Sobral*. Sobral: [s.n.], 1941.

COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidade e Cultura das elites sobralenses: 1880-1930*. Fortaleza: SECULT/CE, 2011.

DE DECCA, Edgar Salvadori. *1930, o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Cinema 1: a imagem-movimento*. Tradução de Stella Senra. São Paulo: Editora 34, 2018

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Claudia Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da imagem* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Edições 34, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2016.

DIO, Ronnie James; IOMMI, Tonni; WARD, Bill; BUTLER, Geezer. *Heaven and Hell*. Londres: VERTIGO, 1980. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RVUK2rtAkJE>. Acesso em: 19 de fev. de 2023.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DUSSEL, Enrique. *O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FERREIRA, Luciana de Moura. *Memória social, imaginário e representação no Álbum do Centenário de Sobral – 1941*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

FILHO, Craveiro. *Álbum do centenário de Sobral*. Sobral, CE, 1941.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ªed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FRANÇA, José Vicente. Para a História de Sobral - sedição ou rebelião em Sobral em 1840. In: *Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano XX, 1906.

FREITAS, Nilson Almino de. *Sobral: opulência e tradição*. Sobral: UVA, 2000.

FREITAS, Nilson Almino de. *O sabor de uma cidade: práticas cotidianas dos habitantes de Sobral*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

FROTA, Dom José Tupinambá da. *O livro inédito de Dom José Tupinambá da Frota: 1º Bispo de Sobral*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1991.

FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. 3ª Ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Estado, 1995.

FROTA, José Tupinambá da. *Efemérides da minha vida*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora / Diocese de Sobra, 2019.

GOMES, Leidejane Araújo. *Na alegria e na tristeza..., Até que em um fatídico dia...: casamento, desquite e gênero em Sobral (1962-1977)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

HALPHEN, Louis. *Introduction à l'Histoire*. Paris: P.UF, 1946.

HARRIS, Steve [Iron Maiden]. *Hallowed Be Thy Name*. Londres: EMI, 1992.

HARTOG, François. *Crer em história*. Tradução de Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HOBSBAWM, Eric J. *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000. Recenseamento de 1920.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart [et. al]. *O conceito de história*. Tradução de René Gertz. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

KRACAUER, Siegfried. *Historia: las últimas cosas antes de las últimas*. Tradução em espanhol de Guadalupe Miranda e Agustín D'Ambrosio. Buenos Aires: Ças Cuarenta, 2010.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, Jorge Luiz Ferreira de. *Entre caminhos e lugares do livro: gabinetes de leitura na região norte do Ceará (1877-1919)*. 2011. 210 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2011.

LIMA, Jorge Luiz Ferreira de. *Cultura letrada e caminhos da memória: intelectuais, leitura, imprensa e memória na Zona Norte do Ceará (1870-1890, 1907-1932, 1984-2003)*. 2018. 262f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2018.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIMA, Luiz Costa. *Trilogia do Controle*. Rio de Janeiro: Top Books, 2007.

LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário & a afirmação do romance: Dom Quixote, as relações perigosas, Moll Flanders, Tristan Shandy*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LIMA, Melina Silva de. *Einstein e a Teoria da Relatividade Especial*. Uma abordagem histórica e introdutória. (Dissertação de Mestrado) Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Física, 2013.



LINHARES, Fortunato Alves. Notas históricas da Cidade de Sobral. **In:** *Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano XXXVI, 1922.

LINHARES, Fortunato Alves. Apontamentos para a história e corografia do município e cidade de Sobral. *In: Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano LV, 1941.

LINHARES, Fortunato Alves. *Notas históricas da cidade de Sobral*. Sobral, 1945.

LINHARES, Mário. *Monsenhor Linhares*. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert Limitada, 1962.

LIRA, João Mendes. *De Caiçara a Sobral*. Sobral: [s.n.], 1971.

LIRA, João Mendes. *Nossa História*. Sobral: [s.n.], 1971.

LIRA, João Mendes. *Sobral dentro da Área de Estudos Sociais*. Sobral: [s.n.], 1973.

LIRA, João Mendes. *Sobral, sua história documental e a personalidade de D. José*. Rio de Janeiro: Companhia brasileira de Artes Gráficas, 1975.

LIRA, João Mendes. *Sobral na história do Ceará e a personalidade do Padre Ibiapina*. Rio de Janeiro: Companhia brasileira de Artes Gráficas, 1976.

LIRA, João Mendes. *A vida e obra de Domingos Olympio*. Sobral: [s.n.], 1977.

LIRA, João Mendes. *O Eclipse Total do Sol – visto e observado em Sobral no dia 29 de maio de 1919*. Rio de Janeiro: Companhia brasileira de Artes Gráficas, 1979.

LIRA, João Mendes. *A escravidão e a abolição dos escravos em Sobral*. Rio de Janeiro: Companhia brasileira de Artes Gráficas, 1981.

LIRA, Padre João Mendes. *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota: primeiro Bispo de Sobral. (1882 – 1982)*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1982.

LIRA, João Mendes. *Subsídios para a história eclesiástica e política do Ceará*. Rio de Janeiro: Companhia brasileira de Artes Gráficas, 1984.

LIRA, João Mendes. *História do Abrigo Coração de Jesus*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1986.

LIRA, João Mendes. *Uma visão sócio-histórico-cultural, dos vinte e cinco anos de existência da Faculdade de Filosofia Dom José de Sobral*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1986.

LIRA, João Mendes. *O livro inédito de Dom José Tupinambá da Frota: 1º Bispo de Sobral*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1991.

LIRA, João Mendes. *O meu encontro com a vida e a morte*. Sobral – CE: Sobral Gráfica LTDA, 2002.

LOYOLA, Sabino Guimarães. *Dicionário Litúrgico*. Fortaleza: Sabino Loyola, 1995.

MATOS, Andre. *Carry On*. São Paulo: Eldorado, 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LqaDmOLRhME>. Acesso em: 19 de fev. de 2023.

MATOS, Andre. *Lisbon*. São Paulo: Paradoxx Music, 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sEENXY01d-s>. Acesso em: 19 de fev. de 2023.

MELO, Francisco Dênis. *Cama de Baleia: Imaginário da população da Ribeira do Acaraú em Sobral – Ceará*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

MELO, Francisco Dênis. *Os Intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL – E a Invenção da Cidade Letrada (1943-1973)*. Tese em História. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE: Recife - PE, 2013.

MELO, Francisco Dênis. *Sons da memória, memória dos sons: Paisagens Sonoras de Sobral-CE (1930-1970)*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UFRJ: Rio de Janeiro, 2017.

MENDES, Fábio Raniere da Silva. Seminários católicos no Brasil: uma breve síntese histórica (1747 – 1935). In: *Razão e Fé*. UCPEL. v. 8 n. 2, Pelotas – RS. 2006.

MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira: 1890 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MIRANDA, Ana. *O peso da luz: Einstein no Ceará*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.

MONT'ALVERNE, Glória Giovana Saboya Mont'Alverne; GOMES, Gonçalo Pinho; ROCHA, Manoel Valdery da. *Centenário da Diocese de Sobral – 1915 – 2015*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

MONT'ALVERNE, Glória Giovanna Saboya. *Ferrovia e a Cidade: Desafios da Modernidade em Sobral*. Sobral-CE: Instituto ECOA, 2015.

MORAES, Vinicius. *Antologia Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Einstein: de Sobral para o mundo*. Sobral: UVA, 2003.

PEIXOTO, Renato Amado. *A Máscara da Medusa: a construção do espaço nacional brasileiro através das corografias e da cartografia no século XIX*. Tese (doutorado). UFRJ/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em História Social, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. In.: *Esboços*. Florianópolis, v. 11, nº 11, 2004.

PESSOA, João Ribeiro. Notícias da Freguezia da N.S. da Conceição da Caissára: dadas pelo Rev.do Cura e Vigario da Vara actual d'ella Dr. João Ribeiro Pessoa anno de 1767. In.: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, Ano 2, número 2, 1888.

PIRES, Tiago. Para além da escrita hagiográfica: biografias católicas e cultura histórica no Brasil em fins do século XIX e início do XX. In.: *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*. Rio de Janeiro, Ouro Preto-MG, volume 9, número 22, 2016.

POMIAN, Krzysztof. *L' Ordre du temps*. Paris: Gallimard, 1984.

PONTE, José Linhares. Prefácio da 2ª Edição. In: ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense - Séculos XVII e XVIII - 1604-1800*. 2. Ed. Volume 5. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015.

RABELO FILHO, José Valdenir. *A Princesinha do Norte em tempos de autoritarismo: legitimidade, consenso e consentimento (Sobral-CE/ 1964-1979)*. dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2014.

RAMALHO, Walderez Simões Costa. Uma crítica ao essencialismo identitário: a historiografia da mineiridade na primeira metade do século XX. In: *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*. Rio de Janeiro, Ouro Preto-MG, volume 8, número 18 (2015).

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. 3 volumes. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROCHA, Thiago Braga Teles da. *"De quem é Sobral?": As práticas Letradas, as Tensões Políticas e a Luta pela Temporalidade na Igreja Católica (1945-1953)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

RODRIGUES, Joyce Mota. *Entre telescópios e potes de barro: o eclipse solar e as expedições científicas em 1919 / Sobral - CE*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2013.

RÜSEN, Jörn. *História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UNB, 2007.

RUSSO, Renato. Índios. In: *Legião Urbana Dois*. Direção artística: José Emilio Rondeau. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1985. 1 disco sonoro 37 min).

SANTOS, Chrislene Carvalho dos. *Sentimentos no sertão republicano: imprensa, conflitos e morte – a experiência política de Deolindo Barreto (Sobral 1908-1924)*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2005.

SANTOS, Chrislene Carvalho dos. *O espetáculo da cidade: corpo feminino, publicidade e vida urbana em Sobral (1920/1925)*. Sobral, CE: Instituto ECOA, 2013.

SANTOS, Edilberto Florêncio dos. *Entre melodramas e comédias ligeiras: Vida teatral, sociabilidades e costumes em Sobral-CE. (1867- 1927)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

SARAMAGO, José. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras [Cia de Bolso], 2010.

SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. *In.: Anos 90, [S. l.]*, v. 4, n. 6, p. 165–192, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6178>. Acesso em: 21 fev. 2023.

SILVA JÚNIOR, Agenor Soares e. *“A Cidade Disciplinada”*: A Igreja Católica e os Trabalhadores Urbanos em Sobral-Ceará (1920-1925). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE: Recife – PE, 2002.

SILVA JÚNIOR, Agenor Soares e. *Cidades Sagradas: da “Roma cearense” à “Jerusalém sertaneja”*: A Igreja Católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870-1920) Sobral e Juazeiro do Norte. Fortaleza: Sobral: Edições ECOA, 2015.

SILVA, Ana Carolina Rodrigues da. *Os sentidos do passado ou o passado sentido: mecanismos da memória nos escritos de Padre Mendes Lira*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-graduação em História Social, Fortaleza, 2015.

SILVA, Jailson Pereira da. *Que rua é essa?* Reflexões para uma História Pública dos nomes e lugares públicos.

SILVA, João Batista Teófilo. *Imprensa, ditadura e abertura política: entre consentimentos, atritos e ambivalências - a atuação dos jornais cearenses Correio da Semana e O Povo (1974-1985)*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVEIRA, Edvanir Maia da. *Três décadas de Padro e Barreto (1963-96): a política municipal em Sobral-CE, do golpe à Nova República*. Tese (doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.

SOARES, Maria Norma Maia; GIRÃO, Glória Giovana Mont’Alverne. *Sobral: História e Vida*. Sobral: Edições UVA, 1997.

SOARES, José Teodoro. *Velha História*. *In.: SOARES, Marta Norma Maia (Org.). Eclipse de 1919: Múltiplas visões*. Sobral: Ed. UVA, 1999.

SOARES, Maria Norma Maia. *Onde a luz fez a curva*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1999.

SOARES, Maria Norma Maia. *Onde a luz fez a curva*. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; Fortaleza: Núcleo de Cinema e Animação do Ceará – NACE/UFC, 1999.

SOARES, Marta Norma Maia (Org.). *Eclipse de 1919: Múltiplas visões*. Sobral: Ed. UVA, 1999.

SOBRINHO, Thomaz Pompeu. *Topônimos indígenas nos séculos 16 e 17 na costa cearense*. In: *Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano LIX, 1945.

SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. “*Minha Riqueza é Fruto do meu Trabalho*”: negros de cabedais no Sertão do Acaraú (1709-1822). Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará / Programa de Pós – Graduação em História Social, Fortaleza, 2015.

SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. *Rosário dos pretos de Sobral – Irmandade e festa (1854-1908)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. *Irmandade e Festa*. Rosário dos pretos de Sobral (1854-1884). Fortaleza: Edições NUDOC/Expressão Gráfica e editora, 2007.

VELOSO, Patrícia (Org.). *Sobral Solar*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2013.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. Einstein e o Eclipse de 1919. In.: *Física na escola*. V. 6, nº 1, 2005.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.